

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ESTUDO DO MEIO

**A CULTURA ITALIANA E O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Luiz Alberto de Souza Marques
ORIENTADOR: Prof. Dr. Balduino Andreola

Osório, janeiro 2001

Tese apresentada como exigência para obtenção do título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração em Educação e Classes Populares à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação do Prof. Dr. Balduino Andreola.

Aos Professores

Maria, que me gerou; uma relação pouco mais que uterina, uma trajetória que reconstruí como adulto, com muita ternura, em fragmentos de memórias de seus ex-alunos.

Eli ou “euí”, na minha fala de criança; que ensinou-me aos 5 anos os traços das letras enquanto preparava minha irmã para o exame de admissão. Conta ela que deixava o caderno “descansar” de baixo da toalha da mesa após algumas linhas preenchidas e ia brincar - vivências.

Irmãs Maria Gabriela e Ethel, primeiras e inesquecíveis professoras alfabetizadoras no Colégio Santa Terezinha em Santo Antônio da Patrulha-RS.

Alvita, professora e irmã, que “segurou” todas as minhas angústias e incertezas sobre o rumo profissional que estava tomando. Uma parceria profissional e de idéias.

Alvida: além de irmã, excelente alfabetizadora sem nunca ter exercido a profissão oficialmente. Professora de Matemática, salvou-me de todas as “segundas épocas” no Ginásio.

Tânia, esposa e parceira que ensinou-me a ensinar. “Vanguardista”, “avançada” “revolucionária” entre tantos outros adjetivos que lhe foram atribuídos, em razão da época e do contexto em que lecionava. Superando com sua prática todas as aulas de didática que tive na Universidade.

Tereza, Sueli e Elza, professoras de catecismo e do Ginásio com quem aprendi a “ler” Paulo Freire e a discutir a coerência entre a palavra e a ação.

Benito, mestre e guia de minha geração a quem procurei imitar nos primeiros anos de magistério. Uma pedagogia do exemplo.

Neuza, que teve a coragem de empregar um rapaz de idéias “perigosas” e de uma vivência “contestadora” em Osório no início dos anos 70, no curso de magistério

Silvia, que apresentou-me Freinet. Com ele, criou “um sonho de escola” em São Carlos -SP

Professores rurais de Ouro Preto do Oeste -RO, Aripuanã, Fontanillas e Alta Floresta-MT. Leigos nos anos 70 com quem aprendi na prática, sobre a força do compromisso social com a educação das classes populares, nascedouro do Estudo do Meio

Balduino, que além de orientador, apostou neste trabalho. Suas idéias e convicções, fortalecem o compromisso de uma educação para as classes populares.

Leniz, Simone, Inês, Maristela, Vanda, Mara, Janete, Iliete, Carlos, Nelci, Lúcia, Maria, Maritânia, Denise e Neiva. Professores com quem compartilhei este projeto/pesquisa. Companheiros incansáveis nesta construção, minha gratidão.

Sueli, Janete, Sereni e Nina; pelo apoio, participação e estímulo prestados durante o curso/pesquisa.

Aos demais professores, com quem nestes anos construí a caminhada.

Aos alunos das escolas de Colônia São Pedro, Marcorama, São Roque Figueira de Melo e Faria Lemos. A esperança, a certeza e a vida deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar uma experiência metodológica com o ensino de História e Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental - ESTUDO DO MEIO -, relacionando-o com a cultura dos descendentes dos imigrantes italianos, realizado durante o ano de 2000 nos municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul.

A base teórica que alicerça esta proposta metodológica visa realizar o trabalho utilizando-se da Pedagogia de Freire - temas geradores -, aliando-os às técnicas pedagógicas de Freinet e tendo a cultura italiana pensada através das idéias de Brandão sobre cultura popular.

A tese registra a construção histórica da metodologia proposta; os fundamentos teóricos do ensino de História e Geografia nas séries iniciais; a cultura italiana e a escola; descreve as etapas do experimento e analisa a experiência nas falas dos professores e alunos que participaram da pesquisa.

ABSTRACT

The current writing has an intention to analyze a methodological experience in the teaching of History and Geography in the first years of Fundamental Teaching-MIDDLE STUDY-, relating it with the culture of the Italian immigrant's descendants, done during the year 2000 in the Bento Gonçalves and Garibaldi city councils in the Italian colony region of Rio Grande do Sul.

The theoretical basis that sustains this methodological proposal has an intention to make the work using Freire's Pedagogy - generator themes-, putting them together with the pedagogic techniques of Freinet and having the Italian culture thought of through the ideas of Brandão about popular culture.

The theory registers the historic construction of the proposed methodology; the theoretical foundations of the teaching of History and Geography in the early years; the Italian culture and school; describes the stages of the experiment and analyzes the experience in the speeches of teachers and students that were part of the research.

SUMÁRIO

Aos professores	03
Resumo	05
Abstract	06
Sumário	07
APRESENTAÇÃO	10
1- REFAZENDO A CAMINHADA OU POR ONDE TUDO COMEÇOU	14
1.1 – Vivências	14
1.2 - Questões da Prática	17
1.3 - A caminhada	20
1.4 - Com Quem Tenho Caminhado	24
2 - PORQUE ENSINAR HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS?	31
2.1 - A Compreensão do Tempo	32
2.2 - Inserir-se no Tempo	34
2.3 - A Construção da História do Meio	37
2.4 - O Trabalho na Escola - Revelando a Vida em Diferentes Tempos	40
2.5 - A Descoberta do Meio Geográfico	47
2.6 - Decompondo e Reconstituindo o Meio – Decodificando o Espaço Circundante	52
3 - A CULTURA ITALIANA E O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS	57
3.1 - Meu Encontro com a Cultura Italiana	57
3.2 - A Cultura Italiana	68
3.3 - Como esta Cultura Chega à Escola	74
4 - A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA	85
4.1 - O Trabalho Junto aos Professores	87
4.2 - Estrutura e desenvolvimento do Curso/pesquisa	89
4.3 - Os locais da Pesquisa	91
4.3.1 - Para Melhor Conhecer a Área	92
4.3.2 - Colônia Dona Isabel	94
4.3.3 - Colônia Conde D'Eu	95
4.4 - Comunidades, Escolas e Professores Participantes	95
4.4.1 - Os Professores	96
4.4.2 - Os Alunos	98
5 - O ESTUDO DO MEIO	103
5.1 - O Estudo do Meio e a Escola	106
5.2 - Estudo do Meio e os Temas Geradores	114

6 - O MEIO NATURAL: A DESCOBERTA DOS ELEMENTOS DO ESPAÇO DE VIDA	122
6.1 – Terra	126
6.2 – Água	154
6.3 – Planta	183
6.4 - Ar/clima	201
7 - O MEIO ECONÔMICO	212
7.1 – Trabalho	214
7.2 – Produção	232
7.3 – Comércio	250
7.4 – Transportes	269
8 - O MEIO SOCIAL: REVELANDO A CONSTRUÇÃO DA VIDA EM COMUNIDADE	283
8.1 - A Formação da Sociedade Local	289
8.2 - A Cultura do Meio - Outras manifestações	325
9 - PASSANDO A LIMPO - REVISANDO A EXPERIÊNCIA	350
10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	391
11 – BIBLIOGRAFIA	399
12 - ÍNDICE DAS GRAVURAS	402
13 – ANEXO – Fichas de Pesquisa	404
Terra	404
Água	408
Planta	412
Ar/Clima	416
Trabalho	420
Produção	424
Comércio	430
Meios de Transporte e Vias de Comunicação	433
A Formação da Comunidade	438
A Cultura do Meio	443

O que mais marcou na realização das tarefas foi quando fomos entrevistar um senhor da localidade e então disse que pela primeira vez alguém tinha lembrado dele. Ele sendo analfabeto, se sentia o maior sábio do mundo, pois estava contando a história da terra que o viu nascer.

Eliane Alcante Machado
Professora

APRESENTAÇÃO

Trabalhar a temática do Ensino de História e Geografia nas séries iniciais tem sido uma dificuldade constante no fazer pedagógico de um significativo número de professores com quem tive a oportunidade de conviver, seja em cursos de formação de docentes leigos, seja em cursos de Pós-graduação em Metodologia para as séries iniciais, ao longo dos últimos 20 anos.

Como justificativa à posição à margem do currículo escolar a que foram submetidos esses componentes a partir dos anos 60, com interferência de ordens ideológicas postadas, através das disciplinas de OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e EMC (Educação Moral e Cívica) objetivando neutralizar, quando não retirar dessas disciplinas, conteúdos relacionados com a formação sócio-política e cultural dos alunos. A sociologia e a política, e sem elas não se faz História, foram substituídas - Organização Social e Política - excluindo princípios filosóficos - Moral - e de cidadania - Cívica, transformados em uma listagem curricular a parte, implantada e supervisionada pela ideologia presente à época.

Ao serem questionados sobre o que lembram daquelas aulas, a quase totalidade aponta para as “formas e regimes de governo” e “direitos e deveres”. Raramente um professor aponta outro aspecto ou lembra-se de aulas motivadoras

Comprova-se, desta maneira, que o projeto ideológico implantado pelo sistema político vigente funcionou eficazmente nesse sentido, restando a estas disciplinas, durante mais de 20 anos, um vazio. Textos monótonos e repetitivos, conceitos prontos para serem reproduzidos, professores receosos de transgredirem, ressurgindo em uma outra linguagem apenas no início dos anos 80, mas muitos dessa geração de alunos estão hoje nas escolas lecionando e, pior, reproduzindo o que receberam.

Um segundo fator restritivo relaciona-se com a produção de livros didáticos descartáveis onde os textos, além de desmotivadores, apresentavam uma linguagem adulta, “sizada” e distante do universo vivencial dos alunos, complementados ainda por exercícios enfadonhos e dirigidos pelos autores; os denominados “exercícios de compreensão” ou

“de fixação”, reproduzidos com as palavras “corretas” indicadas em tom vermelho nas lacunas do “caderno do professor”, de maneira que o mesmo não ousasse modificá-los, levando alunos e professores a realizá-los passivamente.

A despolitização das disciplinas, o controle exercido sobre os conteúdos e as falas, a repetição dos textos e exercícios, levaram parte dos professores do Ensino Fundamental a um estado de apatia frente à realidade de vida onde se insere a escola.

Assim, a “família” era a família do autor, não a do aluno; a “comunidade” era um conceito, uma invenção do autor e não aquela onde viviam os alunos; a “sociedade” era imaginada pelo autor e não aquela onde viviam professores e alunos com suas famílias.

O reflexo dessa realidade está na formação um tanto alienada de professores nesse período: desmotivados, descompromissados com a crítica, legando aos Estudos Sociais uma posição incômoda no currículo.

Apesar desse quadro, desde a reforma de ensino de 1971, os enfoques didático-pedagógicos preconizam para a prática dos Estudos Sociais a adequação dos currículos e/ou conteúdos à realidade dos alunos em suas escolas, famílias e comunidades. Teoricamente parece fácil e claro, mas a dúvida se instala no “como fazer”.

Nos últimos anos, percebe-se uma nova geração de professores angustiada frente a essa realidade, procurando alternativas, embora esbarrando na pouca bibliografia disponível participando de encontros, seminários, fóruns e oficinas de educação, municipais a internacionais, na busca de informações e direções com relação ao ensino de História e geografia nas séries iniciais; mesmo que nesses espaços educacionais as prioridades e/ou preocupações ainda sejam dadas aos estudos da Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Biológicas e Artes.

Frente a essas constatações feitas ao longo de uma caminhada, a Proposta Metodológica do Estudo do Meio parte do pressuposto de que se o ensino tem que se adequar à “realidade”, quem melhor instrumentaliza para pensar e lidar com essa realidade, são

efetivamente a História, a Geografia, se contextualizadas e colocadas no seu devido lugar: a “espinha dorsal” do currículo.

O Estudo do Meio não configura uma proposta de todo original, já tendo sido referido e citado por vários autores. O aspecto original que procuro dar ao tema é a “forma” como vem sendo proposto, tornando-o uma proposta metodológica pensada de forma a atender a adequabilidade do currículo à vida, ao cotidiano dos alunos e suas vivências em família e em sociedade.

No primeiro capítulo, exponho a construção dessas idéias através de um processo que denomino de “caminhada” e que abrange desde as minhas vivências como “guri de campo”, onde construí minhas referências espaciais de forma lúdica, até os autores que me inspiraram nesse tempo de buscas e definições - Paulo Freire, Célestin Freinet e Carlos Rodrigues Brandão.

No segundo capítulo, trato de relacionar os elementos teóricos, visando contribuir para a construção de um projeto de trabalho com os conteúdos de História e Geografia nas séries iniciais propostos através do Estudo do Meio, numa tentativa de contribuir para uma discussão do tema e procurando responder ao questionamentos dos professores - Por que ensinar História e Geografia nas séries iniciais?

Também aqui autores como Callai (Jaime e Helena), Fischer, Castrogiovanni, Kaercher, Rabusque, Nidelcoff; somaram-se aos demais, contribuindo para a construção teórica nesse campo.

No terceiro capítulo, traço considerações sobre a cultura italiana, palco e cenário da realização desta pesquisa, propondo um olhar etnográfico ao ensino, utilizando para isto um grupo etnicamente distinto e com traços culturais marcantes. Procuro enfatizar como essa cultura chega às escolas desse mesmo grupo através de textos didáticos distribuídos pelo sistema oficial, fazendo um recorte sobre os estereótipos e visões distorcidas e fragmentadas de como essa mesma cultura se mostra através de alguns autores que produzem livros didáticos sobre o Rio Grande do Sul.

Os textos de Geertz, De Boni, Costa, Oro, Pozenato e Lupi foram referenciais importantes para esse “olhar antropológico” sobre a questão da italianidade e da cultura local.

No quarto capítulo, procuro abordar as metodologias de trabalho e pesquisa, relacionado-as com o método etnográfico na construção da experiência e das formas de participação, tanto do proponente como do grupo pesquisado. O trabalho foi realizado ao longo de um curso/pesquisa com a participação de 11 professores divididos em dois grupos, durante um ano letivo, nos municípios de Bento Gonçalves (distrito de Faria Lemos), e em Garibaldi, (distritos de Marcorama e São Roque Figueira de Melo).

Do quinto ao oitavo capítulos relato a pesquisa, o produto do trabalho com a metodologia do Estudo do Meio, dividido em três áreas: Meio Natural, Meio Econômico e Meio Social; devidamente subdivididos em temas geradores e seus respectivos sub-temas. Enfoco nos mesmos as relações espaciais, (iniciação à Geografia), e temporais, (iniciação ao ensino de História); tendo como elemento mediador as relações sociais e, como identidade política e cultural do grupo, a cultura italiana.

O nono capítulo, denominado “Passando a Limpo - Revisando a Experiência”, constitui uma detalhada avaliação da experiência, através das falas dos professores e alunos que dela participaram.

Nas considerações finais enfoco as possibilidades que o Estudo do Meio, tanto como base teórica, e principalmente como prática, pode trazer para o ensino de História e Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental

1 - REFAZENDO A CAMINHADA OU POR ONDE TUDO COMEÇOU

*É que ninguém caminha sem aprender a caminhar,
Sem aprender a fazer o caminho caminhado, sem
Aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do
qual a gente se pôs a caminhar.*

Paulo Freire

1.1 - Vivências

Nasci no campo. Nele permaneci até os 7 anos quando teve início meu processo de “urbanização”. Foi uma viagem sem volta, mas muitas imagens infantis estão impregnadas da paisagem rural.

Como filho de pecuaristas/lavoureiros, meu universo de vivências passa pelo cotidiano dessas atividades de campo. Fiz tudo o que um guri do interior comumente faz nos primeiros anos de vida. Foi uma infância rica nesse contexto aparentemente limitado.

Hoje, na maturidade, essas experiências de “criança de campo” servem para refletir, com os professores, todo um universo de vivências e possibilidades que seus alunos trazem consigo para a escola e que podem ser aproveitadas como conhecimento experimentado, que se associa à linguagem escolar.

Criei-me sozinho: minhas irmãs mais velhas já estavam estudando na cidade, e as demais crianças do local moravam distantes umas das outras, o que dificultava um contato mais constante.

Sem ter com quem dividir brincadeiras, a não ser com um cachorro parceiro, tive que desenvolver a imaginação para criar as minhas próprias. Com sabugos, construí tropas de bois e manadas de cavalos. Canguei porongos em carretas e dei nome aos bois. Com sabugos e porongos, explorei um universo fantasioso no mundo do campo. Tropeando essas figuras da imaginação, realizei compras e vendas de gado. Sem ter a percepção do que isto representava, construía meu conceito de comércio.

Com gravetos, construí mangueiras e poteiros onde encerrava meu patrimônio bovino. As primeiras formas geométricas eram reproduzidas no chão. Com areia moldei a serra que se vê ao longe no horizonte, mas que de lá se mostra majestosa em toda a sua extensão na faixa litorânea. Com areia construí valas onde montei um sistema de irrigação para irrigar minha lavoura de arroz. Eram noções de agricultura que reproduziam o sistema produtivo da família.

Com uma carroça, a cavalo, e mais tarde com um veículo Ford modelo A; percorri na minha infância todo o espaço circundante até aonde a vista alcança na planície que se estendia por 180 graus defronte minha casa, entre propriedades e pequenos povoados. Com essas vivências moldei na areia, à sombra dos cinamomos, os diferentes caminhos percorridos, dando os nomes aos locais conhecidos. Minha rudimentar cartografia.

Assim, sem perceber, construí maquetes, mapas, animais, cercas, etc. Pequenas obras de arte que duravam pouco mais do que algumas brincadeiras e se desmanchavam com a chuva ou com o vento, sem nenhum sentimento de perda.

Com o carro, ampliei o mundo conhecido. As viagens a Porto Alegre ficaram mais constantes. Uma ou duas por ano. Visitávamos os parentes. Descobri, desta maneira, outros caminhos, pontes, trilhos e bondes e os inesquecíveis animais da Redenção.

Ao regressar reproduzia, com os materiais de que dispunha, essas experiências que guardava na memória. Assim meu pequeno mundo se alargava. As pontes me fascinavam. Cruzar rios por cima delas era admirável.

Na areia, voltava a criar estradas e pontes, por onde passavam minhas carretas e um automóvel de brinquedo, que ganhei de minha madrinha. Mesmo sem ter conhecido algum, criava túneis e passagens subterrâneas, realizando cruzamentos e transpondo obstáculos. Na areia criava, com muita imaginação, minha engenharia rodoviária.

As marcas das rodinhas dos brinquedos na areia úmida me encantavam, pois reproduziam os caminhos que fazíamos na praia nas rotas pela beira mar. Eram minhas primeiras noções de paralelas.

Na areia, sempre na areia, criava minha arte e reproduzia minhas vivências.

Minha imaginação ia além: criava brincadeiras e trazia para minha volta dois ou três primos, com quem partilhava, na imaginação, diálogos e situações em que eles participavam. Era o meu texto dramático. Era um teatro de muitos em apenas um monólogo. Às vezes era reprimido, uma vez que minha mãe dizia que falar sozinho era pecado. Essas aventuras coletivas se realizavam bem longe dos olhos e dos ouvidos dos adultos. No bosque circundante da chácara eu inventava aventuras e circulava livremente através de caminhos e trilhas. Conhecia o mato, o açude, o campo. Conhecia os hábitos e os habitats das aves e dos animais.

Sempre que voltava ao campo nas férias, percorria esses caminhos para conferir se todas as minhas árvores preferidas, frutíferas ou não, ainda se encontravam no mesmo lugar. Muitas delas hoje fazem parte de minhas perdas. Inconscientemente, nutria um sentimento ecológico que carrego até hoje.

A escrita e o desenho quase não fizeram parte de minha infância. Não por falta de interesse ou estímulo. Ao contrário, saímos do campo para a cidade já alfabetizados ou semi-alfabetizados. Não havia escola por perto. Aprendíamos em casa mesmo. No meio rural há algum tempo atrás, papel não era algo fácil de ser encontrado. O único bloco de cartas disponível, e a caneta-tinteiro estavam reservados apenas para a correspondência familiar- cartas e bilhetes.

Cresci com jornal em casa. Gostava de olhar figuras e estão presentes na memória as fileiras de eucaliptos que ilustravam as propagandas e embalagens do sabonete Eucalol. Quando mais tarde, no Ginásio, aprendi sobre perspectiva, esta foi a primeira imagem que me veio à mente. Gostava dos sorrisos desenhados nas propagandas das pastas Gessy e Colgate. Latas de pó Lady e outras imagens publicitárias da época ainda povoam minhas lembranças.

Dos mistérios imaginários que se escondiam atrás da serra, vista ao longe desde Passinhos, creio que nasceu minha paixão que se revestiu numa constante curiosidade e inquietação em buscar o mundo. Busquei, assim, mais tarde, ampliar minhas fronteiras e estender os limites de minha aldeia.

Passinhos, primeiro distrito de Osório, onde passei os primeiros anos de minha vida, é ainda uma referência. A minha identidade cultural. É lá que busco constantemente na memória os elementos com que procuro refletir com os professores sobre o cotidiano e as experiências das crianças do interior, com a preocupação de construir, também na escola, suas identidades.

Essas vivências hoje servem para compreender como a escola se distancia do mundo rico de fantasias, de criatividade e das experiências vividas pelas crianças do meio rural e mesmo urbano.

1.2 - Questões da Prática

As razões que me levam à realização deste estudo, na defesa de uma educação que atenda aos anseios e expectativas das classes populares, não se atêm, apenas, aos aspectos teóricos de uma ação sócio-educativa-cultural na escola. Elas também emergem de aspectos de ordem prática, como o reconhecimento da importância do papel desempenhado pelos professores e de sua prática educativa numa realidade cultural, na maioria das vezes não considerada.

Nesses vinte anos que me dedico a um trabalho junto a professores, através de cursos e de diferentes formas de encontros, venho constatando, com relação ao ensino da História e da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, as mesmas dificuldades que já foram apontadas quando da minha pesquisa para dissertação de Mestrado, onde foram abordados o preparo dos professores e as interferências que uma nova prática pedagógica implicaria à percepção sobre a importância do ensino de Estudos Sociais nas séries iniciais

Entre essas dificuldades destaco algumas, talvez as mais importantes:

Julgo necessário romper com a postura que já se faz histórica e que se tornou senso comum, - tanto nas famílias quanto nas escolas-, de que os conteúdos de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências devam ser estudados “com afinco”. Quanto à História e Geografia, por serem conteúdos “mais fáceis”, “basta ler!”. Geralmente esse “basta ler” tem o significado de “decorar”.

Apenas 10 a 15 % dos professores que atuam nas séries iniciais sentem realmente prazer em desenvolver atividades vinculadas aos conteúdos de História e Geografia. Essa realidade me propicia refletir com eles sobre a importância que esses estudos representam para a formação sócio-cultural dos alunos, além do compromisso social de nossa atividade como educadores numa sociedade em constantes transformações.

O fato de a maioria dos professores não sentir prazer em trabalhar com esses conteúdos resulta, muitas vezes, num trabalho rotineiro, mecanicista e conseqüentemente sem atrativo para os alunos, que, ao perceberem a desmotivação de seus professores, também a refletem no seu aprendizado.

Um número expressivo de educadores continua apresentando dificuldades em lidar com as novas propostas, sem saber como romper a rotina de textos prontos, exercícios repetitivos, questionários e outras atividades que em nada favorecem os alunos na aquisição de conhecimentos. Quando teoricamente entusiasmam-se com algumas abordagens das modernas teorias educacionais que preconizam a “necessidade de adequação dos conteúdos à realidade dos alunos”, “ensinar a partir das práticas”, “ênfasis nas experiências já adquiridas”, “vincular o ensino ao meio” e outras, deparam-se com uma enorme interrogação: “Como fazer? Por onde começar?”. Foge-lhes a percepção de que, se a proposta é adequar o ensino à realidade dos alunos, os instrumentos facilitadores para refletir sobre esta mesma realidade encontram-se exatamente entre os conteúdos de História e Geografia se os mesmos enfocarem o meio e as vivências dos alunos.

Causaram-me espanto, também, os depoimentos de que o ensino da Didática dos “Estudos Sociais” como até há pouco eram denominados, não considerar a realidade do aluno no seu fazer pedagógico, preocupando-se na maioria das vezes, mais em criar “modelos” de aulas para os conteúdos curriculares, enfatizando, não raro, a responsabilidade da divulgação e execução do calendário cívico da escola, como se fosse essa uma contribuição apenas dos professores de História e Geografia.

Muitos, pelas deficiências na formação específica para um trabalho com os conteúdos dessas duas disciplinas no tocante à realidade local, regional e estadual presente nas propostas curriculares do Rio Grande do Sul, trabalham com insegurança essas realidades. Esses conhecimentos não foram suficientemente abordados nos cursos de formação de magistério para as séries iniciais e, mesmo quando o foram, não receberam um tratamento voltado ao ensino/ reprodução dos mesmos.

Quanto ao livro didático, muitos professores confessam espontaneamente não dominarem suficientemente os seus conteúdos. Não arriscam interpretações, e com isso pouco ou nada acrescentam ao que os autores transcrevem, e tampouco pesquisam sobre determinados assuntos para complementar suas aulas, assumindo assim, mesmo sem ter muita consciência dessa situação, a postura de repassadores ou repetidores de conceitos elaborados pelos autores. Dessa maneira, os exercícios propostos são os sugeridos pelos mesmos, na maioria dos casos jogos de memorização: completar sentenças e/ou retirar frases para completar questões. Por não terem respostas adequadas a oferecer, muitos ainda temem que os alunos portadores de informações variadas façam questionamentos além dos que estão propostos nos livros. Some-se a essas constatações a desinformação, por parte de muitos professores, de onde buscar complementação aos seus conhecimentos. As bibliotecas escolares, por sua vez, nem sempre dispõem de material atualizado para oferecer subsídios ao trabalho escolar;

Por último, constato algumas carências no que diz respeito a uma metodologia específica, que propicie aos alunos o contato com a pesquisa, com a “descoberta” e, conseqüentemente, com a elaboração/ construção de seu próprio conhecimento.

Esse panorama aqui traçado, embora por vezes um tanto sombrio, justifica a preocupação em elaborar um trabalho que busque indicar novos caminhos, novos rumos e contribua para a reflexão sobre a importância dessa área de ensino nas séries iniciais.

1.3 - A Caminhada

Assim como Paulo Freire em seu livro “À Sombra Desta Mangueira” reflete sobre sua trajetória como pensador da sociedade e educação, tendo essa entre tantas outras árvores como testemunho simbólico de suas memórias; neste capítulo tenho como objetivo reconstruir não somente uma trajetória profissional, mas primordialmente a riqueza de acréscimos humanos advindos ao longo da construção de uma experiência pedagógica que, embora tendo seu vertedouro na distante amazônia, encontrou nas paisagens do sul sua especificidade através dos contatos com a nossa diversificada realidade, nas trocas e na constante aprendizagem, fruto da convivência com professores, alunos e comunidades por onde tenho passado.

Senti o desejo de, como numa espécie de inventário de vivências, voltar às minhas origens, olhar detalhadamente para as primeiras experiências vividas como criança no meio rural, perceber a construção num espaço lúdico de saberes e refletir sobre essa mesma caminhada tanto pessoal como profissional.

Cada etapa, fase ou momento é pleno de significações de ordem pedagógica e vivencial e por si só merece outros tantos trabalhos para ser compartilhado.

A metodologia do Estudo do Meio aplicada à iniciação aos conhecimentos históricos e geográficos nas séries iniciais teve seus primeiros passos em 78, quando da minha permanência por três anos na Amazônia, onde pude atuar junto às escolas que iam sendo rapidamente implantadas nas áreas de assentamento de colonos nos estados de Mato Grosso e Rondônia.

Nesse envolvimento com o ensino nas comunidades que se formavam no meio rural pude constatar que os conteúdos advindos das propostas curriculares oficiais não se

compatibilizavam com a realidade histórica e espacial dos professores, dos alunos e dessas comunidades. Nem com a realidade histórica, uma vez que encontravam-se inseridos na expansão das fronteiras agrícolas resultando num outro modelo de ocupação da Amazônia, o início, naquela ocasião, com eles, de um novo momento histórico. Nem com a realidade espacial, pois a quase totalidade daquelas famílias migrantes era procedente de várias regiões do Brasil, preponderantemente do sul, dando início, também, a uma nova geografia humana.

A essa percepção com relação ao currículo, acrescenta-se que mais de 90% dos professores recrutados entre os migrantes colonos “mais letrados” para atuarem como docentes não possuíam, na época, nível escolar além do antigo primário incompleto.

Com a responsabilidade de esboçar alternativas para as diretrizes curriculares com base na realidade, busquei inicialmente na pedagogia de Paulo Freire os subsídios para embasar uma discussão com aqueles professores sobre a sua condição de migrantes e seu processo de deslocamento para a nova região. Trabalhei com eles as relações de mudança que esta situação exigia, as expectativas depositadas naquela região, o processo de adaptação e a construção conjunta de uma nova sociedade por gente sofrida, numa paisagem adversa que lhes prestava uma moldura desafiadora.

Essa reflexão passou também pela discussão de uma nova geografia - o espaço amazônico - e de uma nova história - atores na construção dos núcleos pioneiros do INCRA-, resultantes em cidades hoje importantes nos dois estados. Com a ajuda e a participação de uns poucos caboclos, além dos técnicos agrícolas que atuavam na área, foi sendo construído um novo roteiro de conteúdos curriculares nas séries iniciais com base no conhecimento das questões locais e regionais. O programa esboçado, devido ao fato de correr paralelo às listagens curriculares oficiais, nunca foi oficializado, mas, naquele momento, serviu como elemento inicial de uma nova abordagem em sala de aula a partir da realidade vivida pelos alunos e comunidades. Essa experiência consistia, na época, em um aprendizado conjunto de minha parte e dos professores, na construção de uma identidade sócio-espacial dura e desafiadora; e a escola não poderia ficar alheia a esse momento.

Posteriormente, ao retornar ao Rio Grande do Sul e fixar-me em Osório, atuando como supervisor de Programas de Ensino para o Meio Rural da Secretaria de Educação do Estado junto aos municípios da região geo-educacional da 11ª Delegacia de Educação, no Litoral Norte do RS, constatei uma realidade semelhante em termos de ensino de Estudos Sociais, sentindo então necessidade de iniciar uma discussão sobre o tema.

Assim como na primeira experiência, agora num novo contexto, foi esboçado um roteiro de assuntos pertinentes à realidade dos alunos, em família e em comunidade, a serem tratados em sala de aula, visando colocar professores e alunos em contato com a vida comunitária muito pouco contemplada nos conteúdos escolares de então.

Através de cursos e de um acompanhamento sistemático procurei interferir na percepção dos professores com respeito à importância do ensino dos Estudos Sociais frente à realidade de vida dos alunos em comunidade, com total apoio dos órgãos oficiais. Dessa experiência surgiu uma nova proposta metodológica com uma relação de assuntos a serem abordados na escola, contemplando as questões de espaço, tempo e grupo social, próximas e compreensíveis para os alunos, propiciando a descoberta de seu próprio meio, e que veio a ser publicada pela Editora Mercado Aberto, do RS, no ano de 1987, com o título *Estudo do Meio - Estudos Sociais para o Meio Rural*. Desse mesmo trabalho resultou a minha Dissertação de Mestrado, defendida na UFRGS em 1989.

Paralela ao trabalho sistemático realizado em Osório/RS, a mesma proposta foi sendo testada e aplicada, a convite em diferentes regiões do Estado:

Litoral Norte - nos municípios de Torres, Terra de Areia, Capão da Canoa, Imbé, Tramandaí, Santo Antônio da Patrulha, Palmares do Sul e Mostardas, além de distritos de alguns desses municípios, hoje emancipados.

Região Central - município de São Pedro do Sul.

Região Colonial Italiana - municípios de Cotiporã, Paraí, Nova Araçá, Carlos Barbosa, Nova Prata, Garibaldi, Bento Gonçalves e Barão.

Região Colonial Alemã - municípios de São Sebastião do Caí, Salvador do Sul, Igrejinha, Linha Nova, São José do Hortênsio e Tupandi.

Região do Planalto - município de Bom Jesus.

Somam-se a esses cursos, inúmeras palestras, oficinas pedagógicas, participações em encontros e seminários, comunicações em eventos em diversos estados do Brasil, e no exterior, em Cuba e na Venezuela.

A proposta também foi alvo de estudos específicos em cursos de Pós-Graduação, nas disciplinas de Metodologia do Ensino de História e Geografia para as Séries Iniciais por dois anos consecutivos na FAPA/ P. Alegre/RS e na UNISUL, nos campus de Tubarão e Araranguá/SC.

No decorrer desse tempo duas novas contribuições fundamentais reforçaram a proposta inicial:

A primeira delas, de ordem pedagógica, foi meu encontro com a Pedagogia de Freinet, que veio alimentar as idéias iniciais de pesquisa com os alunos na busca de informações no meio circundante, colocando-os frente à sua realidade de vida, descobrindo os elementos que a compõem e valorizando a História onde eles estão inseridos. Reforcei a crença na livre expressão dos alunos e nas múltiplas linguagens para fazê-lo.

Essa certeza fortaleceu-se ainda mais quando ao levar a proposta à escola Oca dos Curumins em São Carlos-SP, percebi que era compatível com a linha de trabalho que inspirou a proposta pedagógica e filosófica de trabalho daquela escola. O Estudo do Meio que apresentei foi considerado um momento significativo na discussão sobre a iniciação ao conhecimento da História e Geografia, no conjunto do grupo.

A partir desse encontro passei a refletir sobre a possibilidade de aliar os pressupostos da teoria dos temas geradores da Pedagogia de Freire aos princípios metodológicos e técnicas da Pedagogia de Freinet, fundamentos deste trabalho.

A segunda contribuição, de ordem antropológico/etnográfica, refere-se ao contato com as comunidades de origem italiana e alemã do RS, onde o Estudo do Meio, visto como uma proposta de adequação dos conteúdos de iniciação ao ensino de História e Geografia, às vivências dos alunos em suas comunidades e em suas culturas específicas, veio prestar uma significativa contribuição, na escola, à identidade étnica e cultural dos

alunos, à cultura de seu grupo familiar e comunitário e valorizar a construção de suas sociedades nas áreas coloniais, pelos antepassados imigrantes.

No total desta caminhada, mais de 800 professores já vivenciaram, na teoria e na prática, através de exercícios metodológicos com seus alunos, a presente proposta. A cada curso, a cada encontro, sinto fortalecida a convicção de que o Estudo do Meio vem prestando valiosa contribuição para o preenchimento de uma lacuna quase histórica no que se refere ao ensino da História e da Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Esse pressuposto justifica a elaboração da presente Tese, onde procuro colocar, na prática, as idéias iniciais de conjugação das pedagogias de Freire e Freinet, não comparativamente, mas como confluências teórico-metodológicas experienciadas, e tendo como palco a cultura italiana e sua importância para a compreensão do espaço e construção da História numa região etnicamente específica.

1.4 - Com Quem Tenho Caminhado

A presença dos autores que contribuíram em diferentes momentos na construção deste trabalho dá-se, além de sua reconhecida importância em seus diferentes campos teóricos, também como suporte a uma experiência que vem sendo pensada e repensada ao longo de sua trajetória, bem como de minha prática pedagógica.

Uma idéia, quando motivadora de uma reflexão teórica, é portadora de inúmeras contribuições, de outros pensadores e de afinidades.

Neste processo não poderia ser diferente. Compartilho minhas descobertas e propostas com quem busquei, em leituras, o embasamento para as reflexões teórico-metodológicas sem com isso perder a singularidade e relevância da experiência em construção. Menciono um acervo bibliográfico preferencialmente brasileiro, por sua sintonia com o pensamento moderno e por melhor refletir a nossa sociedade.

Cada autor citado tem reconhecida importância em seu campo de vivência profissional, configurando três vertentes com conceitos e categorias de análise em campos diferentes, partindo de conceitos complementares.

A primeira delas refere-se a abordagens relacionadas à cultura e educação populares, tendo como referência as teorias e práticas pedagógicas de Paulo Freire e Celestin Freinet, aliando-se às vivências e percepções de ordem etnográfica de Carlos R. Brandão.

Com esses autores, busco montar um cenário pedagógico onde minhas experiências e práticas acontecem num primeiro plano. Busco, desta forma, a afirmação e/ou confirmação de minhas percepções sobre um ensino que se espelha nas experiências de vida e nas leituras de meio; na proposição de um espaço investigativo na escola e na efetiva construção de conceitos e, portanto, saberes e práticas libertadoras e emancipadoras.

Nesses 30 anos de magistério público estadual, tive inicialmente em Paulo Freire uma vertente inspiradora e motivadora para a condução de meu fazer pedagógico e é nele que permanentemente busquei através de seus escritos, e nos resultados de suas experiências e pensares, uma direção para o meu trabalho. Ao entrar em contato com o texto da “Pedagogia do Oprimido”, de forma clandestina nos anos de 71/72, uma vez que “os tempos” não permitiam, infelizmente, uma leitura refletida na Universidade, pautei pela personalização de minha ação pela proposta de uma educação libertadora, policiando-me desde aí para não cair na facilitação de uma educação “bancária”.

Na década de 70, quando lecionei História e Geografia do Brasil para o primeiro grau, incomodava-me a idéia de exclusão da população na ação coletiva e popular de construção da História e/ou na transformação das paisagens geográficas. A História no enfoque fatural encontrava-se centralizada no texto/relato em torno de uns poucos unguídos à categoria de heróis ou fazedores da mesma, desconhecendo ou sonhando-se, tendenciosamente ou não, a construção coletiva da sociedade ou a participação popular nos momentos mais significativos dessa construção.

No tocante à Geografia, a mesma situação de exclusão do povo na construção de suas sociedades perpassava nos currículos. Quando pretensiosamente enfocava o “humano” esta descrevia números e situações alheias ao cotidiano nos espaços e nas transformações criadas pela interferência do homem enquanto sociedade.

Quanto à cultura, os livros didáticos da época listavam no final de cada período representado pelos ciclos históricos obras significativas da produção artística do período, somente estudados na forma de memorização. A formação social e cultural da nação permanecia à margem do conhecimento escolar. As Histórias social e cultural, sem as quais as ações políticas perdiam sua expressão, permaneciam à margem dos textos como se fosse uma criação abstrata.

Minha ação didática direcionava, desde então, à descoberta, com os alunos, da identidade cultural do grupo estudado e de seu próprio grupo, tanto no espaço como no tempo sensibilizando-os para o respeito às manifestações diversificadas da cultura brasileira. Um exercício permanente de educação do olhar em busca da compreensão da alteridade.

Ao tomar contato com os textos de Carlos Rodrigues Brandão, já no início dos anos 80, procurei estabelecer um elo entre suas reflexões, fruto de pesquisas com a temática da cultura e educação populares, com o que me propunha trabalhar no ensino da História e Geografia do Brasil, procurando mostrar as várias e ricas faces do povo brasileiro, tanto no espaço como no tempo. Sua diversidade, suas construções. A convivência com a pluralidade.

Esses ensinamentos me permitiram pretensiosamente transitar, na escola, com professores, alunos e comunidade pela cultura do grupo de origem etnicamente italiana, despertando-os para a grandeza e significado de sua cultura como grupo de “origem” diferenciada, mas construtores também das sociedades gaúcha e brasileira, embora com traços peculiares.

Essas reflexões serviram para que durante minha trajetória profissional, principalmente nos anos dedicados à educação no meio rural da Amazônia e posteriormente em Osório,

eu buscase, num diálogo com os professores e alunos, os elementos essenciais para pensar o ensino de forma motivadora e integrada à realidade dos mesmos. Compreendi, desde cedo, alicerçado nessas mesmas vivências, a necessidade sempre presente de manter coerência entre o discurso e a prática tanto no trabalho escolar como na vida, que fazem parte dessa caminhada.

Ao elaborar as primeiras idéias sobre uma proposta de trabalho voltada à iniciação do ensino de História e Geografia, tendo como enfoque as práticas e a vivência dos alunos na família e na comunidade foi na teoria dos temas geradores que busquei o substrato principal para o Estudo do Meio, onde proponho uma ação integrada e conjunta entre os meios natural, histórico, econômico, social, político e cultural, quando da produção de conhecimento escolar, inserindo os alunos desde cedo numa relação próxima à sua realidade.

Complementando meu estudo na obra *Nascimento de uma Pedagogia Popular* de *Élise Freinet*, e posteriormente com *Método Natural* de *Célestin Freinet*, constatei que ao buscar um caminho até então considerado como “alternativo” de integração do fazer escolar com o cotidiano dos alunos em suas famílias e comunidades, estava propondo atividades que se assemelhavam às propostas do pensador francês, num sentido de contato afetivo, social e cultural da criança com seu meio. Tanto Freire como Freinet dirigem suas inquietudes e reflexões numa mesma direção: uma escola transformadora.

Ao longo do tempo, compreendi a importância, via Freinet, de uma ação educativa em que a teoria e a prática ocorressem simultaneamente e transportei isto para os cursos de iniciação ao ensino da História e da Geografia, onde blocos teóricos antecedem aos exercícios metodológicos, proporcionando aos professores participantes discussões em grupo, como o curso/pesquisa que dá suporte a esta tese.

Esses mesmos exercícios realizados com os alunos foram paulatinamente transformando a sala de aula num espaço vivo, dinâmico, quase um laboratório permanente de aprendizagem em que os alunos, através de métodos de trabalho orientado, produzem de forma independente os seus conceitos e conseqüentemente o “seu saber”. Introduzem

em sua ótica de criança uma leitura do mundo. Ao relatarem e avaliarem as experiências realizadas trazem em seus olhos um brilho de satisfação.

Em se tratando do Estudo do Meio, o conhecimento/reconhecimento do respeito que o aluno e a escola deverão ter com a pluralidade das manifestações culturais que os circundam não quer dizer a valorização do senso comum ou da cristalização das tradições como pensa Freinet, tão pouco atrelá-los a um passado como aponta Freire, mas sim remetê-los ao estudo de hábitos, atitudes e valores que fazem parte de um ethos cultural próprio, mas integrado a uma sociedade maior.

À escola cabe oportunizar aos alunos o conhecimento de suas raízes, como herança cultural de seus antepassados ou como legado no seu próprio grupo étnico ou da soma de etnias presentes na comunidade. Neste sentido Brandão vem somar aos dois autores citados, não como uma triangulação ou estudos comparativos, mas como influências que tecem e que viabilizam o Estudo do Meio, se não explícita no texto, subentendida na ação proposta.

Cabe ressaltar também o apoio e estímulo que obtive quando dos “primeiros passos”, dos professores vinculados ao programa de Educação para o Meio Rural e do Instituto de Ciências Sociais da UNIJUÍ em especial aos professores Dolair Callai, Helena e Jaime Luiz Callai, onde fui, por diversas vezes, trocar experiências e compatibilizar minhas práticas. Foram parceiros importantes na construção de um referencial teórico para esta proposta.

A segunda relaciona-se com questões históricas e antropológicas procurando pontuar e demarcar questões e situações vinculadas à história da imigração italiana no Rio Grande do Sul, enfatizando aspectos referentes à cultura e privilegiando conhecimentos que permitam traçar a trajetória de construção das sociedades locais.

Desde as primeiras investidas junto a área de colonização italiana, venho me valendo, para melhor compreender a cultura do grupo com quem compartilho experiências, dos textos e pesquisas dos professores Rovílio Costa e Luiz A. de Boni, textos esses que durante a pesquisa, revelaram aos professores participantes aspectos importantes da

cultura de seu grupo étnico. Os mesmos extrapolaram o espaço da escola e levados pelos professores, constituíram-se em temas de leituras e discussões por parte também de seus familiares e outras pessoas idosas da comunidade, estimulando, com isso, o despertar de suas memórias, convertidas em história oral.

No tocante aos aspectos antropológicos que ao longo da caminhada ficavam cada vez mais evidentes, particularmente ao tratar da cultura italiana, os textos de Geertz, Oliven, Oro, Pozenato, Lupi e outros foram fontes nas quais tenho buscado elementos para melhor entender a importância da adequação do ensino à cultura e valores locais. Representam, em diversos campos, interlocutores com os quais compartilho a base teórica deste trabalho.

A terceira vertente, contempla questões referentes à pesquisa e docência com currículos e/ou conteúdos ligados à iniciação ao ensino de História e Geografia no Ensino Fundamental.

Nos campos da Geografia e da História, além do “Mestre” Milton Santos, que revelou-me aspectos significativos para o conhecimento e entendimento das relações espaciais, o trabalho proposto e desenvolvido na escola vem recebendo, ao longo dessa trajetória, expressivos aportes teóricos de Fischer, Castrogiovanni, Kaercher, Callai e outros que têm desenvolvido estudos e pesquisas voltados ao ensino da mesma no Ensino Fundamental.

Outros autores não citados aqui, tais como Márcia Spyer Resende e Anne Marie Speyer foram particularmente importantes no tocante à educação e meio rural e educação e vivências dos alunos.

A cumplicidade entre professores e alunos se traduz na realização das atividades da melhor forma possível não como forma de agradar a alguém, mas mostrando o valor recém descoberto das riquezas de suas comunidades. Com os professores, propondo, discutindo e avaliando, passo a passo, a metodologia aplicada, os resultados sustentam a certeza de que esse é um caminho viável para um olhar diferenciado sobre suas comunidades. Acreditando em suas potencialidades e reforçando essa proposta

transformadora, não somente em termos de aplicação de conteúdos como também na aplicação de uma metodologia que prioriza a construção e a participação da escola e da comunidade no processo escolar, num esforço cooperativo.

Por último cabe referência, ainda, aos moradores das comunidades, inicialmente coadjuvantes nesse processo, que ao longo do tempo tornaram-se consultores nos diferentes temas e com isso contribuíram com suas falas e seus saberes, em princípio empíricos, para a construção de uma linguagem escolar. Desconfiados no início, receosos de que “seu saber” não seria suficiente para “ensinar” aos alunos, preocupados com a veracidade das informações e com a movimentação das crianças que andavam de um lado para outro ao invés de permanecerem na escola, passaram, posteriormente, a acreditar na importância desses estudos, pois viram nele algo prático ensinando a vida na comunidade para os seus filhos. E ao constatarem a produção dessas informações na forma de “livros de vida”, em textos históricos, cartazes, painéis e mapas retratando na linguagem e percepção das crianças, a comunidade, postaram-se orgulhosos de sua contribuição e dos resultados da mesma.

2 - POR QUE ENSINAR HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS?

Ser o sujeito da História, ser o agente criador da cultura não são adjetivos qualificativos do homem. São o seu substantivo. Mas não são igualmente a sua essência e, sim, um momento no seu próprio processo dialético de humanização.

Brandão (1996:24)

Esta questão já foi-me apresentada diversas vezes por professores e alunos que se deparam com dificuldades para trabalhar os conteúdos de “Estudos Sociais” e para muitos deles, ao invés de compreendê-los seria mais fácil e cômodo, excluí-los.

Responder a esta questão não é uma tarefa fácil, pois encontra-se vinculada às expectativas dos professores quanto ao conhecimento de sua sociedade; com as preocupações que os mesmos demonstram frente a sua própria realidade; ao grau de politização; ao seu projeto de vida pessoal e em comunidade e ao compromisso social de seu trabalho, entre outros.

Paulo Freire faz referência ao professor democrático e sua prática docente, sublinhando a necessidade de trabalhar “ *a capacidade crítica do educando, além de sua curiosidade e sua insubmissão*”, propondo com isso o rigor metodológico e estimulando a curiosidade epistemológica em buscar, pesquisar e ir à formulação de conhecimentos.¹

Embasado nesses princípios, pode o professor construir com seus alunos suas próprias respostas, compreender os “significados” de suas descobertas.

O que vou procurar refletir a seguir é sobre a importância de despertar nos alunos a curiosidade temporal, espacial e grupal, sobre o meio onde vivem, através da iniciação ao ensino de História e Geografia.

2.1 - A compreensão do tempo

O Estudo do Meio tem por princípio, no tocante à iniciação ao ensino de História, dar significado ao “tempo” e como tal, propõe um elenco de atividades pedagógicas que favoreçam a compreensão do mesmo.

Compreender o tempo, para Freire *é compreender acima de tudo a existência do homem no tempo* uma vez que existe, nesta relação, intrinsecamente, uma *ação modificadora* desse mesmo tempo.²

O homem constrói sua história num processo dialético com a sociedade e o estudo do tempo prevê a consciência dessa construção, quer no tempo-hoje, quer no tempo-ontem, uma vez que a História se apresenta com uma face de não permanência. Mutável. Dinâmica.

Nas séries, iniciais, o estudo do tempo se faz através de ações humanas possivelmente identificáveis para o alunos, principalmente quando essas referem-se a elementos perceptíveis dessa construção, ao valorizar, por vezes, as pequenas e grandes conquistas da população, enquanto construtora de uma sociedade que lhes é peculiar.

Essas ações são visualizadas e identificadas através da construção de uma ponte, estrada, escola, igreja; a implantação de uma linha de ônibus, o asfaltamento de uma avenida, a implantação de uma rede de luz ou de água e outros tantos benefícios que transformam a vida da comunidade.

Essas conquistas não são obras do acaso e nem representam presentes “doados” por atos de generosidade dos governantes, mas se revestem em demandas que geralmente resultaram de necessidades coletivas buscando o bem comum.

Para o Estudo do Meio, nem sempre as obras - a materialização da conquista - são os elementos de estudo mais significativos, mas a percepção de que elas foram o resultado de uma ação humana deliberada, coletiva e que deixou seu testemunho no “tempo”.

O estudo das ações humanas, num contexto restrito, ou seja, o contexto do meio comunitário, se reveste em uma forma de estimular o entendimento dos alunos enquanto conquistas/construções humanas em seu contexto de vida e que através do tempo, consolidam a identidade histórica de seu povo. Essas mesmas ações para Freire constituem respostas dadas aos desafios. Representam a transposição de necessidades, a superação de obstáculos pelas comunidades que com isso vão tecendo, com sua participação, a construção de sua própria História.³

Quanto aos alunos, no tocante a esse processo, têm eles a oportunidade, através do estudo, de se sensibilizarem para a relevância dessas ações, uma vez que se transformam nos estudiosos de uma herança adquirida, no entender de Freire.(idem)

O estudo do tempo comunitário, mais que uma constatação das obras deixadas pelos antepassados num tempo mensurado, leva à compreensão, conforme Freire, dos anseios, dos valores, das aspirações de um povo em uma determinada época.

Em se tratando da área de abrangência deste estudo - uma região colonial de origem italiana- onde o grupo geralmente denominado, por eles, de “pioneiro”, construiu em seu espaço comunitário, a partir de um determinado espaço de tempo identificável como o início da sociedade colonial, as ações humanas revestidas de um caráter de construção coletiva, permaneceram até hoje na memória de seus habitantes através não só das obras mais expressivas, onde o auxílio mútuo foi uma constante e em momentos determinados, mas constituíram-se também, através da memória dos seus habitantes, na expressão dessas mesmas aspirações, necessidades e anseios.

A compreensão desses aspectos torna-se imprescindível, para que os alunos possam valorizar, num tempo passado, a necessidade e a grandeza dessas construções e perceber que no “seu tempo”, ou seja, tempo-hoje, muitas dessas obras estão presentes, desempenham suas funções, portanto ainda têm seu valor. O hoje se configura por novas necessidades, valores e aspirações, constituindo, dessa forma, num processo dialético, a construção de uma nova história.

Estou convencido de que a História vista sob esta ótica estimulará os alunos a refletirem sobre as necessidades de “seu tempo”, tanto para eles enquanto alunos, como para o conjunto da comunidade. É o homem *temporalizando-se* como quer Freire.⁴

Compreender, portanto, o significado das mudanças que ocorrem ao longo do tempo nos espaços, é compreender a dimensão e significado dessas ações em seu contexto de vida e de meio, uma vez que os espaços geográficos temporalizam-se.

Cada geração, em seu meio, constrói coisas úteis à sua coletividade e interfere, de diferentes maneiras, no desenvolvimento de suas sociedades. São atividades criadoras, no entender de Freire, e que correspondem aos desafios enfrentados pelo homem.

2.2 - Inserir-se no tempo

O estudo de História na forma proposta pelo Estudo do Meio, embora não tendo a pretensão de se caracterizar como inédito, uma vez que há semelhanças na abordagem em muitos autores que se debruçam sobre esse assunto; visa também caracterizar sua iniciação através do conhecimento do tempo-hoje vivenciado pelo aluno, assimilado numa dimensão ampla, ao contrário do ensino cunhado como “tradicional”, que na maioria das vezes concentra-se no passado e que reflete as dificuldades em que se depara ao pretender relacioná-lo com o tempo presente.

O tempo-passado, nessa mesma proposta, representa um marco referencial e para fortalecê-lo conta-se com a história oral, com documentos, com imagens e com a memória popular sob diversos ângulos. Compreender que a realidade não é um produto acabado, que os elementos ali identificados como referências dessa história não nasceram “prontos”, mas que ao contrário, foram construídos pelas pessoas, tanto de suas famílias como pelas dos demais membros de sua comunidade, representa um desafio, um novo processo de construção, um ir além dos muros da escola.

Desvendar o mundo comunitário - o meio - é o melhor exercício para a compreensão desses princípios.

Freire aponta a questão de *assumir o seu tempo. Integrar-se ou inserir-se nele*, como uma tarefa do cidadão e que cabe à escola, portanto, motivar essa reflexão e buscar despertar o desejo, em seu trabalho, de construção dessa inserção.⁵

Para que essa mesma inserção possa ser melhor compreendida pelos alunos, procurei estabelecer três marcos de referência visando facilitar o entendimento do tempo a partir da relação dialética entre eles:

Primeiramente, o **tempo-hoje**, o presente. Tempo de convivência, tempo perceptível, onde os acontecimentos que marcam a vida da comunidade são conversados, discutidos, criticados, avaliados. Podem ser compreendidos através das ações e obras, que no momento presente são significativas para a vida comunitária, facilitando assim, para os alunos, a compreensão da sua importância e/ou relevância. Cabe à escola dar continuidade às discussões sobre os acontecimentos que interferem na rotina comunitária.

Um segundo aspecto refere-se ao **tempo-ontem** como um outro tempo. Tempo presente nas memórias, de imagens já esmaecidas, de lembranças alegres e tristes, de “causos”, de emoções. Um tempo que poderá ser compreendido sem a preocupação com sua mensuração no que toca a datações, despreocupado de fixar-se aos atos heróicos, mas mesmo assim um tempo rico, e que pode ser denominado, para melhor compreensão do aluno, como **antigamente**, visando também inserir o aluno no estudo e compreensão do processo de construção histórica de sua sociedade, objetivando o reconhecimento/conhecimento das ações do povo que atuou objetivamente no sentido da satisfação de necessidades coletivas.

Como forma de compreensão dessa abordagem, pode-se utilizar, como venho utilizando nos cursos, o exemplo da implantação de uma rede elétrica numa comunidade qualquer. Hoje ela faz parte do dia-a-dia desse grupo e sua necessidade maior só é percebida quando falta, pois pode criar transtornos para as pessoas e para o conjunto da comunidade.

Para compreender o significado maior de sua importância, há que remeter-se ao tempo-ontem quando ela ainda não consistia um elemento presente na comunidade. Procurar-se descobrir como as pessoas iluminavam suas casas, como providenciavam ou improvisavam seus equipamentos de iluminação doméstica, como se deslocavam à noite nas ruas da comunidade, como conservavam os alimentos, como aqueciam a água para o banho, e etc. Construir com os alunos, buscando na memória popular, um cotidiano não vivenciado por eles, sem a presença da luz elétrica, é um excitante exercício em que o imaginário vem a ser o elemento motivador.

Posteriormente pode-se estudar, com o auxílio das informações coletadas na comunidade, o processo de como a luz elétrica chegou até eles. Quem se empenhou em consegui-la e qual foi a participação da comunidade nesse processo; quais foram os mecanismos utilizados para reivindicá-la; como foi instalada. Por último, após a instalação da rede elétrica, caberia pesquisar sobre as mudanças que ocorreram e que interferiram nos hábitos dos moradores, na aquisição de novos bens pelas famílias, nas facilidades que a nova iluminação/energia propiciou, enfim, perceber as mudanças significativas que vieram a ocorrer na vida em comunidade.

Um elemento aparentemente simples, quase insignificante, para a História - luz elétrica - pode adquirir um significado muito maior quando aliado a situações de vida.

Desta forma, pode-se ampliar o estudo enfocando a relevância com que se revestiu a construção das escolas, das igrejas, dos salões comunitários, das estradas e pontes, das cooperativas, dos sindicatos, dos postos de saúde e de policiamento, etc. promovendo, junto aos alunos, a construção de uma percepção, a partir do tempo-hoje, de que essas conquistas foram conseqüências de ações comunitárias em busca da satisfação de seus desejos, anseios e expectativas, e que foram construções realizadas por pessoas em ambos os tempos. Compreender a História é primordialmente esse processo.

Para Freinet, também é importante observar os elementos históricos que estão na comunidade. Para o autor, são eles os testemunhos de um outro tempo, da História e que são significativos e identificáveis no seu meio.

Em suas andanças pela aldeia, observava (...) *os velhos caminhos. A linha do caminho de ferro* (...) observava *as velhas casas, os monumentos, a fábrica, a igreja*.⁶

Além da observação, também mantinha contato com os aldeões, e desses procurava inteirar-se e compreender sua história.

O terceiro marco de referência é o **tempo-amanhã**, um tempo imaginado, mas que pode ser pensado com os alunos através das expectativas de inserção dos mesmos como construtores da História. No despertar o desejo de participar, de construir um outro mundo em que as distorções do hoje, possam ser corrigidas em uma ação futura. Um princípio de compromisso, de solidariedade, de humanização e de participação na construção de um “amanhã” em seu espaço comunitário, que no entender de Freire também é *um tempo-espaço composto de possibilidades* mesmo que aconteçam *impossibilidades* de ser construído, como refere o autor.⁷

2.3 - A construção da história do meio

Os tempos “físico” e “vivencial”, conforme Rabuske, se fazem numa frequência diferenciada. Para medir o tempo físico basta constatar a frequência sempre igual das horas, dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos, etc., mas o tempo vivenciado, antropológico e histórico, constitui uma seqüência, e se concentra no hoje, nos fatos presentes que assistimos no plano comunitário ou através dos meios de comunicação que nos permitem o fenômeno da instantaneidade.⁸

Tanto para Rabuske como para Freire, o aspecto tridimensional (presente - passado - futuro) não se prende a um tempo mensurável, mas vivido e experienciado.⁹

Transpondo para a escola, para os alunos, em se tratando do ensino de História nas séries iniciais, o presente representa o concreto, as informações e imagens recebidas, mas que em sua pouca idade ainda não abstraem o processo evolutivo que explica as ações presentes. O passado pode ser percebido por referências ou imagens que sinalizam

um outro tempo, que dificilmente se consegue perceber na leitura não crítica e contemporizada dos textos didáticos.

Lamentavelmente, parte do ensino de História nas séries iniciais, como tenho percebido nos contatos com os professores ao longo desses anos, se atém a “transmitir” as palavras dos autores, conteúdo que na maioria das vezes não passa de crônica de fatos históricos obedecendo uma seqüência meramente cronológica.

A história local, no tempo-hoje, aquela que retrata o meio onde vivem os alunos, precisa ser construída na escola pois não está contemplada nos textos didáticos.

Essa construção do tempo vivencial e comunitário pode ser feita numa espécie de viagem a um mundo imaginado em que as mesmas imagens podem ser construídas conforme as informações recebidas e através desse mesmo imaginário, criar-se uma espécie de cenário natural onde os acontecimentos são fontes ou elementos constitutivos desse cenário que retrata a contínua obra humana e social.

Esse processo que Freire refere como *comunidades epocais* se constrói na relação contínua e continuada de construção do tempo num espaço identificável, seja ele limitado (comunidade) ou amplo (município, estado, país), ambos inseridos num processo dinâmico de continuidade.¹⁰

Freinet, ao questionar o uso dos manuais e o ensino de História tendo como referência os fatos e as datas que estão situadas, segundo ele, além da capacidade de retenção e compreensão das crianças; preconizava, por outro lado, que o professor deveria ter uma formação histórica sólida para compreender o *sentido da História*, uma vez que o ensino, na forma como era apresentado, ultrapassava o nível cultural dos alunos nos liceus.¹¹

A partir dessa crítica, Freinet propõe atividades no campo do ensino da História tendo como referência a observação e a documentação. Observação como elemento resultante de sua proposta de “aula-passeio” e contato direto com a história oral e o recolhimento de documentação que fornecesse subsídios para a construção da história.

Tomando também como referência os temas geradores de Freire, para melhor compreensão dos elementos constitutivos no que se refere à história local, o Estudo do Meio, no tocante à iniciação ao ensino de História, se fortalece na temática extraída do meio vivenciado e que tenha significado expressivo para os alunos das séries iniciais e das relações espaço-temporais que consolidam a vida comunitária.¹²

O espaço e seus múltiplos elementos que interferem na manutenção da vida em comunidade, é também sujeito de uma leitura histórica, uma vez que hoje ele se mostra como um espaço transformado em consequência das ações humanas de trabalho e produção.

Esses elementos de estudo não estão, como no dizer de Freire *isolados, soltos, desconectados, coisificados, parados, mas em relação dialética com os seus opostos*. Para ele constituem-se em *temas históricos* e, em se tratando do estudo e da compreensão do tempo, esses assuntos interrelacionados vêm a constituir-se *num universo temático da época*, fazendo com que a leitura desses “temas”, em se tratando de história do meio, se dê pela tentativa de reconstrução do tempo histórico pelos alunos.¹³

Os temas de estudo podem representar um universo muito amplo, mas que para melhor aproveitamento das imagens e informações advindas da memória e da História oral, podem ser propostos como segue:

- história dos grupos que habitaram ou que ainda habitam o espaço comunitário;
- história da forma de fixação dos povoadores à terra em estudo;
- história das primeiras formas de trabalho e de produção conhecidas e de suas modificações através do tempo;
- história das primeiras relações comerciais e de transportes e de suas mudanças;
- história da construção dos caminhos, meios e vias de comunicação;
- história da construção dos equipamentos comunitários: escola, igreja, salão comunitário; de estradas, pontes, rede de luz, centro de saúde, etc;
- história das festas populares e religiosas e de outras atividades sociais, de lazer e esportivas que movimentam a comunidade;

- história das conquistas políticas pela comunidade; e tantos outros temas que poderão elencar as multifaces da história local.

2.4 - O trabalho na escola - revelando a vida em diferentes tempos

Como já foi confirmado anteriormente, a construção do conhecimento histórico partindo do cotidiano dos alunos, de suas famílias e comunidades, tem sido o enfoque primeiro, em se tratando da iniciação ao ensino de História nas séries iniciais.

Ao chegar à escola o aluno já é portador de noções temporais “novo/velho” e outras que nem sempre estão organizadas ou que ainda não consegue organizar numa perspectiva de tempos (ontem, hoje, amanhã), e muito menos dividir suas informações sobre coisas que ocorrem no presente ou que ocorreram num passado/distante ou num passado recente. Por estas razões, as noções fundamentais de hoje - presente; ontem ou mesmo antigamente - passado e amanhã - futuro, necessitam de um trabalho sistemático, seja como construção de conceitos essenciais para a compreensão dos estudos históricos, seja do processo evolutivo - recente ou não - pelo qual tem passado a sociedade, o seu meio.

O contato com as coisas “do hoje” é mais fácil: basta coletar material de estudo nos noticiários de TV, rádio, jornais, revistas diversas, internet e outros veículos de comunicação acessíveis aos alunos. Com isso as fronteiras de sua “aldeia” ou meio se expandem num contato diário com o restante do mundo, trazido instantaneamente até suas casas. Cabe ao professor, utilizando-se desse fenômeno da instantaneidade, (como já foi citado antes), orientar seus alunos na busca e coleta de informações pertinentes a seus interesses, estimular a leitura ou outras formas de recepção, discussão e crítica e, principalmente, a percepção de que alguns deles podem ser relevantes para a construção da história atual e mesmo interferirem, a curto, médio ou longo prazo, em sua vida comunitária.

E os outros tempos?

Percebe-se, através de experiências adquiridas anteriormente no trato desta questão, que um dos fatores que entravam o trabalho com os conteúdos de História nas séries iniciais, e mesmo nas posteriores, apesar da literatura didática que trata desse assunto, são as “comemorações” embutidas num calendário cívico, que, ao não respeitarem o nível de compreensão dos alunos, ritualiza os momentos “simbólicos” tidos como imprescindíveis para a construção da História, além de reforçar um “culto” aos construtores desta, como se o povo apenas servisse de platéia. São hiatos que permeiam o trabalho escolar para temporariamente referenciar estes “vultos”.

Por outro lado, o professor, devido à sua maturidade e experiência de vida em relação aos alunos, associada à escolaridade que possui; impõe o seu discurso e raciocínio histórico na medida em que passa o texto pronto e acabado. Embasado em suas práticas, pode ele, professor, realizar facilmente uma elaboração mental quando se trata de um retrocesso a um outro tempo não presente ao procurar transmitir informações pertinentes a um período da História.

Os alunos, ao contrário, nem sempre conseguem abstrair ou mesmo “imaginar” esse mesmo tempo enfocado, num mesmo raciocínio solicitado pelo discurso do professor, sem terem ao menos um ponto de referência que vincule essas informações a algo assemelhado ao que esteja acontecendo no momento, ou a uma imagem visualizada.

Orientar, então, a compreensão e a construção do significado do “tempo”, ao se tratar de outros tempos, tem sido, para muitos professores, o maior desafio enfrentado com relação ao ensino de História.

Como fazer então da iniciação ao conhecimento de História algo prazeroso, interessante estimulante e não mera letra morta? Como dar vida a um passado remoto ou não, e relacioná-lo com situações do presente? Estes questionamentos vêm desafiando permanentemente a prática escolar nessas séries.

Nidelcoff traduz em suas elaborações relacionadas ao ensino das Ciências Sociais na escola, a preocupação com a contemporaneidade do ensino de História e com os fatos

curiosos que ensejam diferentes momentos da vida do homem em sociedade, possibilitando aos alunos a descoberta da História como algo vivo e interessante.¹⁴

Nessa busca os professores poderão se valer da memória dos familiares e de outros moradores da comunidade (história oral), das fotografias existentes (memória visual), de documentos (memória escrita) e outros elementos essenciais para a montagem de seu texto, de sua própria visualização de um outro tempo, tendo como referência os fatos e acontecimentos mais expressivos que marcaram a trajetória de vida das comunidades, e buscar paralelamente, quando possível, fatos que tenham acontecido no município, estado ou país, no período enfocado e que possam ter interferido, diretamente ou não, no cotidiano comunitário.

Esse tipo de abordagem, conforme experiência com professores, tem proporcionado momentos expressivos tanto para os alunos, que passam a ter um contato mais íntimo com o passado de seu meio, como para as famílias e demais informantes que vêm ampliado o diálogo sobre assuntos familiares e comunitários. Os alunos percebem, paralelamente, que no tempo “deles” também aconteceram coisas importantes em seu meio.

O passo seguinte da metodologia de pesquisa consiste na coleta de dados e informações para a construção da história do grupo familiar com quem vivem e convivem, contribuindo, dessa forma, para o registro da história das famílias.

Ao se propor atividades desse cunho, automaticamente procura-se inserir os alunos nos primeiros passos do processo de investigação e de construção, a partir dos elementos coletados, de seu próprio texto histórico e de outras linguagens em que ele expresse seus conceitos e que sustentarão, posteriormente a análise e a crítica no estudo da História em espaços, realidades e tempos mais distantes e complexos.

Como a quase totalidade dos nossos municípios não dispõe de textos históricos elaborados numa linguagem e numa forma acessíveis a esse tipo de leitura/pesquisa nas séries iniciais, a construção coletiva do conhecimento histórico sobre a vida da comunidade, bairro, distrito, cidade ou mesmo município passa a ser uma tarefa a ser

assumida por todos - alunos, professores, famílias e demais membros da comunidade - tendo com referência a memória popular, a história oral, os registros, fotografias, documentos e outros recursos disponíveis e acessíveis aos alunos.

Já escrevi em outra oportunidade que,

Na história do cotidiano não há heróis, pelo menos pela forma como a escola tem tratado personagens de destaque em alguns momentos da História, mas sim, pessoas e grupos anônimos que lutaram, reivindicaram, construíram num esforço coletivo e por sucessivas gerações, a construção de uma sociedade cada vez melhor para o seu grupo, mesmo que nem sempre este objetivo tenha sido alcançado.¹⁵

Nas pequenas cidades e ainda mais nas comunidades menores, a cronologia local, por vezes, tem pouco ou quase nenhuma relação direta com as datas cívicas que a escola “comemora” segundo o calendário oficial, ou com os personagens elevados à categoria de heróis pelo ensino “tradicional”, uma vez que sua história está marcada por acontecimentos próprios e não menos importantes para seus habitantes, sendo uma tarefa relevante resgatá-los para o cenário histórico do grupo, constituindo, como queria Freire um universo temático da época.¹⁶

Nessa fase, séries iniciais, não faz muito sentido prender-se ao rigor científico para a explicação dos fatos, ou à minúcia de datas, pois estamos tratando da percepção de crianças, mas se pensarmos o que o “antigamente” representa para o “hoje” e com isso buscarmos responder algumas indagações como: “O que mudou? Por que mudou? Como mudou? Quais os agentes provocadores das mudanças? Quais os resultados positivos e negativos que as mudanças propiciaram?”, etc.

Responder a esses e outros questionamentos é preparar os alunos para a compreensão da trajetória de vida e de construção da história do meio próximo para, posteriormente, passar a outros meios distantes no espaço e no tempo.

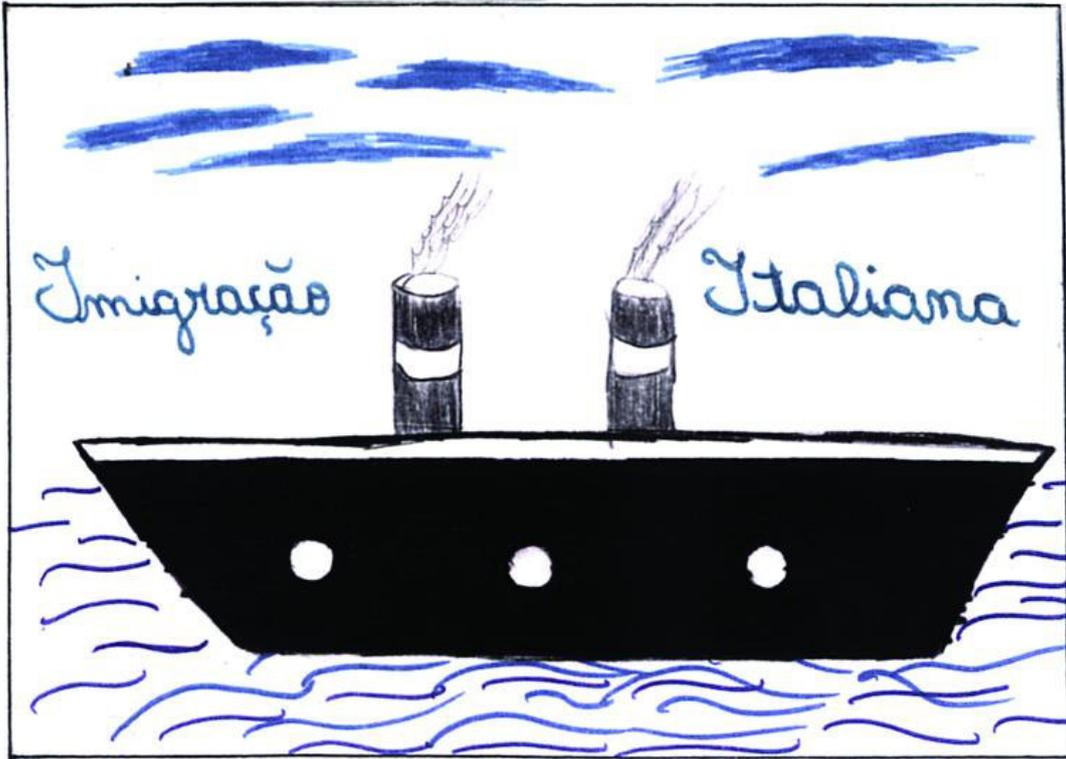


Figura 1

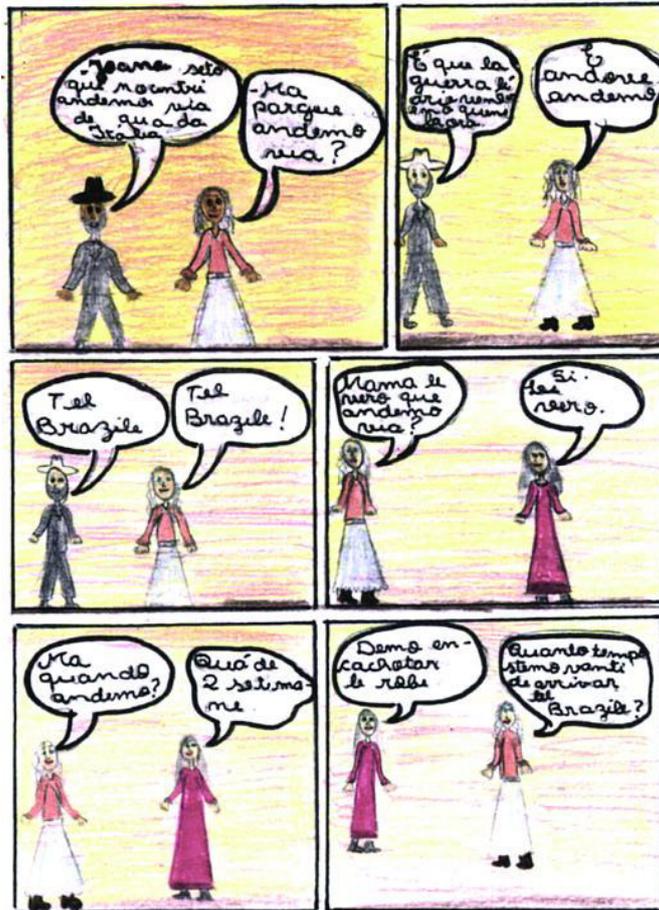


Figura 2

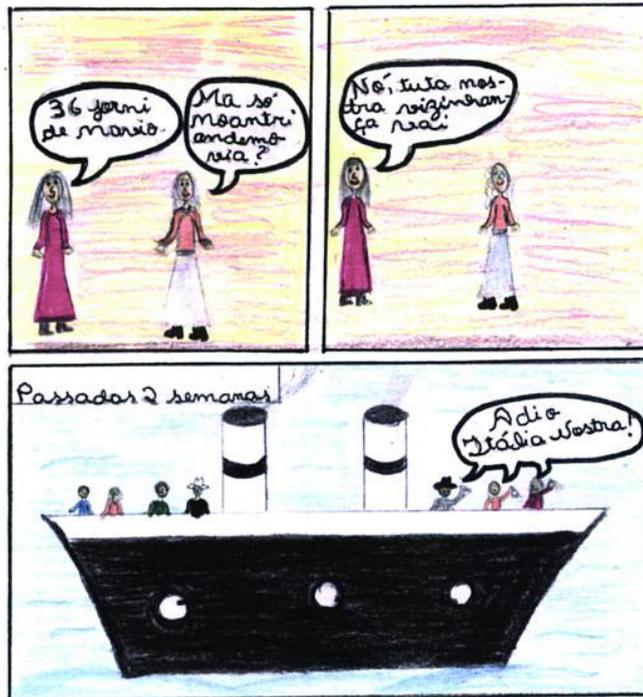


Figura 3

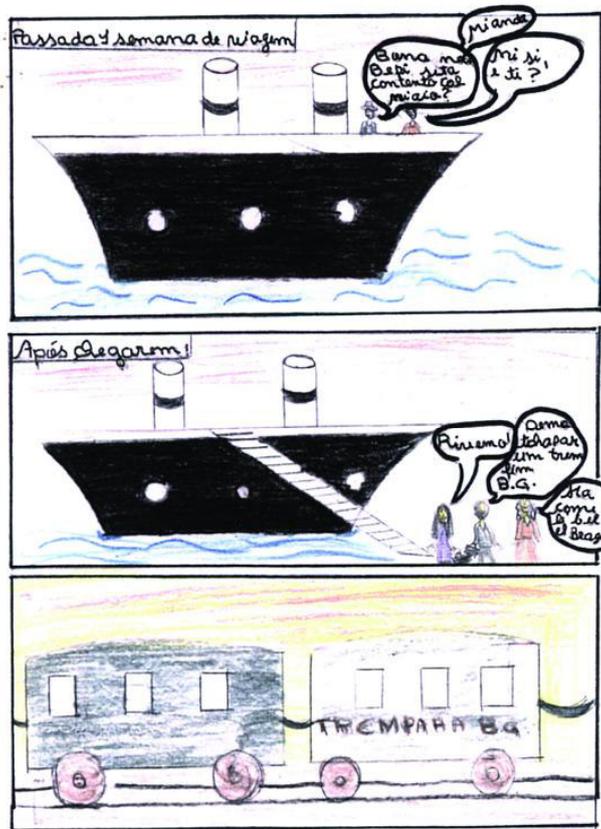


Figura 4



Figura 5



Figura 6

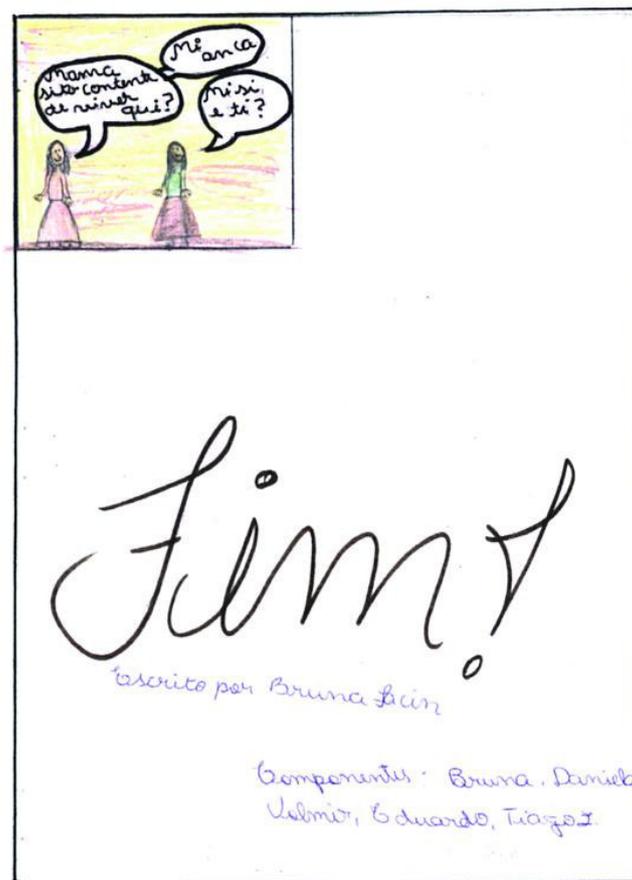


Figura 7

2.5 - A descoberta do meio geográfico

Devemos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classe, em exploradores e explorados; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichezado.

Santos

Toda criança, nos anos que antecedem ao período de iniciação escolar, estabelece inúmeras relações de descoberta, conquista e de domínio do espaço circundante - a casa, a propriedade e a comunidade.

Nos primeiros meses de vida há a identificação de lugares e objetos através do olhar e do toque. Ao engatinhar, inicia a exploração de um espaço que embora limitado, permite

que circule, que contorne e que transponha obstáculos, geralmente representados pelos móveis e outros objetos. As caminhar, descobre novas possibilidades de circular em diferentes locais e com maior rapidez.

Nesta sucessão de descobertas, a criança identifica diferentes espaços, que passa a dominar na medida em que cresce: a casa, o pátio, o jardim, a área de lazer no edifício, a calçada, a rua, os vizinhos, a praça. Posteriormente ela incorpora ao seu cotidiano ações como brincar na calçada, atravessar a rua, circular na quadra, brincar na casa de amigos, ir ao mercadinho próximo, etc. Dependendo das características da comunidade onde vive e das circunstâncias do meio, a criança terá maior ou menor mobilidade em seu espaço, maior ou menor conhecimento, maior ou menor segurança para descobri-lo e dominá-lo. Sabe nomeá-los e localizá-los e incorpora-os ao seu conhecimento espacial vivenciado.

Ao ingressar na escola essas experiências adquiridas e consolidadas no dia-a-dia são consideradas como conhecimentos geográficos? A escola tem levado em consideração esse preparo, essas descobertas como uma aprendizagem anterior, um conhecimento construído na prática, para dela retirar os fundamentos e dar continuidade na leitura e compreensão de outros espaços? Ou o “espaço” dali para frente, “ensinado” aos alunos, estará totalmente desvinculado da realidade e das experiências já adquiridas?

Para Callai,

O conhecimento não brota da realidade, mas todo aluno tem um conhecimento que vem de casa, e a função da escola e da Geografia é fazer com que ele supere o senso comum, ao fazer a confrontação de sua realidade concreta com o conhecimento cientificamente produzido.¹⁷

O que se pretende é trabalhar o reconhecimento/conhecimento do espaço próximo do aluno indo em direção a espaços mais distantes e complexos. Se nós habitamos em diversos espaços simultaneamente, como interpretá-los e relacioná-los ao todo? Como explorá-los no cotidiano dos nossos alunos?

Para Kaercher,

*A Geografia tem como objetivo compreender a vida de cada um de nós desvendando os sentidos, os porquês das paisagens em que vivemos e vemos serem como são...*¹⁸

Nas atividades do Estudo do Meio com os professores, tem se empregado continuamente, na forma de exercícios, para reforçar a idéia de pertencimento a diferentes espaços que vão do local ao universal e de simultaneidade dessa presença, o recebimento de uma carta do exterior, como mostra o exemplo que segue.

Para
Luiz Alberto Marques
Alameda da Serra, nº 828
Bairro Interlagos
CEP 95 520 -000 - Osório
Rio Grande do Sul
Brasil

Ao decompor este envelope em partes, em termos de espaço e grupo, pode-se verificar os aspectos de simultaneidade, na ordem inversa da leitura do endereçamento:

INDICAÇÃO DE ENDEREÇO	ESPAÇO	GRUPO
BRASIL	<i>O receptor da carta vive num determinado país do continente americano. Sem esta indicação a carta iria para qualquer parte do mundo</i>	<i>O receptor pertence a um grupo de cidadãos que compõem esta Nação e são denominados de brasileiros</i>
RIO GRANDE DO SUL	<i>Indica que o receptor, mesmo no Brasil, habita em um determinado espaço no território brasileiro, pois sem essa indicação a carta se perderia no País.</i>	<i>Mesmo sendo brasileiro, o receptor pertence a uma área cultural distinta cujo grupo é identificado como Gaúcho</i>
OSÓRIO	<i>Mesmo habitando no Rio Grande do Sul, um espaço menor no território brasileiro, os municípios subdividem este espaço maior e Osório corresponde a uma fração do mesmo</i>	<i>Indica que, mesmo sendo gaúcho, o receptor pertence ao grupo das pessoas que vivem em Osório e identificados como osorienses, natos ou não.</i>
BAIRRO INTERLAGOS	<i>Indica que o receptor vive em uma área específica da cidade-sede do município dentro da cidade e que lhes dá uma identidade diferenciada das demais áreas residenciais</i>	<i>Embora sendo morador de Osório, convive em uma determinada comunidade</i>
ALAMEDA DA SERRA	<i>Como o espaço do bairro está tomado por centenas de propriedades, há que indicar em que parte do espaço do bairro vive o receptor</i>	<i>Indica que mesmo sendo um dos moradores do bairro, faz parte do conjunto dos moradores desta rua</i>
Nº 828	<i>Finalmente podemos localizar a fração de todos estes espaços em que vive o receptor, seu espaço domiciliar</i>	<i>Neste local habita o receptor com seu grupo familiar</i>

Este exemplo indica que os diferentes espaços não estão representados como em círculos concêntricos a serem estudados individualmente e independentes uns dos outros - como ainda encontramos em muitos programas de iniciação ao conhecimento geográfico -, mas que habitamos espaços específicos ao mesmo tempo em que estamos inseridos em espaços mais amplos. Isto vale dizer que considera-se improcedente desenvolver trabalhos isolados e delimitados no tempo e no espaço, como por exemplo: família/escola (1ª série); bairro/comunidade (2ª série); cidade/município (3ª série) e assim sucessivamente.

Quanto ao desenvolvimento de programas desse modo, tem-se percebido no contato com os professores, que ao iniciar o estudo da comunidade/bairro na 2ª série, não se retorna ao conhecimento anterior - família/escola- pois esta já foi “matéria dada” e, com isso, o conceito construído de bairro/comunidade desumaniza-se, uma vez que se faz menção aos moradores, como uma construção de espaço humano, sem incluir, nele, o estudo anterior.

O mesmo acontece na 3ª série uma vez que estuda-se a cidade/município como uma nova construção sem retornar ao estudo já realizado das comunidades formadoras da cidade e, portanto, aquelas estudadas na série anterior, bem como das famílias dos alunos entre os habitantes da mesma.

O que cabe, penso eu, é um ensino em que seja permitida a passagem das informações permeando estes círculos, organizando estudos através de recortes da realidade e interrelacionando estes múltiplos espaços.

Callai ao abordar a necessidade de vincular o ensino da Geografia à sociedade em que vivem os alunos, afirma:

A Geografia é um ciência social. Ao ser estudada, tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (parte do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrição de lugares distantes ou de fragmentos do espaço.¹⁹

Nas séries iniciais, para melhor introduzir o educando no estudo das relações mais complexas, faz-se necessário permitir a ele um contato direto com o espaço circundante e conhecido para que, dessa forma, possa compreender a construção das relações espaço/sociedade, tendo o meio experienciado como um laboratório permanente de estudos e descobertas.

Nele pode-se observar como os homens e a sociedade constroem, modificam, alteram, prejudicam, destroem e interferem de maneiras diferentes neste mesmo espaço através do tempo.

Dessa forma o aluno passa a perceber que um espaço não é somente uma construção teórica (livros didáticos) alheia a seu mundo, mas que é possível pensar como historicamente vem sendo o mesmo construído e/ou modificado.

Ainda, segundo Callai,

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda e onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento.²⁰

Ao constatar como sua família e os demais moradores da comunidade agem e se integram no espaço pode, perceber como eles se relacionam com o mesmo, como o transformam de acordo com suas necessidades, se preservam-no ou não ou, em síntese, perceber o fluir da vida em seu meio.

O ensino da Geografia nas séries iniciais deve priorizar essas relações que se travam próximas ao aluno. Estudar é uma forma de “ensinar a ver”, o que difere do ato de enxergar. Vivemos por muito tempo num mesmo espaço, usufruímos dele no dia-a-dia, mas nem sempre nos atemos aos detalhes, às minúcias. Nem sempre tivemos, na escola, a oportunidade de desenvolver nossa sensibilidade e com ela a crítica.

Estar dentro do que se estuda, como ensina Callai, permite exercitar um olhar desperto, permite inserir-se na paisagem natural e humana, no meio, no seu espaço de vida onde mesmo pequeno, ensaiar sua participação como cidadão no momento em que nomear

aspectos que considere positivos e outros que deveriam ser modificados no seu entendimento.²¹

2.6 - Decompondo e recompondo o meio - ou decodificando o espaço circundante

Ao se propor a exploração das partes que compõem o espaço próximo, propõe-se também um avanço gradativo na formulação de conceitos básicos, podendo aplicá-los depois, estabelecendo relações mais seguras de exploração, discussão e organização do conhecimento no estudo de espaços complexos e distantes.

Como metodologia, o marco inicial desse estudo leva o aluno a explorar e representar coletivamente o espaço de vida na sala de aula tendo cinco pontos como referência:

- a) área de estudos (espaço da sala de aula);
- b) elementos que compõem o espaço (porta, janelas, paredes, forro, assoalho, carteiras, cadeiras, mesas, armário, etc.);
- c) função dos elementos (função, importância e utilização de cada um destes elementos com relação ao grupo - turma - que deles se utilizam ou nele - espaço/sala - permanecem);
- d) preservação do espaço (manutenção da qualidade de vida - utilização e conservação do espaço: limpeza, cuidados, conservação e decoração que fazem desse, um espaço agradável de viver e estudar);
- e) representação do espaço (construção de mapas, maquetes e desenhos, localizando a área em estudo, seus elementos, os componentes do grupo e seus locais habituais de permanência no espaço estudado - carteiras).

Desta forma, o estudo ultrapassa a noção meramente descritiva dos elementos do espaço, através da relação que se estabelece entre espaço e grupo e sua decodificação, humanizando, assim, sua utilização.

O aluno, ao estabelecer periodicamente um plano de cuidados para que este espaço de convivência e de trabalho - sua sala de aula - se torne agradável de conviver, passa a

construir conceitos sobre a utilização e preservação de espaços públicos e coletivos, exercitando, de certa forma, sua cidadania.

Numa segunda etapa, o estudo realizado servirá de referência para o conhecimento do espaço da escola, uma vez que a sala de aula passou a representar uma fração do espaço maior. Também nesse momento a operação se repete coletivamente, dando ênfase aos cinco pontos estudados anteriormente, porém em outro espaço mais amplo, com novos elementos e diferentes formas de utilização. Exemplo: a secretaria, a sala de direção, o almoxarifado, a biblioteca, a cozinha, os banheiros, a cantina, as diferentes salas de aula conforme as séries que nelas estudam, o pátio, os diferentes grupos e suas atribuições (professores-alunos-direção-funcionários) que estudam e trabalham na mesma e que durante o período de funcionamento a humanizam.

O próximo passo consiste na exploração individual do espaço de vida e de convivência familiar. Desta forma, os conceitos construídos, adquiridos e/ou formulados coletivamente nos estudos anteriores são válidos para a interpretação das realidades individuais e específicas de cada aluno e de seu grupo familiar. Não se trata de estereotipar tipos de famílias ou grupos familiares, de casa, de modelos “socialmente aceitos” de ocupação e de utilização do espaço doméstico, mas respeitar o singular, o específico de cada aluno, mesmo em situações que se revelem difíceis e conflitantes ao serem exploradas.

Inúmeras situações matemáticas e conceitos na área de ciências biológicas poderão ser integrados a esse estudo, assim com as múltiplas linguagens usadas pelo aluno para comunicar os conceitos construídos reforçam o contato com a Língua Portuguesa.

No tocante à escola, um espaço socializado e compartilhado por um grupo maior, onde os interesses afloram como resultante das diferenças e de individualidades que para ali convergem, torna-se um espaço privilegiado para estabelecer uma discussão democrática sobre as formas de utilização da mesma e da construção, no coletivo, de um compromisso de preservá-la.

Posteriormente, passam os alunos a manter contato com espaço amplos e distantes, também conhecidos, realizando aí uma leitura dos mesmos tendo como referência os mesmos princípios que regeram os estudos anteriores. O conhecimento sedimentado no cotidiano passa a ser pensado, analisado, criticado e organizado na forma de conhecimento escolar na palavra do aluno e sua percepção de mundo.

Para Freire é importante pensar o homem como cidadão que está no mundo.²²

Nesse sentido, para o Estudo do Meio, pensá-lo é uma forma de pensar o mundo, de educar o olhar para realidade que o cerca, superar estranhamentos, realizar a construção, na ótica e na fala das crianças, de um saber alicerçado em vivências e em cotidianos.

Callai relaciona o espaço e a paisagem não apenas como algo já construído mas, ao contrário, em um estado de constante restauração, onde as interferências humanas modificam-no através da utilização que dele se faz, como resultado da necessidade de sobrevivência do grupo que ali vive.²³ Para ele a paisagem, como uma forma de perceber o espaço, se constitui na *aparência* como resultado dessa mesma construção.²⁴

Ao entrar em contato com o espaço comunitário, seja ele uma comunidade urbana ou rural, o aluno poderá explorá-lo aos poucos, de múltiplas formas, e, ao utilizar-se de linguagens diferenciadas, irá representá-lo conforme sua percepção de criança.

Conforme veremos adiante no estudo do meio natural, esse espaço poderá ser decomposto em partes e recomposto aos poucos até voltar ao todo. Para tanto faz-se necessária a utilização de instrumentos e meios que possibilitem esse contato e esse exercício de decodificação

Callai sugere que a adequação dos recursos didáticos utilizados para estudos de realidades distantes e, portanto complexas, se concretize em algo que esteja próximo da realidade de vida e do meio do educando.²⁵

Esse relacionar-se com o espaço próximo e experienciado não se configura como uma proposta nova. Freinet em 1923 registrava em suas experiências na “aldeia-laboratório” de Bar-sur-Loup:

*... no próprio seio da natureza, sob os horizontes que constantemente se alternavam, dava a mais animada das lições de Geografia, Aritmética ou de Botânica.*²⁶

Essa “animação” a que se refere Freinet, freqüentemente é reafirmada através dos depoimentos dos professores, ao proporem a seus alunos atividades da aula-passeio, levando-os para fora do ambiente limitado da sala de aula, retirando do mundo circundante à escola e na comunidade os “conteúdos” escolares e “construindo“, no concreto, os primeiros conceitos espaciais e geográficos, como pode-se observar no corpo desta pesquisa e nos relatos dos professores participantes quando da realização de seus exercícios metodológicos com os alunos.

Libertos de um trabalho rotineiro, ao retornar à classe, os alunos reproduzem mapas, textos com suas conclusões, maquetes, dramatizações e outras linguagens, aliando os conceitos já construídos na realidade estudada com os produzidos pela ciência geográfica e que são trabalhados em sala de aula na forma de conteúdos curriculares.

Afirma-se, desta forma, um dos princípios da educação nova de Freinet, consistia em propiciar aos alunos um papel ativo em sua própria educação.²⁷

O conhecimento do espaço passa, conforme Callai, por mecanismos que possibilitem pensá-lo; em constatar que sua ação, mesmo com pouca idade, é importante para a construção do mesmo e pelo entendimento de pertencimento a ele, visando, com isso, a compreensão das relações dos homens com este espaço e entre si.²⁸

Pertencimento este através do qual, constrói-se uma identidade espacial, a mesma que me remete a pequena Passinhos.

Desta forma, penso ter também contribuído para a discussão da questão inicial. - Por que ensinar História e Geografia nas séries iniciais?

Notas do Capítulo 2:

- ¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autnomomia*, p.28
- ² Idem, *Educação Como Prática da Liberdade*, p.49
- ³ Ibidem, p.49
- ⁴ Ibidem, p.49
- ⁵ Idem, *A Educação na Cidade*, p. 89
- ⁶ FREINET, Élise. *O Nascimento de uma Pedagogia Popular*, p. 114
- ⁷ FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*, p. 90
- ⁸ RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*, p. 160
- ⁹ FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*, p. 92
- ¹⁰ Ibidem, p. 92
- ¹¹ FREINET, Élise. *Nascimento de Uma Pedagogia Popular*, p. 148
- ¹² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 93
- ¹³ Ibidem, p. 93
- ¹⁴ NIDELCOFF, Maria Tereza. *As Ciências Sociais na Escola*, p. 22
- ¹⁵ MARQUES, Luiz Alberto S. *Estudo do Meio – Proposta Metodológica em Estudos Sociais para as Séries Iniciais*, in *O Cotidiano na Prática Educativa II – Séries Iniciais*, p. 40
- ¹⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 93
- ¹⁷ CALLAI, Helena Copetti. *O Ensino da Geografia: Recortes Espaciais Para Análise*, in, *Geografia em Sala de Aula. Práticas e Reflexões*, p. 62
- ¹⁸ KAERCHER, Nestor André. *A Geografia É o Nosso Dia-a-Dia*, in, *Geografia em Sala de Aula. Práticas e Reflexões*, p. 62
- ¹⁹ CALLAI, Helena Copetti. *O Ensino da Geografia: Recortes Espaciais Para Análise*, in, *Geografia em Sala de Aula. Práticas e Reflexões*, p. 57
- ²⁰ Ibidem, p. 58
- ²¹ Ibidem, p. 58
- ²² FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*, p.47
- ²³ CALLAI, Jaime Luiz. *Área de Estudos Sociais: Metodologia*, p. 23
- ²⁴ Ibidem, p. 24
- ²⁵ Ibidem, p. 25
- ²⁶ FREINET, Élise. *Nascimento de Uma Pedagogia Popular*, p. 36
- ²⁷ Ibidem, p. 34
- ²⁸ CALLAI, Jaime Luiz. *Área de Estudos Sociais: Metodologia*, p. 27

3 - A CULTURA ITALIANA E O ENSINO DE HISTÓRIA E DE GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

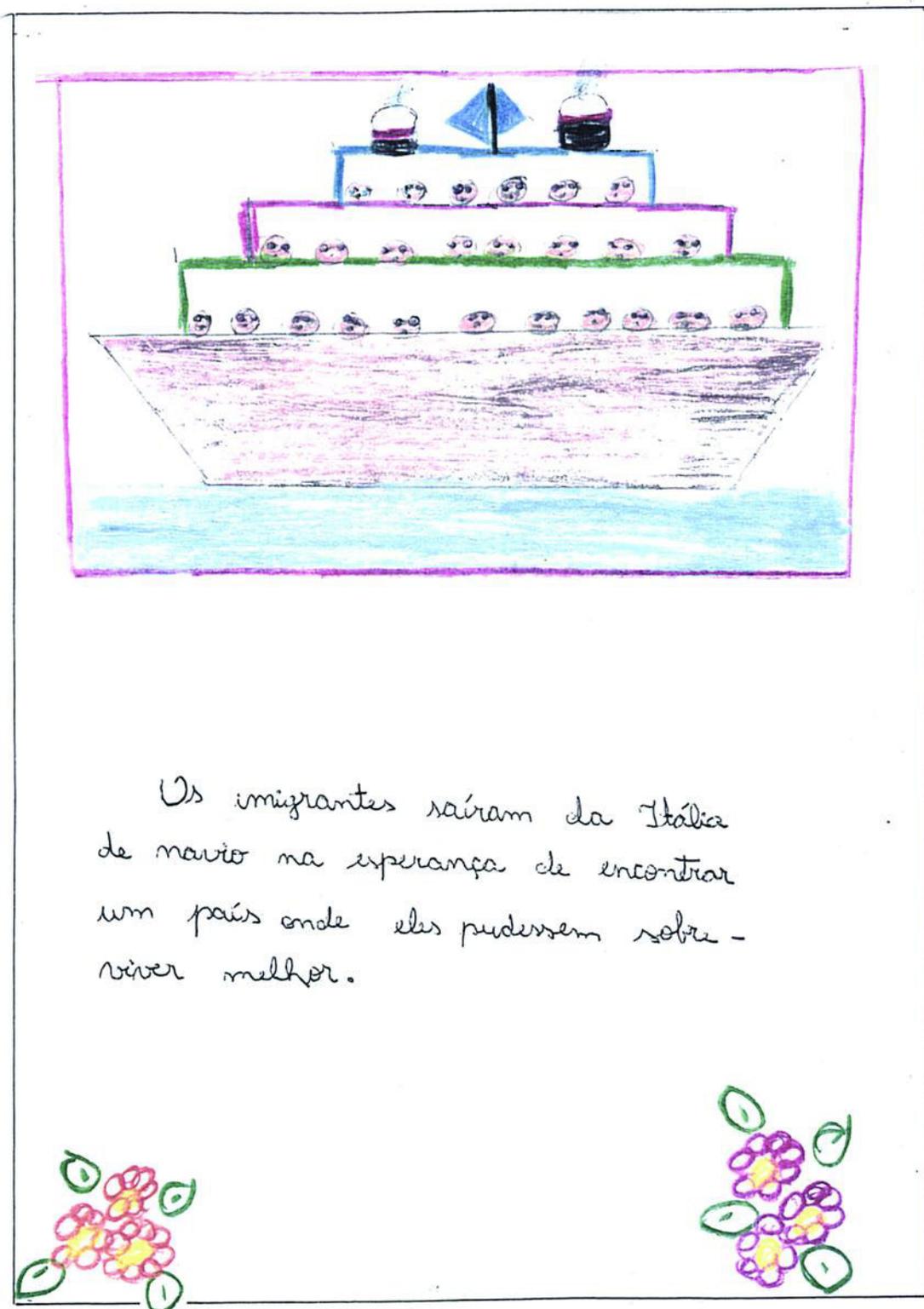
*Sagrado é o homem.
E o que ele faz e do que é feito,
e o caminho onde pisa e a ponte que atravessa
e o horizonte que vê além da ponte.*
Brandão

3.1 - Meu encontro com a cultura italiana

Em 1986 fui convidado a ministrar um curso de Metodologia dos Estudos Sociais para as Séries Iniciais - Estudo do Meio -, no município de Cotiporã, na região da serra gaúcha, experiência essa sinalizadora de uma caminhada de 14 anos no contato direto com a região colonial italiana e que vem contribuindo sistematicamente para o amadurecimento e especificidade dessa proposta metodológica em se tratando de iniciação ao ensino de História e Geografia numa região étnica e culturalmente distinta

Para uma pessoa como eu, de origem e cultura litorâneas, onde são fortes os traços das culturas indígena + africana + portuguesa/açoriana, o contato direto, numa relação de trabalho e não mais turística, com locais e com professores de uma outra origem e vertente cultural, com um grupo de acentuada diferenciação étnica, representava, naquele momento, um desafio e uma nova possibilidade de aprendizagem que até hoje vem num crescendo a cada retorno à região, a cada novo curso, a cada novo grupo.

No trecho entre Veranópolis e Cotiporã, fui penetrando, numa estrada ainda de chão batido, no interior das colônias, desvendando, desde a janela do carro, a paisagem singular. Os morros, a vegetação, as lavouras, as propriedades distribuídas equidistantemente, as construções, as pessoas por quem cruzávamos no caminho, tudo era diferente, embora sensivelmente familiar. Ao mesmo tempo ia coletando imagens que seriam exploradas no curso. O meu concreto, a “realidade” a ser pensada, a minha primeira leitura desse espaço.



Os imigrantes saíram da Itália de navio na esperança de encontrar um país onde eles pudessem sobreviver melhor.

Figura 8

Aluna: Letícia Zorzetto
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos – Bento Gonçalves

Ao ficar hospedado no único hotel da cidade, na época, um velho e aconchegante hotel de veraneio, que teve sua importância turística há muito tempo atrás, quando a serra era considerada um espaço de veraneio, tive os primeiros contatos com a fala carregada de um sotaque peculiar, com a comida e o vinho “coloniais”, com o licor de nozes (nozin), uma especialidade da dona do hotel.

Em todos esses momentos ia atentamente registrando e catalogando imagens a serem abordadas com os professores. Uma forma de exemplificar a teoria em sua realidade vivida, em seu cotidiano.

Sentia um misto de expectativa e curiosidade: curiosidade em entrar em contato com um grupo “novo”, em me fazer entender; expectativa em não criar situações que pudessem constranger pela diversidade cultural, enfim, ser aceito. Um deles, mas ao mesmo tempo, um diferente.

No dia seguinte, após as formalidades iniciais da apresentação ao grupo de professores pelos secretário municipal de educação e seus supervisores, que participaram atentamente do curso, passei a sondá-los sobre o interesse e prazer em trabalhar com os conteúdos de Estudos Sociais com seus alunos.

A primeira questão lançada ao grupo - Quem sente prazer em trabalhar com os Estudos Sociais? - é uma questão já refletida anteriormente e que costumo repetir objetivando sentir o interesse dos grupos com quem trabalho sobre o conteúdo a ser trabalhado durante diferentes etapas do curso. Como resposta, apenas 10% deles, afirmaram sentir prazer. Os demais, como sempre ocorre em outros grupos, apresentam um leque de pretextos, numa tentativa de justificar o não interesse e vontade de trabalhar com tais conteúdos.

Não foi necessário nenhum esforço de percepção para entender que estava frente a uma situação por demais conhecida.

Os professores, em sua quase totalidade, se angustiavam por sentirem-se despreparados para trabalhar com os Estudos Sociais. Tinham plena consciência de suas limitações e

de que seus alunos, salvo raras exceções, também não gostavam das aulas em que eram trabalhados os respectivos conteúdos, além de serem portadores de uma constante preocupação em ensinar, e bem, os conhecimentos de Língua Portuguesa e Matemática. Esses sim, eram cobrados pela comunidade. Quanto à História, bastava ao aluno saber algumas datas cívicas, listar alguns fatos e heróis que satisfaziam às exigências do programa e da comunidade.

A principal constatação no grupo, manifestada por alguns com a concordância dos demais, é que não conheciam uma forma interessante de trabalhar conteúdos curriculares com os alunos, não sabiam como relacionar o texto didático com o cotidiano, com o meio vivenciado.

Teoricamente sabiam que este era o enfoque a ser dado, mas na prática tudo se mostrava complicado, somando-se às incertezas em não arriscar, ou saber fazer certo. Uma barreira que limitava qualquer expressão de criatividade. Como aproveitar outros recursos além daqueles disponíveis na escola, como utilizar a realidade mais próxima do alunos como uma referência curricular? Diversas outras questões foram levantadas neste sentido.

Como bons “italianos”, todos falavam ao mesmo tempo, e o debate foi profícuo, uma vez que a cada manifestação do grupo ampliava minha preocupação e compromisso em motivá-los para o ensino dos Estudos Sociais, em vencer barreiras já embotadas, em construir com eles um trabalho diferenciado e desafiador em seu cotidiano escolar, enfim, em dar vida aos Estudos Sociais, em resgatá-lo para o centro do currículo como tinha acontecido anteriormente em Palmares do Sul; em tornar o trabalho que se delineava naquele momento em algo vibrante, interessante, motivador, que resgatasse o prazer em descobrir, conhecer, desvendar, em decifrar seu próprio meio e transformar a realidade vivenciada em conteúdo escolar e, para tanto, bastava que acreditassem nessa possibilidade, em acreditar que eram capazes de fazer essas leituras locais, o que Freire considera como forma de decodificação das práticas e vivências em seu cotidiano.

Ao expor uma gravura da região colonial italiana, procurei despertar curiosidades sobre os elementos do espaço ali representado, como sendo uma paisagem familiar, presente

no seu dia-a-dia, por ser um espaço identificado. Ali depararam-se com algo que representava mais que uma simples gravura: era um espaço de vida e de trabalho; de produção e de sobrevivência dos grupos familiar e comunitário; um espaço histórico construído através de um “tempo” e que prestava identidade à História da colonização. Enfim, um espaço familiar.

Representava, pois um “espaço” onde se travam as mais diversificadas relações econômicas e sociais; um espaço político de lideranças manifestadas e uma hierarquia ainda rígida e respeitada, mas principalmente um espaço onde era possível identificar traços de uma cultura local e regional.

Para muitos professores presentes, foi a primeira vez que esta abordagem foi vista como uma possibilidade de construção de um conteúdo em Estudos Sociais. Revelação, curiosidade, encantamento e perplexidade. Um “de fora” vir a despertar para a sua própria realidade.

O trabalho então proposto passou a girar em torno de três eixos: o meio conhecido como meio de vida e de experiências; a história local e cultura italiana como elemento de identificação e os Estudos Sociais como um elo de sistematização desses estudos e como laboratório de novas experiências na adequação do currículo escolar à realidade dos alunos.

Ao refletir com eles, através da imagem, percebeu-se que os elementos essenciais à compreensão do espaço geográfico como espaço natural, assemelhavam-se aos que circundavam a escola e que faziam parte de seu meio ou realidade. Essa identidade com a análise teórica dos elementos do espaço e sua relação com a própria realidade desencadeou nos professores um ânimo novo, em decifrar, decodificar, as informações acumuladas nos anos de vida de cada um deles. Um espaço vivenciado e experienciado.

Rápida e espontaneamente, foram acrescentando outros comentários e novos elementos sobre a gravura que servia de estímulo visual ao debate. Estava sendo iniciado, naquele momento, um trabalho onde a paisagem mostrada se identificava de alguma forma com

a realidade dos professores, estabelecendo-se a partir desse instante uma certa familiaridade entre a teoria e o conhecimento de que eram portadores.

Ao analisar os elementos que compunham o quadro natural exposto - água, vegetação, solo, relevo - os professores iam decompondo-os em partes, relacionando-os com seu meio de vida e com suas práticas no contato com este mesmo meio. Vali-me também das imagens do caminho percorrido no dia anterior.

Observaram o espaço transformado pela ação humana individual e coletiva e viram-se também como agentes dessa mesma transformação em suas comunidades. Não mais ali um espaço teórico, um espaço idealizado como constavam nos textos didáticos, mas sim um espaço “concreto”.

À medida que desenvolvi a discussão sobre a ação humana que transforma espaços devido à sobrevivência dos grupos familiar e comunitário, percebeu-se que para alguns professores, e eles foram espontâneos ao relatar, revelava-se ali uma possibilidade concreta de estudar com seus alunos a paisagem que circunda a escola e a comunidade, transformando-a num laboratório de experiências para a construção de conceitos e para a compreensão do meio onde vivem e como as pessoas atuam e transformam. Através do tempo, essa mesma realidade. Espaço e tempo passaram a ser visões complementares e não “conteúdos” desvinculados um do outro.

Desafiados, numa sessão seguinte de trabalho, trouxeram mapas de sua comunidades. Confeccionados em papel pardo, em forma de painéis e cartazes, mas que representavam, na linguagem das crianças, a sua comunidade. Seu primeiro mapa. Introduziu-se, nesse momento, a confecção da legenda como forma de leitura e interpretação da representação espacial estudada.

Numa discussão e avaliação posterior da experiência, diversos professores relataram que pela primeira vez, um mapa foi algo interessante e estimulante tanto para eles como para seus alunos. Que um mapa confeccionado pelas crianças, dentro de suas linguagens, é tão importante, em termos conceituais, quanto uma cartografia “oficial” para a compreensão do espaço próximo.

Ali estavam representando alguns pontos considerados limites para a representação de um espaço estudado, a distribuição dos moradores dentro da área, os caminhos que cortam-na em diferentes direções, as plantações, córregos, os morros, as lavouras, a escola, etc. Um universo de representações dos elementos mais significativos analisados in loco e reproduzidos no papel pelos alunos. E a certeza: reproduziam um espaço conhecido.

Também relataram o entusiasmo das crianças em verificar, após concluído o trabalho, que estavam representando, tanto no mapa quanto nos textos redigidos, um espaço seu, substantivo. Algo relacionado diretamente com o seu cotidiano. Algo que era conhecido mas que nunca lhes passou pela cabeça que poderia ser representado na escola como forma de estudo. O meio era “conteúdo”, uma descoberta.

Na etapa posterior passou-se a estudar o mesmo espaço comunitário representado em um outro tempo. Para melhor compreenderem o sentido do estudo do “tempo” e da construção da História, duas referências foram empregadas: o tempo presente - o tempo hoje - e o tempo passado - antigamente. A denominação “antigamente” referiu-se a um tempo distanciado da realidade presente, mas vivo nas memórias dos “mais velhos”., mas para aquele nível de escolaridade - séries iniciais - não necessitava de datação para dar precisão histórica. Uma tarefa dos historiadores. Um “antigamente” que permitia a cada professor criar um passado, imaginário ou real, já vivenciado por eles e pelos membros das famílias dos alunos também.

Mais uma vez, numa troca de informações no grupo, somando-se as diferentes contribuições que lhes permitiam dar o arcabouço de um outro tempo, os professores passaram a perceber que a dimensão temporal de uma realidade também pode ser criada pelo imaginário, mas ancorado nas informações de que eram possuidores. Não estávamos formando bacharéis em pesquisa histórica, mas professores estimulados em “descobrir” que eram também atores num palco e cenário conhecidos: que eram mais uma geração ou um elo da história da imigração italiana naquela região.

As histórias mais diversificadas, em seu conjunto lhes permitiam a comparação da vida em uma mesma realidade em tempos distintos. Estava, pois, lançado um novo desafio que consistia em reconstruir com seus alunos, baseados em diferentes recursos que iam da história oral a análise de documentos, a sua realidade em um outro tempo.

Com a ajuda dos *noni*, os alunos criaram textos, contando aspectos da vida em comunidade “antigamente” e comparando-os com o “tempo-hoje”. Muitos professores representaram com seus alunos, em diferentes linguagens, as imagens transmitidas pelos “mais velhos”, uma vez que muitos aspectos citados por eles não mais seriam passíveis de identificação no presente. Desenharam vilas em estado inicial de ocupação, imaginaram as primeiras casas dos colonos, seus meios de locomoção, suas maneiras de trabalhar a terra, de se casarem, de participarem das festas, de irem à igreja, seus modos de vestir, resgatando para a escola a história de uma vida em comunidade.

Junto a isso tudo, perceberam que esta história contada e vivida pelos mais velhos era portadora de uma carga de emoção e com isso as lembranças ou as histórias ouvidas de seus antepassados passaram a ter vida: “isto já aconteceu”. Os *noni*, depositários de uma longa experiência de vida, demonstraram uma clara consciência de que se não transmitirem suas “lembranças”, para nós, seus saberes históricos, aos novos, estas seguirão com eles para a eternidade. Uma disponibilidade surpreendente para aqueles que não costumavam trabalhar com estas fontes de informação. Aprender História ouvindo histórias. História de vida. História oral. E eu, professor e aprendiz.

Os professores constataram, com seus alunos, que seus textos falavam de uma história muito próxima, e que pessoas conhecidas haviam sido testemunhas de alguns momentos significativos na vida da comunidade, que podiam reproduzir, em seu linguajar, as informações recebidas. Também aí esboçava-se uma forma de identidade com a história local. Os imigrantes não eram figuras imaginárias, como poderiam aparecer nos textos didáticos, mas sim pessoas de suas próprias famílias e que muitas vezes os alunos eram portadores dos mesmos sobrenomes, possuíam suas fotografias, moravam nas mesmas terras, o que lhes facilitava uma proximidade entre eles e os personagens das histórias contadas.

Também nesse sentido a avaliação foi positiva, uma vez que os professores compreenderam que também eles estavam aprendendo junto com seus alunos, uma história contada e não mais o texto distante e despersonalizado de que dispunham até então, muitas vezes a única fonte disponível e recorrida.

Realizada uma mini-exposição da produção do período, constatou-se pela diversidade dos textos e desenhos produzidos, que os alunos já dispunham de um bom conhecimento histórico de sua comunidade fruto de suas recentes pesquisas. As aulas passaram a ter uma motivação a mais. Os alunos, por sua vez, também perceberam que eles poderiam, nos limites de sua linguagem, escrever a história da comunidade.

Na etapa seguinte, passou-se a estudar as relações de trabalho na família e na comunidade. O trabalho era uma ação humana inerente à sua sobrevivência e a do grupo. Revisamos, em grande grupo, seus conceitos sobre o trabalho, o modo capitalista de perceber o trabalho como uma realização material e não necessariamente pessoal. O trabalho como uma atividade humana diversificada. A separação entre o trabalho “braçal” e o “intelectual” numa ótica colonialista e que até hoje se reproduz na escola.

A escola, por vezes, ao reproduzir o discurso colonial, não respeita os pais de seus próprios alunos que se dedicam a “atividades menores”. Ela se encarrega de desconstruir uma imagem positiva que os alunos possam fazer de seus pais trabalhadores, principalmente nas comunidades rurais, onde a maioria tem no trabalho da lavoura sua única forma de manutenção do grupo familiar.

Viu-se a experiência dos alunos na ajuda a seus pais em tarefas domésticas tanto em casa como nas lavouras. Trabalhou-se a idéia de que a criança que auxilia em casa, desde cedo participa na divisão das atribuições diárias do grupo familiar. Estudaram-se os locais tanto de trabalho como espaço diferenciados na comunidade. Procurou-se discutir as atividades realizadas ao ar livre como as internas, confinadas em um espaço reduzido. Estudou-se a divisão das tarefas em seu dia-a-dia no grupo familiar, as diferentes atribuições e responsabilidades dos componentes do grupo, traçando a rotina de cada um.

Esse conjunto de discussões, foi alvo de um estudo posterior com seus alunos e os resultados comunicados no grupo na etapa seguinte. Como das vezes anteriores, o trabalho foi relatado oralmente, reproduzido em textos e representando, quando possível através de desenhos e dramatizações, linguagens essas que se complementam na visão e na representação de suas realidades estudadas.

Da mesma forma estudou-se a produção, o comércio, os meios e vias de comunicação. Desta forma foram abordados também a organização social, estudando os grupos formadores da sociedade local, a organização política - liderança, autoridade e poder -, as conquistas políticas coletivas para comunidade, a participação dos membros da mesma na concretização dessas conquistas, os resultados advindos de um esforço na busca do bem estar comunitário.

Calcados em uma metodologia de pesquisa voltada especialmente para esse tipo de atividade proposto, os alunos, que antes encontravam alguma dificuldade em adaptar-se a um novo ritmo de trabalho, começaram a se tornar independentes da tutela dos professores, ou seja, a partir dos temas discutidos, organizavam, por conta própria, as pesquisas individuais e em equipes. Em muitos momentos organizavam tudo sem a presença direta dos professores e, entusiasmados, buscavam novas experiências. Os Estudos Sociais encontrava uma nova razão para serem estudados.

O trabalho em sua etapa final, em novembro do mesmo ano, após a realização dos encontros mensais, abordou a questão da cultura tanto no âmbito familiar, como no contexto comunitário e regional, enfocando hábitos e costumes cotidianos, procurando assinalar as manifestações que lhes prestassem uma identificação como cultura de grupo.

O primeiro impasse criado deveu-se à valorização das manifestações culturais comunitárias que lhes prestassem uma identificação como cultura de grupo. A questão girava em torno das manifestações culturais comunitárias e sua valorização como uma forma de manifestação cultural. Com uma baixa auto-estima, os professores oriundos das comunidades interioranas, devido ao desconhecimento da ciência antropológica e

consequentemente da Etnografia, apontaram apenas algumas atividades que consideravam como “folclore”.

O restante das manifestações cotidianas não era percebido como cultura. Como folclore, se restringiam à reprodução de música e danças trazidas da Itália e ainda reproduzidas em grupos através das cantorias e dos corais das capelas. As danças eram apresentadas em ocasiões especiais e em festas de produção. Também nesse sentido, tratou-se de trabalhar os conceitos de cultura, cultura do povo, produção cultural, folclore e cultura de massa.

Desafiados mais uma vez, os professores junto com seus alunos e com a participação comunitária, apresentaram na “Feira de Estudos Sociais”, a atividade de culminância do trabalho, manifestações da cultura local em diferentes formas.

Para surpresa de todos, e mesmo das autoridades do governo municipal presentes ao encerramento, as escolas elaboraram pequenas mostras da cultura comunitária e trouxeram para a cidade. Uma grande atividade cultural refletindo as manifestações de diferentes localidades foi organizada. Como mostra de cultura de povo, nada foi “montado” e “ensaiado” para o evento, as pessoas convidadas foram mostrar o “seu saber”. Cantos, músicas religiosas e não, confecção de instrumentos de trabalho, arte doméstica, jogos, falas em dialeto, dramatizações de cenas do cotidiano de trabalho e em famílias; trataram de provar aos professores e autoridades que a cultura estava viva no seio da comunidade e que além do “símbolos”, era significativamente o maior registro de uma identidade étnica e cultural.

Os professores organizaram um “Livro de Cotiporã” com textos e desenhos da produção do curso e que foi considerado, pelo prefeito local, como o primeiro volume da Biblioteca Municipal que estava prestes a ser montada.

Dessa maneira a proposta metodológica do Estudo do Meio encontrava sua especificidade como enfoque etnográfico ao valorizar, em todos os segmentos estudados, a cultura local. Uma nova percepção do ensino dos “conteúdos” de História e Geografia, - na época “Estudos Sociais” - estava acontecendo naquele momento e com

uma dinâmica própria, fruto da crença de que é possível adequar de forma motivadora, desafiadora, lúdica e libertadora, um ensino voltado à realidade dos alunos, das famílias e das comunidades.

Em homenagem a esse povo acolhedor, a esses professores que não medem esforços para abraçarem uma causa em que passam a acreditar, ao entusiasmo dos alunos em descobrirem sua história na História, à cordialidade das comunidades sempre prontas a contribuírem com “seus saberes”, a este enfoque antropológico no ensino de História e Geografia, fruto do contato com esta cultura rica, plena de telurismo e presente, escolhi estas áreas de estudo e nelas desenvolvi a presente pesquisa.

3.2 - A Cultura Italiana

A região colonial italiana é facilmente identificada no panorama cultural sul-riograndense por possuir manifestações culturais específicas, que identificam o grupo étnico de origem. Algumas dessas manifestações são expostas ao grande público através de festas regionais vinculadas principalmente à vindima, tendo iniciado com a Festa da Uva em Caxias do Sul/RS, posteriormente ampliada a toda a região, com feições próprias em cada cidade e/ou comunidade, mas tendo muitos elementos em comum a que se denominam “tradição cultural italiana.”

Como fonte que alimenta a indústria turística regional, festividades populares da cultura de “origem italiana” tornaram-se atrativas e de larga aceitação no conjunto da oferta regional. São famosos e por demais apreciados os pratos da culinária, o canto coral, os grupos de danças, os jogos de carta e bocha, o vinho “colonial” produzido nas pequenas cantinas acompanhado de queijo e salames, a fala característica com acentuado sotaque, e muitos traços culturais agregados ao espírito expansivo e alegre de seu povo.

Como espécie de mercadoria exposta periodicamente em vitrine, os referidos traços culturais presentes nas feiras e festas vinculadas à produção agro-industrial, aliados aos costumes característicos do dia-a-dia, são transformados em atrações que encantam e fascinam visitantes. São, portanto, tradições identificáveis da cultura de origem italiana

(muitas vezes apresentadas sob o rótulo de folclore), tanto no espaço regional como através do tempo, o que remete, por vezes, a algumas interrogações:

- Serão esses os principais valores que de fato identificam a cultura do grupo étnico de origem italiana no Rio Grande do Sul?

- Essas manifestações são representativas de seu cotidiano de vida e de trabalho, ou são representações simbólicas utilizadas nos momentos festivos como oferta comercial e turística?

- Serão ainda resquícios da cultura transplantada com a vinda dos imigrantes, ou são tradições criadas aqui, com elementos originários da Itália?

- A escola, nessa região, proporciona um espaço para o estudo das manifestações culturais de seu grupo étnico majoritário ou ela tangencia essa questão, utilizando-se apenas dos textos resumidamente encontrados nos livros didáticos?

- Os órgãos oficiais de educação e/ou de cultura dos municípios (SMECs) ou do Estado (DE) e mesmo as Universidades que atuam na região oferecem subsídios para embasar o conhecimento dos professores quanto às manifestações culturais da região?

No tocante às questões da área cultural, o Estudo do Meio se consubstancia na busca de conhecimentos a partir da escola, reconhecendo as manifestações específicas da sociedade local, como resultado de uma tradição construída nas relações sociais, produtivas, religiosas e políticas, entre outras, que ali se travam.

Como tema de estudo, penso ver neste enfoque cultural, a contribuição para que se possa subsidiar a construção de um saber escolar partindo do meio onde vivem os alunos e seus familiares, dentro de um recorte de cunho etnográfico no ensino de História e de Geografia em sua fase inicial. Interesse-me, sobretudo, em procurar interferir, dentro dos limites desta proposta, no modo como o ambiente cultural do grupo abrangido é visto, pensado e estudado na escola e vincular a temática estudada com a cultura que se apresenta no cotidiano do meio.

Pozenato ao afirmar que a identidade não é buscada *no plano das manifestações externas mas no uso que existe por trás das manifestações*, procura ir mais longe que o plano das aparências e das celebrações. Assim, não considera as manifestações legítimas como uma cultura em “exposição”, mas como cotidiano das pessoas em família e em comunidade.

Como cultura, num sentido antropológico, as manifestações nascidas do povo não têm o mesmo significado que os recortes utilizados quando mostradas como “folclore italiano” ou “festas típicas”. Folclore é aqui entendido como idéia de um conjunto de manifestações culturais permanentes ou de tradições preservadas por um povo.

Como folclore representam apenas fragmentos simbólicos. Uma cultura residual de um tempo em que esta mesma sociedade sobrevivia isoladamente, não integrada a um processo dinâmico de economia de mercado ou de uma nova ordem social.

Como a sociedade regional foi construída na fusão de vários grupos oriundos de regiões diferenciadas da Itália, esta tradição, embora represente as manifestações do grupo vênето, não singulariza o conjunto do povo. Trata-se de um somatório de traços culturais como contribuição dos grupos originários e que se fundiram num processo de elaboração ou mesmo de “invenção” de uma nova referência cultural.

Os imigrantes construíram assim, nas condições em que se depararam após a chegada na região, o seu *ethos* cultural na “Mérica”. Uma cultura italiana aliada às novas condições de vida

Nesse novo modo de vida, na medida em que novos valores foram se agregando, criaram-se novas expressões resultantes das trocas culturais. Suas manifestações se fortaleceram numa cultura elaborada no conjunto do grupo, numa cultura que emergiu da construção das sociedades locais com simbolizações próprias e, como tal, exposta a constantes reelaborações.

Para Geertz, o *ethos* de um povo

...é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estático, sua disposição, e a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão do mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade.¹

O “ethos” a que Geertz se refere, se interpretado à luz da realidade da região colonial italiana, apresenta-se como um espaço construído coletivamente, que se operou num tempo mensurado (após a chegada dos imigrantes e a formação das sociedades locais), caracterizando-se como resultado de trocas culturais estabelecidas no seio da comunidade quando do incremento das interações sociais. Essas novas manifestações de cultura foram compartilhadas e legitimadas, de alguma maneira, por todos os integrantes dos grupos comunitários nas áreas ocupadas pelos imigrantes italianos, de vez que naquele momento todos pertenciam a uma mesma etnia e compartilhavam da construção coletiva de um novo espaço de vida.

Estudos realizados trataram de explicitar a construção dessa sociedade e cultura. Entre eles, salientam-se os de Rovilio Costa e Luiz Alberto De Boni, que se debruçaram sobre algumas sociedades formadas ao longo dos núcleos coloniais e realizaram pesquisas sobre a presença italiana no Brasil, prioritariamente no enfoque sócio-cultural. Os autores afirmam que o fator de abandono a que foram submetidos os primeiros imigrantes quando do assentamento nas recém instituídas “colônias” pelo governo do Império, foi agregador e afirmativo dessa nova identidade cultural, que passou, portanto, por um processo de recriação em um novo espaço.²

A partir do último quartel do século passado, como resultante de um modo peculiar de fixação à terra e de desenvolvimento de grupos que, ao refazerem a vida na “Mérica”, tinham ainda presentes os traços culturais de suas culturas originais, tais grupos criaram ou “inventaram” uma unidade cultural nova e particular: “a colônia italiana”, que resultou num novo cenário de manifestações culturais.

Olivem, ao focar a questão da tradição num ambiente cultural em constante mutação, principalmente neste fim de século em que há uma tentativa de aproximação das culturas, aponta a tradição como uma referência que permite o reconhecimento das “identidades” que são originárias ou construídas em diferentes sociedades. Ainda

segundo o autor, muitas dessas tradições foram inventadas a partir de determinado momento histórico e passaram, através do tempo, a ser aceitas e reproduzidas como próprias e até fazem parte de um conjunto de manifestações tidas e difundidas como “tipicamente italianas”.³

Essa mesma cultura italiana ou italianidade, que se mantém viva através da memória e das manifestações encontradas no cotidiano das pequenas comunidades, passa a ser relevante quando o Estudo do Meio propõe a iniciação ao ensino de História e de Geografia nessas regiões etnicamente diferenciadas. Considera-se que os alunos terão oportunidade de estabelecer os primeiros contatos com o conhecimento histórico, através da relação entre o tempo presente e vivenciado, com o tempo vivido pelos seus antepassados que construíram a história de seu espaço de vida, de seu meio e, portanto de sua cultura. Essa mesma história vivida é rica em memórias, detalhes, e principalmente em emoção, que a tornam, por sua vez, curiosa e interessante.

Ao enunciar os elementos essenciais presentes na construção dessa identidade cultural italiana, Oro inicia pelo “*talian*”, talvez a mais perceptível dessas construções e/ou invenções culturais por ser o modo de falar ou “*dialeto*” integrador do grupo étnico, criado no Brasil. Representa, nesta concepção, a fusão de diversos “*dialetos*” provinciais mesclando termos da língua portuguesa. No decorrer do trabalho de pesquisa, vários textos, principalmente no conhecimento dos elementos do meio natural, os alunos citam palavras em “*italiano*”.⁴

O *talian* contribuiu para a preservação de um conjunto de manifestações culturais até hoje identificadas como vinculadas à etnia italiana, entre elas, o canto, as orações, a história oral, o jogo, os “*causos*”, a escrita, a comunicação no grupo familiar e comunitário.

Outro elemento apontado por Oro é a relação familiar patriarcal, que se constitui numa aceitação incontestável da força simbólica de poder que emana dos *noni* (avós), depositários de uma tradição de cultura familiar que se configura como sabedoria, vivência, experiência acumulada, manejo político das relações sociais, entre outras, e que se traduz num profundo respeito “aos mais velhos”.

É ali, no seio da família, que os valores étnicos e culturais se reproduzem. Ali também aliando-se a essa memória e vivências dos “mais velhos”, é que o Estudo do Meio se fortalecerá e terá campo de investigação, com alunos e professores, buscando estabelecer relações espaciais, temporais e grupais que irão fornecer elementos expressivos para a reelaboração, no espaço escolar, do conhecimento de uma cultura de meio.

Ao priorizar o meio cultural e suas manifestações, que perpassam os temas geradores, como forma de conhecimento de uma cultura de grupo familiar e comunitário, o estudo visa compreender, com os alunos, o significado e a importância das ações humanas, que são consideradas também como culturais.

No tocante aos ensinamentos de História e de Geografia, ao despertar para o ato de criar e de transformar as ações humanas em cultura, os professores e alunos utilizar-se-ão das mais variadas criações culturais do homem em seu meio e atribuir, na escola, os seus devidos valores, pois para Freire, são culturais *todos os produtos que resultam da atividade do homem*.⁵

Ao procurar inserir no estudo as práticas culturais dos grupos familiar e comunitário, objetiva-se também fazer na escola um *abrir-se a alma* da cultura de um grupo como quer Freire. Envolver-se em seu cotidiano nas mais diferentes formas, constitui uma forma de compreender a História e a trajetória de vida de seu povo.⁶

A cultura que busco estudar e/ou representar no Estudo do Meio não se atém tão somente aos símbolos e representações constantemente visualizados e identificados nos grupos e sociedades etnicamente diferenciadas; não se encontra simplificada aos “hábitos” e “costumes” como a escola tem focado, mas sim a cultura que permeia o cotidiano de trabalho, das relações familiares e comunitárias que se apresenta singular na construção histórica de seu povo/grupo. Apesar das modificações que perpassam as gerações, nem todos os traços culturais permanecem, mas mesmo assim muitos ainda lhes prestam identidade.

É ali, no seio da família, que os valores étnicos e culturais se reproduzem. Ali também aliando-se a essa memória e vivências dos “mais velhos”, é que o Estudo do Meio se fortalecerá e terá campo de investigação, com alunos e professores, buscando estabelecer relações espaciais, temporais e grupais que irão fornecer elementos expressivos, para reelaboração, no espaço escolar, de conhecimento de uma cultura de meio.

3.3 - Como esta cultura chega à escola

A “italianidade” como forma de expressão da cultura italiana, que ainda se mantém viva através da história oral e da memória popular coletiva, principalmente entre os *noni* por constituírem a 2^a/3^a geração dos imigrantes, é o recorte que se faz, ao se propor a iniciação ao conhecimento histórico e geográfico. Ela poderá se manifestar através do estudo das diferentes áreas que compõem o Estudo do Meio, como passo a expor sucintamente:

No meio natural - os alunos passam a compreender a relação que se estabelece entre sociedade e o meio natural onde vivem e do qual tiram sua subsistência. Os hábitos de trabalho, as práticas no manejo com os elementos do espaço, os cuidados com a preservação do mesmo, identificam uma “cultura” de relações entre homem e espaço de vida. Em cada espaço habitado existe uma “geografia humana” peculiar mas mutável através do tempo.

No meio histórico - quando os alunos passam a perceber que o “hoje” vivenciado por eles, em um mesmo espaço, foi diferente em outros tempos e que a sociedade conhecida e compartilhada por eles já teve outras feições; somente o estudo de História lhes possibilitará a compreensão dos tempos que marcaram a vida de seu povo. Cada tempo construído foi acrescido de novos elementos e/ou manifestações culturais pertencentes a uma cultura anterior.

No meio econômico - são formas diferenciadas de como as pessoas, famílias e comunidades vivem e/ou viveram em outros tempos. As relações que se estabelecem em

torno das atividades de trabalho, produção, comércio, transportes, comunicações e serviços evidenciam diferentes manifestações que dão visibilidade à cultura do meio. As diferenças sociais decorrentes de uma cultura de trabalho e de exploração de quem o realiza, principalmente dos trabalhadores menos qualificados, identificam a maneira como essa relação é tratada culturalmente no meio.

No meio político - trata-se das diferentes formas como se identificam as lideranças locais, autoridades constituídas e poder delegado pelo povo e como elas interferem, como construíram no passado e realizam conquistas no presente, que revertem em benefícios coletivos resultantes de uma ação política que se converte em demandas do grupo, e como tal, revelam o nível de cultura política do mesmo.

No meio social - estudam-se a cultura dos grupos formadores da sociedade do meio e de suas múltiplas formas de convivência social, da constituição das classes sociais que prestam identidade social e das manifestações da cultura inerente a cada um dos membros do grupo.

Essa cultura vivenciada no cotidiano do espaço familiar e comunitário através de seus hábitos e costumes, é rica em manifestações e sentimentos, o que a torna bastante curiosa e instigante, se bem motivados os alunos a irem ao seu encontro.

Em sondagem realizada visando a elaboração do projeto de pesquisa com quatorze professores dos municípios de Bento Gonçalves e de Farroupilha, estes forneceram informações relevantes para a discussão sobre a importância do conhecimento das expressões de cultura do grupo comunitário, como forma de trabalhar com os alunos questões vinculadas à cultura do povo e de seu meio.

Todos os professores consultados foram unânimes em afirmar que durante o curso de formação de magistério não receberam nenhuma informação sobre a cultura italiana em seus respectivos municípios. Numa região em que as manifestações culturais de origem italiana são tão expressivas e cultuadas como produtos da oferta comercial e turística da região e de motivação para festas e feiras regionais, chama a atenção o fato de que os sistemas educacionais não tenham até aqui dado ênfase ao estudo desses aspectos

culturais nos currículos escolares tanto do primeiro como do segundo graus. Essa realidade evidencia que a escola prega em seus objetivos pedagógicos a adequação do estudo “ao cotidiano”, “às vivências” e “à realidade” dos alunos, mas que na prática não enfatiza as questões culturais de seu meio e região.

Quando solicitados a organizarem representações artístico/culturais, os professores, geralmente preparam atividades de canto, danças, dramatizações, textos e outras, para serem “apresentadas” em festas na escola e na comunidade, como “números artísticos”, visando contribuir para abrilhantar estes momentos com a temática da cultura italiana. São atividades episódicas que não fazem parte de um trabalho contínuo tendo como ênfase a cultura de seus grupo e de seu meio.

Todos os professores consultados consideraram como de suma importância a introdução de estudos culturais e sociais sobre a cultura italiana nas escolas da região.

Conforme a professora Maria D. Moretti, de Farroupilha: *Não podemos esquecer a cultura e o trabalho dos nossos antepassados. Os jovens de hoje precisam conhecer e valorizar o sacrifício, o sofrimento e o trabalho que os imigrantes tiveram.*

Em conformidade com as falas dos professores consultados, a cultura italiana somente é lembrada em épocas especiais como:

- hora cívica;
- festas do padroeiro da comunidade;
- festas e comemorações esporádicas
- semana do município;
- dia do colono;
- feiras e festas de vindima.

Questionados novamente sobre como trabalham a cultura italiana em sala de aula com seus alunos, ou os preparam para estes momentos festivos, os professores revelaram que se valem dos mais diversos recursos:

- entrevistas diversas;
- observações de fotos antigas;
- consultas bibliográficas;
- cantos, dramatizações, filmes;
- uso da memória popular.

Quase todos se valem de recursos próprios, pois a escola dispõe de pouco material para prestar apoio a este tipo de pesquisa.

Como pode-se perceber, os professores sentem necessidade de trabalhar aspectos da cultura do meio e do grupo de origem italiana junto aos seus alunos. O que dificulta o andamento e a continuidade dos trabalhos é o pouco material disponível e a falta de informação/formação sobre o assunto.

No tocante à cultura do grupo etnicamente identificado como “italiano”, por falta de uma presença positiva tanto por parte dos órgãos de educação e de cultura, como dos centros de ensino superior, com o objetivo de prestar apoio e oferecer subsídios ao seu conhecimento, parte significativa dos professores se vale de textos didáticos para alicerçar o trabalho pedagógico.

Para melhor entendermos como esta cultura chega até as escolas nessas comunidades da região colonial italiana, buscamos estudar e analisar os valores culturais e étnicos que são enfocados através dos mesmos. São esses os textos que subsidiam os professores e, por vezes, representam as únicas abordagens que a escola faz sobre a cultura regional.

Foram escolhidos seis autores e sete obras que compõem, até o momento, a oferta de livros didáticos distribuídos pelos órgãos oficiais e chegam até as escolas para serem escolhidos e posteriormente trabalhados junto aos alunos. Alguns deles encontram-se fora de edição, mas mesmo assim, avolumam-se nas bibliotecas escolares e servem como fonte de pesquisa tanto para os alunos como professores buscarem elementos com o objetivo de compor seus textos a serem distribuídos.

Retirei desses textos elementos que possam identificar as contribuições de ordem econômica, social e cultural dos imigrantes italianos para a formação do Rio Grande do Sul, estudados como conteúdos de História nas séries iniciais, percebendo como essa cultura chega até a escola de forma estereotipada, sendo posteriormente trabalhada com os alunos, de maneira que os mesmos respondam da mesma forma através dos exercícios que os acompanham e que visam reproduzir as afirmações dos autores.

No livro *Terra Gaúcha* de Elva Verlang Kramer, capítulo 14 - *Folclore e Tradição*, a história cultural dos imigrantes se resume a quatro parágrafos:

Influência Italiana

Os italianos que aqui chegaram a partir de 1875, também trouxeram novidades. Introduziram o acordeão e jogos de carta como bisca, trisete, quatrilho, escova e outros... Implantaram hábitos alimentares como o consumo de massas, polenta e vinho. Muito religiosos, trouxeram o costume de comemorar boas safras com festas, sempre iniciadas por uma missa. As casas com porão e sótão e o telhado com tabuinhas são contribuições italianas à nossa cultura⁷

Esses aspectos citados pela autora não configuram uma contribuição cultural que se reelabora constantemente, mas aspectos simbólicos tidos muitas vezes como folclóricos, ou interpretados como uma tradição trazida pelo grupo.

Adiante, no mesmo livro, capítulo 25 - *Segundo Reinado - Presença Italiana* - a autora acrescenta mais um texto sobre a questão da imigração italiana, que deveria anteceder o primeiro, pois o tema da chegada situa-se, numa ordem de “lições”, posteriormente à contribuição cultural.

Dedicaram-se à agricultura, trouxeram uvas selecionadas e instalaram aqui pequenas fábricas de vinho. Deram uma importante contribuição para o desenvolvimento agrícola e industrial de nosso Estado. Várias de suas tradições foram incorporadas às nossas. Naculinária, por exemplo, introduziram o espaguete, a mortadela e o salame, além de queijos, manteiga, saladas e pão de trigo. Diversas cidades gaúchas tiveram origem na colonização italiana.⁸

Num outro título, *Rio Grande do Sul - Estudos Sociais*, a mesma autora, na *Unidade II - Nossa Gente*, capítulo IX - *Imigrantes* - produz um outro texto sobre a imigração italiana, sob o título *Imigrantes Italianos*. Lemos:

Os italianos trouxeram hábitos, canções, crenças que foram incorporando à nossa cultura. Por exemplo, o hábito de comer massa, galeto, queijos e tomar vinhos.

Atualmente, todos os imigrantes encontram-se perfeitamente integrados na comunidade rio-grandense. Aos descendentes de portugueses deve-se principalmente o desenvolvimento da pecuária. Os descendentes de alemães e italianos tem sido responsáveis pelo crescimento da agricultura e da indústria.⁹

No penúltimo parágrafo, Kramer registra: *atualmente todos os imigrantes encontram-se perfeitamente integrados na comunidade sul-riograndense.*¹⁰ Esquecendo de mencionar que apenas os que imigraram mais recentemente - muito raros nessa região - encontram-se integrados, uma vez que os imigrantes de 1875 ou de 1878 ou imediatamente posteriores a esse período, certamente já faleceram e seus “descendentes” é que se encontram “integrados”.

Mesmo assim, vale registrar que muitos descendentes de 3^a, 4^a ou até 5^a geração, integram também hoje, à massa de sem terras, ou deram continuidade à “caminhada” migratória indo buscar terras em Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Acre, Roraima, Pará, Maranhão, Tocantins, Bahia, etc.; ou habitam as periferias das grandes cidades, vivendo de pequenas atividades ou sub-emprego, e que nem sempre podem ser considerados como *perfeitamente integrados na comunidade sul-riograndense* a não ser segundo os critérios da nacionalidade e naturalidade.

No tocante à cultura do povo do Rio Grande do Sul, a autora, em capítulo específico, menciona apenas o tipo gaúcho tradicional que vive no pampa. Como sabemos, um tipo idealizado e ideologicamente mitificado. Os demais grupos formadores do povo rio-grandense foram excluídos de seu texto, como de resto faz o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

No livro de Gladys Hadda C. Vieira - *Rio Grande do Sul - em Estudos Sociais, Unidade III - O Rio Grande do Sul e sua História*, encontra-se o seguinte texto:

Dedicavam-se ao cultivo da uva, à produção do vinho, à criação do gado, especialmente suíno e às culturas de milho, de soja e outros. Localizaram-se nas encostas dos morros e na zona da serra e com seu trabalho criaram fontes de riqueza para o Rio Grande do Sul.¹¹

O texto de Vieira não menciona a contribuição cultural dos imigrantes. Quando aborda a cultura deste Estado, no capítulo V - *O Gaúcho - Homem do Rio Grande do Sul*, destaca tão somente o tipo pampeano com seus usos e lendas como se os representantes das diversas etnias colonizadoras e de origem européia mais recente, em nada tivessem contribuído para a formação do *Homem rio-grandense*. Mais uma vez privilegia-se a figura simbólica em detrimento de um contingente maior de “gaúchos” que habitam outras regiões do Estado.¹²

Para um aluno da região colonial italiana, como caso desta pesquisa, a autora retira toda e qualquer possibilidade de entendimento de que os gaúchos de origem italiana, formam também a identidade cultural “gaúchos”. Reforçando, portanto, a idéia de que existe, com certeza, os “gaúchos” e o “Gaúcho”. Essas posturas excludentes ferem, por vezes, o entendimento das crianças de que gaúchos somos todos nós. Ao mirarem-se nos exemplos dos livros, percebem que o “Gaúcho” é um tipo à parte, vivendo em um território exclusivo, com uma história distinta e uma cultura específica.

De Igor Moreira em *Estudos Sociais do Rio Grande do Sul*, no tema *Os Imigrantes*, lemos o seguinte texto:

*Hoje em dia, a região colonial italiana é famosa no Brasil inteiro pela qualidade de suas uvas e pelos vinhos que produz. Os vinhos rio-grandenses são vendidos para diversos lugares do Brasil. As cidades de origem italiana, principalmente Caxias do Sul, possuem muitas indústrias malharias, mobiliários, metalúrgicas e outras.*¹³

Na mesma obra, sob o título *Nossas Tradições*, o autor acrescenta:

*Aos imigrantes devemos o hábito de beber vinho e o gosto de comer massa, queijo, pizza, galeto e polenta. Eles também nos ensinaram algumas danças e canções.*¹⁴

Como contribuição cultural, ou mesmo como tradições, conforme o título, o autor acrescenta a “pizza” aos cardápios de Kramer e Vieira, como se a cultura se restringisse, embora facilmente identificável, aos hábitos culinários. Salienta também que a cultura italiana produziu danças e canções, que foram ensinadas aos demais gaúchos, sem ao menos ter a preocupação de citar algumas delas, para que melhor fossem identificadas pelos alunos.

Luiz Moraes Koteck em *Conhecendo o Rio Grande do Sul - Estudos Sociais*, na Unidade II - *Formação Histórica do Rio Grande do Sul*, tema: *Os Bravos Imigrantes*, também faz referência à colonização italiana:

*Os colonos italianos adotaram inicialmente um economia voltada para seu próprio sustento, ou seja, de subsistência. Faziam artesanato de ótima qualidade e também dedicavam-se à agricultura. Seu principal produto agrícola era o milho, que servia de alimento tanto para as pessoas quanto para os animais. Mais tarde introduziram a cultura da uva e a produção do vinho. Atualmente a região italiana é considerada uma das mais ricas do nosso Estado. Suas uvas são da mais alta qualidade e os vinhos são dos melhores que o nosso país conhece.*¹⁵

No capítulo III - *Cultura e Folclore no Rio Grande do Sul*, o autor, assim como os demais anteriormente citados, faz referência a um mesmo “gaúcho”, destacando costumes, lendas e danças, além de mencionar nomes do campo das letras e das artes.¹⁶

Em um outro livro, de Fátima Flores Jardim: *Rio Grande do Sul - Educação e Senso Crítico*, na Unidade II - *História* - cap. 9 - *Rio Grande do Sul* - juntando-se aos demais livros didáticos que chegam até nossas escolas via FAE, também faz referência à imigração italiana.

*Logo que chegaram, os italianos se dedicaram à agricultura e atividades artesanais. Necessitavam plantar para se alimentarem, pois foram habitar em locais distantes. Naquela época as pessoas demoravam dias para chegar à capital ou alguma outra cidade onde tivesse comércio. O principal produto era o milho, pois servia para alimentar as pessoas e os animais. Só mais tarde se dedicaram ao vinho que foi muito bem aceito aqui no sul, como nos demais estados do Brasil.*¹⁷

Mais uma autora pontua a economia como o principal aspecto que marca a presença italiana no Rio Grande do Sul, salientando, como nos demais autores vistos anteriormente.

Quanto à cultura, nada foi registrado sobre a participação dos imigrantes e seus descendentes na formação sócio-cultural do Rio Grande do Sul. Por outro lado, a autora não levanta em momento algum do texto, questões que possam desenvolver o “senso crítico” como indica pretensiosamente o título do livro, ou despertar, no aluno, idéias complementares às expostas.

Assim como nos demais livros revistos, o modelo cultural do Rio Grande do Sul refere-se apenas ao “gaúcho” concebido pelos tradicionalistas e que sabidamente não levam em consideração aos povos mais recentes como formadores do “tipo humano” que empresta identidade ao Estado.

Por último, mais recentemente foi distribuído às escolas do Rio Grande do Sul o livro - *Rio Grande do Sul - Estudos Sociais* -, de Júlio Quevedo, Marlene Ordoñez e Geraldo Sales (sem data de edição), no tema *Nosso Estado - Nossa Gente*, no item que se refere à imigração italiana, os autores registram:

*Os italianos introduziram o plantio da uva e a fabricação de vinho. A vinicultura deu impulso econômico à região, encontrando mercado de consumo em todo o País. Hoje, os vinhos riograndenses são nacionalmente famosos.*¹⁸

Como nos textos anteriores a contribuição dos italianos se restringiu à plantação de uvas e à produção de vinhos.

No tema *Rio Grande - Popular e Pitoresco*, no item *O Imigrante*, (p.47), os autores afirmam:

*Os italianos, expansivos e alegres, nos ensinaram que boas safras e colheitas são excelentes motivos para festas. A música tocada com gaita foi difundida por eles em nosso Estado. A primeira fábrica foi inaugurada em Veranópolis.*¹⁹

Desta forma, os autores referem como “popular” ou “pitoresco” as festas de colheita, a música tocada com gaitas e a fabricação das mesmas, como contribuição dos italianos para a cultura do Rio Grande do Sul.

Estabelecendo uma relação entre os vários autores citados e seus respectivos textos, que chegam até as escolas da região colonial italiana, pode-se tirar algumas conclusões:

1) Apenas uma autora, Kramer, deu ênfase, embora fragmentada e estereotipada, a aspectos da cultura trazida pelos imigrantes que contribuíram para o panorama cultural do Rio Grande do Sul. Quando referem-se a essa contribuição os autores citam a culinária e o vinho como fatores mais expressivos. Um deles cita cantos, danças; outro, cantos e crenças, sem elucidar quais são as manifestações referidas. Complementando, o último autor registra as festas e gaitas como elementos ligados à cultura italiana,

revelando falta de conhecimento ou de pesquisas que auxiliem em suas “afirmações” nos textos didáticos.

Sabe-se que os elementos citados ou traços culturais registrados pelos autores, também estão presentes nas manifestações culturais da região colonial italiana, mas o universo de valores e expressões é muito mais amplo e rico e sem a contribuição e preparo dos professores para criticar estas situações apresentadas aos alunos, eles reproduzem as palavras dos autores como conceitos recebidos na escola e com uma visão estereotipada de seu grupo social e cultural. Como os autores se referem à macro-região, compete aos professores estabelecer uma relação entre os textos e suas realidades de meio.

2) Três autores nada apontam como participação e/ou contribuição do grupo étnico de origem italiana na composição dos elementos que prestam identidade à cultura gaúcha, sendo essa apenas representada por um tipo pampeano, ligado à região da pecuária e que foi guindado à categoria de “tipo característico” do Rio Grande do Sul. Numa sociedade pluralista e multicultural como a gaúcha, os povos que para cá vieram e compuseram este mosaico humano, merecem ser destacados, em sua diversidade e singularidade, como grupos formadores do povo e cultura gaúchos.

3) Nenhum autor cita a formação da sociedade colonial, como contribuição dos grupos imigrantes, restringindo-se apenas a citar cidades expressivas no panorama atual. As peculiaridades dessas sociedades coloniais, formadas distantes de seus países de origem mas com uma cultura transplantada, com suas dificuldades inerentes às condições de isolamento a que foram relegados sua disposição em transformar, pelo trabalho e persistência, esses espaços iniciais em sociedades modernas, não foram considerados relevantes para o conhecimento dos alunos.

4) No tocante à contribuição econômica, que todos os autores enfocaram, os mesmos são unânimes em apontar a agricultura como atividade principal dos imigrantes, destacando a cultivo do milho e da uva. Também excluem desse conhecimento nos textos didáticos as relações de trabalho e de produção peculiares a essas sociedades e que se revestem, para os habitantes das mesmas, num valor maior.

5) Quanto ao trabalho industrial, todos se referem à fabricação do vinho. Apenas um autor menciona as atividades atuais que contribuem para uma nova feição da atividade econômica da região colonial, como a malharia, a metalurgia e a indústria moveleira, o que não exclui a importância e a presença da produção vinícola, retomada nas últimas décadas.

Sem dúvida, os textos que chegam às escolas da região colonial italiana e em, particular às comunidades que participam deste trabalho, são muitas vezes, os únicos elementos disponíveis para trabalhar com os alunos. No tocante ao tema da imigração e levando em consideração a imigração italiana, pouco contribuem para o conhecimento dessa história.

Notas do Capítulo 3:

¹ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas, p. 143

² DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 116

³ OLIVEN, Rubens George. A Parte e o Todo, p. 26

⁴ ORO, Ari Pedro. Mi Son Talian, in, Presença Italiana no Brasil, p. 614

⁵ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança, p. 57

⁶ Idem. Educação na Cidade, p. 110

⁷ KRAEMER, Eva Verlang. Folclore e Tradição, in, Terra Gaúcha, p. 76

⁸ Ibidem, p. 114

⁹ Idem. Imigrantes. Unidade II. Nossa Gente, in, Rio Grande do Sul. Estudos Sociais, p. 47

¹⁰ Ibidem. p. 47

¹¹ VIEIRA, Gladys Hadda C. O Rio Grande do Sul e Sua História, in, Rio Grande do Sul, p. 54

¹² Ibidem. P. 54

¹³ MOREIRA, Igor. Os Imigrantes, in, Estudos Sociais do Rio Grande do Sul, p. 48

¹⁴ Ibidem. P. 58

¹⁵ KOTECK, Luiz Moraes. Formação Histórica do Rio Grande do Sul, in, Conhecendo o Rio Grande do Sul – Estudos Sociais, p. 48

¹⁶ Ibidem

¹⁷ JARDIM, Fátima Flores. Rio Grande do Sul, in, Rio Grande do Sul – Educação e Senso Crítico, p. 156

¹⁸ QUEVEDO, Júlio, ORDÓÑEZ, Marlene e SALES, Geraldo. Nosso Estado e Nossa Gente, in, Rio Grande do Sul – Estudos Sociais, p. 39

¹⁹ Ibidem. P. 47

4 - A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA

*Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos.
Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando*

Freire

A metodologia de pesquisa escolhida fundamenta-se numa experiência pedagógica com uma abordagem que preconiza o estabelecimento de uma relação participativa entre o educador/pesquisador e um grupo de professores e alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, ao longo de um ano letivo, priorizando o envolvimento sistemático entre o proponente do trabalho com um grupo de estudos, em suas escolas, e com as respectivas comunidades onde as mesmas estão inseridas.

Escolher um método não é uma decisão fácil, uma vez que a atividade proposta compatibiliza-se com diferentes aspectos da pesquisa qualitativa. A escolha feita recaiu numa inserção, interação e vivência das diversas etapas do trabalho quando da realização da pesquisa, sendo as práticas dos professores discutidas e construídas em grande grupo, em seu cotidiano escolar, a partir de suas experiências em classe e em comunidade, na realidade sócio-cultural onde vivem, tendo a etnia italiana como um elemento de identificação e de agregação do grupo, constituindo-se numa desafiadora experiência.

O método etnográfico, que ultimamente vem sendo utilizado em pesquisas educacionais, foi escolhido tendo em vista a adequação à forma de trabalho sugerida e por apresentar-se como uma alternativa metodológica adequada à prática pedagógica da pesquisa, tendo como referência a realidade vivida pelo grupo de professores e a percepção dessa mesma realidade por seus alunos num contexto cultural amplo.

A problematização de uma situação pedagógica não pertence apenas ao educador/pesquisador que a propõe, mas sim implica numa investigação participativa, integrando, numa mesma discussão e ação, os elementos envolvidos, no caso os professores, alunos e comunidades consultadas, tendo como mediador a realidade a ser

“conhecida” e pensada, não se atendo apenas ao que se passa no interior da escola como espaço pedagógico, mas na inserção que passa a ter na vida da comunidade.

No entender de Ludke,

... as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola.¹

A ação motivadora que propiciou a interação entre pesquisador e grupo, ocorreu através de um curso de metodologia do Estudo do Meio - A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvido no decurso de dois semestres letivos com a participação direta e efetiva dos professores, alunos e membros da comunidade. O campo de atuação, por sua vez, estendeu-se por dois municípios do Rio Grande do Sul - Bento Gonçalves e Garibaldi, formando-se dois grupos de trabalho integrantes da pesquisa, não visando, entretanto, um estudo comparativo entre os mesmos, mas uma intercomplementariedade na consecução dos termos da proposta.

Esta, por sua vez, buscou intercalar sistematicamente, nas diferentes etapas, discussões teóricas com os professores sobre os temas que compõem as etapas sugeridas e as práticas posteriormente realizadas como atividades pedagógicas com seus respectivos alunos, na forma de temas geradores. A cada um dos encontros durante a realização do curso, num total de dez, correspondeu um tempo para a concretização de um exercício prático e uma avaliação contínua e sistemática do progresso das experiências e dos resultados obtidos.

Os professores participantes, por sua vez, freqüentaram um curso em seu próprio espaço de trabalho e com isso tiveram a oportunidade de focar detalhadamente o meio em que atuam e no qual convivem com seus alunos, explorando e vivenciando-o numa interação direta entre os elementos teóricos pensados e discutidos e o âmbito comunitário, razão maior da motivação para desenvolver o estudo do Meio como um laboratório de um experimento pedagógico.

O referido curso, onde pude participar mais diretamente com o grupo, teve a duração de 80 horas/ atividades, sendo 40 delas realizadas na forma de encontros periódicos para estudos e discussões em grupo além do encaminhamento da experiência e as demais 40 horas distribuídas na orientação e acompanhamento das diferentes práticas com os alunos em suas respectivas escolas.

A cada encontro de estudos teóricos de 4 horas, correspondeu um período de aproximadamente 30 dias, intercalados, quando os professores desenvolveram experiências, nas escolas, com a participação direta das comunidades, sendo as práticas coletivas respostas dos aspectos discutidos durante a permanência em grande grupo.

4.1 - O trabalho junto aos professores

A minha participação enquanto pesquisador em termos de proposição, acompanhamento e avaliação dos resultados na pesquisa, ao longo de toda a ação investigativa, pode ser assim descrita:

1) Atividades periódicas/encontros com o grupo de professores, obedecendo em cada etapa de trabalho, à seguinte dinâmica:

- explicitação dos objetivos de cada etapa em conformidade com o tema gerador e seus diferentes sub-temas em que estavam decompostos;
- discussão do tema conforme as fichas de pesquisa;
- sugestões de atividades, sempre com a preocupação de não interferir no grupo no tocante a forma de discussão e de organização a ser provocada com os alunos visando a montagem do projeto e trabalho.

2) As atividades passaram a ocorrer na escola com os alunos reunidos em grupo e/ou equipes, sob a orientação e acompanhamento dos professores. A divisão dos temas geradores em sub-temas permitiu a distribuição dos mesmos entre os grupos, fazendo com que, desta forma, em todas as escolas, as turmas de alunos das séries iniciais participassem, seguindo uma elaboração do roteiro de atividades conforme a

metodologia de pesquisa adequada ao nível do grupo e a distribuição das responsabilidades e atribuições entre os membros.

3) os alunos, por sua vez, realizaram além das pesquisas teóricas na escolas, aulas-passeio na comunidade onde buscaram descobrir e conhecer, na prática e nos contatos com os moradores, os conteúdos dos temas estudados e discutidos em grupo.

4) A comunidade consultada em todas as etapas, contribuiu de forma efetiva e receptiva a todas às solicitações ao longo do trabalho, colocando à disposição da escola os seus “saberes”, vivências e memórias, oportunizando aos alunos e professores a reconstrução de suas falas na forma de atividade em classe.

5) Os alunos, ao elaborarem as conclusões, nas diferentes formas de expressão e linguagens, transformaram as informações obtidas quando da pesquisa bibliográfica, quando possível e das falas dos moradores em linguagem escolar, evidenciando, desta maneira, um conhecimento que não se restringiu à repetição e memorização de conceitos, mas a construção de seus próprios como consequência dos resultados das pesquisas.

6) Em sala de aula, o alunos elaboraram seminários temáticos, onde os grupos colocaram aos demais colegas as conclusões de seus estudos e pesquisas dentro dos sub-temas, com o objetivo de compartilhar com os demais colegas os seus saberes e vivências. A composição dos “livros temáticos” foi resultante do somatório das atividades em cada tema gerador.

7) Os professores, ao retornarem ao grande grupo no encontro mensal, apresentavam as experiências realizadas por seus alunos, estabelecendo uma forma de comunicação dos resultados em que relatavam: a forma de organização da atividade com a participação dos alunos; o desenvolvimento das mesmas conforme o planejamento dos grupos; amostragem da produção de cada grupo reunidos nos “livros temáticos”; avaliação das experiências realizadas; discussão, a seguir das propostas para a etapa seguinte.

Com isto, a observação e a ação participantes estenderam-se ao longo do tempo em que o educador/pesquisador e seus grupos de trabalho estiveram reunidos, atingindo e envolvendo a escola e a comunidade num processo cooperativo e interativo.

4.2 - Estrutura e desenvolvimento do curso/pesquisa

O espaço de investigação e discussão descrito anteriormente, deu-se através de curso/pesquisa como forma de permitir, devido a distância geográfica, ao observador estar presente, participando e acompanhando, nas diferentes etapas trabalhadas compondo assim, a temática do Estudo do Meio.

No encontro preparatório do trabalho com os grupos, em suas respectivas comunidades, tratou-se de colocar aos professores os objetivos do trabalho/pesquisa; formas de participação dos atores (professores, alunos, famílias e comunidade); metodologia de trabalho proposta pelo Estudo do Meio; embasamentos teóricos da metodologia; metodologia de trabalho; formas de envolvimento dos professores no trabalho e relato das atividades com os alunos; cronograma de atividades conforme as diferentes etapas; coleta de informações sobre as práticas dos professores com os conteúdos de História e Geografia (Estudos Sociais) nas séries iniciais.

As demais etapas/encontros que compuseram as fases da pesquisa foram distribuídas conforme a sucessão dos temas:

1º encontro - Abordagem teórica sobre a iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais. O Estudo do Meio como proposta metodológica e estrutura do curso/pesquisa. Considerações sobre o meio natural e a relação com a sociedade e cultura italianas. A divisão do estudo dos elementos da paisagem natural em temas geradores. Discussão da ficha sugestão - Terra.

2º encontro - Apresentação, discussão e avaliação da experiência realizada com o tema gerador - Terra. Cada professor relatou a forma de motivação e de proposição com os alunos; a condução do tema dentro da proposta de pesquisa; discussão sobre as maneiras

de realizá-las; contribuição dos grupos de trabalho e a realização das atividades no período

A segunda parte do encontro versou sobre a apresentação do 2º tema gerador - Água, e a respectiva ficha/sugestão de pesquisa. Sistemática esta que se repetiu nos demais encontros.

3º encontro - apresentação, discussão e avaliação da experiência com o tema gerador - Água, da mesma forma que o encontro anterior. Discussão do 3ª tema gerador - Planta e clima (ar)

4º encontro - apresentação, discussão e avaliação das experiências com os temas - Planta e Clima. Introdução ao conhecimento do meio econômico e 4º tema gerador - Trabalho.

5º encontro - apresentação do tema anterior. Discussão do 5º tema gerador - Produção

6º encontro - apresentação do tema anterior. Discussão do 6º tema gerador - Comércio.

7º encontro - apresentação do tema anterior. Discussão do 7º tema gerador - transportes.

8º encontro - Apresentação do tema anterior - Discussão do 8º tema gerador - A sociedade local e seus sub-temas.

9º encontro - Apresentação do tema anterior. Discussão do 9º tema gerador - Manifestações culturais do meio - cultura local.

10º encontro - Apresentação do tema anterior. Avaliação do curso.

Etapa complementar. Conclusão do trabalho com a distribuição de certificados de participação aos professores e de certificados de alunos - auxiliares de pesquisas - aos alunos. Atividade cultural de encerramento.

4.3 - Os locais de pesquisa

A escolha da área de estudo/pesquisa deu-se de forma deliberada, embora situada numa distância de mais de 200 km da cidade de Osório onde resido. Por ser nativo da região litorânea, de descendência portuguesa/açoriana e suas devidas mestiçagens com índios carijós e arachãs e elementos afros ali estabelecidos, este fato pode causar, num primeiro olhar, estranheza sobre quais os motivos e interesses por esta área tão diferente no espaço e na construção histórica, assim como nas relações étnico/culturais de minha região.

Conforme foi exposto no capítulo anterior - meu encontro com a cultura italiana - essa atração deve-se a dois motivos preponderantes:

O primeiro diz respeito à grande admiração pela força e intensidade da história da região/alvo, tão presente na memória de sua gente.

O segundo motivo refere-se a um reconhecimento: após tantas idas a essa região para ministrar cursos e participar de eventos, percebi que queria, de alguma maneira, retribuir o prestígio dado ao Estudo do Meio, na forma da inserção da cultura italiana neste estudo.

A presente pesquisa, como já foi registrado anteriormente realizou-se em dois municípios dessa área - Bento Gonçalves e Garibaldi - localizados na Região da Encosta Superior do Nordeste.

No que se refere ao município de Bento Gonçalves, dois distritos participaram da experiência:

- o primeiro deles, São Pedro, situado ao longo da Linha Palmeiro, foi alvo de uma escolha intencional, uma vez que já havia realizado um trabalho anteriormente nessa área a convite do Projeto Cultural Caminho de Pedra, servindo esse como forma exploratória embasando a proposta de pesquisa. Por motivo alheio à vontade do pesquisador, o material produzido pelos professores e alunos foi perdido o que invalidou parcialmente como área de pesquisa.

- o segundo, Faria lemos, ocorreu ao acaso, motivado tão somente pelo interesse demonstrado por um grupo de professores da Escola Estadual Ângelo Chiamolera em realizar atividades com a metodologia do Estudo do Meio.

Quanto ao município de Garibaldi, a escolha recaiu sobre o distrito de Marcorama por indicação do Sr. Secretário Municipal de Educação e a comunidade de São Roque Figueira de Melo, pertencente ao mesmo distrito, por interesse demonstrado por parte das professoras em participarem do curso/pesquisa.

4.3.1 - Para melhor conhecer a área

A imigração italiana para a América e conseqüentemente para o Brasil, no final do século XIX, ocorreu tanto na Itália como no nosso país por motivos econômicos e por extensão políticos e sociais. A Itália, em decorrência da unificação dos antigos estados ou reinos que remontam ao período medieval, concretizada entre os anos de 1870 e 1890, resultou em duas grandes transformações:

A primeira delas de ordem política, a unificação dos estados; a segunda, de ordem econômica, o crescimento e expansão do capitalismo.

Conforme de Boni e Costa:

À medida que progredia a unificação italiana., o sistema administrativo baseado em Piemonte e na Lombardia ia fazendo perceber suas conseqüências no país. O equilíbrio cidade-campo, onde era difícil distinguir a ordem agrária da industrial, e onde a produção industrial-artesanal se apresentava como componente de um sistema agrário, rompeu-se em curto prazo. Pouco depois o choque de duas economias tão díspares como a do norte e a do sul - estando decididamente previamente, pelo comando político, que o norte seria vencedor - provocou a crise do sistema de produção meridional, levando os estudiosos a resumir a unificação italiana como a conquista do sul pelo norte.²

Ainda, conforme os autores:

Com a destruição da pequena indústria de tipo artesanal- cujo produto complementava a renda familiar do agricultor -, a elevação dos impostos, acompanhados pela redução da quantidade do preço dos produtos agrícolas, houve uma rápida deterioração da situação no campo, com sinais de estagnação e até mesmo de regressão sócio-econômica.³

Como consequência imediata, ocorre a falta de condições de sustento às famílias, a redução do consumo de alimentos, doenças resultantes da subnutrição aliado às massas camponesas que deixavam o campo em busca de empregos nas cidades e que não o encontrando, aumentavam as dificuldades de sobrevivência.

O modelo econômico que se iniciava condenou massas de agricultores à miséria e à fome e com elas, ao desejo de deixarem sua terra natal e perseguirem o sonho da *cucagna* em outras terras que se mostravam promissoras no outro lado do Atlântico.

No tocante ao Brasil, a política colonial do início do século XIX que esboçava, através dos acordos e medidas tomadas quando da vinda da Corte portuguesa, o embrião de um novo país, reforçado com a independência e a consequente política imperial, trouxe como resultado, a longo prazo, a revisão do modelo monocultor, latifundiário e escravocrata. A culminância desse processo vem ocorrer com a abolição da escravatura e a necessidade de um novo sistema de mão-de-obra nas lavouras.

Por outro lado a necessidade de ocupação dos espaços vazios entre São Paulo e o Prata, mais precisamente em Santa Catarina e na Província de São Pedro, provocou uma mudança no sistema de ocupação da terra, dando início, ao lado das fazendas do sul, aos minifúndios coloniais.

A substituição da força de trabalho escravo e a não permanência dos africanos nas propriedades originais ensejou a busca de colonos imigrantes,- alemães primeiro, italianos posteriormente, - para substituir a mão-de-obra escrava nas lavouras de São Paulo.

O Rio Grande do Sul passa a receber entre 1824 e 1830 uma leva de colonos alemães localizados no vale do rio dos Sinos e em outras localidades, passando a ser considerado como referência inicial ao ciclo de imigração e de colonização no Brasil.

Em 1870, o presidente da Província de São Pedro, cria as colônias de Conde D'Eu e Dona Isabel, e dá início a vinda de imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul, iniciando no ano seguinte, a demarcação das terras a serem ocupadas.

A primeira tentativa em 1872 fracassa e a ocupação das colônias ocorre apenas a partir de 1875 entrando no Rio Grande do Sul entre este ano de 1914 um montante que varia conforme autores, entre 80 e 100 mil imigrantes italianos.

Essa vinda em sucessivas levas, motivadas pela propaganda imperial, alimentou o sonho de milhares de pequenos agricultores italianos de mudarem-se para o Brasil. O governo brasileiro cercou-se também de propostas tentadoras.

Conforme De Boni e Costa:

*A Província, conforme lei anterior, comprometia-se a transportar os colonos desde Rio Grande, hospedá-los, dar-lhes um auxílio inicial, derrubada e casa própria, instrumentos, sementes e assistência.*⁴

Como as promessas não foram cumpridas, os colonos ficaram desamparados nos interiores da serra gaúcha, passando toda a sorte de privações, conforme se verá nos textos que subsidiam as pesquisas nas escolas.

4.3.2 - Colônia Dona Isabel

Em 1870 foi criada a Colônia Dona Isabel pelo presidente da Província. Primeiramente conhecida como Cruzinha, a região já era conhecida pelos tropeiros que transitavam entre Montenegro e Lagoa Vermelha. Neste local situa-se a cidade de Bento Gonçalves e contava à época com uma pousada.

De acordo com De Boni e Costa:

*Os primeiros colonos italianos chegaram à localidade na véspera do natal de 1875, e foram povoando rapidamente a região: eram 248 em 1876; 2 431 em 1878; 9.604 em 1884, quando a colônia foi emancipada e, juntamente com Conde D'Eu, passou a fazer parte do município de Montenegro, como seu 4º distrito.*⁵

A emancipação política ocorreu seis anos após, formando o município de Bento Gonçalves.

Conforme Manfroi (1975:78) nos dados do Relatório do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1879, consta que a Linha Palmeiro possuía, em 1878, 698 colonos distribuídos em 185 lotes ocupados e, no mesmo anos, Linha Faria Lemos contava com 102 colonos em 57 lotes ocupados.

São Pedro - O distrito de São Pedro situa-se ao longo da Linha Palmeiro, uma das mais importantes linhas da Colônia, uma vez que ligava esta a Caxias desde os primórdios da colonização até a década de 70. Seus primeiros ocupantes eram originários da província de Belluno. No ano de 1884 já estava com seus lotes plenamente ocupados e sendo considerada uma das regiões de maior crescimento à época.

Faria Lemos - Criado em 1925 como 6º distrito com a denominação de São Roque, passando mais tarde a chamar-se Faria Lemos.

4.3.3 - Colônia Conde D'Eu

Em 1872, a colônia Conde D'Eu já possuía lotes marcados e foi, dessa maneira, a primeira a ser ocupada. De acordo com De Boni e Costa:

Em 1875 chegaram as primeiras levas de italianos que, em 1876 atingiram a cifra de 870; 1878, 2.500; em 1884, 6.603; em 1900, 12.870 e em 1920, 15.875.⁶

Em outubro de 1900 foi criado o município de Garibaldi desmembrando-se de Bento Gonçalves

4.4 - Comunidades, escolas e professores participantes.

No município de Bento Gonçalves, participaram as escolas das comunidades de Colônia São Pedro:

Escola Estadual Marechal Humberto Castelo Branco

Professores: Lenir Sostizzo Farina, Inês Paese Strapazzon, Simone Ana Dall'Osbel e Maristela Centenaro

Na comunidade de Faria Lemos:

Escola estadual Ângelo Chiamolera

Professores: Maritânia Giordani Cristofoli, Nelci Zaccaron, Carlos Baggio, Lucia Maria Petroli Enderle, Maria Petroli Bianchi, Neiva Roman Dal Pizzol e Denise Cristofoli Cavalli

No município de Garibaldi:

Distrito de Marcorama:

Escola Estadual São Marcos

Professoras: Janete Cristina Fachinelli Delazzeri e Iliete Agostini Facchinelli

Comunidade de São Roque:

Escola Municipal Vitor Meireles

Professoras: Mara Rossi Dresche Vanda Bortolini Pagliarini

4.4.1 - Os professores

Destaco alguns elementos relacionados com o grupo de professores com os quais trabalhei, com o objetivo de traçar um perfil profissional entre os que participaram do curso/pesquisa quanto:

Idade: 5 professores estão na faixa etária entre de 20 a 30 anos; 5 na faixa entre 31 e 40 anos e 1 professora com mais de 41 anos

Titulação: 10 professores possuem o curso de magistério de 2º Grau e 1 concluiu o curso de Auxiliar de Escritório

Titulação superior: 6 professores possuem 3º Grau completo, sendo:

1 Licenciatura Plena em História;

- 1 Licenciatura em Estudos Sociais e Geografia;
- 1 Licenciatura em Matemática;
- 1 em Pedagogia.;
- 1 Bacharel em Direito;
- 1 em Licenciatura Plena em Educação Artística e Artes Plásticas.

Cinco professores estão ainda cursando:

- 3 Pedagogia;
- 1 Licenciatura em Geografia e
- 1 bacharelado em Turismo.

Três professores possuem curso de especialização:

- 1 em Alfabetização;
- 1 em Folclore e
- 1 em Supervisão Escolar

Tempo de magistério: 2 professores possuem de 1 a 5 anos de experiência; 2 de 6 a 10 anos; 4 de 11 a 15 anos; 1 de 15 a 20 anos e 3 com mais de 21 anos de exercício de magistério.

Vínculo empregatício: 6 professores lecionam na rede estadual; 3 professores possuem vínculo simultâneo com as redes estadual e municipal e 2 professores trabalham somente na rede municipal.

Tempo de serviço na escola onde realizaram o trabalho com o Estudo do Meio: 5 professores tem até 5 anos de experiência nesta escola; 2 professores de 6 a 10 anos e 2 professores com mais de 10 anos de vínculo com a escola.

Vínculo com a comunidade onde trabalham: 10 professores residem na mesma comunidade e 1 reside no centro da cidade.

Relação com a cultura italiana: a totalidade dos professores são descendentes dos imigrantes italianos

Esses dados nos permitem concluir que os 11 professores que participaram do curso/pesquisa possuem uma boa formação pedagógica, em se tratando de formação de nível médio e, principalmente, superior. Todos possuem experiência no magistério e em escolas públicas, uma vez que estão vinculados às redes de ensino público. Atuam, também, a um tempo nas escolas da área do projeto e em sua totalidade, são descendentes de imigrante, estando, portanto, diretamente vinculados à cultura italiana.

4.4.2 - Os alunos

As atividades de estudos e pesquisas que envolveram os alunos das séries iniciais nas três escolas participantes do trabalho com a metodologia do Estudo do Meio, foram organizadas a partir das fichas de pesquisa (temáticas) conforme modelo em anexo, obedecendo a seguinte estrutura de trabalho:

Parte teórica: num primeiro momento, o estudo visou explorar o conhecimento (conceitos) que os alunos possuíam sobre o tema gerador em estudo, valorizando, desta forma o “saber” de que são portadores ao ingressar na escola, ou saber residual conforme os conteúdos já tratados para os que estão nas séries mais adiantadas.

Após a sondagem, seguiu-se a introdução do maior número de textos e outras informações possíveis sobre o tema em estudo, oportunizando aos alunos, contato com outros conceitos já elaborados pela pesquisa científica e que se encontra registrados nos livros e em outras publicações.

E, finalmente, a montagem com os alunos dos “livros temáticos”, compostos de textos, desenhos e outras linguagens visando a complementação dos conceitos adquiridos tanto no senso comum como na pesquisa bibliográfica.

Parte prática: divididos em grupos e/ou equipes para a realização das atividades na escola, os alunos realizaram pesquisas em conformidade com a abrangência de cada um dos temas geradores (conforme ficha em anexo).

Em algumas escolas os alunos foram reunidos no interior de uma mesma classe. Em escolas menores, onde cada professor trabalha com mais de uma série ou com reduzido número de alunos por séries, os alunos foram agrupados em níveis diferentes. Numa terceira modalidade, os professores reuniram duas turmas e desenvolveram o projeto, com grupos mistos, abrangendo todas as séries iniciais. Essas divisões foram iniciativas também experimentais dos professores, uma vez que cada um deles procurou desenvolver suas atividades em consonância com as especificidades de seu grupo.

Atividades dos grupos ou equipes:

a) Pesquisa

O estudo do Meio, como metodologia, visa interferir em questões tocantes à realização de pesquisas em sala de aula, uma vez que foi percebido durante a realização de investigação relativa a Dissertação de Mestrado, que os alunos utilizavam-se de cópias de textos e livros sob a denominação de “pesquisa”, sendo pois uma prática constante ainda presente na educação em todos os níveis.

Constatou-se por outro lado naquela ocasião e ao longo da prática com o Estudo do Meio, que os professores demonstravam interesse em fazê-lo de forma correta e motivadora, porém careciam de método apropriado à mesma o que levou à montagem de um roteiro de trabalho conforme o tema escolhido denominado à ocasião “método passo a passo” Marques e Marques (1987:24), posteriormente aplicado em outros cursos, o que levou-me a utilizá-lo também no presente estudo, uma vez que além de se constituir num roteiro de pesquisa, também orienta o planejamento e estrutura de um trabalho.

Etapas do método:

1º passo - Escolher com os alunos o tema gerador e/ou sub-temas que serão estudados na comunidade, entre as noções discutidas.

2º passo - Verificar junto aos alunos o conhecimento (conceitos) de que eles são portadores acerca do assunto escolhido.

3º passo - Escolher com os alunos, as formas de pesquisa mais adequadas ao tema escolhido.

4º passo - Preparar com os alunos as atividades que serão desenvolvidas.

5º passo - Realizar com os alunos as atividades propostas nos locais escolhidos para a realização da pesquisa. Organizar a aula-passeio quando da realização de visitas e passeios.

6º passo - Anotar com os alunos, nos locais escolhidos para a realização da pesquisa, as informações coletadas e as observações realizadas sobre o assunto que se está pesquisando.

7º passo - Discutir com os alunos os dados coletados durante a realização da pesquisa, aproveitando ao máximo as fontes de informações ou a coleta bibliográfica.

8º passo - Organizar com os alunos, em sala de aula, as informações coletadas sob a forma das multilinguagens: frases, textos, desenhos, mapas, colagens, cartazes, painéis, maquetes, dramatizações, etc.

9º passo – Avaliação: verificar a ocorrência ou não de aprendizagem, comparando os trabalhos realizados com os alunos e seus resultados, com os conhecimentos que os mesmos expressaram no início da atividade (2º passo).

Após a coleta dos dados e informações para a realização das pesquisas, os alunos, conforme a metodologia acima, organizaram a produção final do trabalho utilizando, para cada tema gerador atividades específicas.

Na fase conclusiva, foram organizados seminários sobre os estudos e pesquisas realizados.

b) Seminários

Os seminários foram introduzidos na proposta do Estudo do Meio, inspirados nas técnicas de Freinet, como forma de disciplinar no alunos, desde as séries iniciais, a organização, execução, conclusão e comunicação dos resultados dos trabalhos de estudos e pesquisas.

Os professores dividiram os temas geradores em sub-temas e estes foram distribuídos nos diferentes grupos de trabalho de maneira que cada grupo abrangesse um sub-tema evitando que todos fizessem tudo, mas ao contrário, desenvolvendo uma proposta de trabalho cooperativa que proporcionasse maior abrangência aos temas que os textos e exercícios rotineiros em sala de aula.

Competia, portanto aos grupos durante a realização dos trabalhos:

- montar a proposta e o roteiro de trabalho conforme as etapas do método de pesquisa proposto acima;

- coletar informações teóricas (bibliográficas) e na comunidade conforme o assunto pesquisado;

- visitar os locais escolhidos pelo grupo e entrevistar as pessoas fontes;

- montar textos, desenhos, mapas e outras atividades conforme os dados e informações coletadas;

- organizar, em cada grupo, a forma de participação e de comunicação dos resultados no seminário.

- a) realizar cópias dos textos produzidos para serem distribuídos aos demais grupos;

- b) apresentar os resultados nas diferentes linguagens conforme foi organizado pelo grupo;

- c) avaliar a atividade apresentando os aspectos positivos (destaques) e as dificuldades encontradas para realizá-las;

- d) responder aos questionamentos dos colegas com relação ao tema e as pesquisas;

- e) ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados;

- f) montar o “livro temático” conforme o assunto pesquisado.

Conforme depoimento dos professores, o seminário passou a ser o momento mais aguardado pelos alunos, uma vez que se estabelecia um clima de expectativa e de salutar competição pela qualidade do produto a ser apresentado e defendido pelo grupo.

Os livros temáticos, montados pelos alunos e/ou grupos, também foram de significativa importância para os mesmos, uma vez que interferiram na rotina de “quadro e caderno”.

É importante registrar, que os trabalhos em grupo não se constituíram em imposição metodológica, (muitos trabalhos foram realizados individualmente), mas uma forma de socializar a aprendizagem e de estabelecer vínculos de cooperação, participação e responsabilidades na classe.

Notas do Capítulo 4:

¹ LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, p. 14

² DE BONI, Luiz e COSTA, Rovilio. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 50

³ Ibidem.

⁴ Ibidem, p. 64

⁵ Ibidem. P. 71

⁶ Ibidem. P. 72

5 - O ESTUDO DO MEIO

O Estudo do Meio ou estudar a partir de referências existentes no meio onde se encontra inserida a escola ou onde vivem os alunos em família e em comunidade, não se constitui numa novidade no panorama educacional. Esta proposta e idéias atravessaram, pelo menos, três quartos do século recém findo. Vários autores propuseram em suas pedagogias ou em estudos e pesquisas, a tomada do meio como ponto de partida de uma longa caminhada na construção do conhecimento.

O que proponho neste trabalho não é a reinvenção do Estudo do Meio ou a sobreposição de conceitos existentes sobre o tema, mas abordá-lo sob um novo ângulo, com o meio como referência para pensar as relações de espaço/tempo e grupo que servem de ponto de partida quando da iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental

Uma *escola viva* era para Freinet uma escola que configurasse um contínuo natural das vivências dos alunos não somente na família, como também de suas experiências comunitárias. Em suma, do seu meio.¹

Freinet considera a vida *um campo fértil onde estão sempre a brotar riquezas e ensinamentos* e esses ensinamentos deverão estar sempre presentes no fazer escolar, uma vez que as pesquisas irão retirar, desse meio, o substrato para a construção de um saber social da própria criança.²

Afirma o autor que o meio proporciona um saber experienciado e que o papel da escola é repensá-lo na forma de um saber intelectual. Que as modificações nas concepções se façam de uma forma natural, espontânea, sem saltar etapas. Para tanto, Freinet coloca algumas exigências no tocante a construção desse processo, uma delas é fornecer à criança um conjunto de elementos de estudo voltados aos seus interesses e nível de compreensão e que esses mesmos elementos sejam maleáveis para que se possa atender a interesses individuais e coletivos.

Outra influência importante no meu trabalho eu credito à professora Ruth Ivoty Torres da Silva, que em 1951 no seu livro *Escola Primária Rural* preconizava o Estudo do Meio como referência de uma educação que atendesse às expectativas e necessidades das comunidades rurais, preparando os alunos para assumirem, no futuro, o papel de cidadãos.³

Toda escola deveria, por princípio, oferecer oportunidades de crescimento ao indivíduo e de ajustamento ao meio e com isso estaria oportunizando a consciência de sua posição em uma sociedade democrática.

Para Michaelis, em seu livro *Estudos Sociais para Crianças numa Democracia*, o foco é o aprimoramento da educação social das crianças enfatizando o desenvolvimento da cidadania entre as mesmas; o meio e o estudo da comunidade influem na qualidade do programa educacional interferindo não somente na aprendizagem da criança como na vida comunitária.⁴

Maldaner, no texto *A criança precisa entender o espaço o tempo e a sociedade* enfoca a necessidade das situações de aprendizagem serem voltadas ao entendimento do meio social onde vive a criança. Para tanto preconiza a autora que o local onde vive é a melhor forma de construir um entendimento sobre este meio social. Conforme a autora

*A criança, ao iniciar sua escolarização, traz consigo um conjunto de experiências formuladas através da convivência que mantém com outras pessoas no seu dia-a-dia. Tais experiências, verbalizadas pela criança retratam seus valores, condição de vida, conflitos, desejos, representando, ou não, o entendimento da realidade.*⁵

Ainda para Maldaner cabe à escola sistematizar o aprendizado da vida social pois nele a criança adquire noções básicas que são aprendidas intuitivamente.

Em 1987, Nidelcoff, em *As Ciências Sociais na Escola*, pontuava a necessidade da construção de uma didática que surja do professor, e, entre outras mudanças, preconizava a substituição de *receitas* por novos caminhos, mantendo os professores curiosos, criativos, fundada na comunicação e no encontro entre professores e alunos, no intercâmbio de experiências.

Para que isso aconteça, entre outras linhas gerais propostas pela autora, e que configuram um marco de referência para o ensino das Ciências Sociais na escola.⁶

Para Nidelcoff o Estudo do Meio, embora não sendo uma proposta nova, ainda não foi integrado às experiências nas escolas, atribuindo em parte aos professores a não realização desse método de trabalho, uma vez que a formação dos mesmos, através de um ensino retórico, carece de experiências que os lancem em um estudo integrado ao meio, além do próprio desconhecimento, por fatores diversos, da realidade onde está inserida a escola onde atuam mas nem sempre onde residem.

Também Freire, ao caracterizar a relação dialógica no ensino, trata de respeitar a visão de mundo de que os alunos são portadores dentro de um processo educativo, ressaltando que essa mesma relação prioriza a cultura do alunos e o conhecimento que ele traz para a escola. Recomenda que se faça um trabalho a partir dessa visão de mundo.⁷

Assim, o trabalho não pode ser feito através da prática costumeira de depositar conteúdos/informações nos alunos. A escola pública representa o espaço ideal para apreensão crítica do conhecimento e para tanto nada mais oportuno que uma relação dialógica.

Conforme o autor,

*É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências no mundo.*⁸

Beatriz Fischer, em seu texto *Desafio: ensinando a partir da realidade* parte das discrepâncias existentes entre os currículos escolares e as experiências de vida dos alunos e que caracterizam, entre outras, causa de repetência. Para a autora, tanto os currículos, por apresentarem visões fragmentadas, como os professores, por não estarem preparados para trabalhar com os alunos a percepção da realidade que os cerca contribuem para esta questão.⁹

Para Fischer pouco sabemos sobre como a criança lê e interpreta *o mundo* e, portanto, não basta que se proponha um ensino a partir da realidade das crianças sem compreender como as crianças percebem essa mesma realidade. Para tanto, sugere que se crie uma nova maneira de fazer escola.

Ainda conforme a autora, se a aprendizagem se constitui numa construção, o papel do professor é colocar o aluno frente à realidade que o circunda estimulando o questionamento, as interrogações e, sobretudo, respeitando as explicações formuladas pelas crianças.

5.1 – Estudo do Meio e a Escola

A escola não tem de ir buscar à vida a sua justificação: fazendo-a, reafirma o seu defeito de nascença, que consiste em impedir que a criança viva e se desenvolva no seu seio. Ela deve aceitar as crianças tais como são, basear-se nas suas necessidades e nos seus verdadeiros interesses - mesmo que estes estejam, por vezes, em contradição com os hábitos sociais ou com as idéias dos educadores -, colocar à sua disposição técnicas a fim de deixar que a vida se amplie, se desenvolva, se precise e se aprofunde livremente, ao máximo e dentro de toda a sua originalidade

Freinet

A relação teoria e prática na educação constante no pensamento de Freire motiva os professores a buscarem com seus alunos, partindo da realidade próxima em direção ao desvendar de contextos mais distantes, elementos de referência que possibilitem a reflexão desta mesma realidade, na escola.

Em se tratando da prática educativa, quando da iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais, o pensamento teórico, as leituras e reflexões não se sobrepõem às descobertas e experiências que se podem realizar com os alunos. Para Freire é ter, num contexto teórico, a atividade produtiva como uma forma de aliar a teoria e a prática.¹⁰

Nem todos os assuntos pertinentes aos conteúdos destas duas disciplinas podem ser levados ao campo prático com os alunos das séries iniciais, mas ao fazê-lo, estaremos

nos distanciando do verbalismo tão presente no ensino de História e Geografia, visando interferir nas práticas *historicamente* consolidadas de uso de exercícios de fixação, de questionários, de completar lacunas, de reprodução das sugestões dos autores, onde, por vezes, não são privilegiadas a criticidade, a análise e discussão dos fatos e contextos. Há que estabelecer-se referenciais para obtenção de resultados efetivos.

O Estudo do Meio, quando proposto em seu método de pesquisa “passo a passo” descrito no capítulo anterior (Metodologia) objetiva proporcionar aos alunos o ato da descoberta. Num primeiro momento parece aos professores que o adotam, difícil de darem conta de tudo, mas na medida que se inteiram, que organizam **com eles** as atividades, percebem a diferença entre o ato da descoberta e a repetição enfadonha de lições prontas e dos exercícios repetitivos.

A descoberta proporciona a alegria que vem embutida na revelação, como dizia um representante da comissão de alfabetização em Guiné-Bissau, *a descoberta é este momento que chega.*¹¹

Frequentemente os professores argumentam que os alunos não sabem planejar, que “não estão preparados para ...”, mas ao longo da aplicação do método, nos cursos que tenho ministrado, no decorrer da construção de suas pesquisas e relatórios, percebo uma significativa mudança na postura dos professores, confirmando que o fato de “não estarem preparados para...”, não é uma atitude que parte dos alunos, mas ao contrário, reflete a falta de sintonia dos professores com a capacidade criativa dos mesmos.

Nos primeiros exercícios, ouço dos professores as expressões calcadas no *eu*, tais como: “eu disse”, “eu mandei”, “eu determinei”, “eu organizei”, “eu propus”..., demonstrando que seu preparo didático, nos cursos de formação de magistério nem sempre contemplou as ações criadoras, bloqueando, por vez, a curiosidade, a experiência desafiadora, a inovação.

Nas etapas intermediárias vem o *nós*: “nós discutimos”, “nós combinamos”, “nós organizamos”, “nós fizemos”, comprovando, desta maneira, a possibilidade de apostar

no aluno, de delegar as mesmas responsabilidades, de abandonar a rotina, de compartilhar com eles um trabalho cooperativo.

A etapa final é a fase do *eles*: “eles propuseram”, “eles organizaram”, “eles decidiram”, “eles planejaram”, “eles executaram”. É a fase em que os professores se desenvolvem como orientadores da aprendizagem, não mais com atitudes centralizadoras. É a fase em que percebem que uma ação pedagógica pode ser construída conjuntamente e não necessariamente através de um plano *fechado* realizado previamente, em que todos os resultados esperados já estão determinados com antecedência.

Essa descoberta, que Freire cita como a *descoberta do coletivo*, é o momento de libertação da dependência do professor, do enriquecimento e crescimento individual, de propor de forma participativa e coletiva a construção de um saber que pertence a todos, indistintamente.¹²

Quanto aos professores, conforme Freinet, ao buscar insuflar o amor pelo ofício e pelas crianças dentro de uma busca de renovação,

*Eles descobrirão, da mesma forma, a sensibilidade, o equilíbrio, o domínio e a autoridade, fatores essenciais da eficiência e do êxito...*¹³

Essa percepção das possibilidades que surgem frente a uma atitude determinada em ir ao encontro do novo, em arriscar uma atitude desafiadora, é que mantém, ao longo do trabalho esse clima de entrelaçamento entre professores, alunos e realidade estudada.

O Estudo do Meio também preconiza a utilização de multilinguagens na elaboração do fazer pedagógico. Entre elas, preocupa-se com a produção de textos, visando uma *relação entre texto e contexto social* segundo Freire, utilizando o resultado das investigações realizadas pelos alunos em seu meio.¹⁴

Para esse tipo de expressão, busca-se inspiração na proposta do texto livre de Freinet, embora, nesta circunstância, o texto se configure como uma redação elaborada livremente a partir de um estudo. O que difere de Freinet, neste sentido, é que nem sempre a criança escreve apenas o que a inspira. O que busco, junto aos professores, é

despertar em seus alunos o desejo e a vontade de se exprimirem em conformidade com os temas em estudo, ao contrário de receberem um texto pronto para *estudar*.

A produção de textos torna-se uma constante e contrapõe-se aos encontrados em muitos livros didáticos citados anteriormente, onde, talvez por falta de uma releitura por parte dos professores da realidade enfocada, a *realidade* proposta, desenhada e descrita, passa a ser uma página de ficção, pois, na maioria dos casos, os elementos que prestam identidade a essa mesma realidade estão pré-estabelecidos, fugindo assim do meio experienciado pelos alunos. Muitos professores com quem trabalhei, frente a essa circunstância são omissos, não elaboram alternativas de adaptação ou não introduzem informações complementares, prendendo-se às mesmas palavras e situações descritas pelos autores.

Na produção de textos próprios, frutos de pesquisas e contatos diretos com a situação estudada, os alunos reproduzem, em sua linguagem, a percepção que tiveram do elemento estudado.

Penso, e a experiência tem apontado nesta direção, que o Estudo do Meio possa colaborar para a construção, senão de uma nova escola, o que seria muita pretensão, mas de uma escola criativa, prazerosa para a criança, uma escola que, como aponta Freire, *tenha uma postura, um modo de ser*. Esta postura passa, invariavelmente, pela valorização do saber infantil, fruto de suas experiências/descobertas/vivências em família e em comunidade, consistindo num elemento essencial para motivá-los ao introduzir-se no processo de construção do conhecimento escolar¹⁵. Um conhecimento não antagônico, mas compatível, complementar do outro que conforme Freire, se configura num *saber de experiência feito*, em um saber vinculado às descobertas realizadas, ao prazer em realizá-las.¹⁶

Neste sentido, o Estudo do Meio não busca premiar o senso comum ou o saber popular. A escola não está aí para cristalizar apenas concepções oriundas do povo. O que se procura é uma forma de discutir o saber popular como referência para a introdução de uma nova linguagem, de uma nova percepção de mundo e de realidade.

Um aspecto não invalida o outro, ao contrário, como afirma Freire, *é a partir dele que se alcança o exato*: esse mesmo exato corresponde ao conhecimento elaborado pela pesquisa científica, ou como consequência de uma reelaboração teoricamente pensada.¹⁷

No tocante à descoberta do meio, é através do estudo dos temas geradores de cunho cultural que o aluno passa a compreender a tecitura das relações que se travam em uma sociedade. Ele ali vive, conhece, participa, mas estudar esse mesmo meio é pensá-lo e decompô-lo em partes para refazê-lo posteriormente num todo, reelaborado em sua percepção de aluno/criança.

Quanto mais se aproxima do objeto de estudo, toca, sente, vê e percebe essas relações, mais facilmente constrói conceitos sobre o mundo em que vive e convive. Ao desafiá-lo a buscar nele informações para a construção de um conhecimento, os professores estarão propiciando uma percepção de mundo não estático, colocado no texto e na gravura do livro didático, imutável, posto. O mundo experienciado é dinâmico e de acordo com Freire, *pode ser mundo, transformado, reinventado*.¹⁸

Para esboçar os primeiros passos deste processo, inspirei-me nos ensinamentos de Freinet, uma vez que nas circunstâncias como se apresentava o projeto pedagógico das escolas pesquisadas, as técnicas pelo autor preconizadas seriam adaptadas a uma outra experiência, como se refere o autor:

*... ao modificar as técnicas de trabalho, modificamos automaticamente as condições de vida escolar e para-escolar; criamos um novo clima; melhoramos as relações entre as crianças e o meio, entre as crianças e os professores. E é com certeza o benefício mais importante com que contribuímos para o progresso da educação e da cultura.*¹⁹

No tocante ao saber do aluno, sua relação com o meio onde vive é fundamental ao Estudo do Meio, principalmente em se tratando de iniciação ao ensino de História e Geografia: o contato do aluno com esse mesmo meio, através da escola, e com as pessoas próximas a ele que lhes informarão, resulta num contato de trocas. Os saberes das pessoas nem sempre seguem a mesma lógica do saber cientificamente produzido, mas com certeza, atingem os mesmos objetivos ao explicá-los.

Essas pessoas-fonte, *mais velhas* ou idosas mesmo, em se tratando da história local, estão vivendo a plenitude de suas experiências, de suas construções, de suas interferências na vida local e, no entender de Freire, têm historicidade.

A revelação das ações individuais e coletivas nas famílias e nas comunidades como forma de organizar o saber escolar estão situadas em espaços identificados: “família”, “comunidade”, “município”, “região”; e em tempos mensuráveis: o “hoje” e o “antigamente”. Essas relações espaciais e históricas foram construídas pelo povo da própria comunidade objeto de estudo. Encontram-se, portanto, plenas de significados.

O trabalho com o Estudo do Meio, em sua extensão no conjunto da escola, propõe que essa deixe o seu espaço separado da sociedade e passe a ir ao encontro dela. Uma escola, neste sentido, mantém um diálogo permanente com a sociedade, pois dela se vale para elaborar seus estudos e pesquisas, numa espécie de laboratório vivo de construção de conceitos e por extensão, de saberes.

A escola assim pensada por Freire ao referir-se ao espaço de construção coletivo de um conhecimento, passa pela *articulação do saber popular com o saber científico mediados pela experiência do mundo.*²⁰

Estudar o mundo que circunda a escola encerrado em uma sala de aula, por vezes somente copiando do quadro e de outros textos, transcrevendo-o pronto conforme *lições passadas* e devolvendo-o igualmente em testes e provas, passa a ser repetitivo e enfadonho. Pertence a um outro tempo. Buscar as informações no meio circundante, ao contrário, é sair constantemente da sala de aula, com uma atividade devidamente programada, e com ela construir conceitos, passa também a ser uma atividade lúdica..

Neste sentido, o Estudo do Meio, faz com que a criança inicie seu conhecimento da relação espaço/tempo em sua própria realidade, procura complementar o uso do espaço escolar (sala de aula e outros) com o espaço da rua, do mundo circundante, mutável e dinâmico.

Conciliar a busca e construção de um saber em sala de aula, consiste numa tarefa a ser construída, pois interfere na rotina da escola. A experiência tem demonstrado, em situações anteriores, que os professores, após superarem as primeiras dúvidas e dificuldades, aproximam-se mais de seus alunos, vibram com suas conquistas, surpreendem-se com suas criações e estes, por sua vez, estabelecem uma relação de cumplicidade na busca do êxito, do fazer melhor, de obter resultados com maior vibração.

Freire se refere à construção deste mesmo saber como um processo difícil mas que por outro lado pode ser estimulante e bonito.

Experiências anteriores têm demonstrado que o Estudo do Meio pode proporcionar ao ato de estudar, a partir das descobertas de seu espaço e tempo familiar e comunitário, o mesmo sentido dado por Freire como *um ato difícil, exigente, mas que poderá se transformar em algo gostoso.*²¹

Assim como Freire, Freinet enfatizava uma educação libertadora como forma de o aluno ascender na aprendizagem e, mais importante, de forma criadora. Cabe, portanto, à escola proporcionar este espaço. Para o autor:

*... é preciso que a criança se torne sensível às motivações, que lhes trazemos, que compreenda que aquilo que tem a dizer agora é importante para a sua vida, para a vida da comunidade, no seio da qual deve já representar um papel de Homem.*²²

Cabe à escola, não só colocar frente aos alunos instrumentos e técnicas que permitam a reprodução da vida em sua plenitude, compatibilizando-os com os objetivos escolares, mas sobretudo, que sintam ser uma ação livre e original. Conforme Freinet,

*colocar à sua disposição técnicas a fim de deixar que a vida se amplie, se desenvolva, se precise e se aprofunde, ao máximo, dentro de toda a sua originalidade.*²³

Para Freinet uma escola deve desenvolver a inteligência da criança por diversos ângulos, seja no campo manual, artístico ou científico e para tanto não basta o discurso, a reprodução de idéias, mas estimular a criatividade baseando-se no trabalho e na experiência.

O Estudo do Meio, assim como em Freinet, propõe que se interfira no processo de aprendizagem de forma que o ensino de História e Geografia, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, parta das experiências individuais e familiares dos alunos, inserindo essas mesmas experiências no conjunto da convivência comunitária do meio. Fazendo com que desta forma, a transição do cotidiano dos alunos para a linguagem escolar, seja o menos dissociado possível e que os mesmos sintam que poderão construir ou refazer seus conceitos de espaço e tempo, tendo como cenário a vida em seu entorno e como atores, todos os membros vivos da comunidade.

Embora o presente trabalho não tenha como objetivo analisar, apontar alternativas no tocante ao currículo escolar, e sim posturas pedagógicas frente a esses conteúdos, é imprescindível penetrar neste campo, uma vez que lanço mão de conteúdos escolares ao desenvolver a prática proposta.

Como freqüentemente encontro professores valendo-se exclusivamente de textos e exercícios didáticos, embora nem sempre seguindo um livro ou autor específicos para atender demandas curriculares, percebe-se um distanciamento entre as situações preconizadas pelos autores nos textos e o contexto de vida dos alunos.

Trabalha-se certas categorias como família, comunidade, bairro, cidade, entre outras; sem situar os alunos e suas famílias nelas. São, por vezes, conceitos abstratos e alienados de sua própria experiência de vida.

No tocante ao Estudo do Meio, a construção das práticas pedagógicas, embora alicerçada nas listagens curriculares seguidas pelos professores e escolas, se dá primordialmente pelo diálogo contínuo com os professores e destes com outros interlocutores que possam contribuir no fazer escolar.

Para que se possa interferir nessas situações, o Estudo do Meio procura cercar-se de elementos teóricos que instrumentalizem os professores para o conhecimento/reconhecimento das relações espaciais e históricas e da dinâmica de vida

em sociedade, visando reverter, quando necessário, a postura ainda vigente, para produzir uma nova percepção dos conteúdos.

No que se refere à contribuição dos autores citados e estudados na construção deste experimento, procuro neles subsídios que embasem a relação aluno/escola/povo e meio, uma vez que suas pesquisas e/ou experiências no campo da pedagogia nas séries iniciais do ensino fundamental apontam nessa direção.

Subtraio dos mesmos idéias, experiências, lições de vida que me permitem refletir a proposta do Estudo do Meio e o papel da escola como elemento integrador e como espaço de produção de conhecimentos, reflexões e construção de diferentes leituras da sociedade.

5.2 – Estudo do Meio e os Temas Geradores

Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.

Paulo Freire

Objetivando aproximar a metodologia do Estudo do Meio com a pedagogia de Freire, considero a opção pela abordagem dos temas geradores como elemento essencial para que essa relação se concretize. A busca de uma via que coloque alunos e professores frente às suas realidades e dela retirem o substrato para a construção de uma leitura de seu mundo tanto em se tratando de espaço como de tempo e grupo, remete às suas experiências e reflexões.

A construção de um estudo realizado pelos alunos, inseridos em seus contextos de vida e com a participação direta de fontes de informações que se encontram neste mesmo meio, estabelece, no entender de Freire uma *intercomunicação* que ganha autenticidade através dos interlocutores que se põem a serviço da escola²⁴. Embora, num primeiro momento, o conhecimento se mostre empírico, essas fontes fidedignas compõem a memória local e contribuem com a percepção do “hoje”, ao mesmo tempo que os mais idosos são depositários da memória do “tempo-ontem”.

A leitura e a interpretação que o Estudo do Meio propõe realizar utilizando-se dos temas geradores, não quer dizer que os mesmos estejam sendo reproduzidos da mesma forma e nos mesmos contextos como foram pensados através das experiências de Freire. Resulta, sim, de uma leitura repensada na forma de aplicação e na especificidade desse estudo.

Em minha proposta, os temas encontram-se relacionados com a iniciação ao ensino de História e Geografia num espaço definido e intencionalmente estudado enfocando, por sua vez, a cultura peculiar ao grupo. A abordagem, assim como sugere Freire, tem caráter epocal, mas ao mesmo tempo ocorre numa relação espacial que vai da imigração (Itália) à região colonial gaúcha, portanto, um caráter de universalização dos temas, como sugere o autor.

Os temas geradores foram utilizados de maneira livre, adequados ao currículo existente, mas tratados a partir da experiência dos alunos.

A abordagem que se propõe ao longo do trabalho/pesquisa obedece a uma relação em que o todo visualizado no primeiro momento proposto, “tema gerador”, passa a ser decomposto em partes “sub-temas”, enfatizando sistematicamente a sua complexidade e posteriormente, numa nova tecitura, recompor esse mesmo *todo* inicial.

Em se tratando de iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, os assuntos propostos e estudados na forma de temas geradores partem do abstrato (formulação de conceitos) em direção ao concreto (o que pode ser visto e percebido *in loco*), o que extrapola a visão imediata e fragmentada - como vê-se no ensino dito *tradicional* -, do meio e recoloca a mesma questão em tempos distintos, mas intercomplementares.

Tomando-se o “hoje”, concreto e perceptível, como referência inicial aos temas, os alunos partem para a compreensão do mesmo tema estudado em um outro tempo (antigamente) não datado, mas com uma existência confirmada pela via da história oral.

Elegendo como exemplo de um tema gerador a produção, o que se vê geralmente nas aulas de Estudos Sociais ou mais recentemente História e Geografia, é uma listagem classificatória dos *principais produtos*, complementada com cartazes ilustrativos. No tocante ao Estudo do Meio, parte da produção local que pode ser estudada e explorada tal como se apresenta, envolve também o estudo das técnicas de trabalho, os instrumentos utilizados, formas de plantio, cuidados no trato com o produto, comercialização, transporte, os benefícios advindos da atividade produtiva, as relações de trabalho, os serviços complementares, entre outros sub-temas, que mudam de um tempo para outro diversificando-se em espaços diferentes. Passa a ser importante para o aluno compreender as transformações que ocorreram, perceber que o que foi moderno em um outro tempo hoje pertence aos museus, mas que em sua época teve grande utilidade e proporcionou avanços na forma de produzir. Essa relação precisa ser compreendida, uma vez que o sentido do tempo é elemento preponderante na construção da História, tanto quanto o *local* se refere a Geografia.

Como tema gerador, o estudo de um elemento da produção local gera, como se viu, multifocos e este ir e vir tanto no espaço como no tempo constitui, para Freire *a superação do abstrato com a percepção crítica do concreto*, uma vez que embora modificado possui a mesma função que o modelo não mais utilizado e, no entender de Freire (idem) *já não mais uma realidade expressa e pouco vislumbrada*.²⁵

Esse processo a que Freire denomina “decodificação”, constitui um referencial para o Estudo do Meio, permitindo aos alunos um amplo e diversificado estudo conforme a temática proposta, como pode ser constatado através dos temas enfocados na pesquisa. Os assuntos selecionados e que se convertem em temas geradores, encontram-se intrinsecamente relacionados ao cotidiano dos alunos, famílias e comunidades, configurando, desta formam, seu *concreto*.

Para Freire, o *concreto* são fatos que estão relacionados com os homens e suas práticas com o mundo. Em se tratando do Estudo do Meio, a vida em família e em comunidade se transforma num amplo painel desse *concreto* a ser descoberto, estudado, pesquisado, discutido, reelaborado e compreendido sem perder de vista que os *autores* são crianças

de séries iniciais e que portanto devem ser interpretados como tais quando verbalizam suas percepções.

Ainda em conformidade com o pensamento de Freire, alunos e professores, ao coletarem as informações em seu meio e a partir daí reelaborarem seus conceitos, sobre as partes e suas funções na realidade que os cerca, entram em contato com os habitantes de seu meio, proporcionando, ao mesmo tempo, o conhecimento de suas formas de intervenção, pois no entender de Freire supõe-se que nesta decodificação da realidade *estarão os homens exteriorizando sua visão do mundo*. Uma visão que pode ser, no entender do autor, de forma “fatalista”, ou seja, nem sempre acoplada a uma visão dinâmica do processo de desenvolvimento do meio em questão.²⁶

O “fatalismo” a que se refere Freire, está presente na memória dos *noni*, enquanto depositários da história de vida de seus ancestrais. História de vidas sofridas por seus familiares. Fazem parte dessa história testemunhada a saga da imigração que se embasa na despedida (separação dos seus e de sua terra na Itália para um destino incerto), na viagem e seus percalços e na fixação nas áreas coloniais com todas as dificuldades inerentes às condições de sobrevivência num espaço novo e ao isolamento nos interiores da região. Um tempo difícil num meio desafiador.

Essa visão dos *noni* em seus depoimentos não mais corresponde à visão das gerações atuais que ali vivem e atuam e têm dessas memórias o maior orgulho pois referenciam o valor de trabalho e sacrifício presentes nestas lembranças. O “fatalismo” de hoje pode se apresentar na forma de insatisfação com a realidade econômica, política e social do momento, mas sua realidade existencial é o *hoje modificado* (dinâmico) e não mais o passado, que embora reconhecido em sua importância, ficou plantado nas memórias.

Se busco, através do Estudo do Meio, contribuir para o pensar a adequação do ensino à realidade local, nada mais correto e concreto do que buscar, conforme Freire as formas como as pessoas interagem neste meio *que é sua práxis* aliadas ao entendimento de como ela se traduz nessa mesma realidade.²⁷

Ao pesquisarem os temas geradores na comunidade, a partir das vivências, práticas e da memória popular, os alunos estarão indo ao encontro de pessoas fontes que de uma certa forma experienciaram ou vivenciaram momentos expressivos para a construção da história local e cujo testemunho colocam a serviço do conhecimento escolar.

Utilizando-se de uma metodologia de pesquisa adequada às séries iniciais e colocando, através dela, os alunos diretamente em contato com os seus interlocutores, conforme o tema gerador em estudo, para daí construir o seu saber; os alunos são incentivados, no entender de Freire a serem *investigadores críticos* e não mais *recipientes dóceis de depósitos*. A criticidade que se almeja neste sentido, passa pela percepção dos fatos e dos elementos que são alvos de sua investigação.²⁸

Experiências anteriores têm demonstrado que a pesquisa, quando aliada à aula-passeio, envolve os alunos com o tema estudado, desde a montagem do projeto até a construção final, de forma intensa, desafiante, motivadora. Os resultados são expressos através de multilinguagens com elaborações críticas calcadas na experenciação e em constatações realizadas e não mais na reprodução de textos.

Nesse mesmo intento de adequabilidade de iniciação aos ensinamentos de História e de Geografia, os temas geradores apontam elementos curriculares que poderão embasar a realidade estudada e daí irradiar informações relacionadas aos demais conteúdos, uma vez que o meio, em si, constitui numa realidade interdisciplinar.

Procurando subsidiar a prática pedagógica com os temas geradores e seus respectivos sub-temas, o Estudo do Meio buscou inspiração em Freinet e em sua concepção de uma escola ativa: *uma escola viva, continuação natural da vida de família, da aldeia, do meio*.²⁹

Alega Freinet que foram criadas técnicas de trabalho que tomavam como base a observação no meio ambiente complementada com a pesquisa documental e a montagem dos resultados dessas em diferentes linguagens. Os resultados, animadores, levaram Freinet a comprovar que as crianças se interessavam por esses trabalhos.

Tomando como referência o depoimento do autor, percebi que era oportuno testar, na proposta de iniciação ao ensino de História e Geografia, a utilização de algumas de suas técnicas, não necessariamente da mesma maneira como as aplicava, mas procurando seguir suas experiências e percepções, entre elas:

- A organização dos estudos de forma cooperativa, priorizando as pesquisas em grupos ou equipes onde os resultados refletissem esta cooperação;

- o planejamento participativo, onde a contribuição dos alunos na organização das atividades fosse um constante exercício. Procurando evitar-se ao máximo, desta forma, o dirigismo por parte dos professores, e introduzindo a postura de orientadores de aprendizagem;

- a pesquisa como prioridade. Não somente a pesquisa bibliográfica como complemento aos conceitos já incorporados, mas sobretudo a pesquisa de campo como forma de buscar as informações em seu meio, no saber e na memória populares. A visão e a percepção de quem contribuiu ou contribui para esta construção obedecendo a uma metodologia adequada ao nível das séries iniciais como foi visto anteriormente no capítulo da Metodologia;

- a ficha-guia, como sugestão de divisão do tema gerador em sub-temas, dos enfoques em cada um deles e de questões orientadoras de pesquisa, para que os grupos pudessem ter uma referência inicial para seu trabalho;

- a aula-passeio. A aula fora dos limites da escola. A aula sensibilizadora para a natureza e para a vida em comunidade. A aula onde os mestres sejam também as pessoas do local e a realidade percebida e questionada. Conforme Sampaio,

Freinet era de temperamento audacioso. (...) Se o interesse das crianças estava lá fora, por que ficar dentro da classe, lendo trechos de manuais com frases sobre assuntos desinteressantes para elas? Decidiu então levar os alunos para onde eles se sentiam felizes: lá fora.³⁰

- construção do texto, como forma de expressão natural dos alunos. De suas percepções, de suas emoções e de sua lógica. No pensamento de Freinet, que as crianças tivessem a possibilidade de expressar um pensamento livre;

- o uso do desenho como linguagem e não apenas como expressão estética. Os desenhos são lidos como textos numa linguagem não convencional. Os alunos, por vezes, demonstram dificuldades na expressão escrita e oral, mas usam o desenho para demonstrar, nos detalhes ali grafados, o seu conhecimento sobre o tema;

- o uso de multilinguagens, além dos textos e desenhos: maquetes, painéis, dramatizações como complemento de expressão de seu saber construído;

- ênfase à cultura como expressão vital do homem e de sua percepção de mundo, de sua organização no espaço e da construção de sua história.

Notas do Capítulo 5:

¹ FREINET, Élise. *Nascimento de Uma Pedagogia Popular*, p. 45

² Ibidem. P. 123

³ SILVA, Ruth Ivoty T. Escola Primária Rural, p. 20

⁴ MICHAELIS, John V. Estudos Sociais para Criança numa Democracia, p. 217

⁵ MALDANER, Marialva Bonfati. A Criança Precisa Entender o Espaço, Tempo e Sociedade, in, Conteúdos Integrados: Uma Proposta Metodológica para as Séries Iniciais do Ensino de Primeiro Grau, p. 34

⁶ NIDELCOFF, Maria Tereza. As Ciências Sociais na Escola, p. 23

⁷ FREIRE, Paulo. Educação na Cidade, p. 83

⁸ Ibidem. P. 83

⁹ FISCHER, Beatriz T. Daudt. Desafio: Ensinando a Partir da Realidade, in, Revista do Professor, p. 43

¹⁰ FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau, p. 26

¹¹ Ibidem. P. 78

¹² Ibidem. P. 78

¹³ FREINET, Élise. *Nascimento de Uma Pedagogia Popular*, p. 16

¹⁴ FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau, p. 82

¹⁵ Idem. Educação na Cidade, p. 16

¹⁶ Ibidem. P. 22

-
- ¹⁷ Ibidem. P. 30
- ¹⁸ Ibidem. P. 30
- ¹⁹ FREINET, Élise. *Nascimento de Uma Pedagogia Popular*, p. 45
- ²⁰ FREIRE, Paulo. *Educação na Cidade*, p. 83
- ²¹ Ibidem. P. 95
- ²² FREINET, Élise. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, p. 60
- ²³ FREINET, Élise. *Nascimento de Uma Pedagogia Popular*, p. 156
- ²⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 64
- ²⁵ Ibidem. P. 97
- ²⁶ Ibidem. P. 98
- ²⁷ Ibidem. P. 98
- ²⁸ Ibidem. P. 69
- ²⁹ FREINET, Élise. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, p. 50
- ³⁰ SAMPAIO, Rosa M. Whitaker. *Freinet, Evolução Histórica e Atualidades*, p. 15

6 - O MEIO NATURAL: A DESCOBERTA DOS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O ESPAÇO DE VIDA

A rua e o campo ficarão à porta da escola e esta prosseguirá a educação que a natureza tão admiravelmente iniciou, mas na medida em que enriquece o indivíduo e lhe fornece novas possibilidades de ação, a escola embelezará a vida dos campos, da fábrica e da rua.
Freinet

Um primeiro olhar, amplo, sobre uma paisagem natural, e despidido da intenção de estudá-la, nos remete a um quadro harmônico, sustentado pelo relevo, a vegetação, as águas e o clima. Único e belo, singular.

Esses elementos, quando presentes em sua totalidade, nos passam a imagem de algo estruturado e interrelacionado, a idéia de uma dependência vital uns dos outros e que para estudá-los e compreendê-los em suas singularidades seria necessário decompor este *todo* em partes, para analisá-las em suas múltiplas relações para no final, recompô-las e entendê-las em seu conjunto.

Em se tratando da iniciação ao estudo do espaço, é importante que os alunos percebam, além dos elementos naturais, as relações de uso e de sobrevivência que o homem e seu grupo social estabelecem, nas mais diversificadas formas de intervenção na natureza e os resultados desta mesma intervenção.

O solo e o relevo, a vegetação e as águas, além da qualidade do ar e das mutações climáticas, sofrem a ação humana que neles intervém na busca de sustentação econômica, social e política de seu grupo.

Para Callai:

Qualquer aspecto do quadro natural vai ser estudado então, no sentido de que o homem o utiliza de acordo com os seus interesses, com suas necessidades.¹

Ressalta ainda, Callai, como afirmei anteriormente, que são necessidades coletivas e como tal esse indicador deverá ser refletido.

A compreensão dessa ação humana individual e coletiva sobre a paisagem em estudo passa, na proposta do Estudo do Meio, pela compreensão desses elementos do quadro natural e da importância de cada um deles na composição da vida em comunidade, onde o homem agrega-se ao *todo* como mais um elemento dessa mesma paisagem subdividindo-a em paisagem natural e humana.

Para que os alunos, nas séries iniciais, entendam esse quadro natural e a ação humana em seu interior, a sugestão é estudá-los na forma de temas geradores “Terra”, “Água”, “Planta” e “Ar/clima”; e cada um deles será decodificado na forma de sub-temas, procurando, com isso, dar uma abrangência maior e melhor à compreensão das relações entre o meio natural e a sociedade, interferindo e modificando, quando necessário, os resquícios ainda existentes de um ensino geográfico de forma descritiva e em classificações. São eles:

A) Terra - para que os alunos melhor estudem e compreendam o solo e sua importância no contexto do quadro natural, há a necessidade de compreender primeiro essa relação com a terra (solo) traduzida no sentido de *chão*

Terra em que pisam, habitam, brincam, circulam, trabalham, plantam e colhem alimentos, criam animais e vivem em comunidade. A mesma terra que representa a fuga, o sonho, a esperança, a chegada e a fixação do imigrante italiana. Terra, elemento vital para a sua sobrevivência e de sua cultura.

Conhecer como o homem e a sociedade se estruturam no espaço, como tratam e manejam com a terra de acordo com suas necessidades e por último perceber se este elemento está sendo preservado para que nele, as futuras gerações possam sobreviver.

B) Água - antes de formular, em Geografia, o conceito de hidrografia e das diferentes maneiras como se apresenta, procura-se tratar do conhecimento e da necessidade da água para os seres vivos.

Água para os seres humanos, para os animais, para as plantas, para a energia. As consequências advindas da falta e do excesso de água em alguns períodos. A água que demarcou linhas, lotes e distribuição das moradias facilitando assim, a vida dos colonos nos primeiros e difíceis tempos. Que representou caminhos, vias de transporte e de comunicação entre as colônias e a capital da Província.

Água que necessita mais do que nunca ser discutida, pensada e preservada para que no futuro, esse manancial vital possa ainda atender às necessidades das sociedades da região. Que recuperem as áreas em perigo, que contenham a destruição dos recursos ainda existentes.

C) Planta - para que se entenda o papel da vegetação num quadro natural, faz-se necessário estudar a planta em sua diversidade de uso pelos homens e pelos animais. Plantas com as quais nos alimentamos, curamos parte de nossas doenças, que embelezam a vida, nos fornecem madeiras. Um saber ao usá-las. É iniciando pelo estudo individualizado das plantas que os alunos estabelecem conceitos básicos para a compreensão da importância da existência das matas e florestas e de sua preservação.

Planta que, como fruto da terra trabalhada, deu alento ao imigrante e que lhes prestou identidade como agricultores.

D) Ar/clima - da mesma forma, o estudo do clima complementa o estudo do ar, das mutações conforme as estações e sua interferência na vida e nos hábitos das pessoas, dos vegetais e dos animais.

O que se vê constantemente, nas listagens curriculares, é um estudo fragmentado dos elementos formadores do quadro natural, dissociado da lógica de quem vive e deles retira sua sobrevivência. O solo, a água, as plantas e o ar, são estudados em *Ciências*, estão presentes no currículo específico dessa disciplina, nas provas de *Ciências* e preferencialmente trabalhados por um professor habilitado em *Ciências*. O relevo, a vegetação, a hidrografia e o clima pertencem ao currículo de *Geografia*, encontram-se nos livros e nos cadernos de *Geografia*, na avaliação de *Geografia* e ensinados preferencialmente por um professor habilitado em *Geografia*. Nada mais correto.

Mas o mundo (meio) que circunda a escola e a comunidade, está classificado dessa forma? É dessa maneira que o trabalhador vê a natureza em que trabalha e colhe o resultado de seu trabalho? É dessa maneira que a comunidade percebe o meio que a cerca?

Por mais que as pedagogias modernas tentem romper com essas fragmentações, a formação de professores para as séries iniciais do ensino Fundamental ainda contempla essa realidade na distribuição dos conteúdos das didáticas específicas.

É óbvio que o ensino das diferentes áreas deva ser ministrado por professores habilitados em cada campo do conhecimento, para tratar principalmente de suas especificidades, mas também é óbvio que o aluno tenha, nas séries iniciais uma visão não compartimentada de uma realidade que ele conhece e percebe em conjunto.

Callai ressalta a importância do estudo da paisagem ao afirmar:

A partir do presente poder-se descrever tudo o que visível, pode-se todas as interrelações. Então, a partir da estrutura do espaço, pode-se fazer descrições e análises de tudo o que é visível.²

Esse presente visível em Callai constitui-se dos elementos formadores do quadro natural, motivos desse primeiro bloco de temas geradores.

O Estudo do Meio parte desses pressupostos ao propor a construção de conceitos geográficos, com os alunos, tendo como suporte os elementos que compõem o quadro natural, sua importância para a sustentação dos habitantes das comunidades e formação de um ideário ecológico.

Também no que se refere aos elementos naturais e sua constituição no conjunto da paisagem é importante que os alunos percebam que as paisagens, salvo as que ainda não foram tocadas pelo homem, individual ou coletivamente, são paisagens transformadas em sua trajetória histórica. No caso específico, pela história do grupo de descendentes dos imigrantes italianos que por ali deram início à suas sociedades.

O estudo do tempo e da ação humana através dele nesse mesmo quadro natural, irá revelar formas de intervenção na natureza e da cultura resultante dessa mesma intervenção.

6.1 – Terra

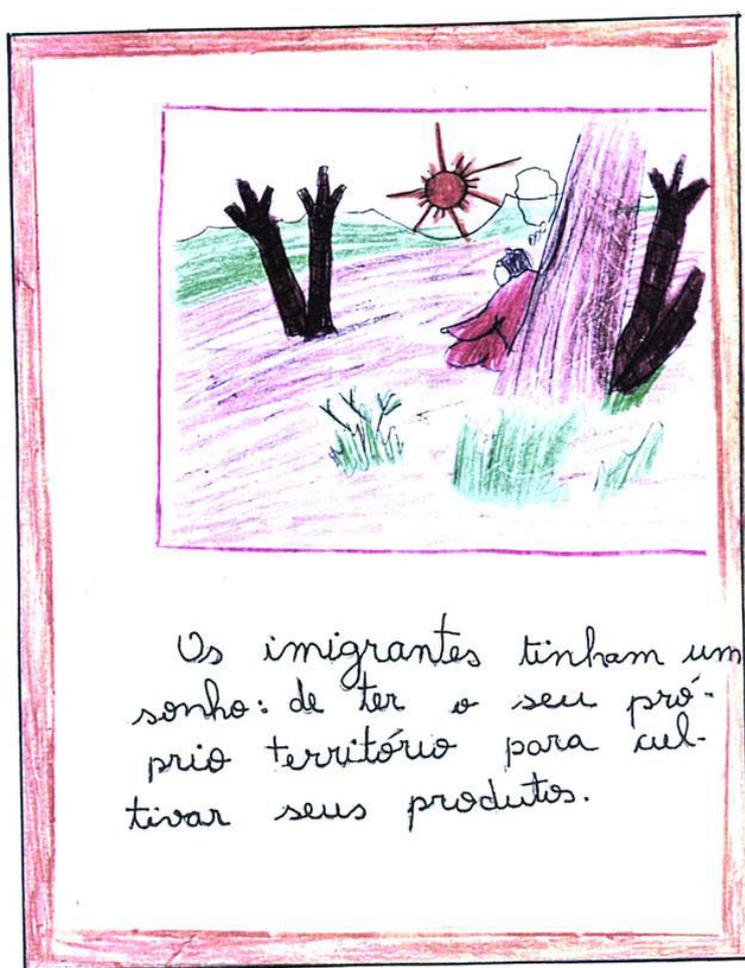


Figura 9

Aluna: Marizete Oppenkoski – 4ª série
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos – Bento Gonçalves

Do fundo da gleba, o imigrante surgia como proprietário rural

De Boni e Costa

Dentre todos os aspectos que compõem a paisagem natural da região colonial italiana, a terra (solo) talvez tenha sido a que mais intimamente marcou a vida e o destino dos imigrantes italianos e seus descendentes. Representou a contínua luta pela sobrevivência do grupo familiar, a superação dos graves problemas econômicos com que se deparavam em sua pátria de origem, a ascensão social, enfim, a libertação da situação de exclusão na velha Itália.

Quando convivi na Amazônia de 1977 a 1980 com colonos que ali chegavam em busca de um lote com o objetivo de plantar e viver com suas famílias, vendo-os diariamente combater com força, garra, determinação e persistência a densa floresta equatorial, colocando nos rasgos da mata as primeiras sementes dos alimentos adubadas pela esperança, pude enfim perceber, o que uma nova etapa de um mesmo ciclo imigratório/migratório, representa para todos os povos que para o Brasil vieram atraídos pela posse da terra, essa força e esse valor.

Essa mesma força do elemento terra que impulsionou o imigrante a vencer as agruras e superar os obstáculos numa paisagem adversa e distante da Itália, foi traduzida por De Boni e Costa como um *fascínio da posse da terra*.³

Em outras palavras, muitas vezes ouvi algo semelhante dos colonos na Rondônia e na Amazônia matogrossense, ao serem perguntados porque saíram do Sul e localizaram-se em um ponto tão distante e de difícil sobrevivência. As respostas comuns:

Esta terra agora é minha. Aqui quero trabalhar, vivem com a família e deixar alguma coisa para o futuro dos meus filhos. Daqui ninguém me tira.

No tocante ao ciclo imigratório/migratório dos italianos, a posse de um lote colonial, mesmo que pequeno em relação aos latifúndios canavieiros e demais do Brasil, inclusive na área pastoril do Rio Grande do Sul, com as sesmarias doadas pelo rei de Portugal, representou um objetivo maior que fez com que superassem todas as dificuldades iniciais inclusive os sonhos desfeitos.

Conforme De Boni e Costa, *de um momento para outro, milhares de deserdados tornaram-se proprietários*.⁴

Complementam ainda os autores, alertando para a necessidade de estudar um comportamento político que beira a obsessão pela posse da terra. Este mesmo termo “obsessão”, não desconhecendo os aspectos econômicos, políticos e sociais que enfrentam, talvez seja uma forma de interpretar, historicamente, a resistência de um povo que luta pela posse da terra e pela significativa presença de descendentes de imigrantes, sejam de origem italiana ou de outras etnias que para cá vieram, entre as lideranças e os integrantes do Movimento dos Sem terra (MST).

Para Costa e outros, o lote da terra passou a ser denominado de *colônia* consistindo-se, portanto, em seu maior patrimônio:

*O patrimônio inicial dos imigrantes era uma colônia, casa e animais domésticos. Da luta, do trabalho e do esforço originou-se a personalidade típica dos filhos dos imigrantes.*⁵

Partindo dessa realidade, o primeiro tema gerador tratado neste curso/pesquisa com os professores e alunos, foi **terra**, elemento da natureza onde vivemos e nos abastecemos. Posteriormente integraram-se os demais elementos da paisagem: **água, planta e ar**, compondo, assim, um quadro natural onde se estuda a paisagem de forma ampla, abrangente e, o mais importante, e vivenciada por todos, professores, alunos e membros da comunidade.

Num primeiro contato com o grupo de professores do curso/pesquisa, estabeleceu-se o consenso de que esse deveria ser o primeiro tema gerador por ser, talvez, o que resultaria em maior motivação para os alunos.

Traçados os objetivos e listadas as sugestões, o grupo optou por dois deles que seriam repetidos nos demais estudos:

A- Conhecer o elemento e/ou recurso da natureza nas suas diferentes formas de utilização pelas pessoas da comunidade e como tratam ou não de preservá-lo.

B- Relacionar esse elemento ou recurso natural com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades em foco.

Conforme proposto na metodologia, os alunos foram divididos em grupos de trabalho, assumindo, cada um deles um sub-tema, ocorrendo tanto numa classe como integrando mais de uma série, conforme organização dos professores, constituindo-se assim, numa atividade integradora que mobilizou as três escolas da pesquisa.

Grupo 1 - sub-tema - A terra que nos fornece alimentos

Este sub-tema propõe estudar os alimentos que retiramos da terra nos espaços de produção (horta, pomar e lavoura de subsistência) do grupo familiar, construindo conceitos sobre a terra como elemento fornecedor de alimentos básicos.

O grupo buscou subsídios em livros e em entrevistas com os próprios pais ou pessoas conhecidas das propriedades rurais. As conclusões foram apresentadas no **seminário** dos alunos, na forma de relato oral da informações, textos redigidos coletivamente, e/ou com a participação da professora e de desenhos

O texto produzido foi:

Os Alimentos que Retiramos da Terra

Os alimentos que retiramos da terra são: radiche, alface, cenoura, repolho, feijão, batata, aipim, abóbora, pepino, beterraba, milho pipoca, a meixa, pêssego, laranja, lima, bergamota, pêra, ervilha, etc.

Alunos: Jaine Bortolini - 1ª série

William Branda - 2ª série

Dalvana Lazzar - 2ª série

Carla Gonçalves - 3ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Conforme informação das professoras Janete e Mileni, o grupo enumerou alimentos que eles já conheciam no meio e que são encontrados comumente nas hortas e pomares em suas casas e na casas vizinhas. Conforme as professoras:

Nós fizemos, com eles, um roteiro de questões. Muitos levaram para casa e entrevistaram os pais. Depois nós fomos juntando as respostas. Também fizemos entrevistas com

mulheres e outras pessoas de nossa comunidade. Elas vieram até nossa escola. Nós separamos os alunos em equipes. Eles formularam os textos correspondentes a cada assunto e os apresentaram.

Para a professora Janete, os alunos organizaram um roteiro de estudos e após aplicaram em casa com os pais e na escola com as pessoas convidadas (moradores da comunidade), que também auxiliaram os demais grupos com os seus respectivos sub-temas.

Para a prof^a Mileni:

Uma senhora deu um depoimento de como preparavam a terra antigamente. Antigamente só plantavam, deixavam a terra normal e agora tem que deixar descansar a terra. Os produtos antigamente vinham mas não eram tanto como agora. Agora põem veneno e eles vêm mais. Mas eles são prejudiciais a saúde, pois colocam bastante veneno. Ela reforçou bastante, com eles, este aspecto.

Percebe-se nesta fala simples que se pode formular conceitos substanciais e que servem como temática para fomentar discussões com os alunos sobre a qualidade dos produtos consumidos hoje, comparando-os com o que se consumia em um outro tempo. Em termos de conhecimento históricos, o fato de os produtos terem sofrido modificações em seus métodos de produção e da qualidade dos mesmos “tempo/hoje” e “tempo/antigamente” auxilia os alunos na formulação de conceitos sobre *o tempo*.

Grupo 2 - Sub-tema - Uso da terra no espaço doméstico

Dois enfoques embasaram a proposta de estudo deste sub-tema:

A) O conhecimento do uso da terra no espaço doméstico:

- horta, lavoura, pomar, jardim que possuímos em casa;
- como preparamos a terra para plantá-los;
- como cuidamos das plantas;
- como cuidamos da terra (solo).

Motivados pelo objetivo de construir conceitos sobre a importância da terra para plantar, além dos cuidados necessários com as plantas e a necessidade de preservar a terra para

dela se utilizarem, o grupo entrevistou alguns proprietários - pais e vizinhos- que lhes forneceram as informações que foram organizadas, com a participação das professoras, nas diferentes linguagens:

- comunicação oral aos demais colegas dos resultados das entrevistas;
- montagem de desenhos ilustrativos do tema;
- elaboração do texto que segue:

O Preparo da Terra

O preparo da terra é feito da seguinte maneira: capina-se a terra, após aduba-se com esterco orgânico. Deixa-se um tempo para a terra descansar (mais ou menos oito dias).

Em seguida, semeia-se.

Para cuidar das plantas vai mexendo a terra conforme o necessário. Se não chover, molha-se a terra. Cuidar também das formigas, pulgões e outros insetos.

A maioria das pessoas respondeu que é preciso tratá-las com remédio durante a floração. Lava-se a terra a aduba-se com esterco orgânico. Não deve ser feito queimadas. Antes de plantar deve-se deixar a terra descansar.

Alunos : Jéssica Mattei Giovenaz - 1ª série

Eliverto Martins da Silva - 1ª série

Maicom Bortolini - 2ª série

Daniela Debiazi - 4ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

O grupo realizou entrevistas e obteve informações dos proprietários sobre o preparo da terra e cuidados para com as plantas, reforçando o conhecimento de que eram portadores por na sua maioria serem filhos de agricultores.

A pesquisa, foi realizada de forma coletiva, e cada um dos componentes do grupo montou, individualmente, o seu livro da comunidade

O texto inicia classificando algumas plantas por espaço de cultivo que possuem em suas propriedades.

horta
alface
radiche
salsa
rúcula

lavoura
parreira
pepino

pomar
laranja
bergamota
pêra
butiá
ameixa
pêssego

jardim
pingo de ouro
girânio
dalha
roseira

Segue o texto:

Como preparamos a terra para plantá-la?

*A terra deve ser bem adubada, fértil, tem que receber sol e tem que dar água.
Como cuidamos das plantas?
Mexendo a terra e regando a terra.
Como cuidamos da terra (solo)?
São retirados os entulhos e os torrões são quebrados.
Espalhar bem a terra de origem vegetal de boa procedência, adubação.
Adicionar os adubos orgânicos.
Colocar bem, nivelando o solo.*

Aluno: Gilberto Maffei - 4ª série
Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi

Cabe referência a que mesmo que as respostas obtidas pelos alunos correspondam a uma prática conhecida no acompanhamento das atividades agrícolas em suas propriedades, as formulações realizadas através das atividades escolares reforçam o seu saber, resultante dessa mesma prática. A busca de informações proporciona um diálogo com os pais ou outros informantes sobre uma realidade experienciada por ambos.

Grupo 3 - Sub-tema - O uso da terra na cultura italiana

Para melhor situar o tema entre os alunos, o mesmo foi subdividido em diversos tópicos que, em seu conjunto, proporcionam uma visão mais abrangente:

- importância da terra para os imigrantes;
- a falta de terra e escassez de alimentos como fator de imigração;
- fixação dos imigrantes nas terras;
- utilização da terra no início, nas colônias;
- formas de divisão do espaço - colônias, linhas, lotes;
- sonhos que alimentavam com a posse da terra;
- dificuldades encontradas nos primeiros tempos para sobreviverem;
- dificuldades que enfrentam, hoje para a manutenção das atividades de

trabalho na terra.

Objetivo: estudar a terra como um elemento do espaço e como um elo vital para a cultura dos descendentes de imigrantes italianos que se fixaram nas comunidades participantes deste estudo.

A partir das informações obtidas na comunidade, o grupo teve oportunidade de entrar em contato com informações históricas (história oral) sobre o início da ocupação do espaço estudado (espaço comunitário), produzindo texto coletivamente

Os conceitos construídos a partir do estudo podem ser percebidos:

- a) a terra como uma *esperança de vida melhor*;
- b) a *falta de terra e escassez de alimentos* como fatores que incrementaram o desejo de imigrar;
- c) as dificuldades iniciais para fixarem-se *tudo era manual*. Desde *fazerem estradas até lavouras*;
- d) a forma de fixação na terra *em grupos dividindo as terras e construindo suas casas*;
- e) as dificuldades para iniciarem a vida num meio agreste e desconhecido *com muitas dificuldades, desmatando a terra para plantar e achar água*;
- f) a forma de divisão do espaço colonial *por colônias* e subdivisão das terras *com os filhos*;
- g) as dificuldades para a realização do trabalho *falte de equipamento e sementes para agricultura* além de *carência de água e alimentos, isolamento e falta de estradas e hospitais*.

Contrapondo essas dificuldades iniciais (tempo/ontem) com as encontradas atualmente (tempo/hoje), as pessoas entrevistadas apontaram:

- a) o uso de venenos para as plantações e que *prejudicam a saúde*;
- b) o baixo *valor dos produtos* e a *desvalorização do agricultor*

Essas colocações de ordem política, partindo faz falas dos moradores para os alunos, propiciam, mesmo indiretamente, um considerável apoio à formulação de uma consciência das relações que se travam entre os pequenos agricultores e as políticas de valorização do trabalho rural.

Os textos demonstram assim, que para os descendentes dos imigrantes que permaneceram nas terras de seus antepassados, as dificuldades, embora outras, continuam protelando, para muitos deles, a construção do sonho inicial, ou seja, *a construção de uma vida melhor*

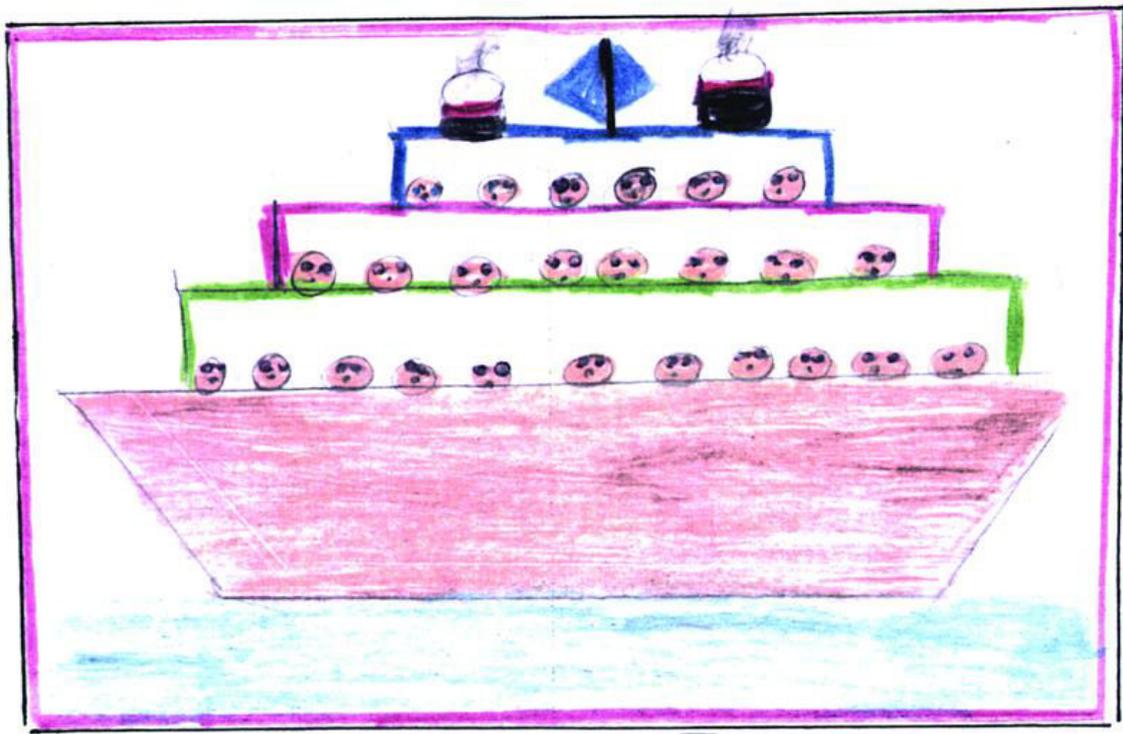
Conforme as professoras, as informações coletadas foram importantes, enriquecendo a discussão com os alunos sobre as dificuldades por que passam os agricultores nas comunidades onde vivem, em comparação com as que passaram seus trisavós ou tetravós no início da colonização.

Para De Boni e Costa, a terra representava ao mesmo tempo o trabalho, mas em contrapartida a libertação da opressão sofrida em seu espaço de origem, um desafio a ser vencido diuturnamente. Para os autores:

... mas a terra nada é sem o trabalho. De pouco teriam valido as peripécias da viagem e a aquisição da gleba, se não fosse arroteada. E para tanto era necessário o esforço de quem adquiria. A terra não era um dom, era a conquista, e o conquistador era o braço do colono, não medindo sacrifícios, ignorando interpéries, labutando de sol a sol (ou melhor, de estrela a estrela)⁶

Ambos os textos (dos autores e dos alunos) trazem algo em comum além das dificuldades enfrentadas e a luta dos colonos para aqui se fixarem. É a fala dos *noni*, é a história oral, que alimenta o historiador e ao mesmo tempo emociona a criança. E através delas um elo em comum - a mesma história contada e recontada- em duas linguagens, calcadas numa mesma realidade.

No tocante a essa mesma questão, na escola estadual Ângelo Chiamolera, na comunidade de Faria Lemos, os alunos desenvolveram esse mesmo tema, confeccionando os “livros de comunidade”.



Os imigrantes saíram da Itália de navio na esperança de encontrar um país onde eles pudessem sobreviver melhor.

Figura 10



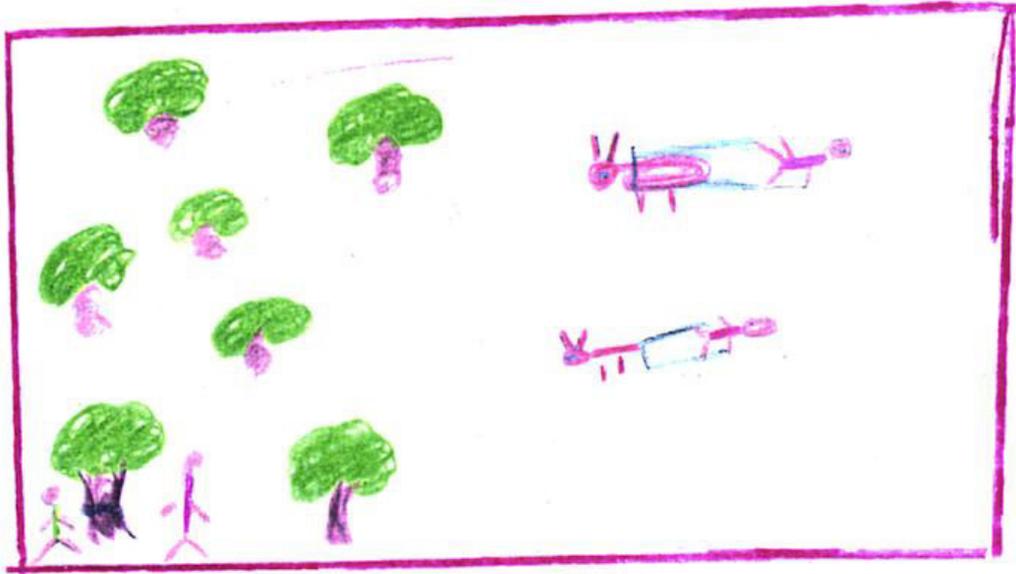
Eles pensavam em trabalhar
muito para sustentar sua
família.

Figura 11



No início derrubaram os matos e
abriram estradas com muito traba-
lho e sacrifício.

Figura 12



Os imigrantes eram pessoas simples mas trabalhadoras. Logo começaram a fazer plantações

Figura 13

O trabalho dos imigrantes Italianos era mais pesado porque não existe todas as coisas que temos hoje.

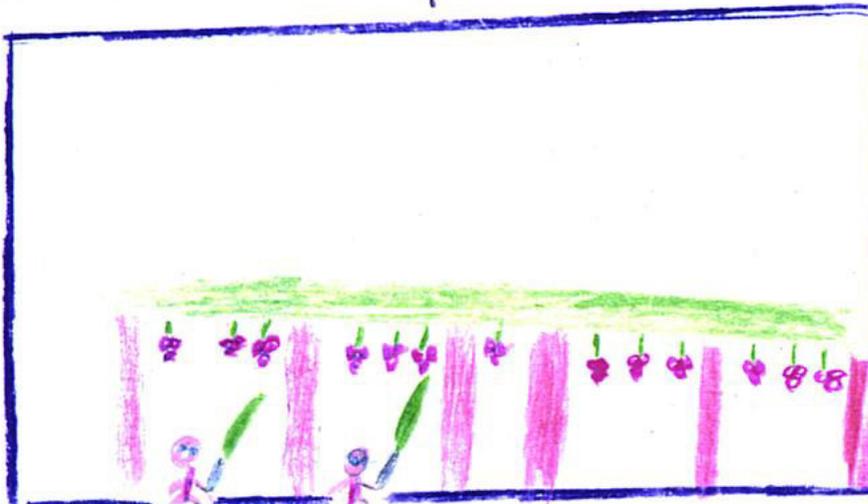


Figura 14

Aluna: Letícia Zorzeto
Escola: E. E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos - Bento Gonçalves

Também com respeito a essa atividade os componentes do grupo/equipe entrevistaram pessoas de idade mais avançada nas comunidades em busca de informações para a complementação do tema.

Aos professores, como subsídio à orientação dos alunos neste e nos demais sub-temas, foram distribuídos textos dos autores Rovilio Costa e Luiz Alberto De Boni, com informações sobre a vida dos imigrantes nas colônias, visando auxiliar na temática das pesquisas.

Assim como nos grupos precedentes, o seminário contou com múltiplas linguagens para a comunicação do resultado das pesquisas. Verifica-se o quanto foi produtivo, pelo texto que segue:

A terra era muito importante para os imigrantes, pois representava a esperança de uma nova vida. Da terra era retirado o sustento da família.

A imigração foi feita pois faltava terra, havia escassez de alimentos e havia muitas pessoas.

Era tudo manual, cortavam o mato com facão para fazerem estradas e lavouras.

Os imigrantes se fixaram em grupos dividindo as terras, construindo suas casas com muita dificuldade, desmatando a terra para plantar e achar água.

A divisão do espaço era feita por colônias. As terras eram dividida com os filhos.

O sonho dos imigrantes era possuir um pedaço de terra para terem um futuro melhor junto com suas famílias, rumo ao progresso.

As dificuldades encontradas eram a falta de equipamentos e sementes para a agricultura e para a construção das casas, carência de água e alimentos, e muitos animais. O isolamento em que moravam os deixava amedrontados.

Não havia estrada nem construções e as cidades e hospitais ficavam muito longe.

Havia doenças e pestes.

Agora precisa passar veneno, o que acaba prejudicando as pessoas e baixa o valor dos produtos. Falta mão-de-obra.

Falta bons preços para os produtos e a valorização da agricultura.

Alunos: Tatiana Fachinelli - 3ª série

Leandro Manica - 4ª série

Edinía Debiasi - 4ª série

Guilherme Fachinelli - 4ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Na forma do texto no livreto, palavras como *esperança*, meios de *sobreviver*, *sacrifícios*, são constantes quando se fala na vinda dos imigrantes:.

Quanto ao início da fixação repete-se o mesmo objetivo: *trabalhar muito para sustentar a família*.

No tocante às dificuldades, salientam-se as enfrentadas na época: *desmatar as matas e abrir estradas*. A valorização da vontade de vencer e da tenacidade em sobreviver num meio adverso: *eram pessoas simples mais trabalhadoras*.

Essas mesmas palavras unem a fala dos moradores da comunidade quando se referem à história de seus antepassados. A escola não está criando uma história diferente ou nova, está trazendo para o espaço escolar o conhecimento familiar e comunitário e reforçando-o como consciência histórica. Os atores desta história estão presentes, os alunos apenas reverenciam-nos, não como “heróis de livros”, mas como heróis da construção da vida em comunidade.

Além do texto, os alunos do mesmo grupo de pesquisa, com a participação da professora de classe, produziram quadrinhas usando uma outra linguagem textual para reproduzirem o conhecimento adquirido.

*O terreno acidentado
nunca apavorou
e hoje com um trator abrindo estradas
muito facilitou*

*Mas alguns colonos
já estão se alertando
produzindo ecologicamente
e não se envenenando*

*Uva, pêssago, figo e maçã
é nossa produção
com estas frutas fizemos
chimia do montão*

*Meu pai sempre me fala
da carroça e da slita
isso ficou na saudade
hoje é o carreto que grita*

*Semeamos pastinho
Para alimentar vaquinhas
Para dar o leite de qualidade
E um bom queijinho*

*Plantamos milho
Para moer no moinho*

*Usamos agrotóxicos
para produzir muito mais
sabemos muito bem
que isto faz muito mal*

*Produzimos milho
para a galinha e o porquinho
e assim garantimos
o ovo e o salaminho*

*A colheita da uva
para nós é alegria
porque embaixo da parreira
fizemos muita folia*

*Nossos bravos imigrantes
sempre foram avante
por isso continuamos
nossa missão confiante*

*Os imigrantes trabalharam
não eram vagabundos
fazendo lindas roças
modificaram o mundo*

*Para fazer a farinha
E depois a polenta*

*Cruzamos os mares
trouxemos cantares
buscando horizontes
e novos caminhos*

*I nostri coloni
agora reunidos
exemplo de vida
que espalha alegria*

*Eu planto milho
para o porquinho
e depois papai fazer
um gostoso churrasquinho*

*Semeando carinhos
nos vales e montes
lançamos sementes
de amor e de afago*

Essas quadrinhas compostas pelo grupo revelam, além de pequenos poetas, o uso da poesia para contar histórias, os sentimentos de apego à terra, ao trabalho, à bravura, à alegria, à esperança, e ao futuro; valores familiares e comunitários construídos ao longo da vida reproduzidos nas falas dos alunos, como um elo que os une e identifica. Elementos de espaço e tempo. “espaço de vida” e “tempo de trabalho”. Tempo de luta e esperança.

Grupo 4 - Sub-tema - O uso da terra no espaço comunitário

O sub-tema acima foi desdobrado em assuntos diferenciados para melhor abrangê-lo:

- lavouras, pecuária, extrativismo (vegetal e mineral);
- tipos de lavouras que predominam na comunidade;
- como preparam a terra para o cultivo;
- plantação e cuidados no uso da terra.

Como objetivo, estudar as formas de lavouras conhecidas no meio comunitário, ampliando assim os conceitos construídos e os conhecimentos de que eram portadores no estudo do espaço doméstico.

Além dos pais, o grupo pesquisou com alguns produtores, redigiram um texto entre outras expressões gráficas como desenhos.

Os tipos de lavouras que predominam em nossa comunidade são: parreirais, milho, feijão, batata, laranjas, bergamotas, pêssegos, kiwi, moranguinho, alface, cenoura, beterraba, tomate.

O preparo do cultivo da terra é lavrar o solo com bois e arado ou trato res. Após adubar com esterco de gado e de aves, adubos químicos e uréia.

Os cuidados com a terra são: observar o desenvolvimento das plantas, mantendo-as limpas e protegidas das pragas(formiga, mofo)

Usar os tratamentos adequados.

Irigar quando necessário.

Os cuidados com o uso da terra são: mandar analisar o solo, colocar a medida certa de adubos naturais e químicos.

Plantar os produtos em locais diferentes

Alunos: Rosemari Manica - 3ª série

Helena Borstel - 3ª série

Volnei Benini - 4ª série

Carla Giovanaz - 4ª série

Alini Aimi - 4ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Assim como os demais, e nesta situação em particular, reproduzindo informações oriundas das entrevistas com os pais e moradores, procuraram compreender o uso do solo em sua comunidade, construindo conceitos sobre o manejo do solo, tais como:

- a) os tipos de lavouras que predominam na comunidade;
- b) formas de preparo do solo: *lavar o solo e adubar* ;
- c) cuidados com a terra: *observar o desenvolvimento das plantas, mantendo-as limpas e protegidas, mandar analisar o solo*
- d) tratos culturais como *-usar tratamentos adequados, irrigar.*

Grupo 5 - Sub-tema - O aproveitamento da terra (solo) no espaço comunitário e a cultura italiana

No sub-tema, foram abordadas as seguintes questões:

- diferenças entre as propriedades e lavouras de hoje e a dos primeiros imigrantes;
- o que mudou no uso da terra, nas formas de plantio e nas colheitas;
- equipamentos utilizados hoje e antigamente: nomes dados, em italiano, aos equipamentos utilizados nas lavouras.

Objetivo: estudar as modificações que ocorreram ao longo do tempo, nas lavouras e nas formas de uso da terra, desde o início da ocupação do espaço com a chegada dos imigrantes e o uso que se faz hoje, nesse mesmo espaço.

Com os mesmos passos da pesquisa, o resultado final:

Antigamente plantava-se sem tratar nada e as plantações eram viçosas, bonitas. Era tudo manual. Havia menos recursos, mas os alimentos eram mais saudáveis.

Agora tudo tem que ser tratado com venenos prejudiciais às pessoas.

A terra está sendo usada da mesma forma, mas tanto no plantio quanto na colheita, está tudo mecanizado. Faz todo o trabalho.

Antigamente eram usados os seguintes equipamentos: arado era puxado por bois, enxada, foice, e agora existem tratores, motosserras, pulverizador, máquinas variadas.

Enxada(sapa), foice(rencon), machado (manara).

Alunas : Amanda Pícoli- 3ª série

Luana Villa - 3ª série

Alberto Biondo - 4ª série

Fernando Deluca - 4ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Entre os conceitos formulados pelos alunos com relação às modificações ocorridas nas lavouras através do tempo, destacam-se:

- a) as plantações não recebiam tratamentos;
- b) o trabalho era manual, havia poucos recursos;
- c) foram introduzidos fertilizantes: *agora tudo tem que ser tratado...*;
- d) equipamentos antigos: *arados puxado a bois*; equipamentos modernos: *tratores, motosserras*.

Num segundo texto

A propriedade dos primeiros imigrantes era grande, plantavam muito e pouco colhiam pois a terra não era adubada.

A propriedade de hoje é pequena e o cultivo é bem maior pois os produtores de hoje usam muito adubo e agrotóxicos.

Antigamente o trabalho na lavoura era manual. A terra era arada com bois e arado, o plantio era feito com as mãos e depois a terra era limpa da com enxada para não acontecer o amadurecimento do inço.

Hoje em dia, a maior parte que trabalham na lavoura usa máquinas e implementos, aram a terra com trator, plantam com máquinas e até a colheita é feita com máquinas.

Aluno - Júlio César Carrer - 3ª série

Escola - E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Em ambos os registros, os alunos usam as duas categorias “hoje”, (hoje em dia, agora), e “antigamente”, como referências para a comparação do tempo. Utilizam o uso de máquinas e agrotóxicos como menção ao trabalho no “tempo/hoje” e o trabalho manual e uso de bois no “tempo/antigamente”.

No primeiro texto, os alunos apontam o uso de agrotóxicos - utilizado na lavoura hoje -, como prejudicial à saúde; no segundo, esse mesmo elemento é visto como uma forma de produzir mais num mesmo espaço agricultável. São referências que devem ser remetidas a um outro estudo para que os alunos possam melhor compreender os benefícios e os prejuízos do uso de elemento químicos nas lavouras.

No conjunto, percebe-se a construção de conceitos sobre o tempo em um mesmo espaço estudado e, em ambos, o trabalho na terra como aspecto comum ao estudo.

Quanto aos equipamentos usados, um outro grupo pesquisou junto a quatro produtores em sua comunidade e um neto de imigrantes e listaram os nomes dos mesmos em italiano:

enxada - sapa
ancinho - rastel
gadanha - faldim
pedra - piera
plaina - escariola
trançador - cegon

picareta - picão
foice - rancon
martelo - martel
machado- manera
morça - fola

forca- forca
foicinha - serla
serrote - cegon
machadinho- manarin
serra - cega

Alunos : Bruna, Daniela, Eduardo, Volmir e Tiago

Escola : E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Conforme uma das professoras, os alunos foram identificando, em italiano, os instrumentos agrícolas e nomeando-os em seguida. Um número considerável dos mesmos conhecia a quase totalidade dos nomes desses instrumentos nessa língua,

demonstrando assim, que a fala do italiano na comunidade, embora não atinja às crianças de forma usual, ainda permanece nos objetos e instrumentos de trabalho.

Diz a professora:

Os alunos viram as fotos e iam dizendo o nome dos instrumentos agrícolas utilizados nas lavouras pelos pais- em português e italiano. Eles sabiam e diziam: - Meu pai tem, meu avô tem. Eles conseguiram em casa, com os avós, os nomes em italiano muitos deles (avós) contaram histórias de como eles utilizavam os instrumentos agrícolas para trabalharem na terra. Muitos diziam que trabalhavam com dificuldades. Eles contavam histórias em italiano para as crianças.

Percebe-se que a cultura local pode ser trabalhada em pequenos detalhes e com isso manter a memória cultural do meio.

No estudo acima, a cultura foi vista através de :

- nome, em italiano, dos instrumentos agrícolas;
- identificação dos mesmos e uso feito pelos pais e avós;
- histórias contadas, pelos avós, em italiano sobre o manejo destes mesmos instrumentos em um outro tempo;
- as histórias contadas pelos avós, em italiano, reforçam a permanência do uso da língua falada pelos descendentes dos imigrantes;
- construção do imaginário histórico através da reconstrução, pelos alunos, em textos, desenhos, dramatizações, da história oral transmitida pelos avós ou outras pessoas da comunidade.

Grupo 6 - Sub-tema - Relato de visita a uma propriedade

O sub-tema enfoca :

- visita a uma propriedade;
- conhecimento do preparo do solo, como plantam, cuidam e colhem;
- conhecimento dos equipamentos utilizados na propriedade;
- estudo sobre o trabalho das pessoas que produzem;
- os cuidados com a preservação do espaço cultivado

Objetivo: como culminância deste trabalho sobre a terra (solo), os alunos visitaram uma propriedade, visando, através da aula-passeio, observar *in loco*, as informações recebidas nas diversas atividades em que foi decodificado o tema gerador: o uso da terra.

Como resultado da observação a uma pequena lavoura onde cultivavam moranguinhos, o seguinte relato:

A preparação do solo é feita através de análise completa onde são mandadas para Porto Alegre amostras de terra. Dependendo do resultado será acrescentado ao solo o que é necessário para o plantio. No solo, são colocados adubos naturais e químicos. São utilizados equipamentos como o trator para preparar o solo.

A irrigação do tomate é feita a cada dois dias, por gotejamento. Os tipos de produtos que são cultivados nas estufas são tomates, pimentão, pepino, vagem, couve-flor, alface, moranguinho, salsa e radiche. As sementes para o plantio são selecionadas e semeadas nas bandejas de isopor, com terra apropriada e quando as mudinhas atingiam a altura adequada, são transplantadas nas estufas.

É necessário cuidar das mudas desde a semeadura molhando todos os dias. Deve ser feito a limpeza das folhas velhas e doentes tratamento para as folhas de moranguinhos.

A estufa deve ser aberta pela manhã e fechada pela tardinha para manter o ambiente aquecido durante a noite.

Quando os produtos começam a amadurecer são colhidos e vendidos em mercados, atacados, padarias e sorveterias. Os equipamentos utilizados são enxadas, conteradeira, máquina costal, mangueira para irrigação. O trabalho das pessoas envolvidas, no caso dos moranguinhos, é quatro pessoas, sendo que três colhem e um ajunta a bandeja, para selecionar, três pessoas selecionam os moranguinhos e uma plastifica.

Na produção de tomate duas pessoas são necessárias para os cuidados, tratamento, desbrotamento e colheita do produto para o encaixotamento.

Os cuidados com a preservação do local são os seguintes: se der vento, chuva, deve-se manter a estufa fechada, pois pode arrebentar o plástico. Ao entrar na estufa, pisar na cal para não contaminar as plantinhas pois podem adoecer. É utilizado Q Boa para desinfetar as bandejas onde serão plantadas as sementes.

Alunos: Carina Lunci - 2ª série

Maicon Bortolini - 2ª série

Amanda Pícoli - 3ª série

Luana Vila - 3ª série

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama- Garibaldi

Para a professora Milene, todos gostaram da visita à estufa, pois além das informações obtidas que culminaram no relatório coletivo, puderam verificar uma forma de plantio moderna que vai além das demais lavouras estudadas na construção deste tema gerador. Os alunos ainda tiveram a oportunidade de manusearem as plantas dentro da estufa.

Relata a professora:

Uma senhora deu para os alunos uma mudinha de pimentão mostrando como se planta na bandeja da estufa. Na estufa de moranguinhos eles gostaram mais, pois a proprietária permitiu que eles colhessem alguns.

Nesse trabalho, a aula-passeio, além do contato direto com uma lavoura para nela estudarem as formas de trato com a terra, os alunos puderam manusear a forma de plantio e colheita realizada na propriedade e com isso perceber que a prática da agricultura na comunidade foi se modificando e aperfeiçoando constantemente, desde o tempo dos imigrantes até a geração deles, alunos e também descendentes.

Como avaliação final deste primeiro tema do estudo na comunidade de Marcorama, foram colhidos os primeiros depoimentos dos professores que dele participaram, dentre os quais transcrevo o da professora Janete:

Nós estamos seguindo os passos e achamos interessante. Eles estão buscando e se interessam pelo que estão estudando. Eles vêem que são eles mesmo que constróem o trabalho. Na medida em que eles produzem, eles aprendem.

O método de pesquisa e de organização do trabalho proposto como sugestão para conduzir as atividades do Estudo do Meio surtiu, já nesta primeira atividade, os efeitos esperados nas propostas posteriores, uma vez que aos poucos foi absorvido por professores e alunos.

Na E.E. Ângelo Chiamolera, na comunidade de Faria Lemos, município de Bento Gonçalves, os alunos desenvolveram atividades utilizando a metodologia do Estudo do Meio, e aqui registro os resultados obtidos pelos professores Carlos Baggio e Nelci Zacaron, com os alunos de 2ª e 3ª séries respectivamente, realizando, em conjunto, estudos sobre o solo da comunidade.

De acordo com o prof. Carlos:

Reunimos então a 2ª e 3ª séries numa mesma sala e expusemos os objetivos do trabalho. Os alunos foram reunidos em seis grupos e numa exploração inicial verificamos os seus conceitos de solo, uma vez que alguns deles haviam estudado em conteúdos de Ciências. Exploramos o conceito de terra e solo que os alunos já possuíam.

Os alunos apresentaram os seguintes conceitos:

Grupo 1 - Solo para mim é a camada sólida da terra.

Grupo 2 - Solo para mim é o lugar onde plantamos, pisamos e colhemos.

Grupo 3 - É uma camada terrestre que embaixo dele tem água que pode ser perfurado um poço que tem água para beber.

Grupo 4 - Solo é o lugar onde se pisa, se planta e se constrói casas. Ele também é chamado de terra. Muitos animais vivem na terra. Os solo é a terra, o chão. O solo também tem ar.

Grupo 5 - O solo para mim é uma camada de rochas que vão despedaçando aos poucos.

Grupo 6 - Solo é a camada da crosta terrestre, ou dizemos que é o nosso chão.

Posteriormente foram à biblioteca onde consultaram livros de Ciências, previamente selecionados pelos professores, com textos diferentes, onde complementaram o conceito anterior, tendo agora as pesquisas como fonte. Relata a prof^a Nelci:

Pesquisamos sobre o conceito de solo. Eles montaram, com idéias próprias, depois de terem lido os livros, conceitos sobre o solo. Informações de caráter científico sobre o solo.

Essa parte da atividade correspondeu a parte teórica do trabalho, em cima da ficha de estudo elaborada para o desenvolvimento do tema gerador.

Na transcrição que segue, os mesmos grupos apresentam esses conceitos após a realização da pesquisa bibliográfica.

Grupo 1 - Formação do solo

***O solo é a camada superficial da crosta terrestre
O solo é formado por pedacinhos de rochas, restos de animais e vegetais mortos.
Não haveria vida para o homem e as plantas sem a conservação do solo.
O homem precisa lidar com o solo e não deixá-lo ficar pobre.***

Alunos: Taísa- 2ª série

Rodrigo - 2ª série

Jaqueline - 3ª série

Eduardo - 3ª série

Escola- E.E.Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Grupo 2 - O solo fonte de vida e paz

Os terrenos mais moles, onde nascem as plantas, são os solos. As raízes retiram água e alimento do solo.

Há água no solo. Faça um buraco e retire um pouco de terra mais para o fundo. Observe como é molhado, tomando a mão para sentir esta água molhada.

Jogue um pouco de água no solo e veja como ela desaparece. O solo é formado de restos de animais e vegetais com pedacinhos de rochas. As rochas são formadas por minerais. Elas sofrem transformação. E dão origem aos solos.

Grupo 3 - O solo

O solo é o lugar onde pisamos, construímos nossas casas, onde criamos animais e fazemos plantações. O solo é formado por pedacinho de restos de animais, vegetais mortos e pedaços de rochas. O solo pode ser chamado de terra, crosta terrestre ou camada sólida da terra. O solo é onde as plantas crescem e fixam suas raízes. Abaixo do solo fica o subsolo. Existem vários tipos de solos. Eles podem ser úmidos ou secos.

Alunos : Anderson Moret - 2ª série

Eduardo Dal Pizzol - 2ª série

Dalila Tilton - 3ª série

Kamila Zonta - 3ª série

Escola - E.E.Ângelo Chiamolera

Faria Lemos- Bento Gonçalves

Os três textos possuem pontos em comum, que são os conceitos de solo retirados dos livros didáticos (o solo é formado por restos de vegetais, de rochas e de animais). Porém, cada grupo fez interpretações diferentes, acrescentando outras abordagens, o que diferencia cada um dos textos transcritos. Numa aula “tradicional” os conceitos seriam ou copiados na íntegra dos livros, ou copiados do quadro, para posteriormente serem decorados e elaborados, com as mesmas palavras, em provas, não respeitando o entendimento nem possíveis releituras dos alunos.

Tomando como referência os conceitos anteriores, os alunos foram pesquisar, na comunidade, sobre o uso e manejo do solo. Entrevistaram três proprietários.

Segundo o prof. Carlos, cada equipe/grupo comunicou, posteriormente, em seminário, a realização das atividades de pesquisa e de produção coletiva.

Como os grupos decidiram visitar os mesmos proprietários, as mesmas informações. Portanto, os textos conclusivos da visita não apontaram diversidade de opiniões por parte dos entrevistados. Mesmo assim, o tema “terra” abordado no Estudo do Meio possibilitou uma complementação de informações e conceitos entre o conhecimento empírico (que portavam), o estudo teórico (pesquisa bibliográfica) e a aula-passeio (pesquisa de campo).

Os textos elaborados foram reproduzidos em mimeógrafo e cada componente dos cinco grupos recebeu um conjunto durante o seminário.

Quando da avaliação da atividade pelos professores, coletou-se a opinião dos que conduziram esta trabalho.

Prof. Carlos:

Trabalharam com aspectos importantes que é o uso da terra e o espaço comunitário

A primeira inovação da proposta, para o referido professor, consistiu em associar conceitos teóricos com um campo de aplicação no concreto - o espaço comunitário.

Reunimos em os alunos em equipes, numa sala única e eles trabalharam, pesquisaram, trocaram idéias e colocaram idéias próprias.

O fato de reunirem-se alunos de 2ª e 3ª séries em torno de uma atividade em comum, posteriormente distribuídos em grupos foi outro aspecto importante na opinião do professor.

Nos reunimos em grupos de 4 alunos. Os que tinham dificuldades e os que demonstravam facilidades. Uns foram ajudando os outros. Houve uma complementação de idéias.

Essa postura também foi importante na avaliação do prof. Carlos, uma vez que os mesmos alunos que demonstraram maiores dificuldades por serem de séries diferentes, não ficaram alijados do trabalho e não dependeram do auxílio do professor. O próprio grupo tratou de auxiliá-los evidenciando o que Freinet sempre preconizou, ou seja, um ensino cooperativo.

Segundo o prof. Carlos:

Discutimos sobre os conceitos dos alunos e sobre as novas informações que obtiveram na pesquisa complementando o conhecimento anterior. O mais importante foi que nós orientamos para que eles lessem mas não copiassem, mas que pudessem tirar, em

tópicos, as idéias essenciais sobre o que tinham conhecimento, para reunir os tópicos num texto de pesquisa. Logo em seguida chamamos um senhor de idade que é avô da professora. Com os dados do trabalho teórico, eles elaboraram perguntas referentes ao uso do solo antigamente e hoje. O avô falou sobre o solo antigamente e hoje e como usavam o solo uma vez. Como era a terra antigamente, se o solo era fértil ou não. Eles foram colocando, juntando todas as informações. Eles elaboraram um texto com as respostas das perguntas.

Segue a transcrição de um dos textos elaborados como complementação do estudo, por um dos grupos.

O solo

De acordo com a nossa pesquisa o solo bom para a agricultura não tem muita areia nem muita argila. Todo o solo precisa ser preparado antes do plantio, mas com a entrevista que a gente fez com o Sr, Giovani Zaccaron, antigamente era diferente.

O solo não era adubado, eles desmatavam um pedaço do mato e estes solo já era utilizado para o plantio. Passavam-se 7 anos, desmatavam mais um pedaço de mato e faziam a mesma coisa e, às vezes, para der rubar uma árvore demoravam meio dia. O Sr, Giovani Zaccaron achava o solo de antes melhor que o de agora.

Segundo o Sr. Valter Dal Pizzol, proprietário da Colônia Dal Pizzol, gosta de trabalho de mexer na terra, é gratificante. O objetivo da propriedade é produzir a colheita e receber turista.

Nesta propriedade visitamos também a árvore que deu origem do nome do nosso país, a qual era o Pau-Brasil.

Além disso, podemos visitar outras coisas antigas como: um restaurante, um ferro de passar, tinha até máquina de moer carne dos estados Unidos. Há outras coisas mais, com isso dá para ver que é legal a nossa cultura italiana.

Alunos: Débora Salton - 2ª série

Patrícia Buffon - 3ª série

Eduardo Benvenuti - 3ª série

Renan Felipe - 3ª série

Escola- E.E. Ângelo Chimolera -

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Ainda na fala do professor:

Trabalhamos conceitos de terra, solo, etc. Foram fazer visitas, houve entrevistas na sala de aula com um senhor traçando um paralelo entre o uso da terra antigamente e hoje.

Partindo do conceito de solo de que eram portadores e complementando com a pesquisa bibliográfica, os alunos exploraram o uso do solo no espaço comunitário iniciando, desta maneira, a relação teórico/experimental dentro da iniciação ao conhecimento geográfico em seu espaço comunitário.

Ao traçarem um paralelo entre o uso do solo em dois tempos (antigamente e hoje), num mesmo espaço de vida, exercitaram a construção de conceitos de “tempo”: a construção destes mesmos conceitos relacionados à iniciação ao ensino de História.

Em se tratando do uso de entrevistas ou de visitas a propriedades da localidade e, através delas, ouviram como a terra era trabalhada em um outro tempo, naquele mesmo espaço, e receberam informações de ordem cultural ampla sobre as atividades dos imigrantes italianos e de seus descendentes.

Segue o professor:

Nos reunimos em seguida, produziram textos, questionários, painéis com desenhos e expuseram os conceitos que portavam sobre a terra.

O depoimento do prof. Carlos evidencia o uso de múltiplas linguagens com o objetivo de reforçar os conceitos construídos e comunicação dos resultados das pesquisas.

Procuramos salientar a integração com Português e Matemática, tentamos globalizar em alguns aspectos.

Conforme a proposta do Estudo do Meio, o professor desenvolveu uma atividade cujo objetivo seria trabalhar a iniciação ao conhecimento geográfico. Nesse mesmo tema os alunos valeram-se, além da prática em família e dos conhecimentos que possuíam, dos textos de ciências para complementá-los. Na montagem do trabalho, além do uso constante da Língua Portuguesa pela elaboração de textos e questões para entrevistas, os alunos desenvolveram textos conclusivos, usando também expressões artísticas (desenhos, mapas, painéis), realizando, conforme o depoimento do mesmo professor, a globalização em alguns aspectos e de forma espontânea.

Concluindo sua avaliação afirma o prof. Carlos:

Foi um trabalho novíssimo porque tiveram que produzir. Foi um trabalho que eles realmente aproveitaram, pelo que eu senti e que eles também sentiram. Houve uma reação dos alunos pois eles sentiram prazer em trabalhar nesta pesquisa. Sentiram-se até mais importantes.

Pelo do depoimento do prof. Carlos fica explícito que os alunos realizaram uma atividade que além de inovadora em seu fazer pedagógico, somou o prazer de descobrir, construir conceitos e aliá-los a uma situação de vida no espaço comunitário.

Para a professora Nelci, que junto com o prof. Carlos trabalhou o tema, o Estudo do Meio também causou uma forma de interferência em sua prática pedagógica. A atividade na forma com que foi proposta e conduzida não somente contribuiu para a construção mais efetiva de conhecimentos por parte dos alunos, como também do professor.

Conforme a prof. Nelci:

Eu acho que foi uma experiência válida. Eu aprendi, estou aprendendo e os alunos também. Foi uma experiência nova. Nunca tinha trabalhado com isso.

O “isso” a que a professora se refere, é a metodologia do trabalho e de pesquisa introduzida no Estudo do Meio nesta experiência e que proporcionou, por sua vez, conforme a professora, *uma experiência nova.*

Eu imaginava que eles não iriam se envolver tanto, eu sinto um pouco de dificuldade em trabalhar com eles. Eu imaginava que eles não fossem se empenhar tanto. Pelo contrário, eles trabalharam, se empenharam e adoraram a visita.

O aspecto interessante, quanto ao envolvimento dos alunos, aponta que os trabalhos anteriores, mesmo que a professora não o fizesse deliberadamente, seguiam um mesmo roteiro pré-determinado quando do planejamento das atividades. A proposta do Estudo do Meio veio interferir e modificar em parte essa rotina, provocando, nessas primeiras atividades, um sentimento de insegurança em trabalhar de uma outra maneira, pois surpreenderam-se com o empenho e o envolvimento demonstrado pelos alunos.

Conclui a professora:

Estas visitas, em geral, era uma coisa que eles não fazem muito. Muita coisa eles aprenderam com a visita ao meu avô.

Também no tocante à aula-passeio, nota-se que a mesma inovou sua prática educativa, pois conforme a professora, além de *adorar* eles *aprenderam muito.*

Tanto na fala do professor Carlos como na da professora Nelci, encontra-se a palavra ou sensação de “prazer”. O prazer demonstrado pelos alunos está, com certeza, diretamente vinculado às oportunidades de realizar uma atividade em que percebeu-se o *prazer em trabalhar* num contato direto com a realidade e suas vivências no seu meio comunitário.

Um tema gerador na concepção de Freire, aliado a uma metodologia inspirada na pedagogia de Freinet tem, nesse momento um elemento convergente que é o prazer em aprender. Ao acrescentar a cultura local como cenário de experiências no espaço e no tempo, busco ainda, constantemente, inspiração nas vivências de Brandão.

Afirma o autor *Cultura popular é o que o povo vive e faz.*⁷

6.2 - Água

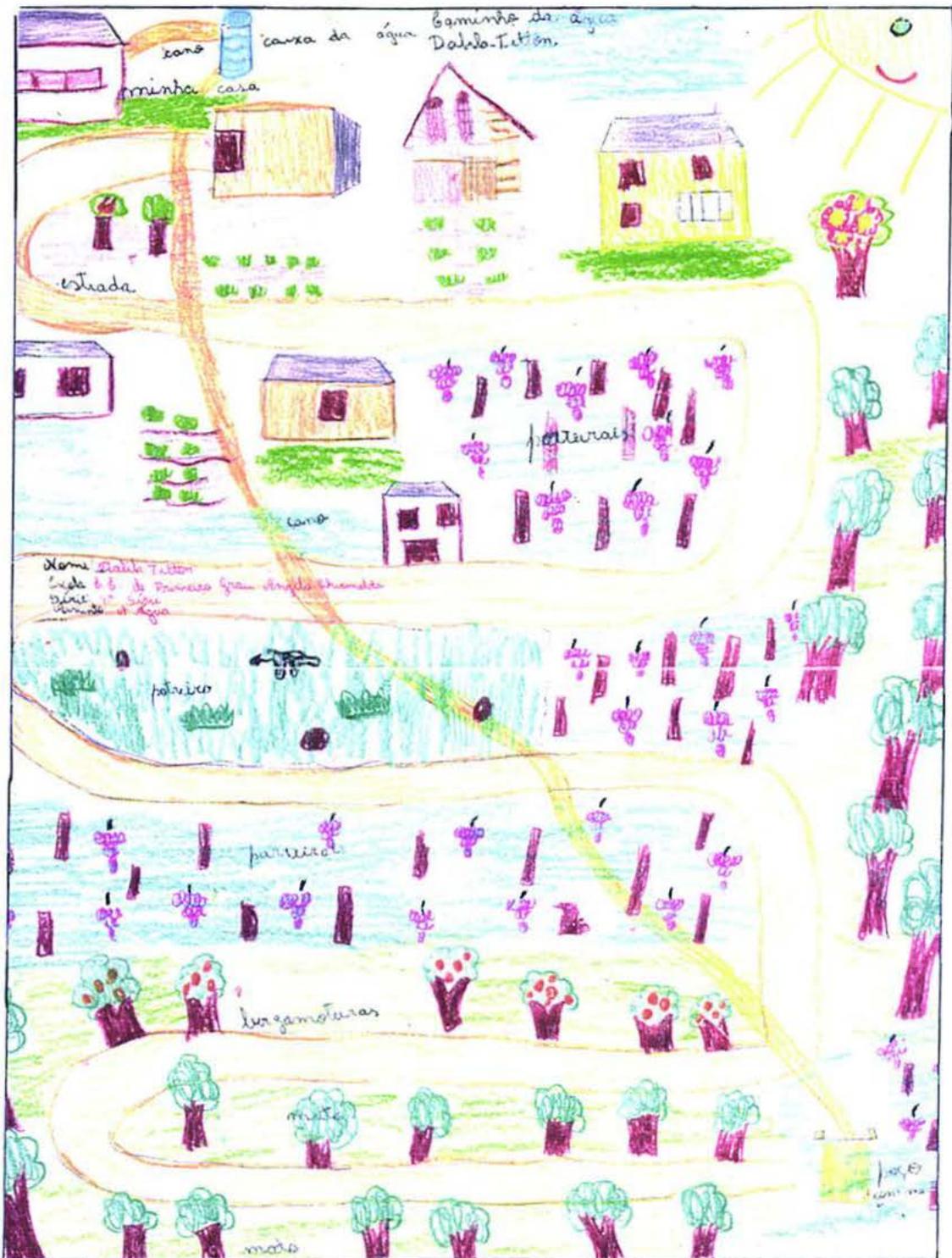


Figura 15

Aluna: Dalila Titon – 3ª série
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos – Bento Gonçalves

Os rios e córregos tiveram um papel preponderante como elementos da paisagem natural e, portanto, influenciadores na localização dos primeiros lotes e na construção das casas.

Afora a terra, como vimos anteriormente, a água regia parte do cotidiano das famílias de imigrantes, como foi registrado por Costa e outros:

A grande preocupação em estabelecer a moradia perto de rios, córregos ou fontes de evidente abundância de água.⁸

Ainda, conforme os autores, essa mesma realidade expande-se além da área pesquisada por eles, sendo evidente em outras regiões de colonização italiana.

A convergência das colônias para os rios e a localização das casas perto das águas é evidente em toda a região desta pesquisa e em grande parte dos municípios de imigração italiana.⁹

A fixação das residências dependia prioritariamente das fontes de água disponíveis.

Conforme registra Costa e outros:

A água foi o melhor roteiro natural da fixação das residências. Há, ainda hoje, os peritos da fabricação de poços e indicação dos possíveis lençóis de água para resolver o problema de muitas famílias que tinham que deslocar-se aos vizinhos em busca de água e alimentação e para os serviços domésticos e pelo fato de não existir água potável no próprio lote.¹⁰

Como vimos, os *peritos* detêm um saber empírico sobre os possíveis mananciais d'água, mas de muita utilidade em seu meio.

Para os imigrantes, devido às dificuldades de abastecimento de água potável, as fontes disponíveis eram mantidas com muitos cuidados. Segundo Costa e outros:

A fonte de água potável era envolvida de grandes cuidados. Tinha-se o cuidado que os animais domésticos não bebessem nela e que fossem preservadas de contaminação.¹¹

Motivados ainda pela busca e conservação da água potável para o uso humano e doméstico, eles desenvolveram costumes peculiares. Um desses costumes, conforme Costa e outros, relacionava-se com os tipos de depósitos encontrados em suas casas:

Os imigrantes mantinham dois tipos de balde para água: um balde de madeira (sécchia), para conservar a água potável em melhor temperatura e outros baldes, que podiam ser de latão, para conservar a água do rio ou do córrego, para outros usos domésticos, porque era considerada não potável.¹²

Também com o objetivo de facilitar a vida cotidiana, os imigrantes desenvolveram técnicas condutores de água desde as fontes até suas residências e com isso facilitando o abastecimento doméstico. Um deles, conforme Costa e outros consistia em:

... costumavam armar cordões de fios de arame para descer os baldes até as fontes e, depois, puxá-los para dentro da própria residência, sem o trabalho de buscar, manualmente, a água.¹³

Uma outra invenção, que conforme os autores não tem tradução em português, denominava-se *bigolo* e que era utilizado para transportar a água para grandes distâncias:

Trata-se de um dispositivo de madeira, geralmente um galho de árvore um pouco vergado, com dois dispositivos nas extremidades para afixar um balde ou cesto em cada lado. Posto nos ombros, dá maiores condições para transportar água a longas distâncias.¹⁴

O segundo tema do curso/pesquisa - água - foi escolhido em decorrência do anterior - terra.

Como parte integrante da proposta metodológica o tema água permite tanto o enfoque geográfico como formulação de conceitos buscando complementação nos conteúdos de Ciências Naturais, com pesquisas bibliográficas associadas às de campo (aula-passeio), para que os alunos percebam que a água foi um elemento influente, entre outros, na vida e na fixação dos imigrantes à terra e que poderá ser estudada em diferentes olhares.

A) conhecimento desse recurso da natureza, suas diferentes formas de utilização pelas pessoas da comunidade e como as famílias e os demais membros desta, tratam ou não de preservá-los;

B) relacionar este recurso natural - água- com a cultura dos grupos descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades participantes deste trabalho.

Em conformidade com a metodologia de trabalho que o embasa, o curso/pesquisa foi realizado em diferentes etapas, a saber:

- divisão dos alunos em equipes de trabalho;
- utilização da metodologia de pesquisa;
- pesquisa bibliográfica na escola;
- entrevistas na comunidade;
- aula-passeio para estudos e observações;
- montagem de trabalhos em multilinguagens na sala de aula;
- seminário por séries;
- exposição, na escola, dos trabalhos confeccionados pelos alunos.

Como tema gerador, o assunto água encontra-se dividido em nove sub-temas e cada grupo trabalhou um sub-tema em separado para reuni-los, posteriormente, no seminário.

Os sub-temas trabalhados, assim como no tema gerador anterior, visam relacionar a importância da água com diversas situações da vida em família e em comunidade, além de buscar elementos, nessa utilização, que caracterizem traços de uma cultura popular vinculada a uma História local.

Grupo 1 - Sub-tema - A água como elemento da natureza

Este primeiro sub-tema enfoca ainda três situações de estudo:

- importância da água para os seres vivos;
- onde encontramos a água que necessitamos para viver;
- importância dos cuidados para com a água que utilizamos para vivermos.

Num primeiro momento, os professores estabeleceram uma discussão com os grupos sobre o tema água e sua relação com o meio onde vivem.

Em algumas séries iniciais o tema compatibiliza-se com os conteúdos programáticos e assim foi focado. Conforme os professores o tema despertou interesse pela relação com a realidade local onde a questão da água envolve uma discussão continuada na comunidade.

No depoimento da prof^a Mara, o trabalho suscitou a descoberta de novos aspectos para montagem da atividade: *As crianças foram procurar recortes, foram buscar coisas diferentes, coisas novas.*

Compreende-se como coisas novas, a adequação dos conceitos já formulados em estudos anteriores como a proposta do Estudo do Meio, que possibilitou um *olhar* sobre o cotidiano em família e em comunidade.

Os alunos das professoras Janete Cristina Delazzeri (2^a e 3^a séries) trabalharam em conjunto com os da prof^a Milena Bortolini (1^a e 4^a séries), por serem turmas pequenas, e a opção das professora foi uni-los numa atividade que envolvesse toda a escola. Formularam, após a pesquisa o texto conclusivo que faz parte do “Livro da Água na Comunidade”.

A Água como elemento da Natureza

A água é muito importante para os seres vivos, pois os animais, as plantas e as pessoas necessitam de água para beber, tomar banho, fazer comida, molhar plantações - flores e horta -, lavar roupas e limpeza da casa. Encontramos a água que utilizamos nas vertentes, poços artesianos, fontes naturais, açudes, rios, nos lençóis subterrâneos. Os cuidados que devemos ter com a água que utilizamos para viver são:

- manter as fontes sempre limpas e tampadas,*
- fazer a limpeza das caixas e depósitos de água quando necessários,*
- é importante não utilizarmos agrotóxicos próximos das fonte, vertentes, rios e principalmente não jogar qualquer tipo de lixo,*
- não desperdiçar que algum dia poderá faltar*

Alunos: Eliverto Martins da Silva - 1^a série

Dalvana Lazzari - 2^a série

Aline Virgínia Debiasi Aimi- 4^a série

Escola- E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Entre os conceitos formulados no estudo, percebe-se que os alunos construíram alguns que são bem expressivos para o conhecimento do tema:

- a importância da água para os seres vivos;
- as fontes de captação de água;
- cuidados necessários para manter as fontes de captação e reserva limpas;
- não desperdiçar a água

Ao questionarmos sobre a presença de alunos de primeira série junto aos demais, na formulação de textos e outras linguagens em grupo, a prof^a Janete salientou que:

Os da 1^a querem ir juntos. A empolgação deles é ótima. A gente fala e eles ficam bem animados.

Essa empolgação é fruto de um trabalho cativante, não podendo ser desprezada em momento algum, pois na participação com os demais colegas que vivem numa mesma comunidade, inicia-se a construção dos conceitos tendo também como referência a experiência dos demais.

A divisão dos grupos envolvendo alunos de diversos níveis de escolaridade, reforçou, conforme os professores que orientaram, a discussão sobre o tema, uma vez que os que estão nas séries mais adiantadas motivam e auxiliam, em suas falas, os que se encontram nas séries primeiras.

Neste primeiro sub-tema, os alunos discutiram e elaboraram seus trabalhos conclusivos tendo como referência suas próprias vivências.

O surgimento da expressão *lençóis subterrâneos* no texto, trazido no conjunto de informações obtidas em casa despertou curiosidade nas professoras, uma vez que é um termo novo, não utilizado na escola nas séries iniciais e que os alunos incorporaram em seu vocabulário.

Em uma outra maneira de expressão, desenho, o conceito foi melhor explicitado, pois os alunos representaram como poços d'água entre duas camadas de terra.

Na E.M. Vitor Meireles, a prof^a Vanda Paglianini optou com seus alunos por iniciar a atividade com uma pesquisa bibliográfica, auxiliando os mesmos na compreensão dos termos e das expressões novas que foram encontradas nos textos didáticos.

Juntos formularam posteriormente um texto salientando os dados coletados nos livros utilizados.

Como resultado da pesquisa e das discussões com os grupos, cada grupo elaborou um livro temático com os textos e desenhos relacionados com o sub-tema abordado.

No livro da aluna Bárbara Manica, ficou registrado o seguinte texto:

A água

A água é a parte indispensável para que haja vida na terra, todos os seres, animais e vegetais se utilizam da água para sobreviver, apenas o homem ampliou a utilização da água, aproveitando-a para as suas necessidades, transformando-a em vapor, para extrair a energia do vapor d'água. Utiliza-se das quedas da água para conseguir a força mecânica e elétrica.

Cerca de três quartos da superfície terrestre está coberta pela água e como a profundidade média dos mares é de 4 km, é de impressionar a massa de água que cobre a terra. Extraordinariamente espalhada pela natureza, a água é encontrada nos três estados : sólido sob a forma de gelo ou neve; líquida nos mares, rios e lagos e gasoso na atmosfera.

A água é composta por óxido de hidrogênio, líquido incolor, insípido e inodoro; sua fórmula H_2O , o que significa que na formação de uma molécula, encontra-se dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio. As águas naturais nem sempre são puras, pois trazem gases e sais em dissolução e materiais em suspensão.

O homem deve cuidar com o lixo, os venenos e os esgotos para não poluir a água.

Aluna : Bárbara Manica - 3ª série

Escola - E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Conforme a produção da aluna, verifica-se que os conceitos construídos resultam de uma pesquisa orientada pela professora de classe e que o texto, ao ser elaborado coletivamente, traz em seu bojo uma formulação em que nota-se a participação desta.

Em seu depoimento a prof^ª Vanda nos afirma:

Nós explicávamos a água de uma maneira geral, não indo a fundo, a procurarem os tipos de água que existe na comunidade deles.

A mudança na abordagem do tema inclui, no trato do mesmo, uma pesquisa bibliográfica, no lugar do texto pronto e da leitura de livros.

Quando os conceitos pesquisados na bibliografia forem do entendimento dos alunos, estes associam também com questões práticas e de uso habitual. Quando o mesmo não ocorre em sua totalidade, os alunos nem sempre captam todos os significados por ser uma linguagem muito além dos anos de escolaridade.

Grupo 2 - Sub-tema - Fontes de fornecimento da água para as famílias e para as comunidades.

Nesse segundo sub-tema os alunos estudaram as fontes de fornecimento de água que abastecem suas famílias e a comunidade. O assunto enfoca alguns elementos a serem pesquisados, uma vez que traz em si uma relação estreita com a sobrevivência de seu grupo familiar e comunitário.

Entre os assuntos abordados destaca-se as seguintes situações de estudo:

- fontes naturais fornecedoras/ abastecedoras de água para as famílias e comunidade em geral : rios, riachos, córregos, arroios, açudes, vertentes, etc.
- onde estão localizados na comunidade;
- importância deste recurso natural para a vida no grupo familiar e comunitário;
- como a comunidade reserva estas fontes naturais de abastecimento de água.

Esta atividade de pesquisa proporcionou ao grupo envolvido, além do conhecimento de que já são portadores por viverem naquela mesma comunidade, uma atividade reflexiva e um contato direto com algumas fontes fornecedoras de água para a comunidade através de aula-passeio, complementada com entrevistas com moradores que fornecem informações significativas para a elaboração de seus conceitos.

De posse dos dados obtidos nas diferentes investigações orientadas por suas professoras, os alunos das professoras Janete e Milene elaboraram textos contendo informações substanciais para a compreensão da realidade local.

Fontes de Fornecimento da Água para a Comunidade

Na nossa comunidade existe o Arroio São Marcos e ele passa perto da escola e vai deslocando-se até Santa Tereza.

Açudes, poços e vertentes a maioria localizam-se perto faz propriedades.

Estes recursos são muito importantes para a irrigação, no consumo doméstico, para saciar a sede dos animais.

As pessoas estão se conscientizando e colaborando na preservação das fontes naturais através de informações recebidas, cuidados com a limpeza dos locais, jogam o lixo nos locais adequados, cuidando com os agrotóxicos.

Alunos - Helena Maria Von Borstel - 2ª série

Luana Villa - 3ª série

Carla Giovanaz - 4ª série

Escola - E.E. São Marcos -

Marcorama - Garibaldi

Os alunos da prof^a Lúcia Maria P. Enderle da E.E. Ângelo Chiamolera no distrito de Faria Lemos em Bento Gonçalves, realizaram o mesmo trabalho, dentro de um mesmo esquema de pesquisa e a produção a seguir demonstra o empenho de ambos, professores e alunos na realização deste sub-tema.

A Água

A água é muito importante para todos os seres vivos, pois ela representa a maior parte do globo terrestre.

A água no passado, podia ser utilizada no banho em riachos ou rios, não havia água encanada. Hoje, estes riachos estão poluídos devido aos esgotos: nas proximidades destes riachos não há mais sobrevivência, se há, existe precariamente.

A água é o ambiente natural de muitos seres vivos, pois é através dela que encontramos os minerais da terra e são eficazes para a saúde.

Podemos dizer também que se encontra nos três estados físicos: sólido, líquido e gasoso.

A água é um líquido precioso, devemos preservá-la pois torna-se um bem para a sociedade. Na cidade a água passa por um processo de tratamento, com isto ela fica menos poluída e boa para ser consumida. Em nosso distrito a água também é tratada.

O homem utiliza muitos recursos retirados da água. É através destes recursos que ele consegue conviver com a natureza. Nós não devemos tomar água suja, poluída, contaminada porque pode trazer sérios problemas de saúde e nós precisamos preservar o ambiente, a natureza, para nós sentirmos com saúde e bem-estar.

Aluna: Mariana Dal Mas - 3ª série

Escola- E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Quando da apresentação dos resultados desta atividade ao grupo de professores participantes do curso, a prof^a Lúcia fez questão de ressaltar alguns aspectos observados com a utilização da metodologia do Estudo do Meio. Diz ela:

Neste tipo de trabalho a gente conhece mais o aluno. Se conhece ele bem. Naquilo que ele vai, nas deficiências deles, que eles precisam superar. Por isso que é um desafio e é trabalhando porque aí você vai mesmo ao ponto X da criança. Se atinge mesmo.

O depoimento da prof^a Lúcia permite que se pense o quanto por vezes a escola se distancia do meio de vida dos alunos, uma vez que aproximar os conteúdos escolares de sua realidade representa um “desafio”. Por outro lado, também revela que é num trabalho construtivo, onde os alunos, expõem suas dificuldades e limitações que os professores realmente se aproximam deles. O ato mecânico em Paulo Freire de uma educação bancária, nem sempre permite esta aproximação este conhecimento recíproco.

grupo 3 - Sub-tema - A água que utilizamos para consumo doméstico

Este sub-tema enfoca, como os demais três aspectos complementares:

- onde encontramos água nas propriedades familiares da comunidade;
- como utilizamos a água junto às famílias- higiene pessoal e doméstica e preparo dos alimentos;
- como conservamos a água para mantê-la saudável e limpa para o consumo doméstico.

Também neste sub-tema, após a pesquisa orientada os alunos construíram textos coletivos, por grupos, tendo como referência os conceitos que já possuíam agregando a eles os resultados de suas novas observações.

O texto dos alunos das professoras Janete Milene demonstra este resultado.

A Água que Utilizamos para Consumo Doméstico
Encontramos a água em fontes e poços artesianos para o consumo doméstico.
Utilizamos a água para fazer comida, para a limpeza doméstica, para a higiene pessoal e para a irrigação.
Para a conservação da água devemos manter as fontes limpas, o depósito onde a água é estocada. Limpar frequentemente, filtrá-la e fervê-la.
Alunos : Angélica Bazzarella Zanezi - 1ª série
William Biondo - 2ª série

Alberto Biondo - 4ª série
Escola - E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi

Da mesma forma a prof^a Vanda discutiu com seus alunos os principais aspectos que envolvem o tema em estudo.

Do “Livro da Água” da aluna Bárbara, retiramos o texto criado coletivamente na sala de aula:

A Água para Consumo Doméstico
A água é encontrada em poços artesianos e em escavações onde a água brota virando vertente e usada para consumo, tem vários poços artesianos em nossa comunidade e muitas vertentes.
A água é usada para tomar banho, lavar carros, encher piscinas, limpeza doméstica e aviários, para o preparo de alimentos em geral e muito mais. Ela é conservada em caixas de fibra ou de Brasilit com tampa e a limpeza da caixa é feita anualmente.
Aluna: Bárbara Manica - 3ª série
Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi

Em ambos os textos nota-se a presença, na fala dos alunos, dos aspectos que envolvem o sub-tema proposto e a relação com sua realidade vivenciada, além da construção dos conceitos de:

- captação da água - locais onde encontra-se a água na comunidade;
- utilização da água para consumo doméstico;
- armazenamento nas casas;
- conservação da água - limpeza, armazenamento e conservação dos depósitos.



Figura 16

Aluno: Mateus Rafaelli - 2ª série
Escola - E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi

O desenho do aluno Mateus, mostra como água chega até nossas casas e como ela é utilizada. A leitura do desenho revela a compreensão que o aluno teve do assunto.

Na E.E. Ângelo Chiamolera- Faria Lemos a aluna Jaqueline Benvenuti construiu, através do desenho, um “texto” onde mostra a captação da água no morro, o depósito em caixas d’água e a condução para casa.

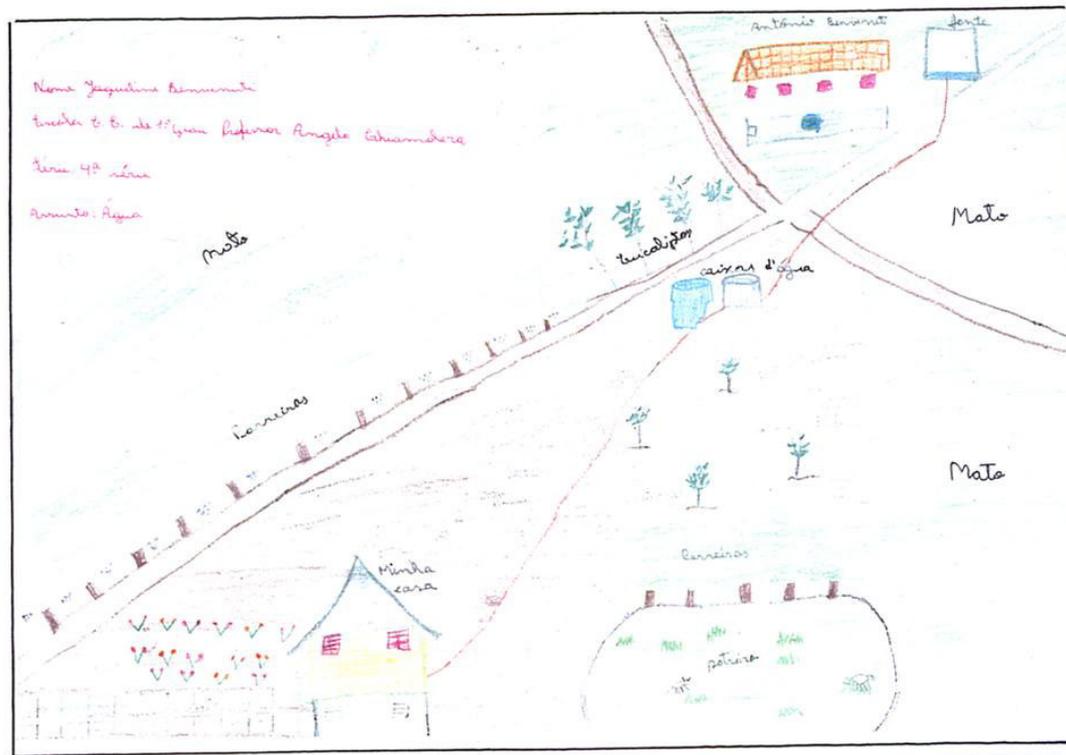


Figura 17

Aluna: Jaqueline Benvenuti - 4ª série
Escola: E.E. Ângelo Chimolera
Faria Lemos - Bento Gonçalves

O desenho da aluna Jaqueline demonstra o conhecimento que a mesma possui das formas de captação e condução da água até sua casa. No desenho, um texto.

Grupo 4 - Sub-tema - A água que utilizamos na criação dos animais.

Os aspectos abordados como reforço a este assunto relacionam-se com:

- onde encontramos para o uso das famílias e para o conjunto da comunidade;
- como utilizamos e como preservamos a água a ser utilizada pelos animais domésticos e outros.

Num primeiro momento, os alunos da profª Janete realizaram observações em suas próprias propriedades e na de outros moradores, para verificar como as demais famílias também utilizam a água para suas criações

Entre as linguagens utilizadas na complementação da experiência, destacam os textos formulados por eles:

A Água que Utilizamos para os Animais

A água que utilizamos para os animais domésticos nas famílias e na comunidade é encontrada nas fontes, nas vertentes, arroios e nos poços artesianos.

A água é utilizada através de encanamentos que vai até o reservatório e aí é distribuído até o lugar desejado por meio de canos, mangueiras, etc. A preservação da água na criação de animais domésticos é realizada através da limpeza dos recipientes e protegida da poeira, insetos, lixo.

Alunos: Rafael Conzatti- 1ª série

Rosemeri Manica - 2ª série

Leonor Manica - 4ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Este estudo possibilitou aos alunos um primeiro contato com a diversidade do uso da água nas comunidades, uma vez que nos livros didáticos este aspectos são apenas citados. Pensar a utilização desta para trato aos animais é uma forma de estudar e ampliara a construção de conceitos, despertando, também, grande curiosidade neles.

Grupo 5 - Sub-tema- A água que utilizamos para as plantações domésticas (horta, jardim e pomar) e para as lavouras.

Os desdobramentos do sub-tema foram os seguintes:

- onde encontramos, na família e na comunidade;
- como utilizamos;
- cuidados com a água utilizada nas plantações - resíduos de defensivos;
- importância da preservação da água utilizada nas plantações.

Da mesma maneira, os alunos responsáveis pelo sub-tema realizaram o trabalho seguindo os mesmos passos e tendo como fontes de pesquisa:

- suas próprias vivências em família e em comunidade;
- observação direta em suas propriedades;
- entrevista com os pais e outros moradores;
- contato com outras propriedades na comunidade.

Após a realização da atividade, os alunos das professoras Janete e Milene, compuseram, o seguinte texto:

A Água que Utilizamos nas Plantações

A água que utilizamos para as plantações domésticas vem principalmente de poços artesianos e fontes naturais.

Com o auxílio de mangueiras, chafariz, tonéis, baldes, regadores e encanamentos são irrigadas as plantas

Para utilizarmos a água nas plantações domésticas e nas lavouras é necessário que ela seja limpa, sem resíduos de agrotóxicos.

É muito importante que preservemos a água utilizada nas plantações, pois ela é essencial para que produzam produtos saudáveis, livres de defensivos, sujeira, lixo, esgoto.

Alunos : Jéssica M. Giovanaz - 1ª série

Tatiana Fachinelli - 3ª série

Fernando Henrique Deluca - 4ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Neste ponto, no contato com os diferentes sub-temas, os alunos já se encontram bem familiarizados com o tema gerador, suas múltiplas faces, com a construção de conceitos e com a metodologia aplicada para desenvolvê-los.

Conforme a profª Vanda

Este tipo de trabalho, de conversar com os alunos, resgatar o que eles sabem, a gente procura fazer, mas é diferente ir além, ver com os pais em casa, com os mais antigos. A gente esquece esta parte. Com eles a gente vê que está mexendo.

Esta mudança de postura na condução do fazer pedagógico em sala de aula por parte dos professores, de descobrir formas de descentralizar a ação educativa, passa a ser uma constante durante as atividades com o Estudo do Meio.

O depoimento da professora Vanda revela que por maior que seja a intenção do professor em adequar conteúdos à realidade de seus alunos e em suas comunidades, esta esbarra em questões metodológicas ou, no como fazer.

O “ir além” quer dizer o mesmo que “transpor” as paredes da sala de aula, dos muros ou cercas que circundam a escola e inserir-se no meio como preconiza Freire, ou em consequência do uso de uma metodologia motivadora e que propicie a alegria da descoberta numa atividade cooperativa como ensina Freinet.

Neste sub-tema percebe-se a preocupação dos alunos com a questão ambiental relacionada com o manejo dos agrotóxicos, presentes nas lavouras em suas comunidades.

Neste sentido o Estudo do Meio aguça a percepção dos alunos ao interferirem na realidade não circunscrito ao texto didático e proporciona, além do contato nas observações, o diálogo com as pessoas nas situações estudadas.

Exemplo de percepção no texto produzido pelos alunos:

A Água que Utilizamos para as Plantações

A água que utilizamos para regar as plantações domésticas na época de estiagem, a maior parte das pessoas ocupa aquela que foi usada para enxaguar a roupa, assim estão colaborando para o racionamento da água.

É utilizada como irrigação quem tem açudes ou banhados e com regador os que ocupam a água de vertentes ou poços artesianos.

Não podemos usar água de córregos nas plantações porque poderão estar contaminadas com resíduos de defensivos agrícolas.

Por isso é muito importante que o agricultor quando usar defensivos agrícolas tome muito cuidado para não deixar a embalagem ou frasco jogado em qualquer lugar.

Ele deverá queimar ou enterrar para não poluir as águas e a natureza.

Aluno: Júlio César Carrer- 3ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Profª Vanda

Alguns desses conceitos necessitam ser pontuados para rediscuti-los com os alunos, uma vez que as informações trazidas no contato com as pessoas em sua comunidade, por vezes, estão plenas de senso comum. Embora obedecendo a uma lógica comunitária, a escola necessita revisá-los para complementá-los com o conhecimento de cunho científico que estão presentes em alguns livros didáticos e outros que embasam a pesquisa bibliográfica.

Quando o aluno cita, por exemplo, que as embalagens dos defensivos agrícolas deverão ser queimadas ou enterradas, é importante ressaltar, quando, como e onde acondicionar melhor. Queimar e o simples ato de enterrá-las poderá comprometer, em alguns casos, o lençol freático e os resíduos de veneno continuarem contaminando. Da fala, uma lição de saúde.

Grupo 6 - Sub-tema - Importância da água para a indústria colonial

O sub-tema, numa primeira proposta, abordaria os seguintes assuntos complementares:

- a água utilizada para mover moinhos coloniais;
- como captavam e conduziam a água para estes moinhos;
- como utilizavam a água para produzir a energia necessária para mover os

moinhos

O sub-tema traz em seu bojo, inicialmente o uso da água num contexto histórico, uma vez que os moinhos coloniais, estão em sua quase totalidade desativados. Eram movidos por roda d'água, uma tecnologia posta em desuso sendo substituída pela energia elétrica e, conseqüentemente, com novos equipamentos.

Além da pesquisa com pessoas idosas da comunidade, muitas delas proprietárias destes moinhos e mesmo junto aos pais, os alunos visitaram prédios em aula-passeio onde funcionavam moinhos coloniais ou mesmo apenas vestígios de sua existência como é relatado pela prof^a Mara

Fomos fazer uma visita a um antigo moinho. Conversaram com uma senhora que encontramos na estrada. Em casa receberam infor-mações e montaram o texto.

Visita a um moinho

A professora e nós alunos fomos fazer um passeio a um antigo moinho existente em São Roque.

No caminho encontramos casa, terras, gramados, bois, vacas, touros, rios, e por fim chegamos lá.

Lá nos vimos a roda do moinho, uma churrasqueira e muitas rochas.havia também ruínas de um depósito e tinham pedras que estavam des-gastadas pela força da água.

Voltando para a escola encontramos a mãe de um colega meu, ela sabia alguma coisa sobre este antigo moinho.

Na sala de aula nós alunos tentamos fazer um desenho referente ao que havíamos visto, ficou legal

Aluno : Mateus Rafaelli - 2ª série

Escola: E.E. Vitor meireles

São Roque - Garibaldi

Prof^a Mara Rossi Dresch

Ainda conforme a prof^a Mara:

Nós fizemos passeio, busca com os pais e pesquisa em casa. Os pais estão colaborando. Estão participando, trabalhando juntos.

Este depoimento reforça um aspecto primordial para a realização de atividades relacionadas com o Estudo do Meio que é a participação da família e da comunidade na elaboração dos temas geradores.

Desde outros cursos e de longo tempo, em outros locais, a questão da participação dos pais, embora seja uma queixa constante por parte dos professores de que os pais não se importam com a educação dos filhos, nem sempre é examinada frente a realidade das famílias.

A prática costumeira é reclamarem da ausência dos pais na escola e a não participação/colaboração nas tarefas escolares principalmente no que toca ao acompanhamento do desempenho escolar dos filhos.

Tenho percebido, neste tempo de vivências, que muitas vezes o conteúdo solicitado nas tarefas escolares, com questões que são levadas para que os pais auxiliem, estão além de seu conhecimento devido à baixa ou por vezes, nenhuma escolaridade por parte dos mesmos, sem que consigam compreender o que está sendo solicitado.

Nas questões ligadas ao ensino de Matemática, por exemplo, os pais, por uma necessidade cotidiana, desenvolveram mecanismos lógicos aliados a uma prática para resolverem cálculos ligados às suas atividades. Esses mesmos cálculos nem sempre correspondem aos roteiros/métodos ensinados na escola. A lógica matemática, aplicada na sobrevivência nem sempre é a mesma lógica esperada pelo ensino da mesma e muitos professores, lamentavelmente não percebem estas realidades.

No tocante ao Estudo do Meio, o saber popular é uma valiosa contribuição para o entendimento dos alunos. Os pais conhecem a natureza, suas manifestações e os resultados advindos de sua mutação, mas nem sempre através de um conhecimento específico da Ciência Biológica ou da geografia, mas através de uma cultura que passa informalmente de geração à geração.

Quando a escola vai ao encontro deste saber é diferente. Eles sentem prazer e prestígio por serem consultados, temem dar respostas erradas. Muitas vezes vão à escola

espontaneamente para retificarem informações imprecisas ou complementarem as já fornecidas, uma vez que também consultaram outras pessoas para checá-las.

Sua importância resulta, conforme Freire por ser um saber de “experiência feito”.¹⁵

Na atividade orientada pelas professoras Janete e Milene, os alunos criaram conceitos de produção de energia necessária para mover o moinho através da força d’água.

Além das discussões em grupo, a aula-passeio até o antigo moinho resultou numa atividade importante para o conhecimento de um elemento da história local que hoje se encontra visualizado nas ruínas e nos prédios, nas peças restantes e na memória de quem vivenciou este tempo.

O relato da prof^a Janete salienta:

Nós fizemos o trabalho de uma maneira diferente das outras vezes. Nós elaboramos as questões junto com eles. Nós dividimos em equipes, grupos de três e eles foram entrevistar os familiares e trouxeram o resultado da pesquisa. Aqui na comunidade tem um moinho, que é perto da minha casa. Eles conversaram com o senhor, fizeram o texto e os desenhos em grupo. Eles fizeram sozinhos. Eles gostaram. Entrevistaram, desenharam, contavam para os outros. Desta vez não foichamado ninguém na escola para falar com eles. Cada grupo fez as suas entrevistas. Eles ficaram bem animados. Eles sabem que é uma coisa deles.

O depoimento descreve como com o Estudo do Meio, à medida que a metodologia vai sendo implementada e se torna uma prática continuada, os alunos vão ficando independentes da tutela dos professores para realizarem suas atividades. O “fazer sozinhos”, que numa primeira impressão nos parece uma revelação, não mais é do que a certeza de que eles, motivados, constroem seus próprios conhecimentos sem a dependência direta dos professores. Estes passam a exercer a sua função esperada, orientá-los, estimulá-los. Uma prática da autonomia.

A Água que Usamos para a Indústria Colonial

O que movia o moinho naquela época era a água, pois não havia energia elétrica.

A água era conduzida de um açude até a roda do moinho, por meio de um cano. A água fazia girar a roda do moinho produzindo a força necessária para move-lo.

Alunos: Jaine Bortolini - 1ª série

Guilherme Giovanaz - 4ª série

Volnei benine - 4ª série

Escola: E.E. São Marcos

De acordo com a prof^a Vanda, o Estudo do Meio nestes aspectos estudados é muito importante :

É a primeira vez que a gente está envolvendo pesquisas, envolvendo os pais. Quando nós estávamos voltando do passeio, encontramos uma senhora. Eles pararam, fizeram perguntas. Eles dizem: resgatar o tempo antigo.

Esses estímulos para os professores são significativos, pois os alunos incorporam, pouco a pouco, novos conhecimentos. Nada é mais significativo para a elaboração de um conceito histórico do que fala deste aluno ao dizer: “resgatar o tempo antigo”.

Esta expressão permite ao professor compreender que nessas pequenas ações, nas informações coletadas por quem presenciou outros tempo, outros momentos, quem compara situações “de antes” com o hoje, está construindo em seus alunos uma visão histórica e sua premissa básica, a existência de um outro tempo e a participação da sociedade nessa construção. Uma História que se constrói num espaço de Geografia Humana.

A Água Utilizada para Mover Moinhos

A água é muito importante para a colônia pois sem ela os agricultores não precisariam plantar pois nada iria produzir e não teriam o que comer

Um exemplo forte é algumas localidades da Bahia que tem pessoas morrendo de fome por causa da seca.

A água que move moinhos é presa no rio com um muro onde a água cai como uma cascata que tem força para mover moinho. Ela é captada por uma grande roda com engrenagem onde moviam os moinhos e do mesmo jeito é produzida a energia elétrica.

Aluno: Júlio César Carrer- 3ª série

Escola- E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Prof^a Vanda Paglianini

Também no tocante a este sub-tema, os alunos construíram conceitos sobre a produção de energia movido à força d'água, a partir das informações recebidas e das entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade.

Nos tempos em que Freinet lecionava em sua pequena aldeia de *Bar-sur-Loup* no interior da França, certamente teria aproveitado esta aula-passeio e teria dado uma bela lição de Física sobre a produção de energia através de uma engrenagem simples (roda

d'água). Os alunos teriam pesquisado sobre essa força e teriam composto, em seu “Livro da Vida”, mais uma experiência que registrariam para sempre.

Grupo 7 - Sub-tema : Conseqüências da falta de água para a vida na comunidade

O sub-tema visa colocar os alunos frente a situações em que a falta de água cria transtornos para a vida e para a natureza na comunidade.

Para complementar este sub-tema, os alunos estudaram os seguintes aspectos:

- como natureza reage a um período de secas ou estiagem;
- conseqüências da seca ou estiagem para as plantas domésticas, para as lavouras e para os animais;
- soluções que a comunidade dispõe para diminuir as conseqüências de uma seca ou estiagem;
- conseqüências de um período de secas ou estiagem para as famílias e para a vida na comunidade.

Além dos conhecimentos que os alunos possuem por já terem vivenciado situações assemelhadas em suas propriedades ou por ouvirem as pessoas “mais velhas” comentarem, pais e outros moradores forneceram subsídios para compor os seus conceitos sobre o assunto em estudo.

Os alunos das professoras Janete e Milene foram buscar as respostas em suas famílias e comunidade para compor o seguinte texto coletivo:

Consequências da Falta de Água para a Vida na Comunidade

As conseqüências da falta de água para a vida na comunidade são:

- *as plantações ficam secas e soltam folhas;*
- *a terra forma uma rocha;*
- *as estradas ficam cheias de pó;*
- *os animais ficam fracos, emagrecem e as vaquinhas diminuem a quantidade de leite;*
- *diminui a quantidade de água nas vertentes, poços artesianos e rios.*

As pessoas tem que procurar a água para que possam tê-la por mais tempo

Alunas: Carina Conci - 2ª série

Amanda rejane Picolli- 3ª série

Vanda Fontana - 4ª série

Como muitos proprietários na comunidade de São Roque são criadores de gado leiteiro, nota-se, entre outras informações, uma que assinala este problema para os produtores, quando decorrente de uma estiagem.

Os alunos também buscam informações complementares para juntos construírem o texto conclusivo:

A Falta de Água na Comunidade

A falta de água na vida das pessoas ou da comunidade traz grandes prejuízos, pois nada anda, os aviários são fechados, os agricultores nada colherão e as pessoas em geral sofrem, a natureza reage de forma triste, pois as matas murcham e as árvores que estão perto ou em cima de rocha secam e tudo fica seco, o calor é terrível. As conseqüências são grandes para as plantas domésticas se não forem regadas secam e os animais por falta de pastagem perdem e não produzem mais leite e muito menos carne.

Certas comunidades dispõem de poços artesianos para distribuição de água para os moradores, para pelo menos amenizar as perdas e as conseqüências são os associados não poderão abusar da água distribuída, pois terão que pagar muito caro isto.

Aluno : Júlio César Carrer- 3ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Os associados a que o aluno se refere são as pequenas associações comunitárias, uma espécie de associativismo presente para resolver problemas comuns e a água é uma delas, uma vez que muitos professores coletivamente tem procurado superar problemas ligados ao abastecimento de água em suas comunidades.

Grupo 8 - Sub-tema : Conseqüências de um período de cheias ou enchentes para a vida na comunidade

O sub-tema seguinte trata de uma visão oposta ao que antecede, ou seja as conseqüências do excesso de água que periodicamente assolam as comunidades, principalmente as que vivem da produção primária.

Neste sub-tema o estudo enfocou, como nos demais, alguns pontos que auxiliam os alunos numa maior abrangência do assunto em questão:

- como a natureza reage frente a um período de cheias ou enchentes;

- conseqüências de um período de cheias ou enchentes para as plantações domésticas, para os animais e para as lavouras;
- conseqüências de um período de cheias ou enchentes para a vida das famílias e da comunidade;
- soluções que a comunidade encontra para diminuir as conseqüências de um período de cheias ou enchentes.

Como a sistemática utilizada pelos alunos foi a mesma dos grupos anteriores, os resultados obtidos serão mostrados. A seguir o resultado das pesquisas dos alunos das Professoras Janete e Milene:

As Cheias ou Enchentes na Comunidade

As conseqüências de um período de cheias são:

- *fica alagado nos lugares baixos e perto de riachos, arroios.*
- *na horta as plantinhas ficam estragadas e o solo fica encharcado e socado;*
- *nas lavouras as plantas não produzem como precisa, a uva por exemplo pode pegar várias doenças, algumas plantinhas rebrotam prejudicando a safra;*
- *os animais também sofrem, pois o alimento fica escasso para os próximos meses e as vacas diminuem a produção do leite;*
- *para as pessoas, principalmente para os agricultores não podem se deslocar até os locais de trabalho e perdem as lavouras.*

As soluções que a comunidade encontra para diminuir as conseqüências de um período de cheias são:

- *alargar riachos e arroios com o auxílio de máquinas, tratores*
- *construir estufas para a produção de alguns alimentos;*
- *procurar plantar os produtos em locais mais elevados;*
- *fazer drenagens em locais mais baixos, perto de rios ou onde for necessário.*

Alunos : Giovani Giovanaz- 2ª série

Adriano Delazzeri - 4ª série

Escola: E.E. São Roque

Marcorama - Garibaldi

O texto no seu desdobramento mostra um elenco de informações dos pais e outros, compondo um quadro real de situações vivenciadas pelos moradores. Com isto, os conceitos formulados por eles de enchentes e suas conseqüências para a vida em comunidade têm consistência real.

Da mesma forma os alunos da profª Vanda relatam suas conclusões no texto que segue:

As Cheias

As conseqüências de um período de cheias não são nada boas, pois a vida se torna difícil, as plantações nada ou pouco produzem e por um período de tempo as pessoas terão o que comer e depois logo se nota que não colheram para comer e nem para vender, aí vem a crise e o aumento dos produtos.

A natureza reage bem melhor que no tempo das secas, as plantações domésticas e as lavouras começam a apodrecer e adoecer e os animais começam a dar pouco leite pois as pastagens existentes tem pouca vitamina e proteínas.

Desconheço soluções em nossa comunidade para a perda de certas safras,mas para diminuir os prejuízos e amenizar as perdas são plantadas outras culturas depois do período de cheias ou enchentes.

Aluna : Bárbara Manica - 3ª série

Escola : E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Assim como nos demais sub-temas, os alunos, no texto, mostram as consequências de enchentes que alteram o ritmo normal e o ciclo da vida na comunidade. Em se tratando de comunidades onde seus pais e demais moradores são, geralmente, pequenos produtores rurais, os problemas sofridos pelos mesmos resultantes de alterações climáticas, refletem imediatamente na vida da comunidade, o que permite aos alunos terem uma percepção real e concreta de uma das formas de pensar sobre a importância da água em seu meio.

Grupo 9 - Cultura Italiana

Sub-tema: Importância dos recursos hídricos para a vida das colônias

O sub-tema encontra-se dividido em dois blocos para efeito de estudo. O primeiro deles trata da influência que o recurso natural - água- teve na escolha dos locais onde os imigrantes foram morar, como:

- na localização das áreas destinadas às colônias;
- na distribuição das linhas de acesso;
- na localização dos lotes e das casas;
- no escoamento da produção.

O segundo bloco preocupa-se com as técnicas utilizadas pelos italianos na captação e na condução da água. Os alunos investigaram sobre:

- técnicas utilizadas para captar a água que utilizam para uso doméstico, para as lavouras e animais e para os moinhos;
- técnicas utilizadas para conduzir a água que utilizavam;
- nomes - em italiano- dos objetos que utilizavam para captar, conduzir, armazenar e utilizar a água para as famílias e a comunidade.

Como elemento motivador do estudo e para embasar o conhecimento deste sub-tema, foram distribuídos aos professores textos de Luiz Alberto De Boni e Rovilio Costa. Os referidos textos tratam dos aspectos geográficos que interferiram na vida das famílias dos imigrantes italianos no que trata do assentamento nos lotes rurais e de um modo mais específico, contribuíram para a criação de uma cultura peculiar no que se refere à sobrevivência em um espaço novo e totalmente diferenciado de suas experiências européias anteriores.

A professora Lúcia, junto com seus alunos, produziu uma pesquisa que enfoca a importância da água em um outro tempo para esta mesma comunidade.

A Água no Passado

Nós entrevistamos pessoas na comunidade de Faria Lemos para constatar como era a água no passado. Foram entrevistadas cerca de 15 pessoas com idade que variavam de 28 a 72 anos. Estas pessoas vivem em nossa comunidade há alguns anos.

Primeiramente podemos dizer que havia mais água antigamente do que hoje. Era uma água boa, sem poluição, limpa, saudável. Todos cuidavam desta água, pois tinham à vontade para algumas famílias. Outras famílias poupavam porque não(?). Estas famílias usavam esta água para fazer comida, para os animais, etc. Não tinham muita água devido a escassez de fontes. As famílias (?) de tijolos, poços de pedra, tanques de madeira e açudes.

Usavam baldes de madeira ou latas para o transporte da água.

As fontes, cisternas ou tanques eram reservatórios de água e ficavam próximos à casa, outros ficavam distantes da casa.

A água, no passado, era saudável e muito gostosa.

Todos a preservavam.

Aluna: Precila - 4ª série

Escola - E.E. Ângelo Chiamolere

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Também os alunos das professoras Janete e Mileni, tendo os dados coletados na comunidade, em sala de aula compuseram coletivamente o texto que segue

Importância da Água para Vida nas Colônias

A água é importante para a sobrevivência das pessoas das pessoas, dos animais e dos vegetais.

Antigamente as pessoas procuraram construir as casas sempre perto de nascentes de água.

Para captar a água os imigrantes procuravam as nascentes e quando as encontravam construíam poços com a ajuda de picareta, picão, enxada, Pá.

Antigamente, a água era conduzida por meio de canos de chumbo, taquaras até os depósitos (cisternas, pipas, tanques), também as carroças conduziam a água em tonéis, pipas até o destino desejado pelo agricultor.

Objetos que utilizavam para captar, conduzir, armazenar e utilizar a Água (em italiano)

balde – setcha

pipa – bôte

mangueira- borracha

pá – badil

picareta- pico

enxada- sapa

Alunos: Maicon Bortolini - 2ª série
Edinéia Debiasi - 4ª série
Daniela Debiasi - 4ª série
Escola: E.E. São Roque
Marcorama - Garibaldi



Figura 18

Aluno: Mateus Rafaelli - 2ª série
Escola : E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi

Como pode-se observar, o uso do imaginário retrata as informações que as crianças receberam e com isso reconstruíram, com imagens, o relato que foi realizado sobre o tema. A arte reproduz a vida.

Também na escola Vitor Meireles, na comunidade de São Roque, os alunos pesquisaram, junto aos “mais velhos” sobre os aspectos citados na justificativa do subtema e com isso compuseram um texto, tendo presente os elementos históricos trazidos para a escola, via pesquisa dos mesmos, tendo a memória destas pessoas como fornecedoras de informações. Com isso, o tempo histórico foi recomposto na fala das crianças



Figura 19

Aluna: Morgana Andreola- 1ª série
Escola. E.M. Vitor Meireles
São Roque- Garibaldi

Da mesma maneira que os desenhos anteriores, acima também revela no imaginário da aluna, como se captava água antigamente, para as casas.

Técnicas Utilizadas pelos Italianos para Captar Água

Os italianos captavam a água com bombas, latas ou então se a nascente estivesse em lugar alto, só com mangueiras ou canos.

Antigamente eles captavam a água de nascentes ou de chuvas, onde era feito uma cisterna e com uma lata e uma corda amarrada no cabo da lata puxavam até ela subir da vertente ou cisterna e a água era ocupada para os afazeres da casa, comida e banho e para as lavouras e os animais era ocupada a água de córregos, rios, poços e para mover os moinhos era ocupada a água dos rios.

A água que utilizavam geralmente era conduzida, se fosse de longe, em latas que carregavam em burros e transportada até o local onde era ocupada.

Aluna: Bárbara Manica - 3ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Como complemento deste tema gerador e de seus sub-temas decodificadores, os professores, em grande grupo, ao final dessa experiência, expuseram aspectos avaliativos e que permitem uma visão mais completa do trabalho, além do que foi transcrito anteriormente.

Para a prof^a Mara

A medida em que a gente vai trabalhando isso, assim, até o trabalho da gente fica melhor. A gente mesmo sente mais experiente e vai aperfeiçoando. Quando nós colocamos o assunto água, os alunos disseram: - Profe, nós sabemos tanta coisa sobre a água. Estamos por aqui. Eles fizeram. Vamos procurar coisas novas, informações diferentes e acrescentar ao que a gente sabe. Está mexendo bastante.

A fala da professora Mara demonstra que o Estudo do Meio não é uma proposta de pronta assimilação, ao contrário, na forma como está sendo tratado através dos cursos metodológicos, ela vai interferindo pouco a pouco e com isso modificando, de forma consistente a prática em sala de aula.

Mesmo que um assunto já tenha sido tratado em classe, como foi o caso do estudo da água pelos alunos, a professora procurou, num enfoque diferenciado, valorizar o que eles já conheciam, complementando com novas abordagens relacionadas à vida na comunidade.

Diz a professora Vanda:

Eu acho que a escola em sua totalidade está participando bastante. Eles estão bastante empolgados. Está valendo à pena. A gente diz para eles que vai ter uma exposição, que os trabalhos deles vão ficar arquivados na escola, etc. e com isso eles se sentem valorizados.

O sentir-se valorizado, a empolgação em realizar atividades, a participação que se amplia em sala de aula, são indicadores pelos quais pode-se avaliar que a temática estudada e os diferentes enfoques que complementam cada tema gerador estão atingindo os interesses dos alunos, a necessidade de conhecerem sua própria realidade e de formularem seus próprios conceitos.

No tocante à participação da comunidade, a professora Vanda fez uma observação interessante, quanto à reação das pessoas no início destas atividades que envolvem entrevistas.

Eles sentem dificuldade. Quando a gente vai fazer este tipo de pergunta, dá um vermelhão no rosto. Eles começam a engasgar. Depois vai, quando eles sentem que é

alguma coisa que eles sabem. O medo da pessoa entrevistada é o tipo de pergunta que vai fazer. Eles não sabem o português correto. Lá pelas tantas inventam um italiano no meio. Quando eles pegam o jeito, eles se largam.

É importante considerar que muitos pais, e principalmente os *noni*, sentem dificuldade em responder questões escolares por temerem que seu conhecimento seja incompatível com o “conhecimento da escola”. Uma coisa diferente. Quando os mesmos percebem que o que o estudo propõe é construir conceitos também através de suas experiências e suas falas, eles passam as informações com a muita alegria, pois esta, a escola, passa a valorizar aquilo que eles consideram “pouco conhecimento”.

Prof^a Maritânia:

Trabalhamos junto com o Jardim. Nós trabalhamos o assunto referente a água para os animais. Foi interessante porque as crianças observavam, pesquisavam na forma deles. Começaram a fazer pesquisas e mostraram em forma de desenhos.

Também no tocante à avaliação da professora Maritânia, os alunos de 1^a série passam a ter contato com a pesquisa desde o início do processo de aquisição da leitura e da escrita e enquanto estas não se completam em termos de montarem textos, eles expõem seus conceitos numa outra linguagem constantemente afirmada no Estudo do Meio que é o desenho. O ato de desenhar é uma ato libertador, é uma construção de texto onde a fala não está explícita, mas a forma e os elementos representados, quando lidos e compreendidos pelo professor, também é um texto.

A professora Lúcia também registra sua avaliação da experiência realizada.

Eu acho que trabalhar desta forma é um constante desafio, porque a gente tem que se desdobrar muito mais e realmente é construir conhecimento a partir daquilo que eles sabem e vão pesquisando. E eles entram em contato com diferentes coisas, com pessoas, com subsídios. É trabalhoso para o professor, mas sempre dá para trabalhar. Nós gostaríamos até de trabalhar desta forma e me cobro bastante para assim, mas é desgastante porque cada um tem uma caminhada, cada um está num ponto. Então você tem que praticamente acompanhar individualmente cada uma.... Então esse jeito de trabalhar é um constante desafio. É trabalhoso para o professor mas certamente para o aluno rende mais prazer. Mas realmente é difícil para o professor. Eles amam fazer trabalhos deste jeito.

Na fala da professora Lúcia pode-se notar que a mudança de metodologia não é um processo fácil, ao contrário, necessita uma adaptação, que pode ser “trabalhoso”, mas ao

mesmo tempo a professora tem plena consciência de que é um “constante desafio” e que os resultados são compensadores porque “para o aluno rende mais”.

Ressalta-se na fala da prof^a Lúcia que esta forma de trabalhar conteúdos aproxima mais o professor aos alunos quando do acompanhamento de suas construções. Esta aproximação permite um conhecimento melhor e maior de suas diferenças, e nelas, de suas necessidades.

Se pensarmos nas aulas de História quando o assunto se resume a textos e questionários ou em geografia quando a solicitação é a repetição das mesmas expressões, conceitos e palavras do autor, pode-se aquilatar o que quer dizer a professora ao afirmar que os alunos *amam fazer trabalhos deste jeito* ou *para os alunos rende mais prazer*.

Mudanças sempre são trabalhosas pois exigem deslocamentos, adaptações, desafios.

6.3 – Planta

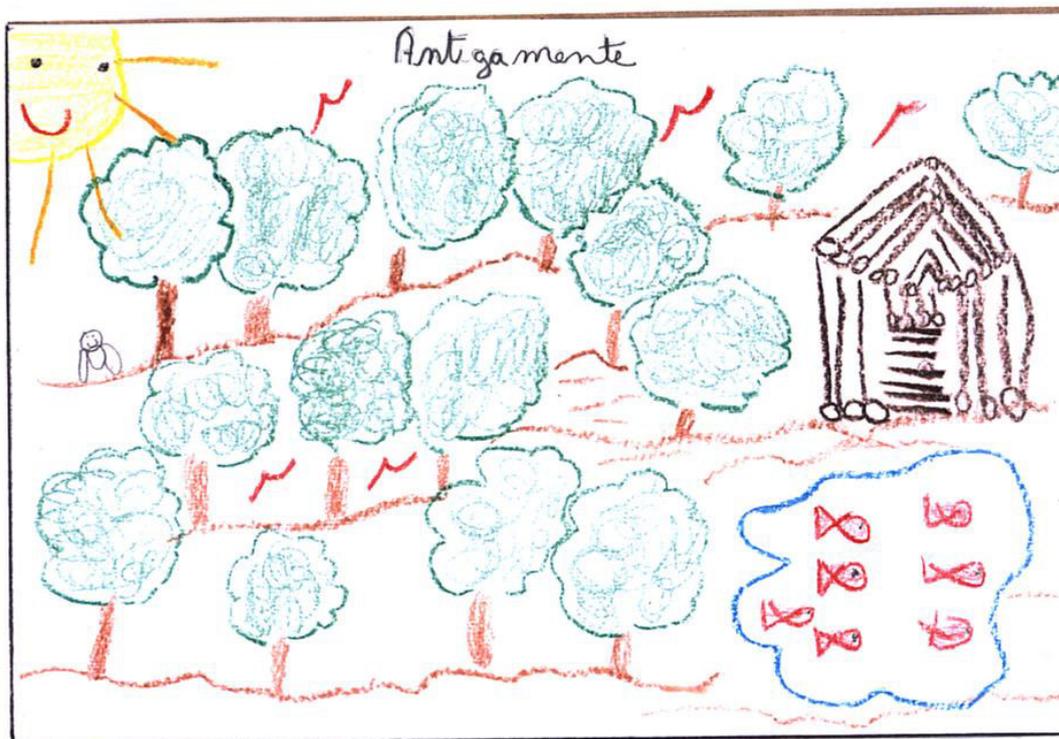


Figura 20

Aluna: Priscila Carner – 2ª série
Escola: E.E. Vitor Meireles
São Roque – Garibaldi

As plantas não representam apenas um desafio para os imigrantes. Num primeiro momento, derrubadas de matas, abertura de picadas nas florestas, isolamento, perigos, medo. Aos poucos foram eles conhecendo e dominando espécies vegetais tão diferentes das que conheciam na Europa, mas ao mesmo tempo que lhes proporcionavam formas diferentes de sobrevivência e de fixação à terra. Lidar com as plantas ou com as matas representou um aprendizado contínuo, revestido de riscos à própria saúde.

Os imigrantes tiveram logo que adaptar o paladar aos novos sabores das frutas locais, pois com exceção das macieiras e videiras (como pode ser constatado adiante) trazidos por eles, outras espécies foram introduzidas mais tarde. De início procuraram descobrir o valor das espécies nativas como complemento alimentar e de saúde. De Boni e Costa registram:

O sabor das frutas e o perfume das folhas levavam ao estudo da comestibilidade das frutas e da serventia para a medicina caseira das folhas de ervas, arbustos e árvores.¹⁶

Carentes de maiores informações sobre as possibilidades da flora local, os colonos, ainda conforme os autores, deduziam estes princípios comparando-as com as variedades conhecidas.

Ressalta-se entre essas espécies comestíveis a importância do pinhão que logo passou a ser incorporada à alimentação dos imigrantes.

Ainda nesses primeiros tempos, os colonos enfrentaram dificuldades para organizarem-se no espaço doméstico. A necessidade de produzir em maior escala mobilizou a força de trabalho familiar para a lavoura em detrimento de outros tipos de produção de alimento em menor escala. De acordo com De Boni e Costa:

A falta de hortas, especialmente no começo, levou ao consumo de hortaliças silvestres, sendo comum cozinhar ou preparar, em salada verde, dente de leão, o famoso pizza-can col lardo, maravalhas (artizoi). A língua de vaca, a batata de cipó, unha de gato, o dente de leão e a maravalha eram também cozidos.¹⁷

Acrescentam os autores que essas plantas transformadas em culinária de reforço motivada pela necessidade nunca foram incorporados à culinária “típica italiana”, complementada ainda pelo uso de feijão silvestre hoje em extinção, mas encontrado em grande quantidade nas terras intocadas.

Ainda com relação à sobrevivência, a horta sempre ocupou uma posição de destaque na agricultura familiar dos povos imigrados. Entre os italianos não seria diferente. Um espaço cultivado próximo à casa que atendia e continua atendendo entre seus descendentes, às necessidades complementares ao preparo de alimentos e à mesa. Os imigrantes italianos dividiam o espaço da horta com o da lavoura pois ambos prestavam suporte na sua relação com a terra. De acordo com De Boni e Costa (1984:132):

A horta sempre constituiu um auxiliar necessário à culinária italiana. Perto das residências, duas culturas eram necessárias: uma horta, para verduras e temperos e uma lavoura, para o cultivo de pastagens para o gado leiteiro, os suínos e os animais domésticos.¹⁸

A interferência dos imigrantes na vegetação local não se limitou a descobrir as espécies comestíveis e curativas ou a introdução de novas espécies através de hortas e lavouras, mas também na retirada da mata nativa para instalarem-se e desenvolverem suas lavouras.

Com a fixação nas áreas coloniais e o aumento populacional dos imigrantes, a paisagem foi gradativamente sendo transformada pela necessidade de produção e de subsistência do grupo. Neste aspecto, a parte mais visível dessa transformação, com certeza, relaciona-se com a retirada da mata nativa e a substituição por novas espécies vegetais. Os resquícios dessa ação estão concentrados nas encostas ígremes e nos vales estreitos e profundos e de difícil acesso na serra gaúcha. As matas de araucária estão protegidas por lei, pois encontravam-se à beira da extinção devido à exploração desordenada e o lucro a qualquer preço por parte dos madeireiros.

De Boni e Costa refutam a acusação de que os colonos foram responsáveis pelo desmatamento generalizado da região coberta inicialmente pela mata Atlântica. Conforme os autores:

A acusação de que os italianos derrubaram as matas arbitrariamente é afirmação gratuita. As derrubadas não eram provocadas pela incultura italiana e, sim, pela necessidade de plantar e cultivar para sobreviver.¹⁹

Quanto às espécies nativas encontradas e utilizadas pelos imigrantes, os autores afirmam que os mesmos aprenderam a manejá-las em conformidade com suas necessidades de construção de cercas e outros usos da madeira. Ainda de acordo com os autores:

os italianos criaram uma tradição de proteção ao pinus, ao angico, ao tarumã, aos cedros, às perobas, às caneleiras e a outras essências de bom uso para a construção de diferentes serventias na vida agrícola. O critério de proteção e conservação de essências florestais seguiu o valor no uso da madeira.²⁰

Muitas das espécies nativas encontradas transformaram-se em árvores ornamentais junto a outras espécies introduzidas posteriormente e incorporadas à paisagem da região colonial e até hoje encontradas nas propriedades.

Algumas essências são conservadas e respeitadas por sua beleza e, às vezes pela beleza e serventia, como, por exemplo, a palmeira- considerada árvore ornamental e também

forrageira, especialmente para o inverno ou para as temporadas de seca. O plátano, o cinamomo eram consideradas árvores ornamentais e, junto ao pinheiro, eram plantadas para cercar parreiras ou poteiros, com dupla finalidade: ornamentação e para substituir palanques.²¹

Como terceiro tema gerador no conhecimento do meio natural e da cultura italiana no tempo, foi escolhido “a planta”, decorrência natural dos anteriores “terra” e “água”.

“Planta”, no ensino da Geografia, vincula-se ao conjunto, ou seja, estudam-se as matas, as florestas, os campos e outras paisagens vegetais, mas na proposta do Estudo do Meio, antes de chegar a esse conjunto natural, procura-se partir de algo mais específico e próximo ao aluno que é “a planta”.

Frequentemente, nas listagens curriculares das séries iniciais este assunto vincula-se ao ensino de Ciências. Enquanto “planta”, Ciências; enquanto “floresta”, Geografia. São enfoques distintos para uma mesma realidade. Por vezes estão registrados em cadernos separados, vistos em séries diferentes e com questões próprias para a área do conhecimento.

Visando interferir nessa questão, a proposta é estudar o conceito de planta e suas múltiplas relações de uso, para que os alunos possam, por fim, compreender a importância da existência das matas e florestas e querer preservar as áreas remanescentes onde as mesmas se encontram, criando, assim, através do estudo e do contato com a sua realidade, um sentimento ecológico.

O tema planta foi, assim como os demais, dividido em sub-temas, como forma de decodificá-lo e de propiciar uma visão ampla do assunto tendo como objetivos motivadores desta ação:

- conhecimento deste recurso da natureza, suas diferentes formas de utilização pelas pessoas e como as famílias dos alunos e demais moradores da comunidade tratam ou não de preservá-lo;
- relacionar esse recurso com a cultura dos grupos descendentes de italianos que habitam a comunidade.

Grupo 1 - Sub-tema : Plantas com as quais nos alimentamos

Dois enfoques complementam o sub-tema para melhor compreendê-lo em consonância com os objetivos propostos:

A- Conhecimento das plantas - verduras e legumes

- onde e como plantamos
- como cuidamos e utilizamos

B- A relação que se estabelece com a cultura italiana

- nome das verduras e legumes ainda conhecidos, em italiano
- hábitos alimentares relacionados com estes tipos de plantas trazidos pelos imigrantes e ainda conhecidos na comunidade

Usando o mesmo processo dos temas anteriores, os alunos realizaram atividades de pesquisa bibliográfica e de campo para criarem ou reforçarem conceitos já adquiridos e como este conhecimento se aplica ao cotidiano da comunidade. Divididos em equipes de trabalho, alunos de diferentes séries numa mesma atividade, em todas as três escolas, partiram para a ação desafiadora mas ao mesmo tempo gratificante.

Os alunos da prof^ª Janete concluíram em seu texto final:

Plantas Menores

As plantas menores com as quais nos alimentamos são: alface, repolho, espinafre, chicória, rabanete, couve, radici. São plantadas na horta em canteiros, adubando-os bem, irrigando-os e tratando as verduras para que não adoeçam ou sejam tomadas por ervas daninhas. Utilizamos como saladas ou junto de outros alimentos para fazer sopas, carnes, temperos, para fazer compotas, geléias, doces...

Cultura italiana:

Batata - patate, catófole

Alface - salata

Abóbora - suqui

repolho - capua

rabanete - ravel

cebola - sigole

radici - raditchi

Alunos: Angélica Zanese - 1ª série

Carina Conci - 2ª série

Amanda Rejane Picolli - 3ª série

Carla Gonçalves - 3ª série

Escola - E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Ao dar início ao trabalho, os professores realizaram uma discussão/sondagem com o objetivo de averiguar o conhecimento que seus alunos possuíam com relação ao assunto. Posteriormente convidaram um técnico da EMATER para um contato com os grupos com a finalidade de estudarem os diferentes sub-temas.

Os alunos mostraram muita disposição e atenção durante a exposição do técnico, anotando a sua fala.

Por serem filhos de agricultores, os alunos foram além das questões iniciais, fazendo outras perguntas sobre adubação, uso de calcário, questionando, inclusive, sobre o uso de certas quantidades de fertilizantes utilizados comumente nas lavouras.

Os alunos associavam as respostas das perguntas que fizeram em aula para a entrevista, com coisas que ouviam em casa e que mesmo com pouca idade, já vivenciam.

Muito disseram, após a entrevista e a fala do técnico que estavam anotando as informações para levarem para casa, ou seja, para contarem o que aprenderam com o *tio*.

Grupo 2 - Sub-tema : Plantas que utilizamos para tratar doenças.

Como complemento ao sub-tema, o estudo busca informações sobre:

- plantas mais conhecidas e utilizadas;
- onde encontramos na comunidade;
- como colhemos e utilizamos;

No tocante à cultura italiana os alunos investigaram sobre:

- nome dado às plantas em língua italiana;
- plantas medicinais trazidas da Itália pelos imigrantes;
- hábitos de preparo e de uso ainda utilizados pelos descendentes dos imigrantes.

O grupo responsável por esse tema entrevistou várias pessoas e algumas vieram à escola pois chovia no dia combinado, o que dificultou a aula-passeio para a realização das entrevistas em suas próprias casas.

Conforme a profª Janete, *as crianças ficaram empolgadas e anotaram tudo.*

Adiante afirma a mesma professora:

De início os entrevistados, pessoas mais idosas, achavam que não sabiam responder. Depois quando viram que era coisa deles, ficaram mais à vontade.

Após a entrevista os alunos recolheram amostras de folhas. Os grupos secaram e posteriormente classificaram conforme o tema específico de estudo.

Entre os textos montados, destaca-se:

Plantas que utilizamos para tratar doenças.

As plantas mais conhecidas que utilizamos para tratar doenças são: malva, marcela, cidreira, casaca de marmelo, maçã, camomila, folha de laranjeira, alcachofra, canela, folha de babosa, funcho.

Estas plantas encontramos na horta, ou perto da casa, no mato, nos pomares. Utilizamos as cascas, sementes, fazendo chá e vapor.

Cultura italiana:

folha de laranjeira - foie de naranceri

nozes - nozare

folha de eucalipto - foie de ocaliti

sálvia -salvia

casca de maçã - escorce di pomi

alcachofra - artichoqui

casca de marmelo - escorce di codogni(?)

As plantas medicinais trazidas da Itália eles não sabem. Os hábitos e costumes de preparo dos chás continuam sendo os mesmos.

Alunos: Rafael Fachinelli - 1ª série

Jéssica Mattei Giovanaz - 1ª série

Guilherme Fachinelli - 4ª série

Volnei Benini - 4ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

No tocante à cultura italiana, os professores perceberam que o italiano falado na comunidade (dialeto) já não é mais falado nas famílias como há alguns anos atrás.

Muitas famílias já não se comunicam entre si em italiano. esta fala é utilizada para a comunicação com os avós. Nas casas em que residem pessoas idosas fala-se mais, mas os mais novos já não conhecem muitas expressões.

Outra constatação refere-se ao bilinguismo, uma vez que há uma cultura bilingue que acontece simultaneamente em sala de aula. Por vezes os alunos pensam em italiano,

escrevem em italiano pensando estarem escrevendo em português ou intercalando palavras em italiano na construção de uma frase em português. Como certos vocábulos são pronunciados em italiano, fica mais fácil para os alunos os utilizarem num texto ao invés de irem em busca de expressões em português.

Também os professores constataram que infelizmente não têm acesso a livros que tratam da cultura italiana. Os nomes são dados pelos *noni*, mas não possuem recursos bibliográficos para constatarem se elas estão corretas ou não.

Alguns professores afirmaram que escrevem como os mais velhos pronunciavam, não sabendo se está correto ou é uma invenção. Há, por vezes, diferentes nomes para uma mesma planta, o que demonstra as influências dialetais ainda encontradas nas comunidades fruto da heterogeneidade dos grupos ali fixados.

Para a prof^a Lúcia, o trabalho ocorreu da seguinte forma:

Nós começamos pedindo a eles para fazer observações em casa, com a família, das plantas que eles utilizam, baseado nos costumes deles. Como é que a planta serve para eles e pedimos para trazer por escrito o nome das plantas e para que as famílias utilizam. Eles trouxeram muitas plantas medicinais e com isso confeccionaram um boneco. Cada um confeccionou o seu boneco. Num outro encontro trouxeram mais ervas e confeccionamos um grande boneco. Ao boneco da 4^a série deram o nome de NATUREVA, nome sugerido por um aluno. Após este contato com as plantas que mais usavam e possuem em casa, partimos para uma pesquisa em livros medicinais. Eles olhavam as figuras e identificavam. Eles demonstraram bastante interesse em pesquisar, ou seja, olhar, identificar, o que eles já conhecem sobre as ervas. Empolgaram-se bastante, complementando o que eles já conheciam sobre estas plantas. Depois de toda esta familiarização com as plantas, com as ervas, cada um passou na matriz uma receita trazida de casa para utilização das mesmas. Ex: para a tosse, gripe, diarreia.

Exemplo de receitas caseiras trazidas pelos alunos e que demonstra que de um estudo botânico se pode ir ao encontro da cultura do povo. Em nenhum momento o estudo vale-se deste instrumento para incentivar a auto-medicação, mas para que os alunos percebam que existe um saber popular ao manejar plantas e preparar medicamentos para as doenças mais comuns. Um saber que vem passando de geração a geração compatível ou não com a medicina de base científica.

Fortificante de cansaço Físico e Mental

Um litro de vinho aromático, 5 gramas de folha de alecrim, 20 gramas de folha de sálvia, 15 gramas de mel.

Modo de fazer- ferver tudo em banho-maria por 20 minutos. Deixar esfriar, coar e engarrafar.

Modo de usar : tomar um pouco antes das refeições.

Aluna: Marizee Openkoski - 4ª série

Escola : E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Outras tantas receitas foram montadas no “Livro das Plantas” dos alunos, registrando a pesquisa.

Grupo 3- Sub-tema: Plantas que enfeitam a vida e o mundo

A abordagem do sub-tema contempla os seguintes assuntos:

- flores e folhagens mais conhecidas na comunidade;
- onde as encontramos;
- como plantamos e cuidamos.

No tocante à cultura italiana:

- nome de algumas flores em língua italiana;
- plantas trazidas pelos imigrantes.

Da mesma forma que nos demais temas, os alunos deste grupo realizaram os mesmos passos do método de pesquisa aplicado aos demais estudos.

Como complemento formularam o seguinte texto:

Plantas que Enfeitam a Vida e o Mundo

As plantas que enfeitam a vida em nossa comunidade são as flores: begônia, roseira, camélia, palma, cravo, margarida, azaléia, hortênsia, copo de leite, jasmim, algumas samabaías. Estas flores são encontradas nos jardins e praças e como cuidados que devemos ter, arrancar ervas daninhas, colocar espinhos de pinheiro (cuidar das galinhas pois estas arrancam as flores do jardim).

Cultura italiana:

gerâneo – girani

roseira – rosero

cravo- garafoli

begônia - bigonhe

palma - palme

As plantas trazidas pelos imigrantes, as pessoas entrevistadas não sabem

Alunos: Giovani Giovanaz - 2ª série

Luana Villa - 3ª série

Carla Giovanaz- 4ª série

Adriana Delazzeri -4ª série

Quando da explanação desta experiência pelos professores, nas etapas do curso, a prof^a Vanda afirma: acho que o italiano se sente muito valorizado com o resgate de sua cultura.

Como das outras vezes, a comunidade recebeu as crianças com muita alegria, disponibilidade e procuraram, no limite de sua escolaridade, dar as respostas solicitadas.

Em, seu depoimento a prof^a Janete, que orientou o grupo acima, bem como os demais sub-temas, ressalta que, no tocante à participação da comunidade:

As crianças ficaram empolgadas e anotaram tudo. Os entrevistados achavam de início que não sabiam responder. Pessoas mais velhas por se considerarem 'velhas achavam que não sabiam nada. Sentem vergonha, acham que os alunos sabem muito. A presença da professora, por ser uma moradora da comunidade, serviu para tranquilizá-los

Uma vez mais constata-se que os informantes sentem receio de que seu “saber” não seja importante frente ao “saber” dos alunos, pelo fato de eles estarem na escola, como se a escola tratasse apenas de um conhecimento distante de sua relação de vida em comunidade. Quando percebem que o seu saber acumulado pelos anos de vivência é o depósito de uma cultura que vem de seus ancestrais, eles permanecem totalmente disponíveis.

A presença da professora orientando e acompanhando o grupo, principalmente nessas primeiras experiências com pesquisas e entrevistas, sendo ela moradora na comunidade, portanto, uma pessoas conhecida, permite que os informantes se sintam mais seguros em suas respostas.

Uma professora afirmou ao grande grupo:

Acho importante este trabalho ao sair da aula, procurar, chegar nas coisas que a gente quer que a criança se integre. Sair, buscar, pesquisar.faz o professor sair da acomodação.

Sua fala foi complementada por uma colega:

Eu aprendi coisas maravilhosas que nem imaginava que eram assim uma vez. É interessante um trabalho assim de entrevistas e pesquisas para eles procurarem e encontrarem coisas novas.

Tais depoimentos confirmam que o Estudo do Meio vem proporcionar ao professor, um novo olhar sobre a ação pedagógica, bem como para o aluno o ato de buscar *coisas novas* confirma que a escola, em algumas comunidades, não saiu de seus muros.

Grupo 4 - Sub-tema : Plantas frutíferas silvestres

Neste sub-tema os alunos investigaram sobre:

- as árvores frutíferas silvestres mais conhecidas na comunidade;
- onde encontramos;
- como utilizamos os frutos destas plantas.

A preocupação em conhecer essas plantas, encontradas nas matas residuais locais, além de fornecerem frutos foram usadas como contato com as pessoas que já viviam no RGS. Os desmatamentos que ocorreram na região, resultado da expansão da agro-indústria, ocasionaram o desaparecimento de muitas espécies nativas ou a sua quase extinção.

Em entrevistas com os pais e outros moradores, os alunos da prof^a Janete investigaram a existência de algumas espécies conhecidas na comunidade de Marcorama.

Árvores Frutíferas Silvestres

As árvores frutíferas silvestres existentes na comunidade de Marcorama são: pitangueira, cerejeira, goiabeira, pão do mato, bananeira do mato, pinheiro, araçás, guabijús, butiá azul.

Estas plantas são encontradas nos poteiros, nas matas. São utilizadas (os frutos) para comer

Alunos : Angélica Zanuzzi - 1ª série

Amanda Rejane Picolli - 3ª série

Carla Gonçalves - 3ª série

Alberto Biondo - 4ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Conforme relato de professores, muitos alunos conheciam bem estas plantas por encontrarem em área próximas de suas propriedades.

Grupo 5 - Sub-tema : Plantas frutíferas cultivadas

Este sub-tema trás na sua proposição dois blocos de estudos:

- árvores frutíferas conhecidas na região;
- onde encontramos;
- como utilizamos os frutos destas plantas.

O segundo bloco trata da cultura italiana referente a este assunto:

- nome destas árvores e sus frutos em italiano;
- plantas introduzidas pelos imigrantes;
- hábitos de uso e preparo dos frutos, relacionados com a cultura dos descendentes dos imigrantes.

Conforme o prof. Carlos, as atividades com seu grupo de alunos ocorreram junto com a profª Nelci na seguinte forma:

Os alunos discutiram o tema primeiro e daí foi recolhido várias idéias para a realização da atividade.

Num outro momento nos reunimos novamente e colocamos num painel no quadro, por escrito, o que eles já sabiam sobre as plantas e os vegetais.

Os conhecimentos que eles já adquiriram na escola até 3ª série os conceitos sobre vegetais foram apresentados pelos alunos.

Partindo disso, foi realizada uma aula-passeio para identificar as plantas nativas e cultivadas na propriedade do Sr, Giovane Zácaron.

Chegando lá, eles observaram as plantas conforme os objetivos da pesquisa propostos por eles. Observavam e questionavam o proprietário, seu filho e a família.

Nós passeamos pela propriedade após o lanche que a família nos ofereceu.

Eles gostaram muito da aula- passeio porque vivenciaram algo diferente que eles perceberam. Viram, tocaram na árvore. Viram as diferenças entre espécies cultivadas e nativas e trouxeram folhas, caule e raízes do passeio.

Quando voltamos, nos reunimos na sala de aula e organizamos os grupos.misturando os alunos da 2ª e 3ª séries.Cada grupo realizou uma atividade diferente:

Grupo 1 - montou história em quadrinhos.

Grupo 2 - montou um painel com textos, desenhos e frases

Grupo 3 - montou o álbum das plantas onde desenharam e fizeram pesquisas sobre a origem das plantas escolhidas

Grupo 4 - montou o relatório da visita

Grupo 5 - confeccionou, em tamanho grande, o desenho de uma árvore, pesquisando e identificando os nomes e as funções das partes, principalmente das árvores pesquisadas na aula-passeio

Grupo 6 - Confeccionaram um cartaz com várias técnicas - recorte, colagem, guache, dobraduras, referente a preservação da árvore na natureza, dando ênfase no protesto ao extermínio.

Foi uma atividade na qual eles trabalharam praticamente sozinhos. Nós dividimos. Eu fiquei com a parte dos textos e a profª Nelci com a parte dos painéis. Eles trabalharam praticamente sozinhos.

A montagem do trabalho, dos grupos, das tarefas dos grupos foi uma Iniciativa deles, uma vez que sugeriram fazer algo diferente dos estudos anteriores que realizavam na escola- história em quadrinhos, relatórios, painéis, etc.

Comprovando o fantástico potencial criativo dos alunos, por vezes, adormecido na escola, quando esta se encarrega de “dar” os conteúdos.

Por outro lado, demonstra a riqueza de um trabalho cooperativo onde cada grupo assume uma responsabilidade. O somatório dessas diferentes abordagens dentro de um mesmo tema contribui para uma maior abrangência do assunto estudado.

Num outro momento, em que cada professor avaliou a experiência o prof. Carlos retoma esta mesma experiência:

Nós trabalhamos juntos 2ª e 3ª séries.

Eles se aprofundaram bem mais do que nas outras etapas, porque na primeira etapa nós praticamente conduzimos o trabalho. A gente direcionou mais, nós demos pistas, encaminhamos o trabalho.

Agora eles trabalharam sozinhos. Nós só orientamos em algumas coisas, mas eles praticamente se viraram.

Eles se aprofundaram mais. Eles produziram mais e houve um aspecto Muito positivo. Eles trabalharam sozinhos, caminharam sozinhos.

É importante ressaltar dois aspectos no depoimento. O primeiro deles é a forma como os professores estão entusiasmados em descobrir alternativas para realizar suas atividades em classe. Como são poucos alunos em cada turma, uma vez que as comunidades são pequenas, a realização de um trabalho integrando mais de um grupo é favorecida. Os alunos vão adquirindo autonomia em relação ao professor.

Quando o professor fala que eles *trabalharam sozinhos*, ou *caminharam sozinhos*, não de refere à ausência do professor na condução da atividade, mas à não dependência do professor que em muitas ocasiões direciona, dita conceitos, prescreve modelos, etc. O fato de os alunos se organizarem em grupos, decidirem tarefas, organizarem suas produções, “independentes” do professor, para eles foi algo gratificante. Uma descoberta, uma nova possibilidade.

Os alunos da profª Janete também coletaram informações na comunidade de Marcorama e montaram seu relatório:

Árvores Frutíferas

As árvores frutíferas cultivadas são: bergamoteira, laranjeira, limeira, caqui, parreira, macieira, bananeira, pereira, figueira, pessegueiro, amoreira.

São utilizadas em pomares e em grandes áreas, sendo que algumas são a maior parte da renda das famílias.

As utilidades destes frutos são para comer, fazer sucos, geléias, sobremesas, marmelada, figada, uvada, passa, vinho.

Cultura italiana: nome das frutas

<i>laranja – laranci</i>	<i>pêssego – pessegueiro</i>	<i>bergamota- bergamote</i>
<i>figo – fugui</i>	<i>ameixa – brunhe</i>	<i>ameixa amarela- mence</i>
<i>parreira – vinhe</i>	<i>uva – ua</i>	<i>caqui - caquer</i>

A parreira foi a mais importante das plantas trazidas pelos imigrantes italianos.

O preparo do vinho era feito nas próprias casas (porões), amassavam a uva com os pés, após com a máquina manual e ainda hoje continua sendo assim em algumas famílias.

Alunos: Helena Maria Von Borstel - 2ª série

Alini Aimi - 4ª série

Vanda Fontana - 4ª série

Escola: E.E. são Marcos

Marcorama - Garibaldi

Grupo 6 - Árvores que fornecem madeira

Um dos objetivos de tratar deste sub-tema é proporcionar aos alunos o contato com uma das maiores riquezas que a natureza nos oferece, que são as madeiras e seus múltiplos usos para a população.

Para tanto, os alunos investigaram:

- espécies mais conhecidas e utilizadas;
- onde encontramos estas plantas;
- diferentes usos para as madeiras.

No tocante a cultura italiana foram levantadas as seguintes questões:

- madeiras mais utilizadas nos primeiros tempos;
- onde encontravam e como utilizavam;
- espécies de árvores que estão desaparecendo ou desapareceram na região.

Conforme a prof^a Janete, seus alunos também realizaram as pesquisas inerentes a este sub-tema, produzindo o texto abaixo:

Árvores que Fornecem Madeira

As espécies de árvores que fornecem madeira mais conhecidas são: pinheiro (araucária), cedro, eucalipto, acácia negra, angico, canjerana, louro, canela, ipê, grápia, tarumã.

São cultivadas (eucalipto e acácia negra) em reflorestamentos e nativa (pinheiro).

São usadas em forma de tábuas, escoras, barrotes para construção, em forma de postes para redes elétricas e pareirais, lenha para o tradicional fogão à lenha.

Cultura italiana- as madeiras mais utilizadas nos primeiros tempos foram pinheiro, cedro, angico, canjerana, grápia, ipê, pau-brasil. Existiam na natureza abundante e utilizavam para fazer móveis, galpões, chiqueiro, barracões em forma de todos os outros elementos necessários para a construção de moradias.

Existia uma quantidade enorme de pinheiros, onde em alguns lugares foram plantados por moradores.

Os tipos de árvores que desapareceram na comunidade foram : pau-brasil, canjerana e grápia.

Há madeira de lei - o pinheiro, ipê, angico em menor quantidade, mas ainda existem.

Alunas: Edinéia Debiase

Rosemeri Manica

Maicon Bortolini

Leandro Manica

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Grupo7 - sub-tema - Árvores que embelezam com sua sombra e flores

Neste sub-tema, procurou-se valorizar outras espécies de árvores que também emprestam sua beleza como espécies ornamentais e que aos poucos deixaram as matas e cumprem sua função nas residências, nos jardins, nas ruas, praças e parques.

Para tanto, o sub-tema procurou focar:

- espécies conhecidas e cultivadas;
- espécies conhecidas e nativas;
- onde encontramos e como utilizamos

Os resultados dos trabalhos dos alunos da Prof^a Janete nos revelam:

Árvores que embelezam com sua sombra e flores

As árvores que embelezam com sua sombra e flores são o ipê, plátanos, cinamomos, ligusticum (?), corticeira, tipuana.

São encontradas nas praças, jardins, perto das casas. São utilizadas como embelezadoras e sombreadoras.

Cuidados com as plantas.

Além de nos fornecerem frutas, e inúmeras sub-produtos, como fonte de renda para as famílias, uma das maiores funções das plantas é purificação do ar, através da absorção do gás carbônico e liberação do oxigênio.

Cultivamos estas plantas pelos vários fatores que influenciam no conforto do ser humano. É importante a preservação das espécies nativas porque somos muito dependentes destas plantas.

Algumas famílias da comunidade não estão dando a devida atenção para as plantas que merecem e deviam preservar mais, principalmente aquelas que estão em extinção.

Alunas: Tatiana Fachinelli

Helena Von Borstel

Vanda Fontana

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Grupo 8- Sub-tema - Cuidados para com as plantas

Como último sub-tema o reforço dos conceitos já construídos explicitados nos anteriores, mas mesmo assim fundamental que sejam repensados.

Para complementar o sub-tema, procura-se dar ênfase a alguns aspectos relacionados com o estudo das plantas, tais como:

- funções da planta - por que a cultivamos;
- importância da preservação das espécies nativas;
- como as famílias e as comunidades cuidam das plantas e matas;
- problemas ecológicos encontrados na comunidade.

O trabalho da prof^a Lúcia, neste sentido, proporcionou aos alunos um contato com essa realidade através da pesquisa. Observa-se na produção do texto final, uma abordagem crítica com relação a essas questões, a partir da percepção de como acontece em sua própria comunidade.

A Importância da Preservação das Plantas e das Matas

Devemos cuidar da natureza para termos remédios, madeiras para fazer casas, perfumes e outras coisas. Se nós não cuidarmos da natureza, aí, como fica?

Fica tudo desmatado. A maioria das pessoas pedem para o IBAMA para ver se dá ou não para cortar.

Há pessoas que não respeitam a natureza. Ficam cortando árvores e depois não plantam mais; colocam venenos nas lavouras e assim poluem o solo, rios, o ar e as plantas. Outras pessoas preservam árvores, depois plantam outras. Não jogam lixo nos rios e no chão e nem usam venenos.

A natureza é muito importante porque se não tivesse a natureza onde iriam viver os pássaros e os animais? Os passarinhos precisam da natureza para viver. Os pássaros comem, também os animais comem.

Vamos cuidar da natureza para ter uma saúde maior. Vamos preservar, que a natureza vai dar muito mais.

Aluna: Mairsete Oppenkoski - 4ª série

Escola : E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

As falas dos professores a seguir, são avaliativas desta experiência coletiva no trato com o elemento planta, quando do estudo da paisagem natural, no tocante à iniciação ao conhecimento geográfico.

A professora Janete nos revela que *as crianças se interessam pelas pesquisas. Se elas se interessam, aprendem. A gente aprendeu bastante.*

Importante ler nas entrelinhas que o saber que se constrói na escola não está pronto e acabado, mas sim num processo dialético onde todos ensinam e todos aprendem. O professor não “sabe tudo”, ao contrário, orienta e vai em busca de novas informações e, por serem novas, também aprende.

A professora Maritânia complementa também a fala da prof^a Janete ao considerar que:

Está sendo uma continuidade. Está sendo bem construtivo.

Eu acredito que eles estão se entrosando e valorizando mais a comunidade, Observar como as coisas ocorrem.

As crianças, hoje em dia, elas deixam passar os momentos mais rápidos a gente tem de desenvolver este lado de estudar o meio e observar, participar, ver a diferença na comunidade.

Eu acho que estamos trabalhando o lado lúdico, o lado artístico e utilizando o assunto plantas.

Está sendo valioso.

A escola, por vezes, preocupada em vencer programas e listagens curriculares, nem sempre se preocupa com a complementação, na prática das informações contidas nos textos didáticos.

O ritmo com que as aulas são ministradas ou “dadas”, também faz com que a criança *deixa passar momentos rápidos*. Se isto é perceptível, é bom que a escola pense se não é um ritmo alucinante de depositar informações que torna os momentos “rápidos”. Por vezes, lições significativas que poderiam ser tiradas dos ensinamentos aplicados, perdem-se na superficialidade no tratamento de certos conceitos.

Professora Lúcia:

A gente percebe que fazendo é que vão surgindo idéias. Muitas vezes a gente não sabe bem o que vai fazer, mas você vai fazendo, vai fazendo, você sempre vai crescendo mais e ampliando o seu trabalho.

Eles gostam muito disso, o contato com o ambiente se torna cada vez maior.

A família participa mais e há construção de trabalho e mais aprendizagem.

Em seu depoimento, a professora Lúcia revela a importância da realização de um trabalho coletivo, onde as idéias que vão surgindo ampliam e complementam, a atividade. Não impera apenas a “idéia” da professora; o crescimento e a ampliação que acontecem, conforme a fala da professora, resultam de discussões, de participações, de contribuições do grupo e, como grupo, resultam acima de tudo, numa atividade ampla e abrangente, muito além da idéia inicial que se transforma com o desenrolar da atividade. Não nasce através de objetivos vagos, sem muita convicção nos termos que estão escritos e nem finda em “comportamentos esperados”.

6.4 – Ar/Clima



Figura 21

Aluna: Elaine Carner – 4ª série
Escola: E.E. Vitor Meireles
São Roque – Garibaldi

O quarto tema gerador no conjunto do conhecimento dos elementos formadores da paisagem natural, “ar” e, conseqüentemente, o “clima”, vem fechar este bloco inicial de estudo relacionado à iniciação ao ensino de Geografia, partindo da percepção da natureza e como ela se apresenta no meio onde vivem os alunos, seus familiares e comunidade em geral.

Como nos demais elementos que antecederam, o estudo do “ar/clima” teve como objetivos:

- conhecimento desse recurso da natureza, as diferentes formas como se apresenta para as pessoas e para a vida em comunidade;

- relacionar este recurso “ar/clima” com a cultura dos grupos de descendentes dos imigrantes italianos que habitam as comunidades estudadas.

Ao estudar-se o ar, procurou-se vinculá-lo à questão do clima, por ser a forma perceptível, para os alunos, de como o ar pode influenciar na vida dos seres vivos e também no comportamento dos habitantes do meio.

O tema gerador “ar/clima”, assim como os demais, foi dividido em cinco sub-temas como forma de decodificá-lo em relação aos objetivos acima mencionados.

Grupo 1- Sub-tema: A importância do ar/ clima para os seres vivos

O sub-tema foi decomposto em diferentes itens de estudo para que se pudesse compreendê-lo em sua abrangência e com isso atender às necessidades e aos conteúdos das séries iniciais.

São eles:

- o ar que respiramos;
- como o ar é utilizado pelos demais seres vivos;
- diferenças entre um ar puro e um ar poluído;
- onde encontramos o ar puro;
- como e por que as pessoas e as comunidades poluem o ar;
- como a natureza reage às mudanças do ar/clima conforme as estações do ano.

Seguindo os mesmos princípios dos demais temas, os alunos dividiram-se em grupos de estudo, expuseram os conhecimentos de que são portadores, realizaram pesquisas bibliográficas para complementá-los, entrevistaram pais e outras pessoas visando complementar suas informações, e construíram os trabalhos conclusivos.

Os alunos da prof^a Janete, realizando um texto coletivo a partir de um grupo de seis alunos que estudaram este sub-tema, concluíram da seguinte forma:

Importância do Ar para os Seres Vivos

O ar é muito importante para todos os seres vivos, pois sem ele não haveria vida.

O ar puro faz com que todos os seres vivos tenham vida saudável e sem doenças.

O ar poluído provoca problemas respiratórios, dor de cabeça, mal estar e traz outras doenças.

Encontramos o ar puro nas florestas, nos campos, na zona rural e aqui onde nós moramos.

As pessoas poluem o ar aplicando agrotóxicos, queimando plásticos, jogando lixo nos rios e outros lugares, deixando espalhado por todos os lugares provocando mau cheiro e criando insetos.

Dependendo da estação do ano, a natureza fica mais bela, mais viva e, em outras ocasiões ela fica sem desenvolver, parada.

Alunos: Helena Von Borstel – 2ª série

William Biondo – 2ª série

Maicon Bortolini – 2ª série

Fernando Henrique Deluca – 4ª série

Alberto Biondo – 4ª série

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama – Garibaldi

No texto, uma série de conceitos sobre o ar, resultado dos estudos complementares aos conceitos conhecidos sobre o mesmo assunto.

Quando o grupo afirma que em algumas ocasiões a natureza, fica “parada”, se refere ao inverno onde muitas espécies vegetais e animais ficam em estado de hibernação, ressurgindo logo, na primavera “a natureza fica mais bela”, com rebrotação para espécies vegetais e ciclo reprodutivo para os animais e pássaros.



Figura 22

Aluna : Priscila Carrer - 2ª série
Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi

O desenho da aluna Priscila reflete no uso desta linguagem, o conceito de ar puro que foi discutido na classe.

Grupo 2 - Sub-tema : Importância do ar/clima para as pessoas, famílias e para a vida na comunidade

O sub-tema visa conhecer as formas como as mudanças climáticas, bem acentuadas nas regiões da encosta da serra e planalto, influenciam a vida dos moradores e de suas famílias e no conjunto da comunidade, para tanto, foram indicados como tens de estudo:

- como se apresenta o ar em nossa comunidade;
- elementos poluidores do ar em nossa comunidade;
- como as pessoas, famílias e demais moradores da comunidade reagem frente às mudanças do clima conforme as diferentes estações do ano;

- no tipo de alimentação;
- no uso do vestuário;
- nas festas, lazer, esportes, diversões;
- no trabalho;
- em outros aspectos da vida em comunidade.

Os alunos da prof^a Mara, produziram textos com relação ao assunto em estudo, entre os quais destaca-se:

O Ar em Nossa Comunidade

O ar em nossa comunidade é puro, pois não há sujeira no ar.

O ar nas grandes cidades é sujo, pois joga-se veneno, as fumaças e o lixo, tem muitas fábricas e muitos carros.

Os venenos, as fumaças e o lixo causam doenças nos pulmões e na pele.

O plantio de árvores purifica o ar. Então o homem precisa plantar árvores, pois com certeza viveria melhor.

Aluno : Mateus Rafaelli - 3ª série

Escola- E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Da mesma forma, o aluno Mateus procura demonstrar através do desenho, o conceito construído sobre agentes poluidores do ar.

O mesmo aluno, entrevistou moradores da comunidade sobre as mudanças climáticas e sua influência sobre os hábitos das pessoas, através da seguinte questão:

- O trabalho em nossa comunidade é diferente a cada estação do ano?

Obteve respostas que foram organizadas e redigidas pelo aluno:

Primavera - temperatura boa, é época das flores e muito boa para as plantações.

Verão - clima bem quente, favorável para as plantações se der chuvas.

Outono- clima agradável, época em que as plantações perdem as folhas.

Inverno - clima frio e chuvoso. Dias curtos.

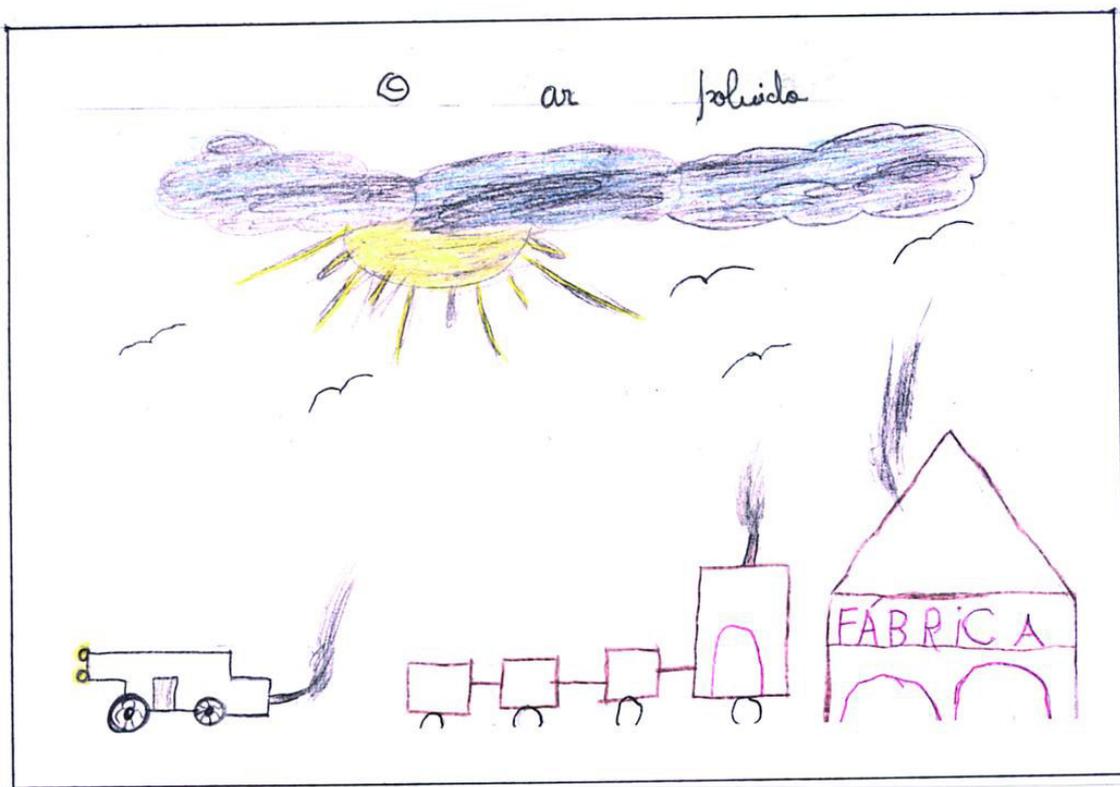


Figura 23

Aluno: Mateus Rafaelli - 3ª série
Escola : E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi

Como as pessoas em sua comunidade, em grande maioria, dedicam-se à agricultura, as informações vinculam-se ao espaço produtivo.

A aluna Priscila Carrer, da mesma escola, pesquisou junto aos moradores da comunidade, levando a seguinte questão:

- Hoje existe uma alteração no clima, ou seja, calor e frio, fora das estações do ano? Antigamente as estações do ano eram mais definidas?

Respostas às entrevistas organizadas e redigidas pela aluna:

As estações do ano eram bem definidas e nunca foi como é hoje em dia. Tudo isto está acontecendo pois o homem modificou a natureza desmatando, desviando rios... atos que infelizmente toda a humanidade sofre. Anos atrás as chuvas mais bem distribuídas e as plantações eram fartas. Os agricultores já não investem muito nas plantações e com razão, pois correm o risco de perder tudo. Por isso aumenta cada vez mais o êxodo rural.

Estas informações dos moradores, fruto de suas vivências, carregadas de percepção, contribuem e muito no debate na escola, para que as crianças compreendam como as mudanças climáticas que vêm ocorrendo nos últimos anos são sentidas por quem vive numa atividade que está intimamente relacionada com o clima - a agricultura.

Os alunos da profª Janete, em grupo, pesquisaram o sub-tema e produziram o texto abaixo:

Importância do Ar e do Clima para as Pessoas e para a Comunidade

Em nossa comunidade o ar ainda é saudável pois existe muitas árvores que purificam o ar.

Alguns elementos que ajudam a poluir o ar são os agrotóxicos usados nas lavouras, poeira das estradas, descarga de carros, caminhões, ônibus... E a fumaça das queimadas.

Na maior parte do ano as pessoas da nossa comunidade usam roupas grossas. Apenas durante o verão pode-se usar roupas mais leves devido ao clima.

A alimentação não varia, havendo no verão aumento do consumo de frutas e sucos.

Existem algumas festas religiosas tradicionais como : abertura da safra da uva, na Ermida Nossa Senhora da Salete, São João, Nossa Senhora das Dores e padroeiro São Marcos, Natal e Páscoa.

Durante o ano também são realizados jogos esportivos como futebol, bocha, volei, jogos de cartas...

As pessoas costumam trabalhar mais no verão porque no inverno tem muita chuva e frio

Alunos: William Biondo - 2ª série

Maicon Bortolini - 2ª série

Helena Von Borstel - 2ª série

Fernando Henrique Deluca - 4ª série

Alberto Biondo - 4ª série

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Através do texto acima conclui-se que o grupo procurou, na investigação contemplar os itens que complementam o sub-tema, obtendo informações importantes e que vêm reforçar a construção de conceitos.

Grupo 3 - Sub-tema: Importância do ar/clima para as espécies animais domésticos e selvagens

Como complemento ao sub-tema, procurou-se investigar sobre:

- mudanças de hábitos dos animais conforme as estações do ano;
- fornecimento de alimentos para os animais conforme as estações do ano.

De acordo com as pesquisas realizadas pelos alunos da prof^a Janete em seu “Livro do Clima da Comunidade de Marcorama”, destaca-se o seguinte texto:

Importância do Clima para as Espécies Animais

Nas estações mais frias os animais resistem mais no trabalho e a produção de leite aumenta.

No inverno os animais alimentam-se mais com o pasto seco, feno, palha de trigo, palha de milho e nos meses mais quentes alimentam-se de pasto verde (aveia) azevem, milho, dente de burro.

Os melhores meses de acasalamento e reprodução dos animais são as estações de outono e inverno.

Alunos: Eliverto M. Silva - 1ª série

Rosemari Manica - 2ª série

Daniela Debiasi - 4ª série

Edinéia Debiasi - 4ª série

Leandro Manica - 4ª série

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama- Garibaldi

Como nos demais textos em que os alunos pesquisaram junto com seus pais e outros moradores da comunidade, as informações prestadas se relacionam diretamente com as atividades produtivas das famílias, onde percebe-se que os conceitos escolares, quando pensados na prática, se enquadram perfeitamente no cotidiano comunitário, o que oportuniza ao aluno pensá-los numa situação de vida.

Grupo 4 - Sub-tema - Importância do ar/clima para as plantações domésticas (horta, jardim e pomar), para as lavouras e demais plantas

Como complemento ao sub-tema, também foram pensados os seguintes itens:

- mudanças que ocorrem com as plantas conforme as estações do ano;
- ciclo de vida- preparo da terra, semeadura, cuidados e colheita das plantas domésticas e das lavouras conforme as estações do ano.

O aluno Mateus Rafaelli, da prof^a Mara, pesquisou junto a moradores da comunidade sobre a seguinte questão:

- As alterações do clima influenciam nas plantações?

Obteve informações, organizou-as e apresentou :

*Na primavera - quando faz muito frio as plantas não desenvolvem
Verão - se houver pouca chuva as plantações morrem e sofrem
Outono- não é bom que faça muito frio porque as plantações ainda estão se desenvolvendo.
Inverno - estação muito fria e úmida nada desenvolve bem.*

Como vimos anteriormente, são informações complementares que auxiliam os alunos na construção de conceitos.

Grupo 5 - Sub-tema: Consequências das mudanças/alterações climáticas para a natureza e para a vida na comunidade

Evitando a repetição de um mesmo termo *alteração climática* que foi visto nos sub-temas anteriores sob diferentes ângulos, este se refere a:

- chuvas, enchentes, secas, estiagens
- temporais, ventos, chuvas de granizo (pedras), geadas, nevascas, etc.
- calor ou frio fora das estações

O primeiro item praticamente foi visto no tema água, mas os demais, que ocorrem ocasionalmente, podem trazer transtornos para a vida das pessoas e da comunidade na medida em que ocorrem com muita intensidade.

Um grupo de alunos da prof^a Janete investigou em casa e na comunidade as consequências destas mudanças bruscas ou fora da época e chegaram a seguinte conclusão:

Mudanças de Clima

As chuvas em quantidade normal são muito benéfica pois trazem colheitas fartas e vida nas comunidades. Quando em excesso, causam enchentes e prejuízo na comunidade, perda de safra no meio rural, destelhamento e quebra de casas, automóveis, etc., principalmente nas cidades.

As geadas e as neves queimam as plantas de culturas sensíveis e causam avalanches em países frios, soterrando e matando pessoas e animais.

O calor ou frio fora das estações provocam muitos transtornos e prejuízos principalmente no meio rural, pois se faz calor em época de frio provoca brotações fora de época e se faz frio em época de calor provoca queima das brotações. Em resumo, é perda de safras e prejuízo certo.

Alunos: Jéssica Giovanaz - 1ª série

Carina Conci - 2ª série

Amanda Rejane Picolli - 3ª série

Carla Gonçalves - 3ª série

Tatiana Fachinelli - 3ª série
Guilherme Fachinelli - 4ª série
Escola: E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi

Também aqui neste sub-tema, os alunos perceberam, através das informações que complementam o seu conhecimento já adquirido na escola e na prática, que mudanças climáticas fora do previsto podem causar sérios transtornos e danos para a vida na comunidade e prejuízos nas atividades de trabalho e produção.

Cabe afirmar neste final de capítulo, uma vez que a mesma situação ocorrerá nos capítulos seguintes, a forma como os professores buscaram alternativas para trabalhar os grupos.

Como é possível perceber, as escolas do Projeto, constituem-se em escolas pequenas com um reduzido número de alunos por turma o que leva, na maioria das vezes, um professor a atender, simultaneamente ou não, mais de uma turma. Com isto, em muitas classes, a solução encontrada foi formar grupos com alunos de séries diversificadas para melhor dinamizar o processo.

A prática através da produção dos trabalhos tem demonstrado que nem sempre o ensino terá que ser específico para cada grupo. O que se evidencia é o ensino cooperativo entre os alunos em que os que demonstram maiores conhecimentos auxiliam aos demais nas construções coletivas.

O entusiasmo e o interesse das crianças além das trocas que ocorreram nesta prática, confirma que o sair da *rotina* só acontecerá mediante alternativas de atividades em que os alunos demonstrem empenho, dedicação e prazer em conhecer.

Como afirma Feil:

*A escola precisa chegar a um ensino criativo, não por meio de programa uniforme para todas as crianças, mas por procedimentos diferenciados em cada localidade, no sentido de se tirar proveito dos recursos naturais e das atividades humanas do meio próximo.*²²

Notas do Capítulo 6:

- ¹ CALLAI, Helena C. O Estudo do Município e o Ensino da História e da Geografia, p. 30
- ² CALLAI, Jaime Luiz (org). Área de Estudos Sociais. Metodologia, p. 34
- ³ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovilio. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 85
- ⁴ Ibidem. P. 85
- ⁵ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 86
- ⁶ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 118
- ⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Lutar com a Palavra – Escritos sobre o Trabalho do Educador, p. 47
- ⁸ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 24
- ⁹ Ibidem. P. 24
- ¹⁰ Ibidem. P. 24
- ¹¹ Ibidem. P. 24
- ¹² Ibidem. P. 25
- ¹³ Ibidem. P. 25
- ¹⁴ Ibidem. P. 26
- ¹⁵ FREIRE, Paulo. Educação na Cidade, p. 22
- ¹⁶ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovilio. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 132
- ¹⁷ Ibidem. P. 133
- ¹⁸ Ibidem. P. 133
- ¹⁹ Ibidem. P. 131
- ²⁰ Ibidem. P. 131
- ²¹ Ibidem. P. 131
- ²² FEIL, Iselda Terezinha S. e LUTZ, Armgard. Conteúdos Integrados. Proposta Metodológica, p. 155

7 - MEIO ECONÔMICO: O CONHECIMENTO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E PRODUÇÃO NAS COMUNIDADES

A região destinada aos italianos constituía uma das últimas áreas desabitadas da Província, cobertas de florestas e formada por vales e montanhas. No entanto, esta região inhóspita, rejeitada pelos outros grupos sociais, não desencorajou os imigrantes e seus descendentes e se, por um lado, a sobrevivência e o progresso se deram mediante um duro labor, por outro lado, esse mesmo território foi sendo transformado no espaço italiano do Estado, no qual cultivaram as roças, ergueram os vinhedos, construíram núcleos habitacionais, reproduziram a sua cultura e assentaram sua identidade

Oro

Uma constatação que geralmente tenho feito no tocante à distribuição dos conteúdos, nas listagens curriculares de iniciação ao ensino de História e de Geografia no Ensino Fundamental ou anteriormente, quando se tratava dos Estudos Sociais, refere-se à falta de uma ordenação lógica entre os mesmos. Essa situação resulta, por vezes, de uma escolha aleatória dos temas por parte de muitos professores ao realizarem o planejamento, priorizando os “mais fáceis” tanto para os alunos quanto para eles mesmos. Basta pesquisar nos cadernos escolares para vermos temas preferenciais como transportes, meios de comunicação e produção desvinculados dos demais temas e evidenciando uma despreocupação em situá-los em espaços e tempos diferenciados.

Cartazes nas paredes das sala de aula confirmam, através do uso de gravuras, os “principais” elementos de cada tema, tratado como ilustração ao estudo realizado : “os principais produtos”; “os principais meios de comunicação”, “os principais meios de Transportes”; uma abordagem com o fito de classificar coisas que conduzem apenas à memorização.

Objetivando propor uma certa ordenação dos temas e conteúdos, numa sequência lógica, para que se pudesse configurar um estudo contínuo dos mesmos sem deixar de lado suas especificidades para o estudo de História e Geografia nas séries iniciais, o Estudo do Meio vem trabalhando essa temática obedecendo um roteiro em que os temas geradores obedeçam a um processo de encadeamento, de modo que um tema estudado remeta ao próximo, nesta abordagem: trabalho, produção, comércio, transportes e circulação. O

meio econômico não se restringe apenas a essa temática, porém, para efeito de pesquisa, esses serão enfocados tanto no espaço como no tempo, a partir da comunidade.

No espaço, o Estudo do Meio econômico enfoca as atividades de sobrevivência do grupo tanto no âmbito familiar como comunitário, possibilitando ao aluno a construção de conceitos que poderão se retomados quando estudar os demais espaços.

No tempo, ao estudarem essas mesmas relações em seu meio no “tempo-hoje”, pesquisar na comunidade, sobre essas atividades num tempo distante, tempo-ontem ou “antigamente”.

Em ambos os estudos, como um elemento de identidade cultural, a temática abordará também a cultura italiana e a influência dos imigrantes na construção histórica das relações econômicas no meio.

7.1- Trabalho



Figura 24

Aluna: Carina Conci – 4ª série
Escola – E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi

Os seres humanos necessitam sobreviver e satisfazer suas necessidades básicas, que se resumem, entre outras, na alimentação, habitação, saúde, vestuário, e locomoção. Para tanto, sempre se valem da atividade humana mais antiga exercida pelo homem - o trabalho-, indiferentemente da maneira como o realizam, do espaço onde praticam e do tipo de atividade exercida.

O resultado da ação “trabalhar” proporciona (em tese) a satisfação das necessidades e o bem estar coletivo, tanto do grupo familiar como comunitário, muito embora nas sociedades atuais esses fatores por si só não garantam uma sobrevivência digna, uma vez que se acrescenta aí a determinação política de alguns segmentos da administração

pública em valorizar ou não o esforço e o trabalho realizado por parte substancial da população trabalhadora.

A escola, assim como muitas famílias, reforça idéias de senso comum que procuram classificar as atividades de trabalho. “Trabalho manual”, pesado, sujo, para pessoas de pouca escolaridade; “trabalho intelectual” ou “profissões escolarizáveis”, leve, para pessoas que “venceram”, ou construíram uma carreira de estudos avançados. Frequentemente, ouve-se o seguinte conceito: os que estudam, serão “alguém na vida”; ao contrário, irão “pegar no pesado” e desfilam um elenco de profissões que estão destinadas aos de baixa ou nenhuma escolaridade.

Comumente, constata-se que ao estudar o trabalho, este já vem aliado ao conceito de profissão nos conteúdos escolares. Não raro vê-se uma relação em que as profissões diplomadas ocupam lugar de destaque nos textos e nos cartazes, relegando as atividades básicas de sobrevivência das pessoas e das famílias a um segundo plano. Muitas vezes essas classificações omitem da discussão as reais condições como são efetivados o trabalho e a remuneração do mesmo.

Ao se propor, nas séries iniciais, a introdução ao estudo das relações de trabalho, de como estas se realizam no espaço familiar e comunitário e as modificações que foram sendo introduzidas através do tempo, parte-se do universo do trabalho conhecido do aluno, de sua participação na divisão das tarefas domésticas e das responsabilidades que assumem diariamente frente ao grupo familiar, auxiliando nesse processo.

Em se tratando de cultura italiana, o trabalho, mola propulsora da construção de suas sociedades, representa até hoje o valor maior. Conforme Costa:

O trabalho surgia assim como a fonte da liberdade, como um valor mítico, encerrando em si o segredo da dignidade e honorabilidade. Representava, de certo modo, o conjunto de todas as virtudes.¹

Conhecer como os imigrantes realizavam o trabalho, em que condições de espaço e os instrumentos utilizados, é construir, na palavra das crianças, um pedaço da história local.

As atividades propostas relacionadas como o tema “trabalho” visam enfatizar a temática perseguindo os seguintes objetivos:

- Conhecimento da atividade de trabalho no âmbito familiar e comunitário;
- estudar essa mesma relação tanto no espaço como no tempo;
- relacionar a atividade de trabalho com a cultura dos grupos descendentes de italianos que vivem na comunidade.

Para que os alunos possam se familiarizar com o conceito de trabalho, procura-se inicialmente explorar sua própria experiência na ajuda que prestam aos demais componentes do grupo familiar. Em muitas situações, as crianças, até mesmo sem perceberem, passam a assumir pequenas tarefas diárias. Com o tempo, essas tarefas se incorporam à rotina e com isso eles vão gradativamente assumindo responsabilidades, vão dividindo com os mais velhos parcela da carga de trabalho diário, consistindo ou em atividades não remuneradas ou por circunstâncias diversas, trabalhando fora do grupo familiar com a finalidade de compor a renda da família.

O tema gerador “trabalho” encontra-se subdividido em três sub-temas, apresentados a seguir:

Grupo 1 - Sub-tema: Atividades de Trabalho no Âmbito Familiar

Para melhor situar a amplitude da temática para os alunos e procurar valorizar o grupo e seus papéis, o tema foi dividido em três fases:

- a) Atividades de trabalho realizadas pelo pai;
- b) Atividades de trabalho realizadas pela mãe
- c) Atividades de trabalho realizadas pelos irmãos e demais membros de grupo familiar.

Em todas as etapas o estudo procurou elaborar conceitos com os alunos levando em consideração os seguintes aspectos:

- tipo de trabalho (conceito de profissão);

- onde executa (espaço de realização do trabalho);
- como realiza o trabalho (condições de realização do mesmo);
- rotina de trabalho (elaboração de uma rotina diária);
- importância do trabalho para a manutenção da família;
- remuneração recebida em função do trabalho;
- contribuição/participação dos filhos no trabalho em família.

No tocante ao trabalho da mãe, procura-se focar além dos aspectos acima citados, a dupla jornada para as mães que exercem atividade fora do lar;

Para a prof^a Mara o trabalho começou explorando o que as crianças conheciam sobre o trabalho.

Nós partimos da criança. Cada um contou o que faz em casa. Aí foi uma loucura! Depois apresentaram através de desenho, a rotina de trabalho. Cada um fez, desenhou o seu dia também o texto sobre o seu dia de trabalho

O aluno Claudemir Bedim - 2^a série, preferiu relatar sua rotina em forma de versos:

Meu Dia de Trabalho

*Eu sou Claudemir
ajudo em casa
trabalho nos parreirais
penso que tenho asas.*

*Eu rego minhas flores
elas são muito coloridas
não me canso de trabalhar
sou feliz nesta vida*

*Gosto de estudar
estou na 2^a série
faço todos os deveres
levo tudo a sério.*

Ainda conforme a prof^a Mara, os alunos apontaram que estudar também é uma forma de trabalhar

Também a prof^a Vanda explorou o conhecimento sobre o trabalho que seus alunos possuíam, de acordo com o relato da professora:

Eu comecei com o trabalho deles. Desde levantar, o que eles fazem até a noite, na hora de dormir. A rotina de trabalho deles.

Quanto ao trabalho dos próprios alunos, ou seja, sua rotina diária, muitos preferiram representar através de desenho, conforme a gravura abaixo:

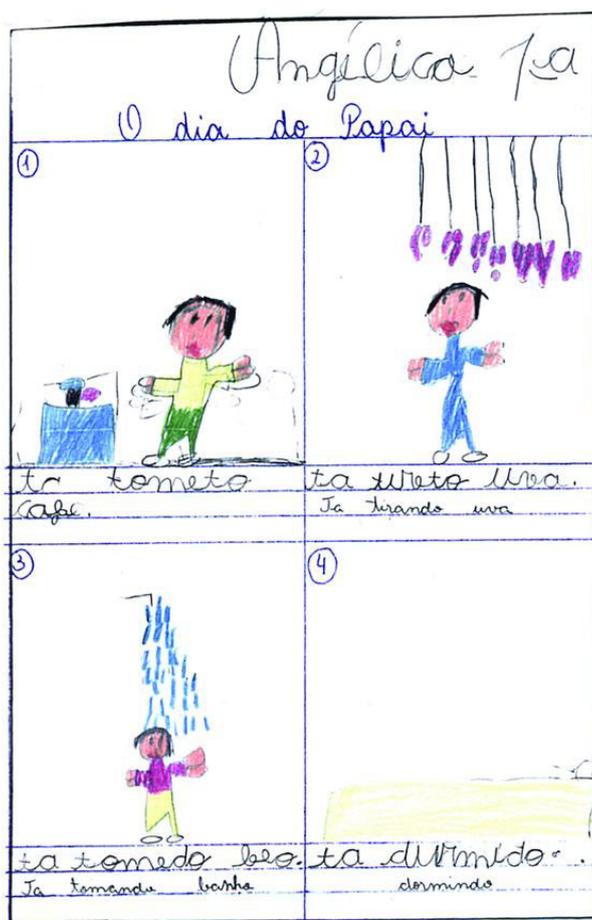


Figura 25

Aluna: Angélica – 1ª série
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos – Bento Gonçalves

No tocante ao trabalho da mãe, a quase totalidade dos professores do curso, optou, junto a seus alunos, por iniciar a atividade de pesquisa partindo do trabalho da mãe, uma vez que estava próximo do Dia das Mães, e com isso aproveitavam a temática para comemorarem a data na escola.

A profª Mara relata suas atividades com os alunos:

Comecei relatando minha própria atividade. Eu sou professora. Eu trabalho. Posteriormente discutimos sobre o trabalho da mãe que está em casa. Ela não Faz nada? Eles disseram que não era bem assim... Em casa mantiveram um diálogo com as mães, apresentando, posteriormente a rotina de trabalho delas em forma de desenho.

Também a prof^a Vanda acrescenta sua experiência com este tema.

Depois foi a rotina de trabalho das mães. Porque a mãe? Muitos disseram que a mãe trabalha mais do que o pai. Porque umas trabalham fora, vem para casa e fazem o serviço da casa. Fizem um dia de trabalho da mãe, desde manhã quando ela levanta, prepara café, até a hora em que ela vai dormir.

Da mesma forma a prof^a Denise, de Faria Lemos, confirma a relação da escolha do tema com a data das mães, o que motivou bastante a realização do trabalho. De acordo com a prof^a: Denise, o trabalho foi realizado em parceria com os alunos da prof^a Maritania.

Este trabalho foi mais produtivo, as crianças tiveram mais tempo. A gente começou a trabalhar a mãe e o pai, por serem pequenos. Eles estavam bem envolvidos em agradar a mãe porque tudo seria um presente para a mãe. Eles deixaram recadinhos em casa escondidos para as mães acharem. Tudo era novidade.. Foi muito bem, eles trabalharam bastante com relação à mãe.

Fizem teatrinho imitando a mãe. O trabalho da mãe. Ficaram muito empolgados pelo fato de lidarem com gente muito próximo a eles - a mãe. Eles fizeram um livrinho, onde a mãe trabalha. O que a mãe mais gosta de fazer, quando ela chega no final do dia.

Eles mostraram muito a mãe trabalhando dentro de casa, trabalhando fora. mostraram eles ajudando a mãe

Percebe-se no depoimento das professoras Denise e Maritânia que os alunos usaram de várias linguagens e expressões para demonstrarem a importância do trabalho das mães: escreveram bilhetes (“recadinhos”), dramatizaram a rotina das mães e por último montaram livrinhos sobre o trabalho das mães, distribuídos para elas no seu dia. Nessas múltiplas linguagens os alunos expressaram seus conceitos e o resultados de suas pesquisas.

A pesquisa sobre o trabalho dos pais foi realizada pela maioria dos professores da mesma maneira do que a das mães, enfocando o trabalho na família.

A aluna Bárbara Manica - 4^a série descreve o trabalho em sua família:

O Trabalho de Minha Família

Minha família é composta por quatro pessoas, meus pais, meu irmão e eu.

Meu pai trabalha bastante, levanta cedo vai cedo, vai nos aviários tratar os pintos, em seguida acorda eu e meu irmão para ir à escola, depois sai com o caminhão para carregar serragem.

Minha mãe levanta as cinco horas e trinta minutos, ela trabalha na Creche Pingo de Gente, lá ela prepara o café e almoço para 50 crianças e 10 funcionários, em seguida lava e seca toda a louça, além de tudo isso ela faz pão, cuca, biscoito e até massa. As vezes quando ela chega em casa está muito cansada, mas ainda faz todos os afazeres de casa.

Eu muitas vezes ajudo meu pai tratar os pintos e também ajudo minha mãe arrumar a casa, secar a louça e varrer a cozinha.

Meu irmão arruma sua cama, ajuda o pai em alguns trabalhos.

Nossa família todos tem atividades.

Aluna: Bárbara Manica - 4ª série

E.E. vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Profª Vanda Paglarini

No texto acima, a aluna compôs o panorama “família”, a importância do trabalho de cada um, além das contribuições que eles podem prestar em casa ajudando seus pais na rotina diária.

Para a professoras Lúcia e Maria, que realizaram o trabalho com os alunos de 4ª série, a atividade teve o seguinte desdobramento:

Profª Lúcia:

O assunto foi bem trabalhado e nós procuramos fazer uma reflexão com eles sobre a importância do trabalho. Nós procuramos situá-los neste mundo que nos envolve. Para que estamos aqui e o que nós fazemos.

A seguir, alguns conceitos de trabalho formulados pelos alunos:

Opiniões sobre a importância do trabalho.

Eu acho que se a gente não trabalhar não vamos comer e beber água e nem ter uma casa. É por falta de trabalho que muitas pessoas usam drogas, se prostituem, etc.

Nem todas as pessoas com emprego são ricas e as que são, às vezes, exploram os desempregados. Elas os usam como escravos e não lhes pagam, nem mesmo dão comida e água para poderem se alimentar. Por isso é que eu acho que o emprego é importante.

Patrícia Buffon

Se numa comunidade ninguém trabalha, ninguém pode viver e ter o pão de cada dia. É muito importante trabalhar para sustentarmos as nossas famílias

Juliana Salton

A minha opinião sobre a importância do trabalho é que a gente tem que trabalhar para sustentar a família e ter uma vida digna.

Lilian Berton Marques

Sem trabalho nós não viveríamos. O trabalho é tudo na vida. Com trabalho se pode comprar comida e muitas coisas.

Marciano Tasca

O trabalho é importante porque sem ele não poderíamos viver, ele nos dá a condição de ter o alimento, de poder estudar, ter uma vida digna e justa.

Jaqueline Benvenuti

A importância do trabalho é que se os nossos pais não tivesse emprego nós não teríamos comida e nem roupas, estaríamos na rua sem casa, sem vida boa, sem estudo.

Dalila Totton

Eu acho que trabalhar é muito bom. Eu quando crescer vou trabalhar para sustentar meus filhos e minha mulher. Trabalhar é muito bom pois nós teremos o nosso próprio dinheiro.

William Tressoldi

A importância do trabalho é que se as pessoas não trabalhassem ninguém iria ter o pão de cada dia e nem conseguir sua própria casa e poderiam até morrer em baixo de pontes e até morar nas ruas em barracos feitos de madeira ou feitos de lonas.

Kamila Zonta.

O trabalho ajuda e dá o pão de cada dia. Tem gente que trabalha na agricultura, outras trabalham em firmas, etc...

O trabalho sustenta a família, então o trabalho vale a pena.

Eduardo Benvenuti

Se o trabalho não existisse todo mundo ficaria vagabundo.

O trabalho é importante porque senão as pessoas morrem de fome.

Eduardo Potulski

Para a apresentação das opiniões, todas as crianças colocaram seus conceitos de trabalho em uma matriz e esta foi rodada, de maneira que todos conheceram as de seus colegas, o que possibilitou uma grande discussão no grupo.

Tomando os conceitos acima, pode-se perceber que os alunos refletem os valores de trabalho que a comunidade adulta possui ou imagens mostradas através dos meios de comunicação e que são filtradas por elas:

- trabalho como dignidade;
- trabalho como forma de obter alimento e moradia;
- o trabalho garante o pão de cada dia;
- trabalho como forma de sustentar a família;
- quem não trabalha fica à margem da sociedade;

- as pessoas não tem onde morar porque não trabalham.

São conceitos pré-concebidos pelas crianças, geralmente reproduzindo os valores familiares, conversas de adultos e que necessitam ser melhor discutidos, para que eles possam perceber outras dimensões dessa problemática, como a oportunidade de emprego, a falta de vagas, o desemprego. Questões que afetam aquela região que, paralelamente ao mundo agrícola, compõe-se de municípios de longa tradição industrial.

Em seguida os alunos realizaram um pequeno censo sobre as profissões dos pais dos alunos em Faria Lemos e chegaram aos seguintes resultados:

Agricultores	19
donas de casa	3
telefonistas	2
cabelereiras	2
auxiliare de serviços domésticos.....	1
circense	1
metalúrgico	1
operador de máquinas	1
pedreiro	1
soldador	1

Conforme a profª Lúcia:

Eles tiveram um vasto diálogo com os pais porque foram feitas pesquisas das profissões na família.

De acordo com a profª Maria:

Tem muitas pessoas que hoje migram para cá em função do trabalho e a maioria deles são descendentes de poloneses. Então a gente tratou desta questão italianos e poloneses. Levantaram questões que não se imaginava que ia acontecer, mesmo porque tem alunos que os pais vieram para cá em busca de trabalho. Eles estão sentindo. Muitos diziam: - Ah! é a mesma coisa que meu pai e minha mãe vieram para cá pelo mesmo motivo que os nossos avós.

A professora Maria, neste momento, aproveitou para estudar as palavras migração, migrante, emigração, emigrante, imigração, imigrante.

Oportunamente, traçando um paralelo entre a imigração italiana de seus antepassados e a migração interna para Faria Lemos, a professora Maria inseriu a temática da diferenciação entre os termos e seus significados.

Respondendo à uma pergunta, *por que continuam chegando migrantes em nossa comunidade?*, disseram os alunos:

Os nossos imigrantes italianos e poloneses (atuais) vieram em busca de terras, de trabalho, de progresso e ter uma vida digna. Concluimos que hoje acontece o mesmo.

Os novos conceitos, foram resultado de situações discutidas em aula, quando a questão foi colocada em dois tempos. No tempo/hoje relacionado à vinda de outros moradores de algumas partes do RS e de Santa Catarina para Faria Lemos, principalmente quando se trata de descendentes de italianos e poloneses, e no tempo/ontem, quando vieram os imigrantes italianos. A relação histórica e a síntese como observa Freire, se faz através da fala dos alunos: *Concluimos que hoje acontece o mesmo.*

Grupo 2 - Sub- tema: Atividades de Trabalho no Âmbito Comunitário

Ao detalhar para os alunos e para os grupos as diferentes áreas onde se concentra a maioria das atividades de trabalho, o estudo enfocou:

- Trabalho na agricultura e pecuária;
- trabalho na indústria;
- trabalho no comércio;
- outras profissões da comunidade.

Em cada uma das áreas estudadas, foram levantados os seguintes aspectos, para discussão em aula e melhor compreensão da sua importância:

- tipo de trabalho que executam;

- onde realizam o trabalho;
- como realizam o trabalho;
- rotina de trabalho dos profissionais;
- importância deste trabalho para a manutenção das famílias;
- importância deste trabalho no conjunto das profissões da comunidade;
- formas de remuneração recebidas pelo trabalho exercido;
- participação dos membros da família na atividade profissional.

Conforme a Professoras Janete Fachinelli Delazzeri e Iliete Fachinelli da Escola E.E. São Marcos, foi realizado um trabalho em conjunto, envolvendo, nos diferentes grupos, os 22 alunos que das classes de 1ª a 4ª séries.

O trabalho foi bem interessante. A gente foi visitar também uma indústria. É bom, eles vão conhecendo. Muitos já conheciam, outros não. A maioria não conhecia como funcionava a indústria.

Como conclusão, os alunos, montaram o “Livro das Profissões da Comunidade de Marcorama”, onde registraram, sob a forma de desenhos, as atividades exercidas, tais como: agricultor, vitivicultor, professor, diretor e estudante, funcionário público e operador de máquinas, avicultor, merendeira, cozinheira, apicultor, comerciante, suinocultor, borracheiro, soldador, telefonista, motorista, lixador, pedreiro, costureira, doméstica, carpinteiro, carvoeiro; profissões mais comuns na referida comunidade.

Conforme as professoras, os textos foram elaborados juntos. As crianças pesquisaram, entrevistaram várias pessoas sobre várias profissões.

De forma cooperativa, na conclusão do seminário, formularem um texto sobre o trabalho na comunidade.

O Trabalho na Comunidade de Marcorama

Na maioria das famílias o pai, a mãe e os filhos colaboram de uma ou de outra forma para o sustento da mesma.

Muitos moradores da comunidade de Marcorama trabalham na agricultura, plantam vários produtos, principalmente a uva. Acordam bem cedo e trabalham de sol a sol sem descanso.

Alem dos agricultores, nesta comunidade existem outras profissões tais como: comerciantes, professores, motorista, costureira, industrialista, telefonistas, operadores de máquinas, funcionários públicos, borracheiro, soldador, pedreiro, domésticas,

carvoeiro, apicultores, diretores, estudantes, avicultores, merendeiras, cozinheiras, faxineiras, hortigranjeiros, carpinteiros, suinocultores.

O trabalho exercido pela comunidade é de grande importância para o progresso do município, pelo sustento das famílias, pelo bem estar das pessoas.

As indústrias existentes em Marcorama são as de produção de vinho (cantinas, em torno de 25), queijo caseiro, pão, cuca, biscoito colonial.

Estas indústrias são de grande importância no progresso da comunidade e do município de Garibaldi.

Na nossa comunidade existem também casas comerciais, onde são vendidos diversos alimentos, produtos e utensílios agrícolas.

Nos textos dos alunos, sob a orientação dos professores, uma visão bem ampla sobre as diferentes áreas de trabalho da comunidade: agricultura, indústria, comércio; além das demais profissões listadas e investigadas. O livro das profissões, na forma como foi montado, não registra uma listagem ou classificação das profissões, mas tendo como recurso os desenhos, os alunos expressaram, nessa linguagem, o que sabem sobre cada uma delas, revelaram espaços e instrumentos utilizados nas profissões.

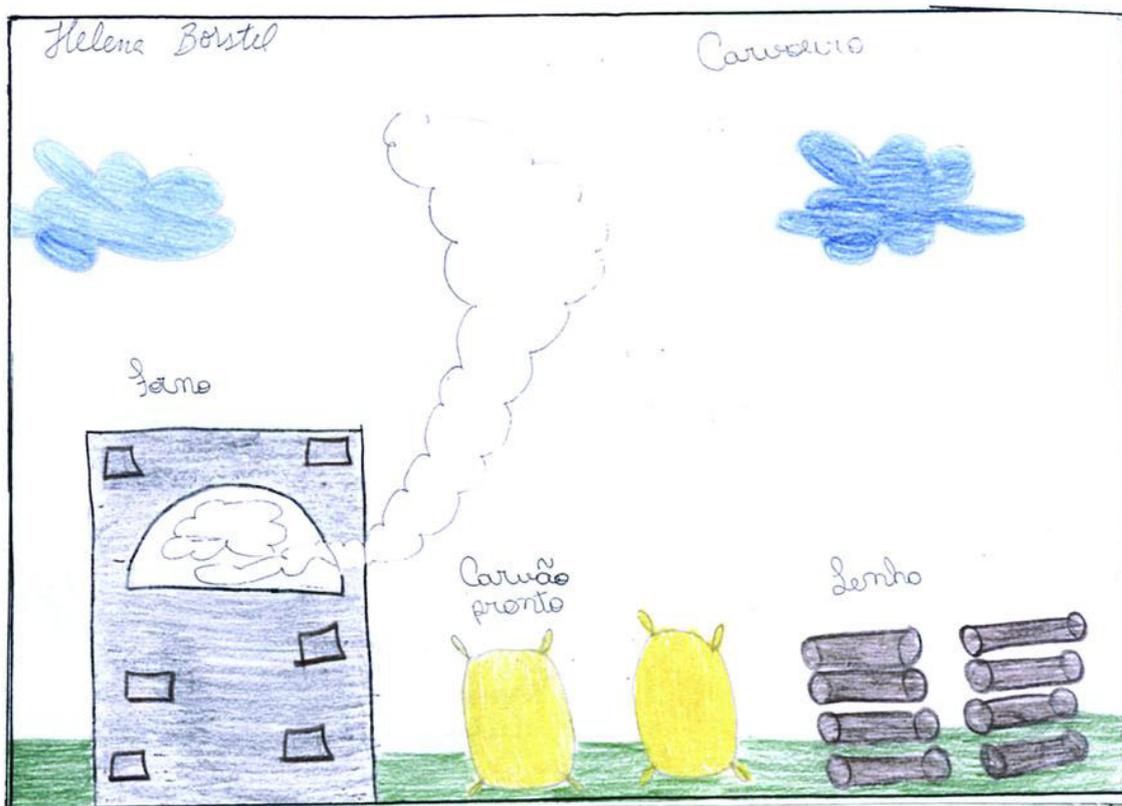


Figura 26

Aluna: Helena Borstel
Escola; E.E. São Marcos
Marcorama- Garibaldi

O desenho da aluna Helena retrata o conceito que a aluna construiu sobre o trabalho com o extrativismo vegetal, transformando a madeira local em carvão.

O aluno Claudemir Bedim, relata em texto, além da montagem do livro do trabalho, sua pesquisa e de seu grupo sobre essa atividade na comunidade onde vive:

O Trabalho na Nossa Comunidade

Em nossa comunidade existem vários tipos de trabalhos como avicultor, agricultor, doméstica, motorista, operário, comerciante, professor e outros.

Todos os tipos de trabalhos são importantes para o sustento da família e para o crescimento de nossa comunidade.

Todo o trabalhador é um profissional, tem uma profissão.

As pessoas que trabalham fora de casa ganham o seu salário e com isso podem ajudar mais nas despesas da família.

Devemos valorizar todos os tipos de trabalhos.

Aluno : Claudemir Bedin - 4ª série

E.E. vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Com a profª Vanda, os alunos realizaram pesquisas na comunidade que culminaram no texto a seguir, montado coletivamente:

O Trabalho de Minha Comunidade- São Roque Figueira de Melo

Em nossa comunidade há vários tipos de trabalho. Na colônia em primeiro lugar está a colheita da uva. Em seguida vem a plantação de batata, depois há vários como: tomate, milho, feijão e também tem estufas com verduras e com moranguinho.

O trabalho em firmas só tem o Frigorífico Nicolini que está dividido em três partes, o emcubatório, a fábrica de ração e o frigorífico onde abatem os frangos. Nessa três partes da firma trabalham pessoas de nossa comunidade, várias no turno do dia e outras à noite.

Além disso, tem a oficina Bagatini que faz chapeações e arruma pneus e outra oficina que lava carros à jato com água fria e quente.

Tem duas lojas de vestuário masculino e feminino, também se encontra em nossa comunidade dois botecos de pinga e um mini-mercado

Para os batateiros também há uma lavadora de batata e depósito de cebola, assim podem lavar as batatas e aprontar sua carga.

Além de tudo isso, também tem vários aviários que criam frangos e galinhas que é da firma Nicolini onde ali colocam famílias para cuidar da criação.

Aluno: Júlio Cesar Carrer - 4ª série

E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Opinião da profª Vanda :

Depois do trabalho do pai, o trabalho dos irmãos, o trabalho de toda a família passamos para o trabalho da comunidade. Foi mais fácil que o ano passado. Eles representaram bastante através de desenhos o que cada um fazia. Eles mesmos (os alunos) acharam que foi mais fácil. Eles vivem todos os dias na família, dentro da própria casa deles.

Este depoimento confirma o quanto os alunos se envolvem com atividades pedagógicas quando as mesmas partem de seu mundo, quando estudam o dia-a-dia em sua família e meio, como referência para a construção de conceitos.

Os alunos das professoras Janete e Iliete realizaram conjuntamente, com o auxílio e participação das professoras, um texto único retirado dos diferentes sub-temas do tema “trabalho”:

O Trabalho na Comunidade de Marcorama

Na maioria das famílias o pai, a mãe e os filhos colaboram de uma ou outra forma para o sustento da mesma.

Muitos moradores da comunidade de Marcorama trabalham na agricultura, plantam vários produtos, principalmente a uva.

Acordam bem cedo e trabalham de sol a sol, sem descanso.

Além dos agricultores, nesta comunidade existem outras profissões tais como comerciantes, professores, motorista, costureiras, industrialistas, telefonistas, operadores de máquinas, funcionários públicos, borracheiro, soldador, pedreiros, domésticas, carvoeiro, apicultores, diretores, estudantes, avicultores, merendeiras, cozinheiras, faxineiras, hortigranjeiros, carpinteiros, suinocultores.

O trabalho exercido pela comunidade é de grande importância para o progresso do município, pelo sustento das famílias, pelo bem estar das pessoas. As indústrias existentes em Marcorama são as de produção de vinho (cantinas em torno de 25), queijo caseiro, pão, cuca, biscoito colonial. Estas indústrias são de grande importância no progresso da comunidade e do município de Garibaldi.

Na nossa comunidade existem também casas comerciais, onde são vendidos diversos alimentos, produtos e utensílios agrícolas.

O comércio também tem grande importância no conjunto das profissões da comunidade. A formação profissional é importante não só para a comercialização dos produtos, mas especialmente na orientação e aplicação dos mesmos.

Na elaboração do texto em grande grupo, os alunos discutiam as questões, redigiam as frases, sugeriam assuntos, e as professoras iam estruturando o resultado final.

Para a prof^a Milene:

A gente viu assim também que a profissão que predomina na comunidade é o agricultor. Depois tem várias assim que eles iam dizendo. Tem costureira, pedreiro, carpinteiro, apicultor. Uma infinidade. Eles quiseram desenhar um lixador. A gente viu que há várias. A gente nem pensa que existe tantas profissões assim.

A surpresa demonstrada pela professora quanto às descobertas realizadas, confirma, mais uma vez, que a escola, encerrada em sua rotina de valorizar algumas atividades profissionais esquece, deliberadamente ou não, de focar outros “trabalhos” e com isso aproximar o estudo das experiências neste setor, vividas pelos pais dos próprios alunos.

Comprova-se, assim, que existem muitas possibilidades de estudos de diferentes fazeres de trabalho no âmbito da comunidade e que uma proposta neste sentido tanto é motivadora para os alunos quanto para os professores, que acabam por conhecer melhor o seu meio.

Como aula-passeio, os alunos visitaram espaços comunitários para perceberem como se realiza o trabalho nos diferentes locais.

Procurou-se, com isso, inspirar os professores nas experiência de Freinet (1978:32) quando sustentava a importância da aula-passeio para a compreensão do mundo do trabalho em sua comunidade. Conforme o autor:

Começou por ir buscar à vida da aldeia, às cercanias da escola, os elementos de base dessa nossa educação. Levou os alunos à oficina do tecelão que, muito obsequiosamente, pôs todo o seu saber à disposição do bando juvenil curioso. Para manter o interesse que a visita tinha suscitado, tentou fazer na aula um pequeno tear, muito rudimentar, que as crianças adoraram. Até se teceu um cinto para os estomas, que nem assim deixaram de ter o ar de andar sempre a perder os calções, e as crianças sentiram o horizonte da sua escola se alargava

Assim como Freinet propôs, os alunos foram visitar locais de trabalho em suas comunidades.

Conforme depoimento da prof^a Mara:

A gente viu o trabalho no aviário aqui pertinho. A gente parou para pensar. ‘Vocês estão vendo aqueles pintinhos, bonitinhos, maravilhosos, mas para chegar a isto, quantas pessoas precisou?’ A construção disto aqui, o transporte. Daria para ficar um dia inteiro só ali estudando as pessoas que envolve neste trabalho.

O entusiasmo demonstrado pela professora ao relatar esta experiência ao grande grupo revelou o quanto foi proveitosa para ambos, professora e alunos, essa aula-passeio, como veremos através do texto produzido pelos alunos com o auxílio da professora:

Visita a um Local de Trabalho

Nós, alunos da 2ª série e da 1ª série fomos visitar o aviário do pai do Rafael.

O pai do Rafael disse-nos que é muito cansativo esse trabalho. Ele cria os frangos para a firma Nicolini. Neste aviário tem campânulas para aquecer os pintinhos quando são pequenos. Também tem ventiladores para os dias muito quentes e ensolarados.

Em nossa comunidade tem vários aviários, alguns criam Nicolini e outros para a Pena Branca.

Todo avicultor para ter bons lucros precisa trabalhar muito, ter capricho, se dedicar, não ficar nervoso e gostar do que faz.

Aluno: Claudenir Bedim - 2ª série

E.M. Vitor Meirelles

São Roque- Marcorama

Garibaldi.

O texto produzido pelos alunos da prof^a Mara revela que neste contato com o avicultor, pai de um colega da escola, eles perceberam que o trabalho além de cansativo necessita muito cuidado e dedicação.

Aprenderam também sobre os cuidados que os pintinhos necessitam tanto para o excesso de frio como para o calor. Concluíram que a comunidade, além de possuir vários aviários como aquele visitado, vende frangos para duas empresas: Nicolini e Pena Branca, estabelecidas no município de Garibaldi.

Os alunos da professora Vanda visitaram uma cantina. Conforme o seu relato:

Nós fomos ver o trabalho na cantina. O dono explicou desde a chegada da uva até o engarrafamento, a lavagem dos garrações, tudo.

Quantas pessoas envolve.

Até na safra da uva, o senhor explicou, que precisa de mais pessoas por causa da uva que chega. Eles continuam engarrafando lá também e então é necessário mais pessoas

As visitas, nas aulas-passeio, com pesquisas, e entrevistas foram muito interessantes. As pessoas sentem-se importantes, valorizadas, pois. elas sabem das coisas. Para Janete: *cada vez mais está envolvendo a comunidade. Eu acho interessante.*

Grupo 3 - Sub-tema : O Trabalho e a cultura italiana.

Com relação a este sub-tema, os alunos pesquisaram:

- locais onde realizavam o trabalho;
- dificuldades encontradas para a realização do trabalho;
- participação da família na rotina de trabalho.

Os alunos da prof^a Janete, na E.E. São Marcos de Marcorama, pesquisaram junto aos seus *noni* e *none* além de outras pessoas na comunidade.

Conforme a professora relata:

Para fechar o tipo de trabalho realizado pelos primeiros imigrantes italianos quando vieram para cá, eles conversaram em casa antes e depois em casa pesquisaram. Valeu, porque eles sentiram que todos tem que serem valorizados. Todo e qualquer trabalhador.

O texto elaborado com o auxílio das professoras, foi de forma coletiva. os alunos colocaram as informações trazidas de casa e com as professoras, desenvolveram frases que foram anexadas ao texto.



Figura 27

Aluna: Jéssica Giovanaz – 2ª série
Escola: E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi

7.2 – Produção

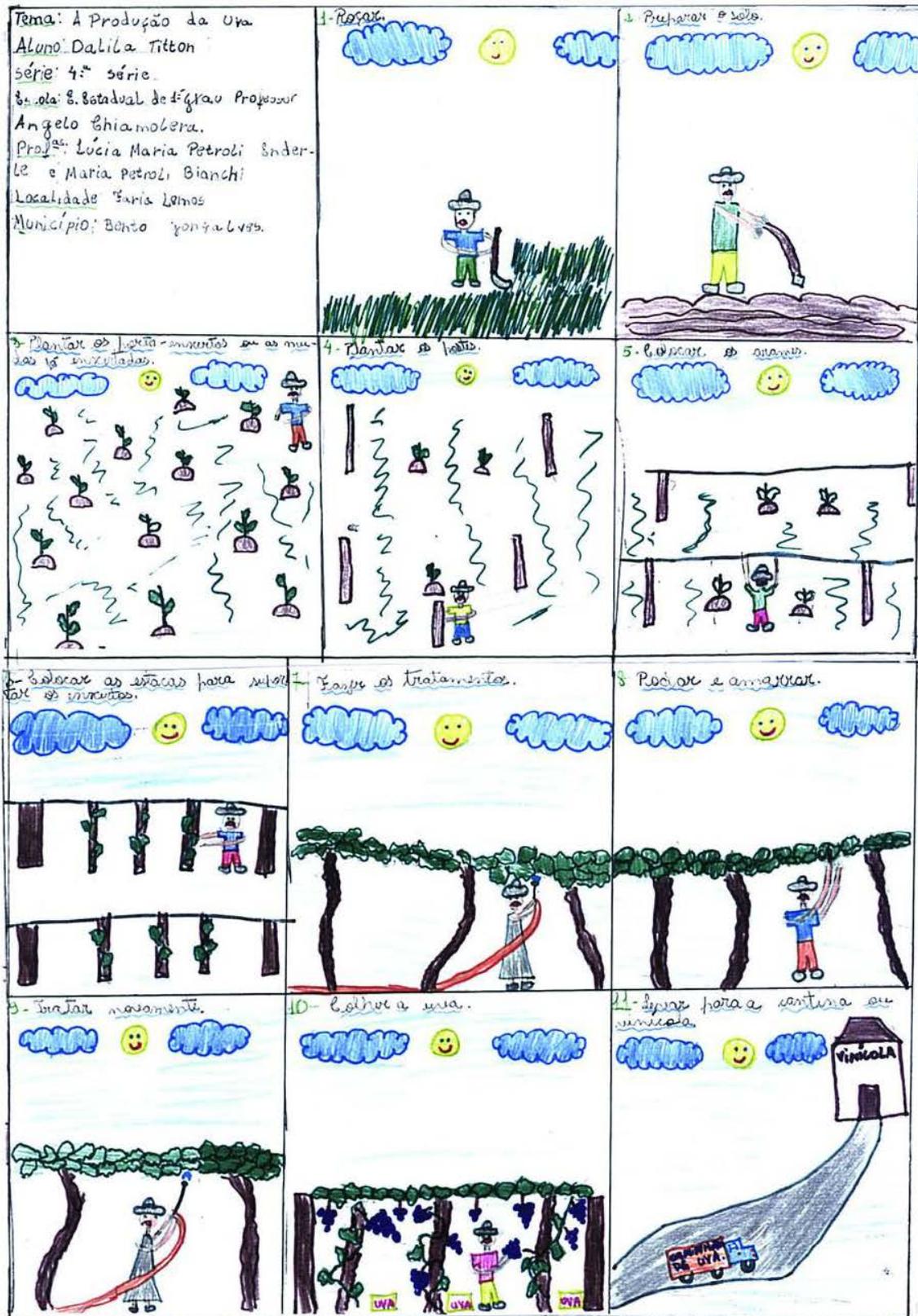


Figura 28

Como consequência de um trabalho estafante, persistente, a produção era festejada pois coroava de êxito a dura empreitada na terra. Trabalhar e colher (produzir) representava o resultado visível de um esforço coletivo tanto na família onde todos contribuía com sua força de trabalho, como nas comunidades.

De acordo com De Boni e Costa, os maiores objetivos dos colonos eram, primeiro, a manutenção do grupo familiar, e, em segundo plano, o comércio.

O colono visava a obter os gêneros necessários para a família e só depois de satisfeitas as necessidades do consumo caseiro é que se dispunha a colocar no mercado os excedentes.²

O sistema colonial italiano desde o início teve na agricultura familiar sua maior visibilidade. Os primeiros produtos a que se dedicaram e que lhes prestaram uma forma de identidade econômica centravam-se na produção do trigo, milho e uva. Esta última sempre presente na memória popular, pois o binômio uva/vinho está intimamente ligado à imagem que se faz dos colonos italianos, muito embora, conforme De Boni e Costa, *nenhum deles foi introduzido pelo imigrante peninsular, pois o Rio Grande do Sul, já os cultivava desde os tempos das reduções jesuíticas, mas não em tais escalas.³*

A produção do milho teve dupla finalidade: na pecuária como alimento complementar da criação de suínos, e no uso doméstico, onde o utilizavam como farinha na polenta. Conforme os mesmos autores, *a matéria prima para a polenta, prato mais conhecido dos imigrantes.⁴*

No tocante aos suínos, além da banha os colonos desenvolveram uma peculiar indústria caseira de salames, copas e outras espécies de defumados.

Cabe referência a um fato interessante: a implantação do sistema colonial no Brasil iniciada com a imigração alemã, passando pela italiana e complementada pelos poloneses e outros grupos menores no Rio Grande do Sul, inaugura o modelo policultor tendo como espaço as pequenas propriedades rurais, o que caracterizou a economia destas áreas nos primeiros tempos e que se mantém arraigada até hoje através dos seus descendentes conforme Costa e outros:

O imigrante, para atender à necessidade de sobrevivência autônoma, dedicou-se a culturas variadas. Num esquema rotativo e em ordem de importância, cultivou: trigo, milho, arroz, amendoim, feijão, cebola, alho... Plantações colaterais completavam os interstícios, no tempo e no espaço. A mentalidade de policultura ainda subsiste, em lugar de uma agricultura racional. Dois extremos afligem o agricultor: a) o desperdício de forças, cultivando de tudo; b) a tendência à monocultura, quando se apresenta um produto de bom preço.⁵

Além das relações de trabalho estudadas nos grupos familiar e comunitário, já exploradas e apontadas no tema anterior, o Estudo do Meio propõe que os alunos formulem conceitos sobre a relação trabalho-produção, a partir de seu cotidiano, de suas vivência e práticas conhecidas em família e em comunidade.

Da mesma forma, toma-se como referência inicial a produção do grupo familiar, vista como resultado de um esforço conjunto; o trabalho dos membros do mesmo; das condições de que as famílias dispõem para realizar o seu trabalho; da venda da força de trabalho, no caso das atividades assalariadas e a recompensa (salários) por este mesmo esforço empregado; dos benefícios alcançados ou não pela família em consequência das atividades produtivas realizadas por seus componentes. O estudo oportuniza aos alunos uma visão crítica fazendo o elo entre os dois temas.

O conjunto dessas atividades em um determinado espaço - bairro, vila, localidade, distrito, cidade, município -, caracteriza a produção local. Investigar então as diferentes formas e atividades de produção, a oferta de produtos resultantes da mesma em cada um desses espaços geográficos, acrescentando ao estudo a investigação a respeito da participação das famílias e dos alunos no conjunto da produção local; os benefícios, as melhorias e contribuições para o desenvolvimento e o bem estar do grupo comunitário que essas atividades proporcionam; é uma forma de tirar os alunos da rotina diária da sala de aula e, buscar, no espaço conhecido, os dados que oportunizam a construção de um saber escolar que tenha por base o saber de vida.

Como a produção se realiza em determinados espaços específicos, é o momento propício para a investigação com os alunos, das modificações que os processos produtivos acarretam nesses mesmos espaços; das mutações que ocorrem na natureza, resultantes da ação do homem. Como nos estudos anteriores, não podemos nos esquecer

que os meios e as atividades produtivas sofrem transformações, tanto na forma como nos instrumentos empregados e nas relações de trabalho através dos tempos.

O tema gerador “Produção” também divide-se em sub-temas para uma melhor compreensão e abrangência nos âmbitos familiar e comunitário.

Grupo 1 - Sub-tema: A produção do Grupo Familiar.

O objetivo deste sub-tema é propiciar aos alunos atividades de estudos e pesquisas para que os mesmo possam estudar e discutir:

- a produção familiar no espaço doméstico;
- espaço onde realizam a atividade (horta, pomar, lavoura, indústria, granja...);
- como realizam a produção;
- equipamentos utilizados na produção;
- participação do grupo familiar na produção;
- alimentos produzidos no espaço familiar;
- mudanças ocorridas no trabalho e na produção familiar desde o tempo dos imigrantes até hoje.

Os professores introduziram o tema “produção” a partir da retomada do estudo anterior, ou seja, o trabalho.

Conforme a professora Mara:

Retomamos a questão do trabalho para iniciar o estudo da produção, porque quem trabalha produz alguma coisa.

Aqui no interior tem agricultura, conforme os alunos citaram, o homem trabalha a terra para colher bons frutos, produtos, e tal.

Citei a questão da mãe que só fica em casa. Trabalha como? Eu me surpreendi porque eles foram mais expertos que a professora. Disseram eles:

- Sim, profe. A comida pronta, a roupa lavada, a casa limpa. - Começamos assim, através do diálogo. Novamente o estudo partiu daí. Fizemos desenhos consulta em casa com os pais, entrevistas, visitas.

O aluno Claudenir da 2ª série produziu o texto abaixo, como resultado do estudo da produção familiar encontrado em seu Livro da Produção

Os Produtos Cultivados na Minha Casa

Meu pai e minha mãe trabalham.

O meu pai trabalha nos parreirais e minha mãe trabalha na horta na casa e também na roça. Eu também ajudo os meus pais na roça, nos parreirais, vou cortar pasto com o meu pai e minha mãe.

Nós colhemos muitos alimentos como batata, amendoim, milho e colhemos muita uva.

Para plantar esses alimentos precisamos equipamentos como enxada, lavrador, grampo, picão e muitos outros.

A uva é o produto que mais vendemos.

Os outros são cultivados para o sustento da família.

Aluno: Claudenir Bodim - 2ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles.

São Roque - Garibaldi

Como podemos perceber, o aluno procurou relatar a realidade familiar, a divisão do trabalho entre os membros do grupo, a participação dele nas tarefas cotidianas do grupo, os resultados do trabalho e os equipamentos usados na atividade. O texto relata, com clareza o universo de trabalho que envolve sua família reproduzindo de outra forma as mesmas observações de De Boni e Costa.

Também os alunos da profª Vanda, assim dos da professora Mara, montaram o “Livro da Produção”. Com isso a aluna Giovana relata o resultado de seu estudo realizado também no grupo familiar.

Produção Familiar

A minha família vende algumas coisas para ganhar algum dinheiro.

Nós temos os parreirais, para a produção preparamos a terra, nasce as folhas e as plantas eles dão remédio, mais tarde eles colhem a uva, carregam e levam para a Cooperativa Vinícola, lá eles moem a uva e depois sai fora o vinho e eles colocam nos garrações.

Minha mãe tem uma vaca, ela tira leite, coa o leite, faz queijo, vende o queijo, e depois ganha o dinheiro para ela comprar alguma coisa.

Eles tem galinhas, ajuntam os ovos, colocam nas caixas, vendem os ovos e ganham um dinheiro.

Assim é a produção familiar, muito trabalho e esforço por ganhar um dinheiro.

Muita gente mora na cidade mas não tem tudo isso.

Aluna: Giovana Manica - 4ª série

Escola: E. m Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Os alunos da professora Maritânia, da primeira série, trabalharam com a produção da família. De acordo com a professora, os seus alunos, desenvolveram a atividade com a sua orientação:

Estudamos a produção familiar. Foi elaborado questões para que os pais pudessem responder com seus filhos. Produtos da casa, da horta, da roça. O que a família produzia, para que a gente pudesse fazer um levantamento.

Depois disso foi feito um seminário onde cada um colocou o que cada pai ou mãe tinham explicado ou escrito para eles.

Em cima destas respostas, foi feito um levantamento com os alunos da 1ª série- o que os pais dos alunos da 1ª série produziam. Depois foi elaborado um texto com toda a turma. Após começamos a elaborar a pasta da produção.

Na pasta da produção começaram pela horta. O que eles tinham visto. O que a mãe deles estava plantando.

A primeira série colocou na forma como eles escreviam e desenhavam.

Depois eles colocaram o que o pai utiliza no trabalho dele.

E como a maioria dos pais trabalham com as parreiras, então eles se envolveram mais com este lado.

O que eles utilizavam antigamente. Aproveitando os materiais utilizados agora no trabalho e na produção e antigamente. Apareceu a carroça, a mula, o arado. Cada um desenhou e escreveu.

Depois vimos quem na família trabalhava na produção. Eles colocavam o pai trabalhando nas parreiras.

As técnicas usadas para cuidar das parreiras, uns quiseram colocar a poda, que agora é o período, outros quiseram o tratamento com veneno, outros já quiseram a colheita que é o que mais marca para eles.

Cada um colocou do seu jeito. Fizeram as frases explicando cada um ao seu nível como está.

Interessante é perceber os passos com que a prof^ª Maritânia organizou a atividade com seus alunos de primeira série e como eles se envolveram numa pesquisa de algo tão próximo de sua realidade e do mundo do trabalho/produção de suas famílias:

- . primeiro partindo de um levantamento da produção em casa em diferentes espaços produtivos- horta, lavoura;
- . envolvendo os pais na coleta das primeiras informações;
- . para concluir a primeira parte, realizou seminário com seus alunos, para que cada um expusesse o resultado de suas consultas junto aos pais;
- . partindo da exposição oral, elaboraram um texto coletivamente;
- . tendo estes elementos, deram início a uma *pasta da produção* onde colocaram os dados coletados;
- . ainda na mesma pasta colocaram os instrumentos de trabalho utilizados pelos pais na produção;
- . na sequência, aproveitou o momento e procurou colocar a questão em tempos distintos, o material utilizado no tempo/hoje e no tempo/antigamente;
- . os alunos representaram o passado através da carroça, da mula e do arado;
- . complementou com as técnicas de trato das parreiras, ou seja, o produto em comum para a maioria das famílias dos alunos.

Procurou não interferir no trabalho das crianças, e isto confirma em sua fala, *cada um colocou do seu jeito*. Complementa a professora ao avaliar a atividade:

Eu achei interessante, principalmente que eles estão numa fase agora de desenvolver a escrita de frases, a escrita de textos. Então foi assim um prato cheio para desenvolver ainda mais a curiosidade de montar textos, de montar frases, cada um no seu nível.

E ainda:

Aproveitei este trabalho para desenvolver a escrita. E eles foram colocando o textinho elaborado por eles. Em cima disto deu para trabalhar a alfabetização. Apesar de serem pequenos e não terem tanta percepção que os outros maiores tem sobre a produção, mas o que eles já conseguem notar deu para eles colocarem aqui.

O que talvez a professora Maritânia não tenha conseguido expressar em seu testemunho é que eles, em cada etapa, *do seu jeito* construíram conceitos sobre produção, produtos, pessoas que produzem, equipamentos, cuidados, além de pensarem essa mesma produção em outro tempo “antigamente”, representado por alguns símbolos do passado: carroça, mulas, arado; elementos chave na fase inicial da colonização.

Grupo 2 - Sub-tema : Produção da Comunidade.

Este sub-tema foi proposto na forma de quatro ítems que seria também abordados por grupos distintos, compondo assim o seminário final.

O primeiro assunto relaciona-se com a produção agrícola e procurou abordar :

- . os tipos de lavouras mais comuns na comunidade;
- . os produtos agrícolas encontrados com mais frequência na comunidade e região;
- . as técnicas utilizadas na produção;
- . os equipamentos agrícolas utilizados com mais frequência na comunidade e na região;
- . a mão-de-obra utilizada na comunidade e região;
- . formas de pagamento dos trabalhadores utilizada na produção.

Da mesma forma que nos estudos anteriores, os alunos estudaram a produção em suas comunidades.

Conforme depoimento das professoras Lúcia e Maria da E.E. Ângelo Chiamolera, a atividade foi realizada da seguinte maneira:

Nós motivamos eles para trabalharem em grupos outra vez.. São 15 alunos e formamos quatro grupos. Dois grupos trabalharam sobre a produção da uva, parte mais colonial. Todas as etapas.

Os outros dois grupos trabalharam mais sobre a industrialização da uva. O vinho. Como chegava até o vinho.

Eles foram para casa, conversaram com os pais todo o processo até chegar a produção da uva. Tudo o que precisasse desde podar, amarrar, tratar, toda esta parte.

Depois voltaram para a sala de aula, apresentaram para toda a turma e todos tiveram os resultados daqueles grupos.

Um grupo fez um trabalho através de representação em desenho e frases, frases simples, de toda esta etapa da produção da uva.

A riqueza dos desenhos é maravilhosa. Nem precisa falar da motivação eles fazerem isto. É um encanto isso. Eles rendem, eles trabalham, eles gostam, eles se envolvem.

Completa a prof^a Maria:

Nós procuramos separar os grupos assim: tem crianças que são filhos de agricultores que trabalham e tem crianças que não. Então, os que tem o seu dia-a-dia nas parreiras e os outros trabalhavam na industrialização.

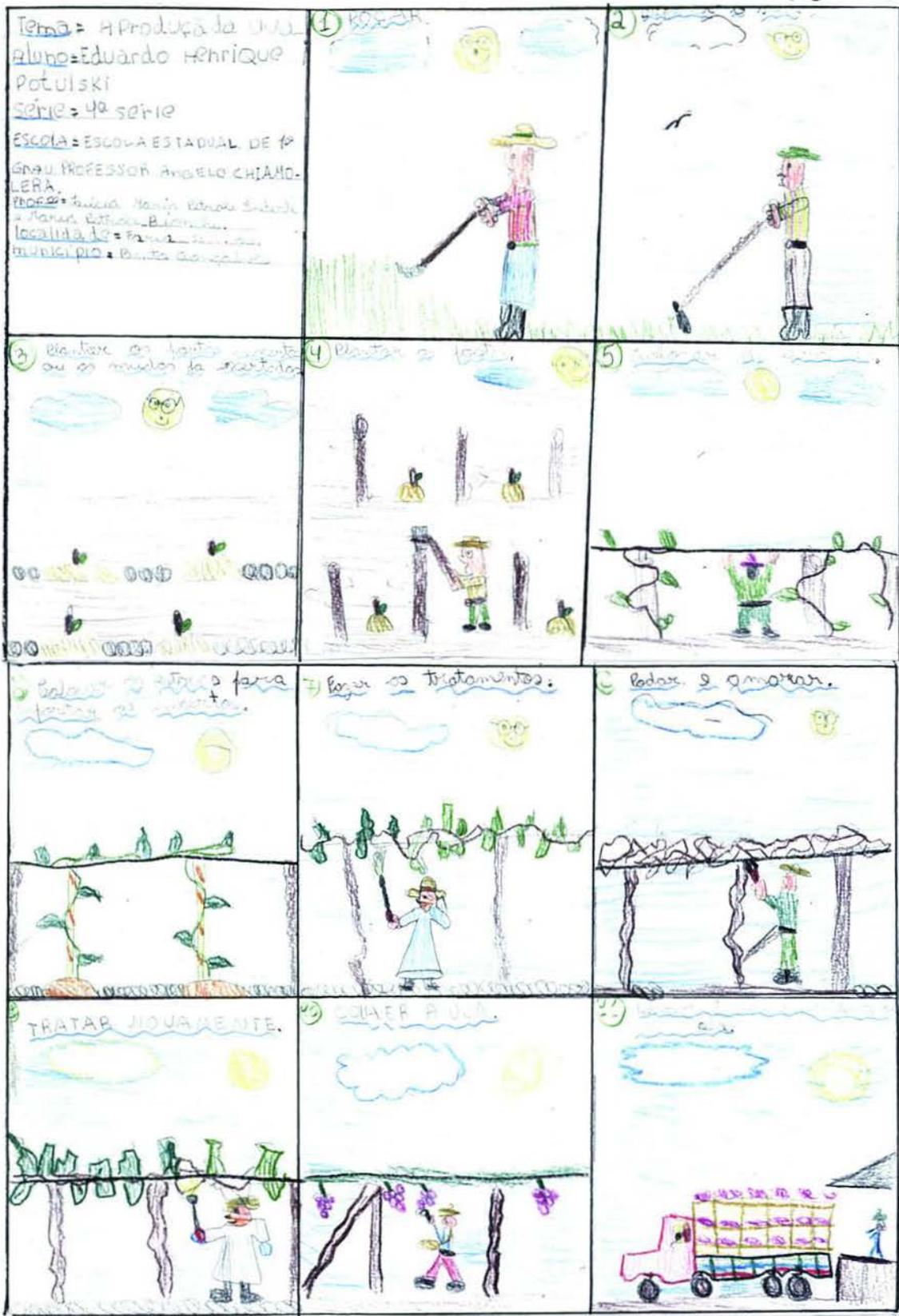


Figura 29

Aluno: Eduardo Henrique Potulski
 Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos - Bento Gonçalves

No tocante a Escola M. Vitor Meireles, os alunos da prof^a Vanda produziam o seguinte texto, resultado de seus estudos em grupo. O texto foi produzido em grupo com o auxílio da professora que foi organizando as falas dos alunos:

Produtos Agrícolas Cultivados em Nossa Comunidade

Em nossa comunidade existem vários produtos agrícolas dos quais a maior parte das famílias cultivam que são: batata inglesa, feijão, arroz, milho, uva, batata-doce, aipim, alho, cebola, tomate, além de frutas e hortaliças em geral.

Aqui também vários avicultores com seus aviários próprios. Eles criam frangos para o Frigorífico Nicolini, no qual se localiza em nossa comunidade. Além do frigorífico temos uma lavadora de batatas de propriedade de Pedro Rafaelli.

Muitos de nossos produtos são comercializados com outras comunidades ou até mesmo com outros municípios, é o exemplo da uva cultivada aqui na nossa comunidade pois nós não temos cantinas vinícolas, nossa produção é levada para outras localidades.

Foi feito um passeio para conhecer como é o processo da chegada da uva nas cantinas até o engarrafamento do vinho. Visitamos a vinícola Bolsoni e a Vinícola Agostini as duas se localizam em uma comunidade vizinha chamada São Gotardo, Costa Real. Lá vimos tudo como funciona e ainda tomamos um delicioso vinho elaborado pela Vinícola Bolsoni.

Aluno: Mateus Rafaelli-3ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

O Segundo assunto refere-se a produção pecuária. No tocante a este aspecto, o trabalho proposto visou abordar esta mesma produção através dos seguintes aspectos:

- . rebanhos encontrados na comunidade e região;
- . destinação dada a produção pecuária como: subsistência da família, produção para comercialização e outras finalidades
- . recursos utilizados na pecuária - cuidados para com os rebanhos
- . mão-de-obra utilizada na comunidade e região.

A aluna Morgana Andreola relata o resultado de sua pesquisa.

Os Animais Criados em Nossa Comunidade

Vários animais são criados em nossas famílias e também em nossa comunidade, como: bois, vacas, cavalos e ovelhas.

Estes animais são criados para o sustento das famílias.

Em nossa comunidade temos várias vacas que fornecem o leite para as pessoas da família e também para o leiteiro. Com o que resta é feito o queijo para também ser vendido.

Os bois ajudam o homem a lavrar a terra, no transporte e na alimentação. Muitos são os cuidados com estes animais como: boa alimentação, higiene e vacinação quando for necessário.

Aluna: Morgana Andreola

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque- Garibaldi

O aluno Mateus também relata o estudo da pecuária realizado por seu grupo na comunidade de São Roque, com o auxílio da professora Vanda.

Pecuária da Comunidade

Em nossa comunidade as famílias possuem criação de animais para consumo próprio, poucas são as famílias que criam frangos para o abate do Frigorífico Nicolini.

Aqui existem muitos tipos de animais como: porco, boi, sustento das famílias. A maioria das famílias possuem em suas terras açudes com vários tipos de peixes, também são só para o sustento familiar.

A maior parte das famílias também criam animais domésticos como: gatos, cachorros, papagaio, canário, arara, todos somente para cuidar das casas ou para companhia.

*Aluno: Mateus Rafaeli
Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

No tocante à cultura italiana os alunos relataram os nomes (em italiano) de alguns animais criados em suas casas.

cachorro- *cam*
gato - *gat*
papagaio - *papagal*
galinha - *galine*
terneiro - *vedei*
porco - *porqui*

Grupo 3 - Sub-tema : Produção Industrial

Este sub-tema visou possibilitar aos alunos o estudo e conhecimento:

- dos principais produtos industrializados na comunidade e região;
- tipos de indústrias encontradas na comunidade.

Também aqui ocorreu divisão em: indústria caseira, artesanal e outros tipos encontrados, além da cultura italiana inerente a cada uma delas.

No tocante à indústria caseira, o estudo procurou enforçar a construção de conceitos sobre a produção doméstica, através dos seguintes aspectos:

- aproveitamento dos produtos produzidos nas propriedades (queijo, vinho, salames, doces, geleias, pães, etc.;
- mercados consumidores destes produtos;
- participação dos alunos nas atividades da indústria caseira.

Os professores Carlos e Nelci, respectivamente com as 3ª e 2ª séries, realizaram novamente um trabalho de pesquisa integrando ambas as turmas. No relato do professor Carlos:

Eu trabalhei junto da 2ª série com a professora Nelci sobre o tema gerador- a produção.

Nós trabalhamos mais a realidade local onde, como todos os trabalhos que a gente realizou, do início até agora, teve uma introdução sobre o tema, falando sobre aquilo. Usando até um método dedutivo, partindo do geral, da situação para chegar ao ponto específico que seria o produto em si.

Nós colocamos sempre, enfatizando a questão da imigração italiana na época até chegar aos dias atuais.

Então logo após a introdução, nós entregamos um texto onde eles puderam também ler as informações sobre a produção e logo em seguida nós enfatizamos, pedimos para que eles colocassem alguns produtos mais cultivados e fabricados aqui na localidade.

Eles foram colocando. As pessoas que fabricam e o que fabricavam. Geleias, queijo e outros produtos feitos aqui.

Conforme a professora Nelci:

Nós pedimos que cada um lembrasse agora em casa que fabricasse produtos caseiros e vendesse. Que tivesse um comércio destes produtos. Então, à partir daí se fez um levantamento. Colocamos no quadro as pessoas e os produtos que comercializassem.

Continua o prof. Carlos:

Aí eles se organizaram em grupo novamente. Após colocarem no quadro os produtos eles escolheram o tipo de produto.

Estes grupos de 3 e 4 alunos se encarregaram de ir na família fazer uma entrevista sobre aquele produto. Então em grupo eles organizaram as perguntas. As mais variadas possíveis, e foram até as famílias para fazer a entrevista.

No outro momento, voltamos, nos reunimos novamente e aí foi feito um seminário onde eu, particularmente aprendi muito com eles.

Todos eles colocaram as experiências sobre a geleia, sobre a uva, o queijo, o capelete. Enfim todo o processo desde a matéria-prima até o produto acabado.

Então eles colocaram, em mesa redonda, no seminário e os colegas foram questionando, foram perguntando mais, mais e mais.

Um aluno me chamou a atenção embora todos eles apresentaram muito bem o trabalho oralmente. Foi o Vinícius, da 3ª série, que deu uma aula praticamente de como se faz o vinho.

Eu aprendi muito com ele.

Conclui a profª Nelci

Ele é um aluno que tem um pouco de dificuldades para a escrita. Eu trabalhei com ele por uns dois anos. Eu me surpreendi com as colocações que ele fazia. Tem certas coisas que eu convivo lá em casa, eles faziam perguntas para ver se ele sabia responder e ele respondia. Assim, como se vivesse aquilo.

Os colegas questionavam bastante. Ele respondeu todas as perguntas sem vacilar. O que mais me chamou a atenção apesar de que todos apresentaram muito bem o trabalho deles, foi oralmente. Enfatizando a expressão oral.

Percebe-se através do depoimento da profª Nelci o quanto a escola se distancia do saber construído pelos seus alunos, fruto das experiências no meio, uma vez que os programas curriculares, mais propriamente os de iniciação ao ensino de História e Geografia no Ensino Fundamental vem enfatizando esta realidade em suas princípios teóricas. Um aluno surpreende, por utilizar-se da expressão oral, por descrever todo um processo de produção que conhece.

Enfatiza ainda a profª Nelci:

Logo em seguida, eles em grupo, novamente elaborara textos. Os textos foram feitos em matriz para que todos tivessem os textos de todos.

Nós orientamos grupo por grupo, corrigimos, e logo em seguida passaram em matriz os textos. Um grupo sobre o capeletti o outro sobre a geléia, o queijo.

O tipo de produto, depois o processo de fabricação acompanhado de desenhos.

Ressalta o prof. Carlos

Foi um trabalho deles. E todos receberam um volume com todos os trabalhos, com a letra deles e então se sentiram o máximo. Ler o texto deles.

Eles estão vendo o trabalho deles feito e estão recebendo...

Sob a nossa orientação porque alguns tem dificuldades na escrita, na ortografia. Com o texto isso vai sendo solucionado.

A construção do texto em si eles mesmos fizeram, pegando respostas das entrevistas, elaborando o texto, tendo uma sequência. Teve a nossa orientação. O professor é o orientador sempre das atividades.

O caderno temático apresentado pelos alunos, muito se assemelha ao “livro da vida” proposto por Freinet que os construía com seus alunos com o uso da tipografia escolar. O uso do mimeógrafo permitiu aos professores Carlos e Nelci construir conjuntamente com os seus alunos os “livros de produção”. Os alunos, por sua vez, ao verem seus textos impressos e distribuídos para todos sentiram-se autores, o que é explicado pelo próprio Freinet:

Disse então para mim mesmo:

- Se pudesse, mercê de um material de impressão adaptado à minha aula, traduzir o texto vivo, expressão do passeio, em página escolar que substituísse as páginas do manual, encontraríamos, relativamente à leitura impressa, o mesmo interesse profundo e funcional que nos inspirava a preparação do próprio texto.⁶

Confirma a prof^a Nelci, em sua experiência, as afirmações de Freinet:

Eu também gostei de trabalhar com eles (os textos). Eu percebi bastante motivação. No dia em que a gente lançou todos queriam se juntar e trabalhar com pessoas que eles conheciam.

Foi, assim, um trabalho gratificante. Foi o trabalho em que eu sinto que eles entraram de corpo e alma.

Os textos elaborados pelos grupos que constam do “Livro da Produção”, abordam, além do processo de confecção de produtos da indústria caseira, produtos ligados à culinária italiana e que representam um elemento que presta identidade cultural. O primeiro deles:

O Capeletti

Nós fizemos uma entrevista sobre o capeletti.

Entrevistamos a senhora Ires Maria Dal Moro Bastitelo com 46 anos. Além de trabalhar na telefônica ela faz capeletti.

Ela mora na localidade de Faria Lemos. Faz capeletti com muito carinho e com máquina manual.

Várias pessoas compram o capeletti. Dona Ines chega a vender 20 quilos de capeletti semanais.

Os ingredientes que ela usa são farinha, ovos, carne, temperos, sal e noz- moscada.

Ela cobra 7 reais o quilo de capeletti.

Ela faz a massa do capeletti com muita dedicação.

A marca da farinha que ela usa é: São Roque ou Orquídea.

Dona Ires gosta muito de fazer capeletti

Alunos: Mariana - 9 anos

Augusto- 8 anos

Lidiane - 8 anos

Eduardo - 9 anos

2ª e 3ª séries- E.E. Ângelo Chimolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

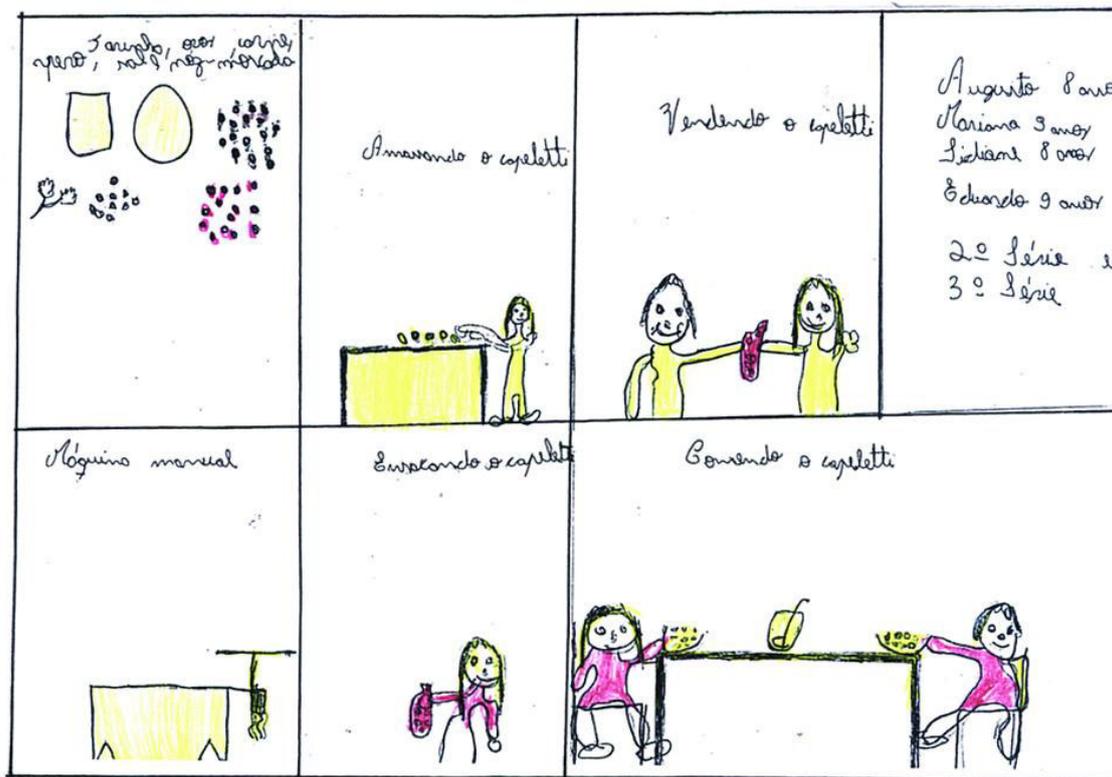


Figura 30

Alunos: Augusto, Mariana, Lidiane e Eduardo
 Escola - E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos - Bento Gonçalves

Outra pesquisa sobre produção industrial caseira aborda o *Crostoli*

Produção

Nós entrevistamos a dona Ana Bortolini Salton. Ela trabalha no lar. O Crôstoli é feito com bastante amor e carinho. Os ingredientes são 4 ovos, 8 colheres de açúcar, 1 colher de azeite, 1 copo de graspa e farinha. Nós perguntamos a ela se gostava de fazer crôstoli. Segundo dona Ana, o crôstoli fica bom mas a massa precisa ficar macia e lisa. Seu comércio é bom, nós perguntamos e ela respondeu: - sim. Esse produto demora para fazer em torno de 1 hora. Ela mora em Santo Antônio da Linha Paulina. Seu telefone é 504-48-01. E assim conversamos um pouco e depois agradecemos e saímos.

Alunos: Débora Salton - 9 anos
 Priscilla Tressoldi - 8 anos
 Andressa Zaccaron - 10 anos
 José Pedro Lemos Neto - 7 anos
 2ª e 3ª séries - E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos - Bento Gonçalves

O terceiro texto do mesmo livro, descreve a fabricação do queijo:

O Queijo

O leite é aquecido, coloca-se o coalho até formar coalhada; ele é batido e aquecido novamente, se retira o soro, é salgado e colocado na prensa.

Precisa-se 10 a 11 litros para formar o queijo.

Para o queijo ficar pronto precisa-se 1 hora para que o queijo fique pronto.

Algumas pessoas fazem o queijo redondo e algumas fazem o queijo quadrado.

Algumas mulheres fazem 7 pesos de queijo por semana.

O queijo é mais produzido no verão porque no inverno não tem muito leite para fazer o queijo e para fazer o queijo precisa coalhar e botar o sal.

Alunos; Renan, Adam, Lucas e Sidnei

E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos – Bento Gonçalves

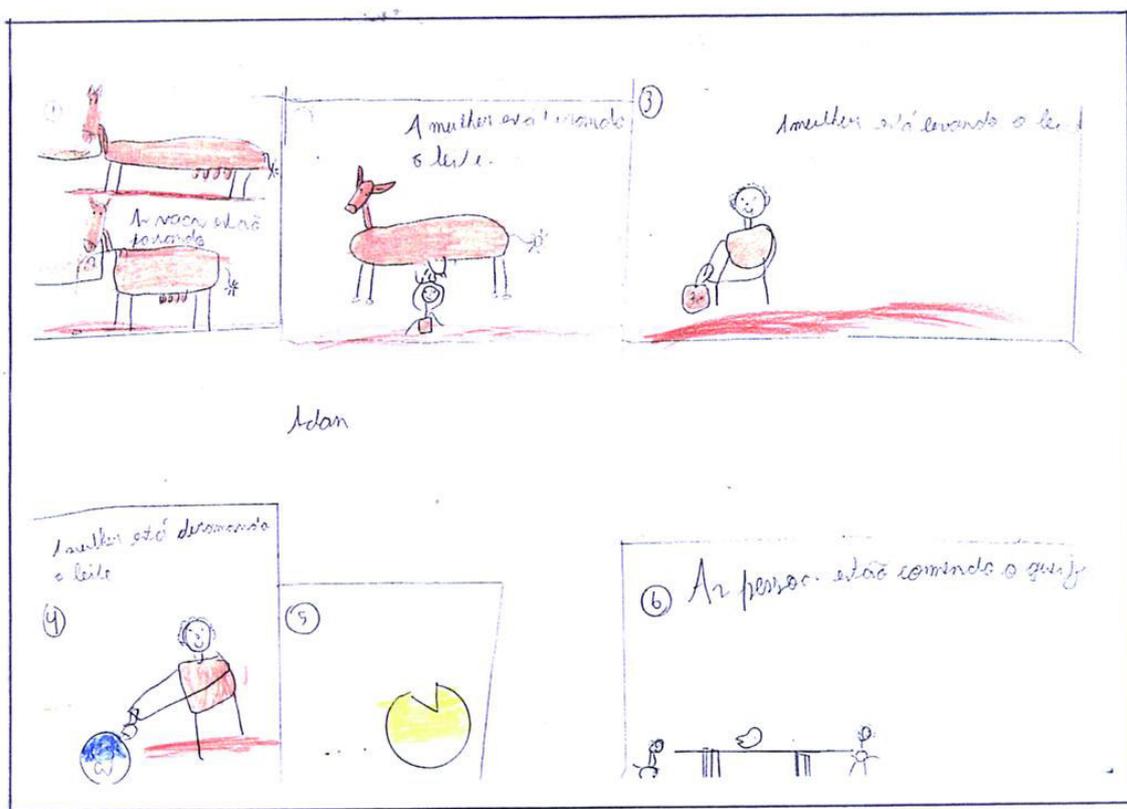


Figura 31

Alunos: Renan, Adam, Lucas e Sidnei – 2ª e 3ª séries

Escola: E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

Os desenhos retratam, com essa forma de linguagem, os passos para a fabricação tanto de capeletti como de queijos. São “textos” formulados a partir das informações coletados em casa.

O caderno ainda apresenta a fabricação de vinho e de geléia

Concluem ainda os professores que orientaram as pesquisas e montaram com os alunos os “livros de produção”, prof. Carlos:

Eu acredito particularmente que um trabalho que deu certo, eles crescem com ele. Foi um trabalho em que eles mais se dedicaram e se entusiasmaram, pois eram produtos da localidade deles. Eles tinham em casa e vivenciavam no dia-a-dia.

Eu achei que foi um trabalho bom. Além da socialização, da troca de idéias em si foi um trabalho rico.

Eles perdem a timidez. A gente observa a expressão oral, a comunicação e a gente vai trabalhando o Português a Matemática, enfim, todas as disciplinas em torno de uma situação tão simples, mas complexa ao mesmo tempo.

Questionados sobre o andamento dos seminários, através das sucessivas etapas do trabalho, os professores responderam referindo-se a construção desta nova experiência, ainda segundo o prof. Carlos:

No início o seminário foi difícil porque uns tinham vergonha, mas agora estão se soltando mais. Um quer falar mais que o outro. Quer perguntar. Outro quer questionar.

Complementa a prof^a Nelci: *Eles questionam mais agora. Neste último seminário eles se soltaram mais.*

Comprova-se através dos depoimento dos professores que o uso dos seminários com os alunos tem sido uma grande contribuição como fator desinibidor para que os seus alunos expressem e aprimorem a comunicação oral. Os alunos mais inibidos têm encontrado neles um espaço para que possam exercitar a comunicação e com isso *soltarem-se mais.*

No tocante à cultura italiana, os alunos pesquisaram uma relação de objetos, animais, instrumentos; além do nome de certos produtos em italiano, complementando os textos e desenhos produzidos anteriormente. Os vocábulos estão classificados por tipo de produção:

1) Nome, em italiano de objetos e equipamentos utilizados na produção agrícola:

foice - roncon;	machado - manara;	enxada - sapão;	enxada - sapa;
torquez - tenaia;	foicinha - serla;	prego - chodi;	prumo - piombo

nível - *slivel* ; ancinho - *rastel*; serrote - *sega*; picareta- *pic*

2) Nomes em italiano de animais criados em casa:

cachorro - *caim*; coelho - *conicho*; porco - *porqui*; gato - *gat*
galinha - *galine*; terneiro - *vedel*; cabrito – *bec*; vaca - *vaqui*
boi - *boc* ; pato - *mareca*; papagaio – *papagal*;
pombo - *colombo*

3) Nome dos produtos artesanais como cestas, palha de trigo para chapéu, crochê.

Cesta - *balaio*; palha de trigo - *paie de formim*; trança - *dressa*
Crochê - *croche*; trigo - *forment*; chapéu - *capél*; luva - *luve*
Sacola de palha - *esportola*; boné - *bareta*; flores - *fiori*

4) Nomes de produtos caseiros

queijo - *formai*; vinho - *vin*; salames - *salam*; pão - *pam*
cucas - *cuque*; cueca-virada - *grostoli*; copa – *osacol*
torresmo- *chítole*

Aluno: Mateus Rafaelli- 3ª série
Escola : E.M. Vitor Meireles
São Roque – Garibaldi

7.3 – Comércio

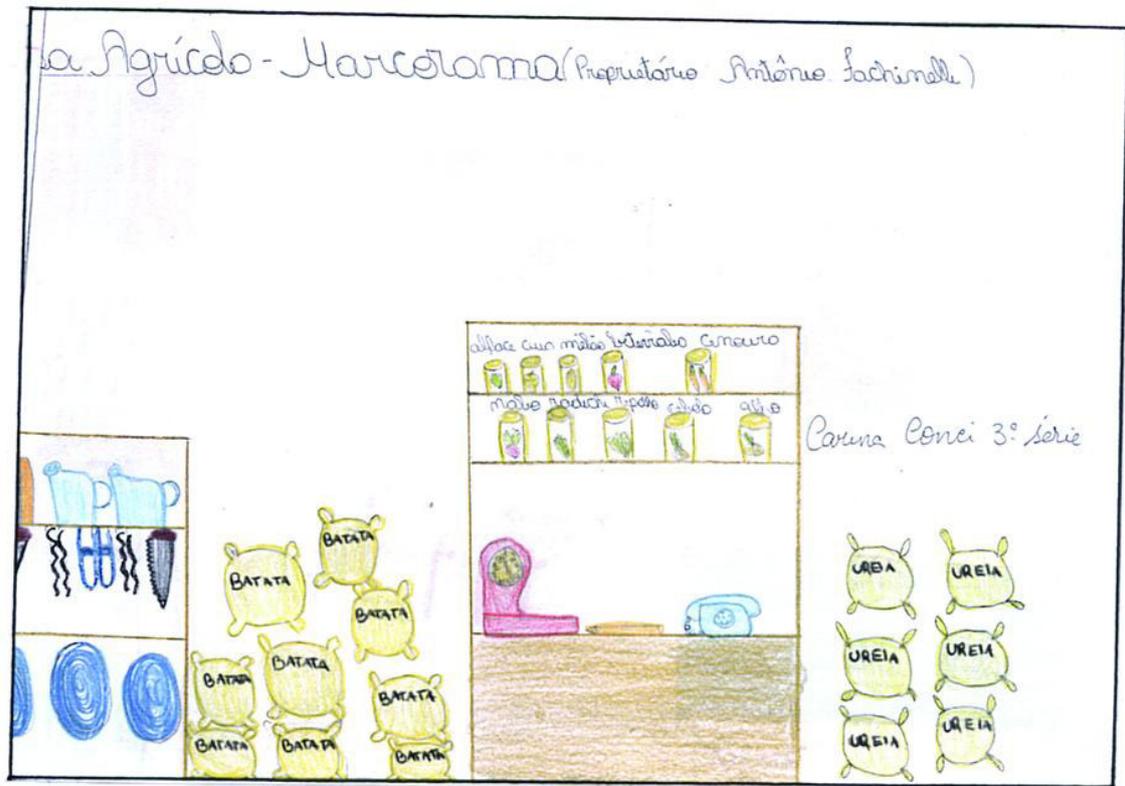


Figura 32

Aluna: Carina Conci - 2ª série
Escola: E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi

Sem produção certamente não existiria o comércio. Como sabemos, essas duas atividades encontram-se em relação de dependência uma da outra e ambas remetem ao trabalho de onde tudo se origina. O trabalho gera produção que, por sua vez, incrementa o comércio.

Trabalhar essas assertivas com as crianças pode transformar a atividade pedagógica num rico exercício de pesquisa e de construção de conceitos partindo da simples atividade rotineira exercida quando da compra de pão e do leite até os conhecimentos complexos da importação e exportação.

A criança desde cedo vê-se envolvida nesse processo, mesmo que ainda não tenha despertado para o significado do mesmo (conceito). Bem antes de ingressar na escola já realiza pequenas compras para si e para a família, acompanha os pais no supermercado, armazéns e outros locais de comércio, conhece alguns produtos de uso comum e sabe onde encontrá-los, principalmente no meio urbano onde o comércio se apresenta diversificado e distribuído em estabelecimentos específicos.

Tratar de transformar essas experiências em conteúdo escolar é o que se propõe com o Estudo do Meio. Para tanto, após o estudo e construção de conceitos com os temas geradores trabalho e produção familiar e comunitária, é importante dar-se continuidade, sem quebra de ritmo, ao estudo da circulação dos bens de produção, para que os alunos compreendam o destino que se dá a essa mesma produção e os mecanismos que identificam as relações comerciais.

Os alunos podem construir os primeiros conceitos através das atividades de compra e venda que a família executa. O que se compra para a manutenção das necessidades da casa e do grupo? Por que se compram determinados produtos em determinados locais? De onde vêm os bens de consumo que fazem falta e que a família ou comunidade não produz? O que a família vende (quando produz)? Por que vende? Para onde se destinam os produtos oriundos do trabalho familiar e comunitário?

A busca de respostas a muitas dessas questões deverá ser realizada, quando possível, nas casas de comércio existentes no espaço estudado, nos depósitos, nos atacados, nas cooperativas, etc.

Estudar a procedência de muitos produtos, desde sua origem até os locais onde são comercializados e até onde são consumidos torna-se um excelente exercício para que os alunos possam compreender a intercomplementariedade dos espaços, dos grupos e das atividades produtivas. Por exemplo: a procedência do fósforo, do açúcar, do óleo, do sabão, da farinha de trigo, do arroz, do leite, do café, do sabonete, da pasta de dentes, etc., tentando descobrir o tipo e o local de produção de cada um deles. O tipo de trabalho que se executa para produzi-los, a matéria-prima e a mão-de-obra empregadas, são formas de incrementar o uso dos conceitos formulados.

Investigar a evolução histórica da comunidade, no município, na região e fora desta, das formas de comércio, as primeiras casas e comerciantes, a importância da participação dessas pessoas na história do comércio local e regional, o “antes” e o “após” a instalação das casas de comércio, o comércio realizado antigamente e hoje, são maneiras de subsidiar a formulação de conceitos pela criança, a produção de textos, de desenhos, de raciocínios matemáticos, de ir manifestando o seu saber construído, o conhecimento histórico.

A atividade comercial na região colonial italiana não difere de outras áreas em um outro tempo quando a circulação de moedas era restrita e o comércio fazia-se numa forma de escambo entre os excedentes de produção. Para Costa e outros, a falta de moeda circulante associava-se às dificuldades em vender os produtos e com isso decorre uma certa forma de interação social característica da região. Conforme o autor:

O intercâmbio comercial consistia na troca de cereais por objetos de comércio, ou troca de cereais, por animais e vice-versa, dada a escassez de moeda e as dificuldades em vender produtos. Isto fez surgir métodos próprios de comércio: permuta, troca, empréstimo de objetos, de animais, de instrumentos e, principalmente, de víveres: farinha, pão, banha, arroz, açúcar, sal..⁷

Para o mesmo autor, essas relações comerciais trouxeram para a comunidade uma forma de solidariedade que se transformou, pela necessidade de sobrevivência, em um dos valores humanos marcantes dessas sociedades em formação. Uma relação que ao iniciar se baseia no comércio e que deriva, posteriormente, para uma postura política em defesa de um patrimônio humano e social comum. Ainda com relação a este aspecto afirma o autor:

A necessidade de sobrevivência tornou esta forma de relacionamento um dos valores humanos da imigração italiana. Com a solidariedade constante, se desenvolveram grupos vicinais, que tomavam consciência crescente de suas capacidades e passaram a se organizar em sociedades geralmente com objetivo religioso, concretizando na organização de uma capela, escola, canchas de esporte...⁸

O estudo das relações comerciais proposto no Estudo do Meio enfatiza, assim como nos demais temas geradores trabalhados, o conhecimento das relações comerciais que se travam no âmbito familiar e comunitário como uma forma de construção de conceitos pelos alunos.

Os livros didáticos e os programas de ensino nem sempre contemplam o processo de compra e venda de mercadorias no contexto de vida dos alunos, enfocando, por vezes apenas as relações de importação e de exportação de produtos. O Estudo do Meio, ao contrário, propõe que o aluno perceba como essas relações acontecem desde a produção familiar até o conhecimento das relações comerciais mais amplas, tanto nos diferentes espaços como através do tempo, e no caso específico deste estudo, das formas de comércio praticadas pelos imigrantes e seus descendentes.

O tema gerador comércio, embasa-se nos seguintes objetivos:

- conhecimento das atividades de comércio nos âmbitos familiares e comunitário;
- conhecimento do comércio realizado hoje e no tempo dos primeiros imigrantes italianos;
- montagem da história da comunidade enfatizando, neste sentido, a história do comércio

O tema gerador proposto encontra-se subdividido em três sub-temas, permitindo com isto que os alunos, partindo do conhecimento das relações comerciais no seio da própria família, conheçam a extensão dessa prática em sua comunidade e percebam que a atividade comercial é resultante da produção, que por sua vez, origina-se no trabalho.

Grupo 1 - Sub-tema - Comércio praticado no grupo familiar

Para que melhor possam conhecer este processo, procurou-se explorar, como os alunos, os assunto que seguem:

- o que a família produz e vende;
- para onde vende a produção da família;
- como realiza a venda dessa mesma produção;
- resultados obtidos com a venda da produção - lucros e perdas;
- importância do comércio para a manutenção da família;

- o que a família adquire no comércio local;
- o que a família adquire no comércio regional (município e região).

Conforme a prof^a Mara, o tema foi trabalhado com seus alunos a partir da festa de São João realizado na escola através da diferentes barraquinhas:

Para iniciar o assunto comércio eu provoqueei a seguinte questão: O que foi comercializado na festinha de São João?

Usei a expressão comercializado e as respostas foram pipoca, amendoim, quentão...

Mas o que é comercializar, perguntei?

Os alunos responderam:

- É vender e ganhar dinheiro.

Passei a explorar a casa deles. Tínhamos saído do estudo da produção.

- E na casa de vocês, a mãe, os pais produzem e depois comercializam alguma coisa?

- Sim, profe, queijo, uva...

- O que retorna com isso?

- Ah! Ganham dinheiro para comprar roupa, para a gente estudar.

Para o iniciar o trabalho procurou explorar o tema *comercializar* como um maneira de verificar o conhecimento que os alunos possuíam da expressão. Através das prontas respostas dos alunos vê-se que o termo é de domínio dos mesmos uma vez que apontam os produtos comercializados pelos pais e os benefícios advindos deste comércio

Partindo dessas constatações, cada aluno produziu o seu texto, relatando a produção familiar:

O Comércio de Minha Família

Na minha casa produzimos muitas coisas como: vinho, ovos, uva, milho, batata e tomate.

Nós vendemos em muitos lugares como: para meus tios, tias e meus avós.

Quando os meus pais ganham o dinheiro da venda destes produtos compram roupas, sapatos, móveis, cobertas, bolsas e muita comida.

É importante que meus pais continuem produzindo e comercializando para entrar em nossa casa mais dinheiro.

Aluna: Morgana Andreola- 2ª série

Escola : E.M. Vitor Meireles

São Roque- Garibaldi

Ou como num outro trabalho do mesmo grupo.

O Comércio de Minha Família

Em minha casa nós produzimos coisas como: uva e queijo.

As vezes tem gente que quer comprar queijo e outras que querem comprar uva.

Com o dinheiro ganho das vendas dá para comprar muitas coisas como: roupas e muita comida.

*A maioria destas coisas são compradas em Garibaldi.
É importante que meus pais continuem produzindo e comercializando os produtos para ganhar sempre um dinheirinho.*

Aluno: Claudemir Bedin- 2ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque- Garibaldi

Ambos os textos foram frutos de uma discussão inicial no grupo, uma vez que eles escrevem de forma semelhante, entretanto, cada aluno particularizou o seu conceito de produção, comércio de produtos, compradores, resultados obtidos com a venda dos produtos e a importância em continuar produzindo e vendendo.

Os alunos da profª Vanda também produziram textos e desenhos enfocando a produção familiar através de pesquisas que os alunos realizaram com seus pais.

Comércio do Grupo Familiar

Minha família planta e produz várias coisas para depois vendemos e plantamos: batata, cebola, milho, pasto para dar para os bois e as vacas que depois as vaquinhas irão produzir o leite para depois fabricar o queijo.

Vendemos tudo o que produzimos para quem quer comprar, meu pai vende batata, cebola e vinho. Em Lajeado onde ele tem uma praça que vai vender todos os sábados ele vende pra toda a vizinhança.

Os lucros não são muito mais dá pra viver, sempre tem algumas perdas.

Essas plantações são muito importantes pois ajudam bastante para obter os lucros.

Nós compramos tudo o que não temos como: farinha, azeite, sal, açúcar, arroz, etc. Adquirimos no comércio regional como roupas.

Aluno: Leonardo- 4ª série

Escola : E.M. vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

De acordo com a profª Vanda:

Nos livros didáticos sempre dá que comércio é a compra e venda de produtos, obtendo lucro. Sem dizer o que está nos livros didáticos, eles mesmos criaram o conceito de comércio.

Na comunidade de Faria Lemos, os professores também procuraram explorar o conceito de comércio que os alunos possuíam e explorar o mesmo em um âmbito mais amplo e vivenciado.

As professoras Lúcia e Maria realizaram atividades conjuntas com seus alunos:

Nós começamos trabalhando assim: Eles formaram o conceito de comércio. O que eles compreendiam sobre o comércio. Aí a gente se surpreendeu porque vieram idéias ricas

sobre o comércio. Eles expuseram suas idéias - nós colocamos as palavras chaves no quadro. Vieram idéias ricas das 15 crianças. Todas tinham noções sobre o comércio.

As “idéias ricas” a que a professora se refere, são conceitos elaborados pelos alunos e que na diversidade com que foram expostos, revelam o conhecimento sobre a atividade comercial de que eram portadores.

Esses conceitos foram colocados sob a forma de “você sabia que...”

Você sabia que...

- 1) O comércio surgiu para suprir necessidades?*
- 2) O comércio é a troca, a compra e a venda de produtos agrícolas, industriais e artesanais?*
- 3) O comércio passa por diversas etapas? Ex: plantio do milho, fabricação da farinha, compra e consumo.*
- 4) O comércio é uma relação de pessoas?*
- 5) Todas as pessoas, ou seja, todas as idades e classes sociais participam do comércio?*
- 6) Gera lucro e às vezes prejuízo?*
- 7) O comércio precisa de qualidade no produto e criatividade para vender?*
- 8) O comércio é gerador de emprego ?*

Ainda de acordo com a prof^a Lúcia:

Numa segunda etapa eles elaboraram quadrinhas à partir destes conceitos, destas idéias. Alguns elaboraram 2,3,4 quadrinhas. Depois eles apresentaram estas quadrinha a gente apresentou no quadro uma por uma. Elas não estavam prontas, com rimas. Aí juntos, toda a turma, reelaborou estas quadrinhas. Foram várias aulas

Algumas das 52 quadrinhas onde os alunos, em conjunto, construíram uma ampla visão sobre o comércio.

*Qualidade no produto
criatividade para vender
é isso que uma loja precisa
para poder vender*

*O comércio gera lucro
ou gera prejuízo
por isso tem que ter cuidado
para evitar o prejuízo
(Aluna: Cleinara S. Faccin)*

*Papai planta o feijão
a indústria ensaca
no comércio as pessoas compram
para em casa fazer a feijoada*

*papai planta a uva
a indústria faz o pó
para em casa nós tomarmos
o suco com a vovó.
(Aluna Marciane Heminq)*

*Ponha a semente na terra
para ela nascer
leve o fruto ao comércio
o pão terá para comer*

*Colha a uva
encaixe a uva
leve a uva
para ser consumida
(Aluna Dalila Totton)*

*No comércio eu trabalho
para as minhas necessidades suprir
comprando o pão de cada dia
para minha fome sumir*

*O comércio gera dinheiro
faz a cidade crescer
Mas sem nota fiscal
nossa cidade vai perder.*

(Aluna: Liliam Berton Marques)

*Papai compra a farinha
para a mamãe fazer
a comida gostosa
para a gente comer*

*Mamãe não tinha telefone
e queria telefonar
ela foi a um comércio
e comprou um celular*

(Aluna :Luana Buffon)

*O comércio surgiu
para suprir necessidades
ele está em todo lugar
principalmente nas cidades*

*O comércio precisa
de qualidade no produto
é importante não Ter
veneno no fruto*

(Aluno Elvis Poloni)

As quadrinhas utilizadas pelas professoras Lúcia e Maria são uma forma de linguagem expressando conhecimento. Durante a pesquisa, diversas vezes os alunos se valeram da poesia. Freinet, com seus alunos, também tinha na poesia uma forma de expressão de seu pensamento. Completa ainda a prof^a Lúcia:

Surgiram outros itens como fiscalização, ICM... assuntos que foram discutidos. Coisas que eu jamais imaginei que numa 4ª série a gente viria a tratar. Por que pagar impostos como nós pagamos e ter de ter de volta esses benefícios.

Conversamos sobre as casas de comércio que não fornecem nota fiscal e o quanto é prejudicial para nós, para o benefício público Toda esta reflexão foi feita com a 4ª série. Eles são bastante interessados, curiosos.

Disse-nos a prof^a Lúcia que o tema comércio, da maneira com que foi tratado, nas diferentes expressões dos alunos e nas discussões que o tema suscitou, transformou-se num excelente exercício e confirmou a certeza de que um assunto, quando abordada sob múltiplos ângulos, traz em seu bojo uma riqueza de conteúdos..

As professoras Denise e Maritânia trabalharam juntas com seus alunos de pré e 1ª série. Planejaram e executaram atividades relacionadas com o comércio no âmbito familiar.

Conforme a prof^a Denise:

Cada criança tinha que perguntar em casa com os pais sobre qual produto eles produziam e vendiam. Antes dos meus alunos irem para casa com esta idéia a gente conversou sobre o comércio. O que eles viam, o que era. Assim, na idéia deles.

Aí eles falavam que era ir ao mercado e comprar salgadinhos.

Depois eles vieram cada um com um produto.

Juntamos duas turmas - jardim e 1ª série- na sala e com massa de modelar eles fizeram os produtos que a família produz e vende.

Quem não tinha, como os pais que trabalham fora como prestadores de serviço, escolhiam um dos produtos que a gente falou (queijos, ovos, uva, laranja, vime, mudas) tudo o que as famílias vendem. Então eles escolhiam e faziam com a massa de modelar.

Depois eles escreveram o nome do produto e o preço que a família vende.

Tem a etiqueta com o nome e o preço.

Reforça ainda a profª Maritânia:

Eles foram observar o produto vendido, para quem era vendido, quanto o pai e a mãe cobravam. Muitos já trouxeram o desenho no caderno e ao lado o preço.

Vieram com o produto, quem é que compra, o que o pai e a mãe faziam com este dinheiro, com o lucro. Foram conceitos que eles foram criando ali. Eles foram montando com massa de modelar. E queriam fazer dois e daí virou três. Já não tinha mais massinha.

Profª Denise:

Aí nos fizemos uma história em quadrinhos das etapas desta venda. O que a minha família produz e vende. As pessoas que compram, quanto custava a uva que os pais vendiam e o que compravam com isso.

Depois deste dia nós fomos fazer a visita as casa comerciais - o mercado, o bar, o varejo da vinícola Monte Lemos.

Profª Maritânia:

Fomos fazer uma listagem dos produtos que a gente compra no mercado.

No outro dia nós fomos lá e eles anotaram os produtos e os preços. A gente foi em todos

Depois disso nós fizemos um trabalho sobre o que eles viram no mercado e eles reproduziram em caixinhas, em sucatas. Eles montaram diversos produtos com sucatas, colocavam os nomes e os preços que eles tinham pesquisado no mercado. O preço real do produto.

Montamos o mercado. Eles escolheram o nome - Mercado Pingo de Gente.

Após dois dias da pesquisa.

Montamos o mercado. Eles iam comprar e a gente auxiliava somar, a quantidade de troco. Nós fizemos uma dramatização.

Eles dramatizavam a compra e a venda. As dificuldades que eles tinham para somar agente colocava no quadro e com eles fazíamos as contas e com o resultado eles davam o troco.

E prossegue:

É interessante que alunos na 1ª série já tinham noção do Real, dos centavos, do cálculo, de juntar produtos e somar preços.

Associar os conceitos de comércio com a prática do mesmo em família e em comunidade; colocar o aluno frente à realidade; de coletar produtos comercializados em casa e nas casa de comércio da comunidade; pesquisar e comparar preços; montar fichas

com produtos e etiquetas; reproduzir em massa, com sucatas na escola, os produtos pesquisados; montar um mercadinho na classe; dramatizar compra e venda; discutir cálculos; foi, sem dúvida, uma ótima experiência segundo os professores envolvidos na atividade:

Profª Maritânia-

Eu acho que isto é ótimo porque dá para trabalhar a noção de receber, como receber as pessoas, o tratamento com os pequenos.

Eles são pequenos mais tem uma noção de tudo o que está acontecendo ao redor. Eles sabiam falar de tudo o que era assunto. Isto que eu acho interessante nas crianças atualmente, é que eles estão envolvidos em tudo.

Sobre qualquer assunto eles tem uma opinião.

Eles sabem se impor, eles sabem colocar as idéias deles. Eles exigem respeito.

É por aí que se tem que trabalhar.

As vezes eu penso assim:

-Meu Deus, são quase três horas e eu ainda estou conversando. Mas eu penso que eles têm que ter isso. Eles tem que ter este momento de contar novidades, de poder falar, que alguém ouça, que dê atenção. Eles não tem isso em casa, os pais não tem mais tempo.

Eles querem falar. Eles querem ser ouvidos.

Estes trabalhos do meio fazem com que a família acabe participando.

Profª Denise:

De todos os trabalhos que eu participei este ano, foi o que mais empolgou. Eles são bem práticos, uma coisa bem deles. O que mais empolgou foi a produção e o comércio.

As atividades acima descritas pelas professoras, bem como a avaliação final da mesma, remetem tanto a Freire como a Freinet:

A Freire, pois os conceitos aqui formulados, bem como os demais já mostrados, substituem a forma “bancária” de tratar os conteúdos escolares, uma vez que o método de pesquisa quando aplicado permite que o aluno formule, ao longo do processo, uma construção libertadora. Proppnha, organize, busque, formule, discuta, apresente, comente e avalie.

A Freinet, porque este processo acontece na sala de aula e na comunidade. Na primeira, é o espaço da organização da atividade em forma cooperativa, da formulação das propostas, da sistematização, das discussões, das elaborações em conjunto, da montagem das linguagens para exposição dos conhecimentos adquiridos, das

exposições, das conclusões finais. Na segunda, a comunidade como laboratório. A vivência, o concreto, o real, a aproximação da escola com a vida.

Grupo 2 - Sub-tema: Comércio na Comunidade

O tema seguinte propõe abordar as relações comerciais que se estabelecem nas comunidades onde vivem os alunos. Partem para uma maior amplitude no âmbito comunitário como extensão também da produção e de relações comerciais em cada grupo familiar.

Para concretizar este estudo, o mesmo apresenta-se sob diferentes ângulos:

- tipos de comércio preponderante na comunidade;
- principais casas comerciais da comunidade;
- produtos que a comunidade vende com mais frequência;
- importância do comércio para os moradores;
- benefícios adquiridos através da comercialização dos produtos na comunidade;
- destino dos produtos comercializados na comunidade (centros consumidores).

O Estudo do Meio procura, então, exercitar os conceitos de comércio elaborados pelos alunos, numa realidade próxima e conhecida e daí estabelecer os elos de ligação da comunidade com regiões mais distantes do município, da região, Estado e País.

Conforme a prof^a Ilete:

A gente começou com uma visita aos comércios da comunidade. Existem dois bares, a casa da costura, a casa agrícola e o supermercado.

Na comercial Marcorama as pessoas vendem o queijo, e não recebem o dinheiro. Eles trocam por mercadorias. Disse um aluno:

- A mãe leva tanto de queijo e volta com mercadorias.

Nós fizemos entrevistas com pessoas. No comércio foi mais difícil, eles vinham com menos informações.

No depoimento da prof^a Ilete e como poderemos ver a seguir, ainda persistem em determinadas comunidades menores na região colonial, resquícios dessa modalidade

inicial de comércio através das trocas de mercadorias, onde a moeda circulante não se encontra sempre presente na relação comercial.

Prossegue a prof^a Iliete:

A senhora entrevistada falou dos atravessadores. Eles vendem a batata e ela chega ao último comerciante por mais do dobro do preço. Quem menos ganha são os produtores porque se obrigam a vender o produto com baixo preço. Às vezes acabam tendo prejuízo pelo custo da lavoura.

Ressalta-se aí que essa informação foi passada por pessoas que vivem diuturnamente a situação e não um conteúdo de textos. Desta forma, os alunos, por intermédio de entrevistas e visitas, perceberam determinadas situações de exploração do trabalho, colocadas pelas pessoas imediatamente atingidas. Uma experiência rica e que lhes permite, através dessas falas, ir criando uma consciência crítica de determinadas situações que se passam em sua própria comunidade, resultado de uma estrutura capitalista, onde os trabalhadores, e, neste caso, os trabalhadores rurais, são efetivamente os que mais sofrem nesta cadeia de exploração comercial.

E os reflexos são percebidos imediatamente como ressalta a prof^a Janete:

Com relação aos entrevistados, teve crianças que falaram que geralmente os que vendem batata e outros produtos trocam a caminhonete. Trocam de carros seguido. A gente questionou 'por que?'
Eles se davam conta de que os pais falavam que era o lucro que dava. Compra aqui e vai revendendo. Compra por cinco e vende por 15.

São falas de crianças, são críticas já elaboradas por elas, resultantes da convivência familiar onde os pais vivem situações assemelhadas e as comentam. A entrevista apenas reforçou esse conhecimento e a escola, cumprindo um papel social, permitiu através dos estudos e pesquisas a reflexão sobre situações comerciais vividas, não em situações imaginárias ou distantes do contexto de vida dos alunos, ao contrário, de seu cotidiano.

Os alunos das professoras Iliete e Janete, após apresentarem os trabalhos das entrevistas e visitas no seminário, optaram por realizar um texto coletivo onde iam colocando os seus pontos de vista. As professoras auxiliavam na forma final no quadro.

Comércio

Na comunidade de Marcorama as famílias produzem e vendem os seguintes produtos: uva, batata, feijão, milho, verduras, amendoim, pipoca, aipim, vinho, frutas...

A produção é vendida na comunidade e municípios vizinhos e até em outros estados.

É muito importante o plantio e a venda destes produtos pois são o sustento das famílias.

Existem na comunidade armazéns, bares, casa agrícola, casa da costura, lancheria, que são as principais casas comerciais do local. Esses estabelecimentos comercializam a maioria dos produtos necessários para a produção da lavoura e também compram e vendem produtos coloniais.

Os produtores e consumidores muitas vezes são prejudicados tendo prejuízo na venda e compra por causa dos atravessadores que acabam ficando com o lucro das mercadorias.

Os produtos vendidos pelos imigrantes eram trigo, milho, feijão, uva, em menos quantidade, batata e arroz.

Antigamente as pessoas trocavam as mercadorias entre os vizinhos e os armazéns. Mais tarde vendiam os produtos e recebiam o dinheiro.

A troca-troca era de grande importância pois as famílias se ajudavam, quando alguém não tinha um tipo de alimento, podia trocar com seu vizinho ou alguém que tivesse.

A primeira casa de comércio existente na localidade de Marcorama era de propriedade de Antônio Manica que comercializava produtos alimentícios e tecidos.

O primeiro banco existente no município era o da Província. Aos produtores e comerciantes não trazia benefício nenhum. Seria para depositar dinheiro e os mais poderosos seriam beneficiados.

Uma leitura atenta deste texto permite que se comprove a construção de diversos conceitos elaborados pelos alunos, resultantes de entrevistas e discussões e que refletem a sua percepção de mundo:

- a relação existente entre produção e venda;
- produção e mercado consumidor;
- produção e comércio para o sustento das famílias;
- a diversificação dos tipos de comércio;
- a presença dos atravessadores;
- os prejuízos que estes comerciantes causam para os produtores;
- a produção e venda na época dos imigrantes;
- as relações vicinais no troca- troca de mercadorias;
- a história do comércio local.



Figura 33

Aluna: Helena Borstel - 2ª série
 Escola: E.E. São Marcos
 Marcorama – Garibaldi

Para a profª Mara esse contato dos alunos com a comunidade também se deu através da coleta de informações para realizarem atividades em sala de aula.

Conforme a professora Mara:

Dois alunos entrevistaram o proprietário de uma casa comercial. Nós elaboramos juntos as questões e eles fizeram a entrevista.

Debatemos juntos as dificuldades do comércio na comunidade. O conceito de comércio eles entenderam direitinho, deu para perceber.

Complementa a profª Vanda:

A vivência, a pesquisa, a procura de informações partindo do aluno, eles indo a procura. A vivência, o dia-a-dia é mais prático, leva para o resto da vida. é mais prático e se tornou mais fácil. Eles percebem as diferenças de preço entre as casa de comércio.

Como ilustração, transcrevo um modelo de entrevista elaborado pelos alunos da profª Vanda. Conforme confirmou no depoimento, o interesse pelas questões partiu dos próprios alunos e a interferência da professora consistiu em organizar a redação das

mesmas no quadro conforme os alunos lançavam suas interrogações e interesses em questionar os comerciantes.

Entrevista

1) Tipo de comércio predominante na comunidade?

R - batata, cebola, feijão, milho, uva tomate, frango.

2) Principais casas comerciais da comunidade.

R - Nicolini, Priscila Modas, Bar Brahma, Bar Rigati, Bar Sera Azul.

3) Principais produtos que a comunidade vende.

R- Batata, cebola, tomate, uvas.

4) Benefícios adquiridos através da comercialização dos produtos.

R - Reconhecimento da comunidade e lucros

5) Importância do comércio para os moradores.

R - Dão novos empregos.

6) Destino dos produtos comercializados na comunidade

R- Vam para outras cidades

7) Produtos trazidos para a comunidade através das casas de comércio.

R- Bebidas, roupas, alimentos como: massa, sal, azeite, choco late, etc.

8) Procedência dos produtos ofertados no comércio local

R - Dos vendedores

9) Vantagens e prejuízos causados pelos intermediários tanto para os produtores como para os consumidores

R- Temos vantagem de termos produtos que não podemos plantar, mas temos a desvantagem que nem sempre nossos produtos são aceitos no comércio local.

*Aluno: Leonardo-4ª série
Escola : E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

Com os dados coletados nas entrevistas, os alunos, em grupo, montaram, com o auxílio da profª Vanda, o texto conclusivo.

Conforme o professor Carlos, de Faria Lemos, as atividades com seus alunos referentes ao estudo do comércio na comunidade foi estruturado da seguinte forma:

Nós também fizemos um trabalho sobre o comércio, mas desta vez tratamos de questões práticas.

Nos reunimos com a terceira série numa sala onde eles colocaram o que eles entendiam sobre o comércio. O conceito deles.

Fomos anotando no quadro os conceitos e logo em seguida reunimos todos os conceitos e formamos um conceito único com as idéias que eles colocaram.

Todos eles tinham clareza do que era o comércio porque na verdade se trabalha o comércio praticamente em todos os dias do ano, principalmente Matemática com problemas de troca, venda.

Então eles já tinham uma noção clara de que seria o comércio.

Logo em seguida se confrontou com o dicionário e colocamos num paralelo o que eles haviam colocado sobre o comércio e o que o dicionário dizia. Fechava tranquilamente o que eles colocavam e o que o dicionário dizia sobre comércio.

Logo em seguida nós trabalhamos sobre matéria-prima, produtos. O que eles entendiam sobre matéria-prima.

Uns conseguiam colocar, outros tiveram um pouco de dificuldades.

Com a nossa orientação nós fomos colocando o que seria matéria-prima.

Logo em seguida fomos lançando no quadro questões sobre o comércio, os comerciantes, os comerciários, envolvendo as questões discutidas em sala de aula, em forma de questões para serem respondidas conforme o entendimento deles.

Eles tiveram a compreensão do todo. Em seguida nos reunimos em grupos e eles foram decidindo: um grupo iria trabalhar com produtos de higiene e limpeza, outro grupo com farmácia e alimento, e um outro com produtos agrícolas.

Depois se reuniram para montar uma entrevista e visitar três casa comerciais de Faria Lemos.

Eles se reuniram em grupo e construíram as questões sozinhos. Foram e fizeram as entrevistas com os proprietários e fizeram um levantamento dos preços dos produtos em cada casa comercial para nós em sala de aula podermos confrontar os preços e elaborar problemas e questões deste tipo.

Eles fizeram cartazes criativos, enormes com os produtos de cada setor, com os preços ao lado e foram analisando cada valor.

Muitos questionavam por que um produto numa casa comercial era mais caro do que na outra. Por que havia a diferença de preços. Aí nós trabalhamos a questão dos preços a vista e a prazo, do preço de custo

Profª Nelci:

Na questão dos preços à vista e à prazo nós trabalhamos um com eles. Dei um produto e tinha uma tabelinha. À vista custa tanto e à prazo, tanto.

Era três vezes o valor e diminuía do valor à vista para verem se era vantagem comprar a vista ou a prazo.

Eles perceberam a vantagem de comprar à vista porque o produto iria dar valor maior a prazo.

Prof. Carlos:

Eles fizeram este trabalho todo de pesquisa de campo.

O que mais chamou a atenção foi o mercadinho que nós fomos com eles.

Eles levaram para a sala de aula os produtos, as embalagens com as etiquetas. Os preços de acordo com aquilo que eles tinham pesquisado.

Trouxeram embalagens diversas conforme as casas pesquisadas. Ele confeccionaram ferramentas agrícolas.

Então eles fizeram o mercadinho dos produtos agrícolas.

Eles trouxeram milho moído para a venda à quilo. Compravam e pesavam na balancinha.

Na avaliação do professor Carlos:

A gente trabalha a prática, a vivência deles e a gente constrói certas situações para que eles possam perceber claramente as coisas. Inclusive os seminários que havíamos feito. Eles se soltaram mais em termos de colocar sua própria opinião. Eles passaram a formular seus próprios conceitos.

A gente vê agora. Se colocando o que é comércio não é mais necessário eu colocar o que é. Se eu solicito para que eles redijam sobre o comércio eles sabem fazer sem estar copiando.

Um texto do aluno e do livro didático são praticamente semelhante, um trabalho rico.

No trabalho conjunto dos professores Carlos e Nelci que exploraram o tema gerador “comércio” com os alunos, sentindo uma diferença significativa entre a prática de estudá-lo em sala de aula, estudo individual, por vezes copiando os conceitos do quadro e repetindo em questionário, e a construção do conhecimento através das vivências em comunidade. Integrando diversas abordagens, como foi relatado, na utilização de uma mesma pesquisa para a realização de cálculos matemáticos numa situação concreta e que faz parte da rotina das famílias.

No tocante à avaliação, o estudo realizado também vem provocando mudanças significativas, partindo dos professores a decisão de modificá-la. No dizer do prof. Carlos:

A questão da avaliação, nós modificamos. A questão da participação deles, os textos, os trabalhos que iam fazendo. Isto é avaliado. O aluno produz no dia-a-dia. Não é a prova em que os alunos vão mal porque ficam com medo, com receio da prova, como prova.

Se você lança o trabalho em sala de aula, eles produzem e isto é uma avaliação sistemática, consistente, eficiente.

Na prática do Estudo do Meio, tenho discutido a questão da avaliação a partir da utilização do método de pesquisa com os alunos onde o resultado final seria compatibilizado com os conceitos iniciais trazidos pelos alunos para a escola. Neste processo o conhecimento não se fixaria apenas na produção textual, mas na oralidade quando da provocação de discussões, da apresentação dos seminários; no desenho como forma de comunicar o conhecimento adquirido o que envolve a percepção do professor em ler e interpretar, na arte, o texto.

Ainda como avaliação da experiência, salienta o prof. Carlos:

Foi um trabalho bom, que deu resultados. O nosso objetivo foi alcançado plenamente. Eles questionaram, o que é mais importante. O mais difícil hoje é a questão do desenvolvimento do senso crítico.

É perceber certas situações no dia-a-dia e construir conhecimentos. Isto é o básico de todos os alunos e a preocupação dos professores hoje.

Cultura Italiana

Com relação à cultura italiana, o estudo do comércio procurou focar a história do comércio local, através de alguns aspectos que auxiliariam os alunos a iniciarem a discussão sobre as relações comerciais entre os primeiros imigrantes, tais como:

- . produtos vendidos pelos imigrantes italianos;
- . como e para onde vendiam a produção da família;
- . quem fazia o comércio;
- . centros consumidores da produção familiar;
- . o que obtinham em troca da produção, no comércio;
- . importância do comércio e dos comerciantes para a vida na colônia;
- . o que adquiriam no comércio local;
- . primeiras casa de comércio da comunidade;
- . produtos que comercializavam nestas casas.

Os alunos da prof^a Vanda, após entrevistas com os avós, construíram coletivamente o texto conclusivo da pesquisa sobre o comércio antigamente.

Produtos Vendidos pelos Primeiros Imigrantes.

Antigamente a produção familiar era comercializada no sistema troca-troca.

Por exemplo: dois cestos de milho por dois cestos de arroz.

Eram transportados em carroças, a cavalo ou a pé.

Na cidade as poucas casa comerciais que havia compravam os produtos dos agricultores em troca de produtos que não eram produzidos em suas terras, por exemplo: café, erva-mate, sal, açúcar, tecidos...

O comércio na cidade, mesmo não sendo em grandes quantidades, era de muita importância para os agricultores, pois era o único dinheiro que entrava em casa. Naquela época não existia muitas fábricas e o sustento, estudo e lazer era retirados da roça.

As primeiras casa comerciais de nossa comunidade foram: José Manfroi e Olívio Rigati. O que eles mais vendiam era café, açúcar, sal, erva-mate, rolo de fumo, querosene, etc.

A vida naquele tempo era bastante sofrida, não tinham luz elétrica e nem a variedade de produtos que temos hoje.

Aluna : Priscila Carrer -3ª série

*Escola : E.M. São Roque
Marcorama - Garibaldi*

Ou ainda de acordo com o aluno Leonardo:

Cultura Italiana e Produtos Vendidos pelos Primeiros Imigrantes

Eles levavam os produtos em uma carroça ou um cavalo para as casas comerciais ou para as vendas. Quem faz o comércio é o dono da venda.

Em troca de produtos coloniais ou com dinheiro. Trabalhar para o sustento da casa.

Compravam milho, batata, feijão, arroz, queijo, manteiga, trigo, cebola, etc. A primeira casa comercial era o Olívio Rigati.

Os produtos vendidos na época era milho, trigo, arroz, feijão, queijo, manteiga, cebola, batata, etc.

Aluno: Leonardo Manica-4ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque – Garibaldi

7.4- Transportes

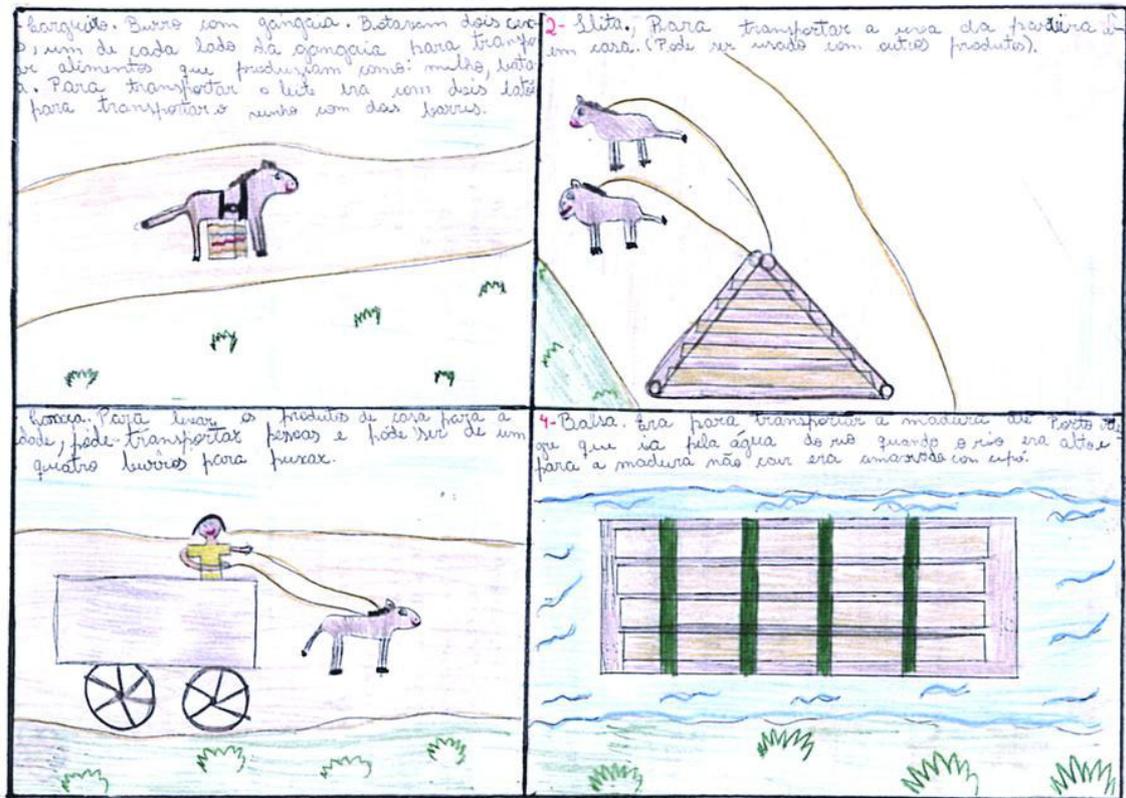


Figura 34

Aluna: Dalila Titton - 4ª série
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos - Bento Gonçalves

Em outro texto vinculado a um documento da Secretaria de Educação do RGS, mencionei a importância de estudar os transportes como um quarto elemento do meio econômico, após trabalho, produção e comércio, nesta oportunidade afirmo que:

Todo aluno já utilizou algum meio de transporte, seja o carro, a bicicleta, o ônibus, o caminhão, o cavalo, a carroça, etc. Uns poucos conhecem o trem e os barcos e uma minoria já teve oportunidade de andar de avião. Já circulam por caminhos, estradas, ruas e avenidas, seja para virem a escola, seja para outros fins. Estas experiências servem de referência para a formulação de conceitos sobre os meios de transportes e sua utilização pela população (deslocamento familiar e comunitário, transporte da produção resultante do trabalho).⁹

Ao estudarmos os meios de transportes com os alunos, teremos, necessariamente, que deixar de lado a simples e costumeira listagem dos tipos de transportes existentes e do “cartaz” com as figuras coladas, mera classificação, e passar a explorar as formas de utilização dos mesmos pelos moradores do bairro, da vila, da localidade e também na própria família, na cidade e no interior, no município, estado e país, procurando estabelecer as diferenças de uso em cada espaço, as funções de cada meio de transporte para cada tipo de necessidade (automóvel de passeio, uso da polícia, táxi, ambulância), e as modificações ocorridas nas sociedades a partir da modernização dos meios de transportes.

Conhecer os caminhos por onde circulam as pessoas na cidade - ruas e avenidas - e no interior, as estradas e rodovias que cortam o município, facilitando a intercomunicação entre as comunidades e o meio urbano; entre as cidades, municípios, estados e países facilitando o escoamento da produção e o incremento do comércio; é uma forma de iniciar com os alunos o estudo dos meios de transportes e das vias de comunicação nas regiões e nas relações comerciais e sociais com as demais regiões, estado, nação e continentes.

Também, neste aspecto o “tempo” proporcionou mudanças substanciais na vida da população, o que determina a necessidade de investigação para obter respostas a uma série de questionamentos, como por exemplo:

- dificuldades que as pessoas enfrentavam antigamente para se deslocarem ou comercializarem sua produção;
- meios de transportes e vias de comunicação utilizados antigamente e hoje;
- mudanças que ocorreram nas comunidades e cidades decorrentes da modernização dos meios de transportes e das vias de comunicação;

- ligações existentes antigamente e hoje entre as comunidades, cidades e municípios vizinhos.

Também aqui, além da pesquisa, se faz necessária a montagem de “livros” que retratem o uso de meios de transportes e de vias de comunicação.

No tocante à área colonial italiana, De Boni e Costa registram que:

Nos primórdios da colonização, a única maneira de passar pelas trilhas demarcatórias, transportando mercadorias, era a pé. Aos poucos abriram-se picadas na mata, permitindo a passagem de um animal carregando fardos. Apareceram então os tropeiros, imitando os luso-brasileiros e os alemães nas técnicas de transporte no lombo de burros.¹⁰

No depoimento de Pedro Ferronato, contido no texto *Viagens, transportes, cargas, veículos e estradas in Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, as primeiras famílias não dispunham de estradas e meios de transportes para se deslocarem até as glebas e lotes. Conforme o texto dos autores:

Por falta de recursos, diz Pedro Ferronato, eu e minha família fizemos o trajeto de Porto Alegre até Alfredo Chaves, a pé. Outras famílias fizeram o mesmo. As estradas deviam ser abertas e a única solução era abri-las a facão. Íamos fazendo a picada, rumo ao nosso destino.¹¹

Adiante, prossegue De Boni:

Com o correr dos anos começaram a surgir carretas. Não aquelas puxadas por bois, típicas da zona da campanha: eram carretas com rodas de aro, puxadas por mulas, com um breque (sistema de freios nas rodas) para que a condução não se descontrolasse nas descidas. De início eram pequenas, com duas ou três mulas; depois foram crescendo, com rodas maiores, transportando maior carga, puxadas por ternos de até nove animais, sendo que um deles servia de montaria para o carreteiro. Criou-se toda uma estrutura ao redor deste meio de transporte. As estradas tiveram que ser alargadas e consolidadas; surgiram carpintarias e ferrarias; casas de pasto, contando com galpões¹²

Ainda como afirma Costa e outros,

A carroça ou carreta. Era o meio de transporte mais comum e o único para cargas pesadas. Era puxado por mulas, cavalos ou bois. O emprego do boi era generalizado para as lavouras e para o serviço da agricultura, nas áreas mais montanhosas.¹³

Estudar os meios de transportes utilizados pelos imigrantes italianos, principalmente nos primeiros tempos, é conviver com as peculiaridades de uma história cultural, e neste

quadro surge um elemento bem próprio dessa cultura que são as balsas e a figura dos balseiros. O uso desse meio de transporte fluvial até hoje legou um rico e curioso manancial de histórias e *causos* que fazem parte da memória popular.

No estudo de Costa e outros, podemos perceber a importância desse meio de transporte e suas vias de comunicação. Conforme os autores:

Os rios foram um grande meio de transporte, no início deste século. As estradas eram precárias. Muitos produtos, produzidos na região italiana, deviam ser transportados. Com a Balsa (armação de madeira que serve como meio de transporte pelos rios) transportava-se madeira, das colônias de Alfredo Chaves e Dona Isabel, para Porto Alegre. Os primeiros colonos derrubavam as matas e preparavam a madeira comerciável, para o transporte. Os carreteiros puxavam-na até às margens do rio.¹⁴

Também no texto de De Boni e Costa in *Far la Mérica*, a figura do balseiro obteve destaque entre os elementos que estão presentes na memória humana e que construíram, com seu trabalho peculiar, uma imagem que povoa a memória posteriori.¹⁵

Para os autores a balsa constituía-se num importante meio de transporte fluvial.

Quando as máquinas a vapor começaram a mover as serras, e as carretas a efetuar transportes, lá por 1895, as matas adquiriram valor e os pinheiros deixaram de ser troncos incômodos a dificultar a plantação, transformando-se em dinheiro. Para tanto descobriu-se uma forma de aproveitar o curso do rio das Antas e de outros caudais a fim de levar a madeira até o centro consumidor de Porto Alegre. Surgiram então os balseiros. As balsas eram montadas no próprio rio: tirantes transversais e sobre estas as pilhas de tábuas, amarradas com cordas e cipós.¹⁶

Como complemento cultural a esse transporte, os balseiros construíam cabanas improvisadas sobre as balsas, guardando nelas mantimentos e roupas, além de um colchão de capim. Para preparar a comida, uma caixa de madeira com terra servindo de base para o *fogolaro*, o modelo de fogão que caracterizou os primeiros tempos.

Também cabe registrar, como transporte próprio deste grupo, a contribuição da *slita* utilizada nas atividades agrícolas.

Conforme Costa e outros,

A slita é um tipo de trenó, empregado para transportar pedras de um lugar para outro, principalmente, na construção de taipas. A slita consiste em duas colunas redondas, de

*madeira (toras de árvore) como base de um plano de madeira sobre a qual são colocadas as pedras. Ata-se a plataforma de madeira a um varão (vara comprida de madeira), para onde os bois puxavam. O redondo das bases facilita o deslizamento.*¹⁷

Estas informações, assim como as demais coletadas na pesquisa bibliográfica, foram colocadas à disposição dos professores para embasar o seu conhecimento e com isso poder auxiliar nas pesquisas dos alunos. Curiosamente, os textos distribuídos aos mesmos também foram lidos por pais e avós com a mesma curiosidade que os professores, uma vez que os meios de transportes e as situações descritas pelos autores povoam suas lembranças.

No tocante ao trabalho de aula, foi montada uma ficha sugestão tendo como tema gerador “os transportes e as vias de comunicação” dividido em nove sub-temas.

Os objetivos principais desta ficha foram:

- Conhecimento da História da comunidade nos âmbitos econômico, social, político e cultural.
- O conhecimento da história da comunidade através da história oral e da memória popular na ótica e na percepção dos alunos.
- Conhecimento dos meios e transportes e das vias de comunicação utilizados hoje e no início da colonização.

Grupo 1 - Sub-tema: Meios de Transportes Utilizados na Família

O objetivo deste sub-tema é proporcionar aos alunos um estudo dos meios de transportes conhecidos e utilizados pelo grupo familiar através do conhecimento, do estudo e da discussão sobre:

- importância dos meios de transportes para as atividades e necessidades das famílias;
- os meios de transportes que a família dispõe;
- a utilização no seu dia-a-dia;
- meios de transportes utilizados pelas famílias antigamente.

Conforme a prof^a Mara o estudo teve início com um diálogo com os alunos sobre o conceito de meios de transportes:

Comentamos sobre os produtos que foram comercializados. Como chegaram na comunidade?

Uns logo disseram:

- Ah! Tem uma caminhão que passa aqui e entrega as mercadorias.

Chegamos a discutir na família. O que as famílias tem hoje. meios de transportes, para que serve, eles ajudam em que ?

Respostas:

- Ah! Temos o carro para passear, o caminhão, a caminhonete que o pai as batatas que nós plantamos para vender.

Após a discussão inicial os alunos entrevistaram os pais para perceberem a importância da utilização dos meios de transportes. Entrevista da aluna Giovana Manica:

P. Qual a importância dos meios de transportes para as atividades e necessidades da família?

R. Muito bom para o alimento e muito bom para todas as pessoas da família.

P. Quais os meios de transportes que a família dispõe?

R. Uma bicicleta, uma carroça, um trator, uma caminhonete e um carro.

P. Como utilizam no seu dia-a-dia ?

R. A bicicleta para fazer favores, uma carroça para pegar comida para os animais na colônia. Um trator para pegar milho na colônia, a caminhonete para levar uva para a Cooperativa Vinícola Garibaldi e o carro para ir a cidade pegar algumas coisas.

P. Meios de transportes utilizados pela família antigamente.

R. Com cavalos, carroças e trator.

Aluna: Giovana Manica - 4^a série

*Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

Para o aluno Mateus Rafaelli:

Meios de transportes utilizados na família.

Na nossa família utilizamos os seguintes meios de transportes: carro e caminhão. O carro usamos para passeio e para ir aos bancos. O caminhão usamos para fazer frete e para trabalhar por conta própria.

Todos os dias tanto o carro como o caminhão estão na rua isso dá despesa mas também ajudam muito nos negócios.

Aluno: Mateus Rafaelli-3^a série

*Escola : E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

Segundo os professores, os alunos desde o início deram preferência ao estudo dos meios de transportes na comunidade com isso incluindo os meios próprios.

Grupo 2 - Sub-tema - meios de transportes conhecidos e utilizados na comunidade.

Para este sub-tema foram sugeridos alguns assuntos para serem investigados:

- diferentes meios de transportes (bicicleta, moto, automóvel, trator, caminhonete, caminhão, carroça, carreta e outros);
- como se utiliza cada um deles;
- meios de transportes utilizados na comunidade antigamente.

O estudo propõe uma tomada de conhecimento dos meios de transportes que são utilizados na comunidade em diferentes situações.

Os alunos das professoras Janete e Iliete da Escola Estadual São Marcos realizaram um trabalho em comum e como culminância redigiram dois textos conclusivos. O primeiro trata dos meios e transportes hoje e o segundo, aborda o uso antigamente.

Transportes e Vias de Comunicação

Os meios de transportes utilizados pela comunidade de Marcorama são carros, caminhões, motos, bicicletas, trator agrícola, carroça. Eles são utilizados para transportar pessoas, produtos, pastagem para animais... para passeios.

As empresas de ônibus que percorrem por Marcorama são a REALTUR e a OZELAME, sendo que transporta alunos e passageiros para a cidade de Garibaldi e até em municípios vizinhos.

No município de Garibaldi tem a Maria Fumaça (trem) onde transporta turistas para passeios percorrendo nos municípios vizinhos.

O uso de transportes específicos como o uso de ambulância é utilizado para emergências; o carro de bombeiro para incêndios e acidentes; os taxis para deslocar pessoas de para ouro mais distante; o ônibus para transporte escolar e de passageiros.

Os alunos da prof^a Mara, 2^a série também estudaram os meios de transportes conhecidos e utilizados na comunidade de São Roque. Em grupo, e com o auxílio da professora, foi organizado um texto que foi transcrito no “Livro dos Meios de Transportes” do aluno Claudenir.

Os Meios de Transportes de Nossa Comunidade

Em nossa comunidade existem vários meios de transportes como caminhonetes, carro, carroça, trator, cavalo, moto, caminhão, carreta, bicicleta e ônibus.

Hoje estes meios de transportes facilitam a vida do homem.

Antigamente na agricultura só existia carroça puxada a bois ou burros, hoje a vida agrícola é melhor porque existem tratores e máquinas que ajudam no trabalho do homem.

Os caminhões e as caminhonetes são usados para transportarem os produtos colhidos na agricultura.

O ônibus também é um transporte muito importante para as pessoas, principalmente para os estudantes.

Todos os meios de transportes são importantes para o crescimento de uma comunidade e de um país.

Aluno: Claudenir Bedin-2^a série

Escola: E. M Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Estudando o uso dos meios de transportes na comunidade em dois tempos (antigamente e hoje) ao alunos da professora Vanda realizaram pesquisas e chegaram à seguinte conclusão:

Meios de Transportes

Antigamente os meios de transportes eram cavalo carroças puxadas a burros. Antigamente não existia ônibus e nem carro.

Antigamente com a carroça se transportava muitas coisas :milho, soja, trigo e porcos.

Depois o meio de transporte foi mudando para melhor com carros, caminhões, ônibus, trens, navios e aviões.

O meio de transporte de agora é mais rápido do que o de antigamente.

Aluno: Claudenir Bedin-2^a série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Marcos - Garibaldi

Para as professoras Maria e, que juntas trabalharam com a 4^a série, a experiência foi rica em informações, curiosidade e descobertas e os conteúdos importantes para o ensino na escola.

O trabalho realizado de forma coletiva foi relatado pelas professoras:

Profª Maria :

Nós começamos o trabalho com a 4ª série com uma conversa. O que eles pensam.

Os meios de transportes são importantes para nós?

Quando todos fizeram suas colocações eles perguntaram:

- professora, vamos fazer um trabalho de como era antigamente e como é hoje.

Em casa eles questionaram os pais como eram os meios de transporte antigamente até hoje.

Voltando, eles colocaram para a turma as entrevistas que fizeram.

A partir dali foi feito um trabalho em Educação Artística, fizemos o desenho dos meios de transporte como era. Depois partimos para um texto sobre os meios de transportes hoje. Então vimos o rodoviário, o ferroviário, o aéreo.

Partindo do antigamente e do hoje eles fizeram um texto, uns quiseram trabalhar somente com o antigamente que acharam mas interessante, outros quiseram trabalhar com os de hoje.

Para uns nossa 'slita' era quadrada, para outros era triângulo.

Os professores, ao longo do trabalho, foram estimulando e desafiando os alunos com questionamentos que se transformaram em motivos de pesquisa. Advindo daí uma mudança significativa no tocante à condução do trabalho: ao invés da postura centralizadora, os alunos decidem realizar as atividades que lhes despertam maior interesse e motivação. Essa liberdade de escolha em nada afeta o tratamento com os conteúdos considerados básicos para a aprendizagem naquele nível, mas permite, e aí não vai nenhuma concessão especial, que os alunos iniciem suas atividades com os assuntos que lhes despertam maiores curiosidades.

Para as professora Maria, *É um trabalho rico. Poderíamos ter trabalhado mais. São trabalhos que eles gostam de fazer.*

Complementa a professora Lúcia:

Eles tem muita coisa para contar. Conversam com os pais um monte, conversam com a vizinhança. E quando eles chegam tem assuntos mil.

Ainda para a professora Maria, os trabalhos têm repercutido na comunidade:

A vizinha de baixo falando para a outra:

- Profe, o nonno dela veio lá em casa e disse para o meu pai.

- Não aguento mais, mas é bom ajudar minha neta a fazer, mas olha, levei a manhã inteira. Mas eu gostei de fazer.

A outra disse:

- O meu avô gosta que eu pergunte. Ele fica contente, contando, mas eu gosto de ouvir meu avô falar.

São essas falas do povo que tanto tem acompanhado o pensamento de Paulo Freire. São os seus saberes.

Nas comunidades pequenas como as que compõem este trabalho, os assuntos repercutem e todos acabam participando. Mesmo que, aparentemente, se aborreçam por serem solicitados pelos alunos, no fundo gostam de se sentir valorizados.

Vivenciar com os alunos a coleta dessas memórias também nos remete a Freinet quando saía com os pequenos a entrevistar os aldeões e com suas falas construírem textos escolares.

Cultura Italiana

Para os professores do grupo de pesquisa, o estudo da cultura italiana, no tocante ao uso dos meios de transportes, foi um dos temas que mais despertou curiosidade entre os alunos. As histórias contadas pelos avós abordaram curiosidades sobre passeios, viagens e transportes de mercadorias.

Para a professora Vanda:

Na cultura antiga o passeio era a pé ou na carroça. Quando iam para a missa, colocavam umas tábuas em cima da carroça e reuniam várias famílias

Foi citado que os que tinham mais dinheiro iam à cavalo quem tinha pouco ia de mula ou à pé mesmo.

Quem tinha caminhonete ou os primeiros caminhões eram considerados os mais ricos da comunidade. O primeiro caminhão foi motivo de conversa por mais de 2 ou 3 anos.

Muitos deles transportavam os produtos. Os agricultores pagavam um tanto.

Ele ganhava tanto por cento em cima para transportar os produtos para outros municípios com o caminhão.

Para a prof^a Mara, *Foi destacado a viagem dos imigrantes para cá. Por barco, por trem, pelo mato e, como era difícil.*

Os alunos da prof^a Vanda, pesquisaram com seus *noni* e produziram o texto abaixo:

Os imigrantes italianos saíram da Itália com navios porque eles precisavam passar no mar para ir nas serras gaúchas.

Os primeiros meios de transportes que os imigrantes italianos nas colônias eram: carroça puxada por dois bois e cavalos com dois cestões nos lados e um burro levando um cestão para ir buscar alimentos agrícolas.

*Aluna: Giovana Manica- 4ª série
Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

Conforme a profª Janete, sua experiência de pesquisa com os alunos também foi rica em informações e dados sobre a utilização dos meios de transportes pelos imigrantes e seus descendentes:

Conversando com minha mãe e sogra aqui também em nossa comunidade eles transportavam através de mulas. Nos primeiros tempos foi à pé mesmo depois apareceram as mulas e os cavalos. Iam levando as mercadorias até Montenegro. Levavam 3 a 4 dias.

Nós vivenciamos ainda. Para as gerações mais novas estas realidades estão muito distantes.

As experiências de vida que as professoras trazem, são importantes para conduzirem o estudo, uma vez que elas nasceram, cresceram, casaram-se e vivem ainda na comunidade. Para elas, o Estudo do Meio também é uma forma de reconstrução de suas próprias histórias de vida. Ao conversar com pais e sogros, os professores também buscam, assim como seus alunos, informações para serem trabalhadas em aula.

Curioso também é observar que os textos que foram distribuídos a eles, principalmente os de De Boni e Costa, além de fornecerem dados para trabalhar com seus alunos e servirem de leitura para melhor compreenderem a História e cultura dos imigrantes e seus descendentes, também foram discutidos em casa com seus familiares. Com isso, a informação teórica não se restringe apenas ao conhecimento escolar, mas os escritos dos autores são lidos e discutidos na comunidade.

No tocante aos estudos realizados com seus alunos, informa a professora Janete:

Nas entrevistas que a gente fez com diversas pessoas, a maioria delas falava que tudo era a pé, inicialmente.

Depois que vieram da Itália, seguiram de barco até Montenegro e dali para cá à pé foram vários dias. Até passaram nesta rua que a principal de Figueira de Mello e se instalaram em Marcorama em um barracão.

Com o tempo eles iam se ajudando, fazendo casas de forma comunitária.

A primeira estrada era esta aqui. No início não era mais do que andar à pé, mulas e cavalos e depois foram aparecendo os bois, as carroças e o primeiro caminhão.

O caminhão era uma festa.

Para a festa do Caravágio reuniam toda a comunidade enchiam os caminhões e iam para romarias e festas.

Este caminhão ajudou bastante as pessoas. Faziam fretes.

De posse dessas informações coletadas junto com os alunos da professora Iliete, os alunos, após realizarem as atividades de entrevistas e pesquisas realizaram um texto conjunto contando com o apoio das professoras que participaram com eles em todas as etapas do trabalho:

Os meios de transportes utilizados pelos imigrantes foram o navio durante a viagem da Itália para cá. Após de barco e à pé até chegarem ao seu destino abrindo piquetes através de foice e facão pela mata à dentro.

Os primeiros meios de transportes utilizados nas colônias foram as mulas, cavalos, carroças, que transportavam produtos e pessoas. As viagens também feitas à cavalo, com carroças e à pé.

Mais tarde apareceram os primeiros caminhões, o ônibus que passava na comunidade e uma pequena Maria Fumaça na cidade.

Todo o caminho era feito à pé, só quando era mais longe era por tropas de mulas.

Existia uma única estrada que ligava várias comunidades e a cidade de Garibaldi.

Hoje em dia existem várias estradas que ligam nossa comunidade ao município de Garibaldi. Entre elas temos a RS 453 (Rota do Sol), a Linha Araripe e Linha Figueira de Mello.

Para o professor Carlos- 3ª série-, a professora Nelci e seus respectivos alunos, a experiência com este tema gerador foi gratificante.

Conforme o professor:

Também o trabalho sobre o meio de transportes foi um trabalho muito bom, rico e significativo.

Nos reunimos, como sempre, e fizemos um trabalho em conjunto com a 2ª série.

Fizemos uma introdução de como eram os meios de transportes de antigamente com base no texto. Para informá-los dos transportes de antigamente dos atuais. O avanço e evolução.

Eles questionaram, discutiram, levantaram dúvidas, conversaram. Foi feita uma conversa informal sobre os transportes, logo em seguida então combinamos uma tarefa de pesquisa para fazerem em casa.

Cada criança perguntou em casa qual o meio de transporte que o pai, na época usou, ou seja, nonno e nonna, vizinhos e outros.

Os entrevistados colocaram isso de uma forma bastante simples, do jeito deles, os transportes que os pais vivenciaram na época da carroça, do cavalo fazendo um paralelo com a imigração italiana.

Passamos um vídeo sobre Bento. Os aspectos físicos, geográficos de antigamente até chegar ao atual para eles visualizarem melhor sobre os transportes, que era usado e a vida do colono antigamente.

Eles colocaram os depoimentos e concluindo, fizeram os textos individuais.

Complementa a professora Nelci, que junto com o prof. Carlos tem conduzido as pesquisas com seus alunos desde o início deste trabalho:

Os meios de transportes que eles mais falaram nos textos na 2ª série aparece a carroça e a balsa. Talvez seja porque os pais e o avós vivenciaram mais estes dois meios de transportes.

Aparecem outros, mas o que mais aparece é a carroça e a balsa. A balsa era utilizada para transportar madeira.

Numa balsa que eles construíram uma avô fez saquinhos. num tem milho, no outro feijão.

Foi bastante proveitoso o trabalho porque eles tiveram uma conversa com os avós. Quem não tinha avós ou pessoas de mais idade foram conversar com pessoas de mais idade que eram vizinhos e eles trouxeram o depoimento destas pessoas.

Os alunos produziram textos que retratam a realidade contada pelas fonte de informação que consultaram.

Naquela época, os meus avós me contaram que quando eles queriam ir para a cidade de Sarandi para alguma coisa para comer eles iam de carroça, cavalos ou a pé porque era o único jeito de viver. E quando o rio estava muito alto a balsa andava no rio e também lá em Sarandi eles construíram os transportes porque não tinham os carros de hoje. Era tudo diferente do que agora. E me contou que eles não vendiam o queijo que a minha nonna fazia não tinha o problema de ir vender, tinha transporte mas não queriam vender. E agora eu escrevo com muito amor uma mensagem.

Tudo que eu escrevi é verdade porque se fosse mentira eu contaria tudo.

Aluna: Sabrina Cardoso-2ª série

Escola: E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves.

Cada vez mais se percebe no encontro que tratam do ensino de História e Geografia nas séries iniciais a valorização dos depoimentos, da história oral, da memória dos mais idosos.

Fiz parte de uma geração em que a História constava apenas nos livros. O texto didático era o valor maior. Saber história era reproduzi-los na íntegra com fatos, datas, nomes. Em momento algum compreendeu-se a riqueza que estava por trás da construção de uma sociedade.

A história oral possui emoção, reminiscências e a história é contada através de estórias. A narrativa desperta a curiosidade. Uma pessoa contando como se fazia uma viagem de carroça, de carreta, de balsa retrata uma outra experiência que está além das práticas dos alunos e por isso mesmo é curiosa. Se a viagem teve passagens que marcaram, fica ainda mais emocionante.

Se a escola não resgatar essas memórias e narrativas, se não armazenar nas bibliotecas escolares esses depoimentos, irá perder, com o tempo, uma fonte de grande significação para a cultura local.

As crianças não são historiadores, escrevem guiadas pela sua percepção de crianças, mas estão aprendendo.

Notas do Capítulo 7:

¹ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 118

² Idem. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 86

³ Ibidem. P. 86

⁴ Ibidem. P. 86

⁵ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 86

⁶ FREINET, Élise. *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, p. 24

⁷ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 69

⁸ Ibidem. P. 70

⁹ MARQUES, Luiz Alberto S. *Estudo do Meio – Proposta Metodológica em Estudos Sociais para as Séries Iniciais*, in *O Cotidiano na Prática Educativa II – Séries Iniciais*, p. 42

¹⁰ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 166

¹¹ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 71

¹² DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 166

¹³ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 71

¹⁴ Ibidem. P. 71

¹⁵ Ibidem. P. 72

¹⁶ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 172

¹⁷ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 74

8 - MEIO SOCIAL: REVELANDO A CONSTRUÇÃO DA VIDA EM COMUNIDADE

As sociedades humanas são construções culturais cujas raízes estão mergulhadas na história. Uma mesma cultura reúne aqueles que compartilham dos mesmos códigos; isto facilita as alianças e as camaradagens; maneiras de se alimentar, de comer, de sentar, de vestir, ritmos, horários, etc. Além desta herança comum, as riquezas da cultura global repartem-se em graus diversos pelos indivíduos. Cada um é chamado a desempenhar um papel diferente segundo seu sexo, sua idade e suas capacidades técnicas ou intelectuais, numa ou noutra profissão ou função. Cada um está vinculado aos outros por uma rede complexa de relações. Diferentes arquiteturas sociais são possíveis. Elas são capazes, mas não com a mesma eficiência e o mesmo estilo, de assegurar o funcionamento e a dinâmica do conjunto.

Claval

Desde as primeiras experiências com o Estudo do Meio como proposta metodológica em 1981, a obra de Brandão tem estado presente com o intuito de fortalecer o elo entre a reflexão teórica sobre a cultura do povo, resultado de suas pesquisas, viagens e percepções como antropólogo e professor, e as propostas de educação popular e de cultura das classes populares presente na escola através dos alunos, professores e funcionários o que retrata o pensar e agir de sua gente e de seu meio.

Nos primeiros anos de vida as crianças assimilam hábitos culturais resultante da convivência diária e contínua com os membros do grupo familiar e comunitário e com eles constroem suas referências comportamentais em termos de convivência social em coletividade.

A escola tradicionalmente vem sonhando de seus alunos o “olhar” sobre o seu próprio mundo social e de suas manifestações culturais, com o objetivo de introduzi-los diretamente no conhecimento da produção cultural acumulada pela sociedade através dos tempos. Este sim, com um valor cumulativo. E quando o faz, reveste-o em manifestações simbólicas representadas, geralmente, pelo “folclore”, “festas típicas” ou outras apresentações previamente preparadas e ensaiadas.

O aluno como agente de uma cultura peculiar não é considerado como tal, colocado em plano secundário. Pertence a um outro “universo”, o de fora da escola e, neste sentido, seu conhecimento e experiência são colocados à margem do processo de aquisição da

“cultura escolar”. Seu saber pertence a um “outro mundo”. Na escola, por vezes é induzido aos poucos a renunciar ou a camuflar sua própria matriz cultural ou a de seu grupo em detrimento do que é convencionalizado pela mesma.

Para alguns educandos, oriundos principalmente do meio rural ou de famílias com baixa ou nenhuma escolaridade, o choque cultural é inevitável. Tudo parece errado e, portanto, é preciso reeducá-lo. A fala, a pronúncia das palavras, as expressões, os hábitos, as atitudes, os gostos não correspondem aos comportamentos “esperados” pelos professores em seus planos de ensino. Seu papel enquanto escola é aculturá-los, polí-los, moldá-los a uma cultura socialmente “aceita”.

Não se trata aqui de permitir todos os comportamentos que contradizem as mínimas manifestações de civilidade. Não se trata, também, de um elogio à permissividade, mas sim de permitir que os alunos assimilem, a seu tempo, novos valores, que incorporem sem traumas ou vergonhas novos hábitos de convivência social e cultural.

Os resultados visíveis desse processo de imposição de valores, hábitos e atitudes de convivência social estão retratados nas evasões escolares, exclusões, discriminações, preconceitos a que são submetidos os alunos das classes populares.

Freire alerta para a compreensão por parte dos professores, dos saberes diversificados de que os alunos são portadores ao chegarem na escola.¹

Parte dos livros didáticos direcionados ao Ensino Fundamental, principalmente os de História, faz menção tão somente aos autores, às corrente consagradas pela academia e suas obras póstumas, como se essa fosse a cultura originária do povo brasileiro ou de qualquer outro povo representado, reduzida tão somente aos pintores, escultores, músicos, teatrólogos, romacistas.

Nos livros para classes mais adiantadas, geralmente os autores preocupam-se em classificar e informar visando futuras questões em concursos e vestibulares. Quanto a cultura do povo, quando existe referência, trata-se de manifestações folclóricas e caráter ilustrativo.

Brandão, pelo contrário, nos ensina a perceber as nuances, a filosófica fala simples e reflexiva do povo. Seu linguajar peculiar, sua lógica expressa por metáforas, o aprender espontâneo guiado tão somente pela continuidade do ato cultural de aprender.

A cultura das classes populares não se restringe a uma classificação mas representa um cotidiano, uma prática, um concreto.

Para Brandão,

Qualquer que seja a situação atual de um grupo popular, ele possui o seu saber: a) suas técnicas de vida e de trabalho; b) suas normas culturais de comportamento nas relações sociais; c) sua ideologia, ou seja, o seu modo próprio - embora imposto por outras classes sociais - de compreender o seu mundo e de participar em sua sociedade. Muitas vezes é a este conjunto de conhecimento do povo que se dá o nome de cultura popular.²

Neste sentido o Estudo do Meio vem trabalhando com os professores e seus respectivos alunos o conhecimento das expressões sociais e manifestações culturais de seu grupo, ou seja, não somente as expressões simbólicas de uma cultura, mas o seu cotidiano, uma visão etnográfica de seu próprio meio. Em se tratando da cultura dos descendentes dos imigrantes italianos, esses elementos possuem maior visibilidade, quando não carregada de vitalidade.

Como não se trata de um curso de Antropologia Cultural e sim de alunos de séries iniciais do ensino Fundamental, estes estudarão alguns aspectos de sua cultura priorizando o que é identificável, o que se pode observar, reproduzir, ir além dos aspectos materiais da cultura e penetrar no campo dos hábitos e atitudes.

Como conceito de cultura para orientar este estudo, tomo como referência Lupi quando afirma:

Cada cultura é o produto de um determinado grupo num determinado território, e por isso a cultura é um fenômeno essencialmente regional, ligado às características da região. Mas também é uma expressão própria e única, que nunca se produziu nem produzirá, de forma igual em outro lugar da Terra. Por isso cada traço cultural é um pouco de expressão humana que contribui para formar a imagem completa da humanidade, a imagem hipotética que reflectiria todas as possibilidades de expressão humana.³

Conhecer a sociedade e a cultura do meio não se caracteriza como um ato que visa isolar os alunos do conhecimento acumulado e armazenado pela humanidade, mas compreender que uma cultura não é privilégio, como no senso comum, de “iluminados”, mas também de seu próprio meio. São os traços culturais, como reflete Lupi, que identificam, no aspecto regional e local, parte da expressão humana que se reproduz no todo. Perceber também que muitas das manifestações culturais conhecidas em seu meio são também realizadas, de forma diferenciada, em outro grupos, em outras sociedades distintas no espaço e no tempo.

Freire chama atenção para essas inserções e sobre como não excluir o aluno deste elo de expressões e manifestações culturais.⁴

Ao estudar a formação da sociedade local e, conseqüentemente, as expressões culturais que prestam identidade a essa mesma sociedade, o Estudo do Meio propõe que o conhecimento dos traços culturais que dão visibilidade à cultura local não sejam vistos como únicos, mas sim reflexos de uma cultura originada por grupos que viveram anteriormente e que ao longo do tempo foram sofrendo modificações e adaptações.

Como uma classe nem sempre se constitui de um grupo homogêneo, faz-se necessário que nossos alunos compreendam, nos outros, as suas diferenças. A tendência da escola é a padronização. Saber lidar com as diferenças de ordem sócio-cultural ainda é um desafio numa aprendizagem constante.

Ao se fazer referência à sociedade local, busco em Hoebel e Frost um conceito de sociedade que irá embasar, assim como a cultura, as atividades propostas nos temas geradores que enfocam o meio social:

A sociedade e a cultura não são uma coisa só. A sociedade humana é constituída de pessoas; a cultura é constituída do comportamento das pessoas. Podemos dizer que a pessoa pertence à sociedade, mas seria errôneo afirmar que a pessoa pertence a uma cultura; o indivíduo manifesta a cultura. Embora a sociedade seja constituída de pessoas, ela é mais do que um agregado humano. É uma população ou um grupo de indivíduos unidos por um princípio comum, ou princípios.⁵

Complementam os autores com uma formulação conceitual sobre a sociedade:

Numa palavra, a sociedade humana é : uma população identificável especialmente, interagindo numa rede de relacionamentos orientados para o centro, os quais são padronizados e limitados culturalmente, distintos sob alguns respeito de suas contrapartes em outras culturas, e efetivamente ligados por outras formas linguísticas comuns e outras formas de representações simbólicas.⁶

O meio social, assim como as relações culturais que se travam nele, complementa as duas áreas estudadas anteriormente - meio natural e meio econômico. Desta forma o Estudo do Meio abrange o universo social amplo em que vivem os alunos em família e em comunidade com suas características próprias.

Como nos estudos anteriores, o elemento essencial desta prática é a realidade conhecida e mais próxima (lugar de vivências e práticas) para daí estender-se para uma realidade ampla em termos de município, região, estado e país.

Considero também que a criança encontra-se numa fase (séries iniciais) em que a sua compreensão se dá principalmente a partir da observação direta dos elementos que compõem seu universo social e cultural, decorrendo daí uma abstração e generalização que poderão ocorrer de um modo mais simples, dentro de sua percepção.

O ponto de partida para esta compreensão refere-se à construção social do “lugar” que passa antes de mais nada pela localização da comunidade no contexto geral; da formação histórica da sociedade local; da estrutura das propriedades; do espaço religioso; do espaço educacional; das relações sociais; da construção das casas; dos hábitos alimentares; dos esportes e outras formas de lazer; das festas de vindima e de colheitas; das brincadeiras infantis, entre outros. Muitos destes assuntos reforçam e retomam aspectos estudados anteriormente em outros temas geradores, mas que de uma outra ótica complementam o “saber em construção”.

Callai referindo-se à questão do lugar no estudo da Geografia, afirma:

Estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender que o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas. Muitas vezes as explicações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para compreender o que acontece em cada lugar.

O espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. Isto resgata a questão da identidade e a dimensão do pertencimento. É

*fundamental, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo o seu estudo.*⁷

Como nos estudos anteriores, é através da percepção das diferentes formas de como cada criança experencia o seu mundo, de como ela vê o lugar onde vive, que o professor poderá, aproveitando essas diferentes interpretações de seu espaço social e cultural, ir construindo com essas experiências individuais e coletivas uma maior compreensão.

Para Castrogiovanni,

*O lugar é formado por uma identidade, portanto o estudo dos lugares deve contemplar a compreensão das estruturas, das idéias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem, com os quais os alunos estão envolvidos ou que os envolvem.*⁸

São as idéias, os sentimentos e as construções sociais que serão enfocados ao se tratar da formação da sociedade local. O saber histórico construído através da memória local e de outros elementos e fontes de pesquisa remete a um outro tempo e, na temática desta proposta, ao tempo dos imigrantes e da formação de suas sociedades.

8.1 -A Formação da Sociedade Local

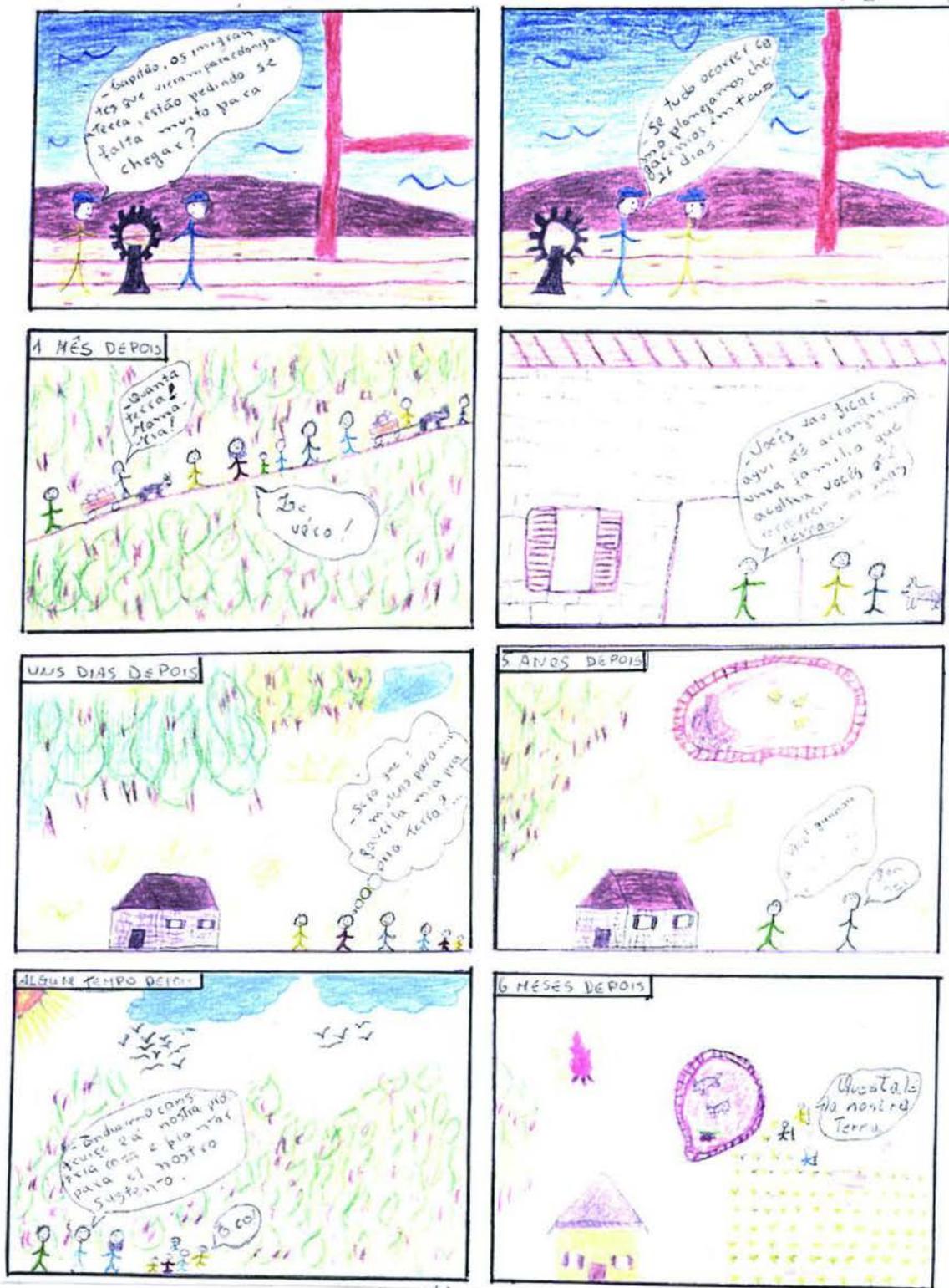


Figura 35

Alunos: Ana Paula, Andréia, Evandir e Tiago
 Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos – Bento Gonçalves

Para concretizar o Estudo do Meio social e cultural, a proposta divide-se em dois temas geradores: o primeiro, “formação da sociedade local” trata de conhecer, no espaço e no tempo, a estrutura e formação das sociedades coloniais, enfocando aquelas onde se realizou o presente estudo; o segundo, “a cultura do meio”, trata de abordar alguns aspectos simbólicos que prestam identidade aos comportamentos das famílias e dos grupos que nela vivem.

No tocante à formação da sociedade local foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- conhecimento da formação da sociedade local;
- caracterizar as formas de divisão do espaço onde se localiza a comunidade;
- montagem das histórias de vida em comunidade através de aspectos que caracterizam a sociedade local;

Grupo 1 - Sub-tema- O espaço comunitário

Para orientar a caracterização deste “espaço comunitário” o estudo enfocou a localização da comunidade no contexto do município e do estado. Para tanto algumas conexões se fazem necessárias, como:

- localização da comunidade no contexto da paisagem;
- localização da comunidade com relação ao município
- distâncias do núcleo comunitário com relação : a sede do município; outras cidades, municípios próximos e a capital do Estado.
- construção do mapa da comunidade.

Como as comunidades estudadas (Marcorama, São Roque, Colônia São Pedro e Faria Lemos), estão inseridas nas áreas coloniais pertencentes às colônias de Conde D’Eu e Dona Izabel e como tal ainda são consideradas “colônias”, busquei, como introdução ao tema, caracterizar o conceito de colônia como espaço formado por imigrantes italianos e seus descendentes.

Parte do território do Rio Grande do Sul, em 1875, data da chegada dos primeiros imigrantes italianos, estava ocupada por descendentes de portugueses e luso-açorianos

além dos colonos alemães que para cá vieram meio século antes, restando-lhes as bordas do planalto ainda ocupado por grupos indígenas isolados, em áreas destinadas pelo Império para estabelecer as colônias oficiais.

Conforme Manfroi:

As colônias italianas no RS foram estabelecidas na Encosta da Serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado. A Serra palavra que designava a orla meridional do planalto, foi o território oferecido aos imigrantes italianos. A densidade da floresta subtropical, os profundos vales, a falta de estradas tornavam esta região hostil e de difícil exploração.

Apesar da insuficiência dos meios de comunicação e do caráter pioneiro o deste ousado empreendimento, os territórios desertos da Serra foram rapidamente povoados pelos imigrantes italianos. Em poucos anos, a Serra, até então abandonada pelos gaúchos e colonos de outras nacionalidades, tornou-se uma região tipicamente italiana.⁹

Busquei conceituar o termo para melhor entendimento da expressão “colônia” como espaço geográfico e histórico. Giron sintetiza o estudo proposto estabelecendo uma relação com o conceito de colônia. Para ela:

O conceito de colônia sofreu profundas modificações no decorrer do tempo. As transformações sofridas pelo conceito de colônia estão ligadas às transformações sócio-econômicas da história brasileira.

A colônia na historiografia brasileira tem sido tratada com espaço geográfico onde se localizam colonos imigrantes ou como função de imigração. Colônia, porém, foi o Brasil como parte do império Português; colônia é, ainda, o lote rural onde vivem os descendentes dos imigrantes.¹⁰

O estudo de Giron não define o que é uma “colônia”, somente, remete às diferentes formas como se estabeleceram as políticas coloniais de ocupação do solo brasileiro.

Para o dicionário Aurélio, colônia quer dizer:

- . Grupo de migrantes que se estabelecem em terra estranha.
- . Grupo de pessoas que se estabelecem noutra região do seu país.
- . Lugar onde se estabelecem qualquer destes grupos.¹¹

O estudo da formação da sociedade local está, portanto, calcado na estrutura que caracteriza a formação das sociedades coloniais.

Neste primeiro sub-tema os professores apenas buscaram complementar os estudos anteriores realizados na comunidade, evitando repetições de pesquisas, mas

preocupando-se em reforçar com novos olhares os temas já estudados e que fazem parte do saber construído pelos alunos, resultando na montagem de “livros da comunidade”.

Para a professora Vanda:

Esta experiência foi diferente das outras, porque esta nós trabalhamos mais em grande grupo. Não foi tanto individual.

Nós saímos para passeio. A gente construiu textos em grupo.

Começamos com o mapa do município para depois chegar a São Roque. Daí a gente fez o mapa imaginário da comunidade escolar.

Nos reunimos todos numa sala de aula e nós imaginamos como seria o caminho deles. Cada um foi fazendo o caminho até a escola e depois à casa do colega. Aí nós construímos no quadro, juntos, o mapa da comunidade escolar.

Conforme o texto do aluno Mateus Rafaelli em seu *Livro da Formação da Sociedade Local*, nome este escolhido por eles, a comunidade de São Roque Figueira de Melo tem as seguintes características:

Localização de São Roque Figueira de Melo

Nossa comunidade pertence ao município de Garibaldi, a uma distância de 5 km.

Vários são os municípios que se limitam com Garibaldi.

Ao norte : Monte Belo do Sul, Bento Gonçalves e SantaTereza.

Ao sul: Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa e Imigrante.

Ao leste: Farroupilha

Ao Oeste: Roca Sales

O nosso município pertence ao estado do Rio Grande do Sul e sua capital Porto Alegre fica a uma distância de 110 Km de Garibaldi.

São Roque é uma comunidade rica em vegetação e produtos agrícolas.

O solo predominante em nossa comunidade é fértil propiciando o plantio de diversos produtos.

Vários arroios cortam nossa comunidade.

Precisamos nos conscientizar da preservação do meio ambiente de nossa comunidade.

Aluno : Mateus Rafaelli- 3ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque- Garibaldi

Nos livros da comunidade, o mapa da comunidade escolar montado pelos alunos a partir das informações de cada um deles sobre a localização de sua casa com relação à escola e outros locais públicos da comunidade, como que segue:

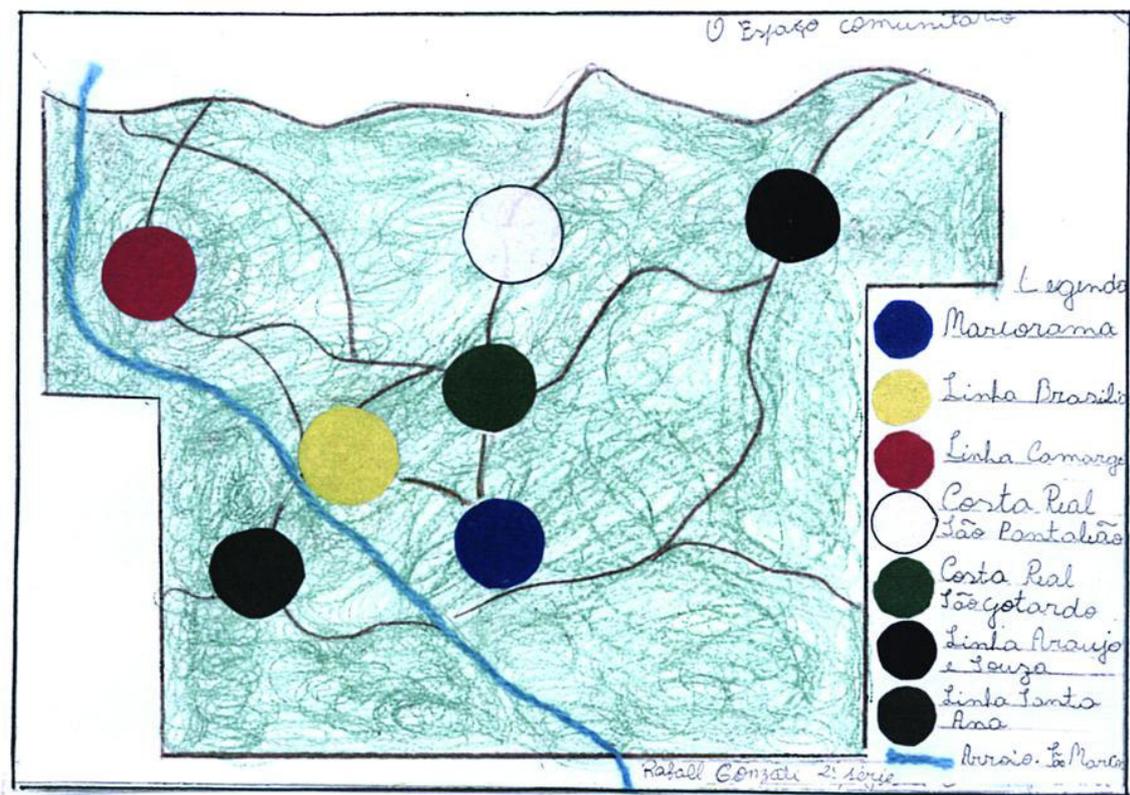


Figura 36

Aluno: Rafael Conzati - 2ª série
 Escola; E.E. São Marcos
 Marcorama - Garibaldi

Os alunos das professoras Janete e Iliete, unidos construíram esta parte da pesquisa. Como as turmas são pequenas, fica fácil de proporcionar atividades coletivas.

No *Livro da Formação da Comunidade de Marcorama*, a aluna Rosimeri transcreveu o texto que realizaram em conjunto.

Espaço Comunitário

A comunidade de Marcorama fica localizada a Oeste e a 17 Km da cidade de Garibaldi e a 120 Km da cidade de Porto Alegre.

Ela é rodeada de morros e percorrem um pequeno riacho que começa na divisa de São Sebastião- de Carlos Barbosa com Marcorama- Garibaldi.

A nossa comunidade tem como vizinhos o distrito de São José de Costa Real, a cidade de Garibaldi e os municípios de Boa Vista do Sul e Coronel Pilar.

Alunos: Rafael Antonio Fachinelli Conzati - 2ª série

Jaine Bortolini - 2ª série

Rosemeri Manica - 3ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama Garibaldi

Prossegue o prof. Carlos.

Inicialmente nós fizemos uma retomada dos trabalhos anteriores. Nós não partimos da História de Faria Lemos, puro e simples como se fosse Faria Lemos isolado do contexto.

Complementa a profª Nelci:

Eu já tinha trabalhado na metade do ano sobre Faria Lemos, sobre a comunidade. Só que o trabalho que eles fizeram foi bem restrito, bem diferente. Então agora eles puderam, assim, ampliar mais e trabalhar mais o concreto. Eles se envolveram mais. Foi bem mais interessante agora do que na metade do ano em que tinha trabalhado com eles.

Aquele trabalho só tinha trabalhado texto. Eu trabalhei Português em cima daquele texto. Eu não trabalhei a parte prática.

Desta vez a gente trabalhou com entrevistas, com textos. Então foi bem mais interessante esse trabalho.

Quando nós iniciamos o trabalho eu estava meio perdida, não sabia por onde começar. Mas assim que nós iniciamos foi surgindo as idéias e aí foi muito mais fácil.

A fala da profª Nelci revela dois momentos de uma mesma atividade. No primeiro momento, um trabalho corriqueiro calcado no texto pronto. O segundo, apesar da mesma sentir-se *perdida inicialmente*, foi realizado coletivamente. Como um depoimento comparativo, cita a professora que a segunda maneira foi bem mais interessante pois envolveu entrevistas, construção de textos de forma prática.

Prossegue o prof. Carlos em seu depoimento:

Então nós retomamos os trabalhos anteriores. Nós falamos sobre o solo, a água, as plantas, sobre os transportes, o comércio, a produção e todos os assuntos que foram abordados anteriormente para eles não ficarem assim muito esquecido.

Cada qual foi colocando o que realmente foi trabalhado em cada assunto para chegar a História de Faria Lemos.

Há a preocupação em retornar os conceitos já construídos anteriormente para melhor situá-los numa nova abordagem. No momento que os alunos foram colocando os assuntos trabalhados, além de caracterizar um reforço ao novo tema proposto, foi uma oportunidade de checar e avaliar os conceitos e conhecimentos adquiridos e construídos nos trabalhos anteriores, o que foi permanente nas experiências realizadas.

Conforme a profª Nelci.

Interessante que o que eles mais lembraram foi a parte prática de cada trabalho. Então eles gravaram toda a parte prática. Eles relacionaram aos trabalhos em que a gente ia colocando e eles já lembravam.

Complementa o prof. Carlos:

Tem que retomar isto com eles. Fazer com que eles questionem, que estudem, que voltem atrás.

Neste conjunto de depoimentos fica clara a importância da pesquisa com os alunos, da montagem de suas linguagens, da confecção de seus livros de comunidade, da reprodução de seus textos na forma de desenhos. O que a prof^a Nelci considera como *parte prática* se refere, além das entrevistas, pesquisas e aulas-passeio, à construção e à representação dessa construção em diferentes linguagens que estão sendo utilizadas no trabalho com o Estudo do Meio.

Ainda conforme o relato do prof. Carlos:

Então a gente percebeu o seguinte: que todos os assuntos que foram colocados anteriormente estão relacionados com a comunidade. Então se trabalha muito uma região, Bento Gonçalves ou outra região, mas se esquece que Faria Lemos faz parte desta História, faz parte deste contexto também.

Se tu vais trabalhar comércio, produção, transportes, trabalho, solo, água, estão inseridos também em outras regiões. se tu vais trabalhar Bento Gonçalves que é o conteúdo específico da 3ª série que é o município, conhecendo Faria Lemos posso automaticamente trabalhar Bento Gonçalves.

Uma coisa liga à outra. Nós trabalhamos Faria Lemos neste contexto. A gente fez todo este apanhado geral para colocar a Geografia e a História de Faria Lemos.

Esta percepção do professor remete à questão da simultaneidade que exemplifiquei no início através do exercício da carta. O pertencimento não se restringe a uma área específica, restrita e isolada: a comunidade de Faria Lemos situa-se no território de Bento Gonçalves e, portanto, ao estar em Faria Lemos, estou simultaneamente em Bento Gonçalves. Uma História e uma Geografia em comum, ressaltando as diferenças e peculiaridades locais.

A parte não se encontra dissociada do todo, mas se faz necessário também explorar bem as partes para melhor recompor o todo. O local e o regional fazem parte de um mesmo contexto.

Prossigue o Prof. Carlos:

Logo em seguida nós fizemos uma exposição de Faria Lemos no âmbito mundial, nacional e municipal para chegar aqui.

Colocamos o mapa e procuramos dar uma noção geral do que é o mundo, os continentes, Brasil, até chegar a Região Sul, o nosso Estado, Bento Gonçalves e Faria Lemos.

Tentou-se mostrar que Faria Lemos não está fora de um contexto, que está junto e que tem História também.

Grupo 2 - Sub-tema : História do Espaço Comunitário

Ao propor o estudo do espaço local, ou “local”, procurou-se focar as peculiaridades históricas da formação das colônias no que se refere à distribuição das linhas e lotes. Para tanto foi proposto neste sub-tema:

- principais linhas de acesso a comunidade;
- divisão dos lotes rurais, dimensão dos primeiros lotes;
- primeiros núcleos comunitários formados neste espaço;
- origem dos nomes dados às comunidades formadas.

Para melhor compreender o impacto causado aos colonos na forma de construção da sociedade local, é imprescindível que se faça uma comparação com a forma de ocupação do solo dos imigrantes antes de deixarem a Itália para se fixarem nas colônias do sul do Brasil.

Conforme De Boni e Costa:

*Na Itália setentrional, o sistema de habitação e ocupação do solo era bem diferente daquele a que os colonos foram submetidos, quando de sua chegada ao Brasil. Lá a grande maioria habitava no **paese** (vilarejo), indo ao trabalho pela manhã e voltando à noitinha. E mesmo os que residiam no campo, estavam tão próximos entre si e tão vizinhos de um **paese** que dificilmente poderiam ser tidos como isolados da vida comunitária local. A região toda era dividida e subdividida dos modos mais diversos, com terrenos de poucos hectares, quando não com área inferior a 1 hectare. Havia proximidade física entre as diversas famílias.¹²*

Ao chegarem ao Brasil eles se depararam com situações bem diversas de sua experiência de convivência comunitária. Além de ocuparem áreas desabitadas e de mata

cerrada, a não existência de centros do tipo *paese* obrigou-os a se dispersarem em lotes e linhas em que havia um certo distanciamento físico entre as famílias.

Ainda no entender de De Boni e Costa:

A colônia foi dividida em travessões ou linhas, que, por sua vez, dividiam-se em lotes rurais (Caxias, além disso, foi dividida em léguas, que se subdividiam em travessões). conforme o terreno, variava o tamanho da légua, bem como de travessões por légua, e o de lotes por travessão... O travessão era uma estrada traçada em linha reta, perto de 13 km de comprimento. Margeavam esta estrada os lotes coloniais, em forma de retângulo, tendo uma frente de aproximadamente 250 m por 1 km de fundos, onde se encontrava com os lotes de uma outra linha.¹³

A localização das famílias não mais caracterizou-se como *paese*, mas ao contrário, ocorreu a dispersão e a ocupação individual dos lotes distantes em aproximadamente 300 metros entre uma casa e outra.

Também, conforme os autores, o tamanho dos lotes sofria variações de acordo com a topografia do terreno, localização e fontes d'água, mas em geral variava entre 15 e 35ha.

No tocante ao contexto geral da divisão das colônias, registram De Boni e Costa, que as vilas também foram contempladas e definidas previamente.

O traçado de cada colônia previa já o local para vilas. No caso as ruas eram demarcadas em linha reta, com transversais cortando-as perpendicularmente, em forma de xadrez, e as quadras divididas em lotes urbanos.¹⁴

Os alunos das professoras Vanda e Mara entrevistaram o Sr. Orestes Cagliari, em aula-passeio, este forneceu a eles as seguintes informações:

Azevedo Castro, Figueira de Mello, Linha Araripe são as principais linhas de acesso a nossa comunidade.

Os primeiros lotes rurais eram divididos em 48 hectares com 2.200 metros de comprimento por 220 metros de largura.

O nome de São Roque Figueira de Mello vem do nome de um senhor Figueira de Mello e também se refere a um pé de figueira que existia ao lado do barracão notado pelos imigrantes.

Aluno: Mateus Rafaelli-3ª séries

Escola : E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Quanto aos alunos das professoras Iiete e Janete de Marcorama, as entrevistas realizadas permitiram que elaborassem o seguinte texto, contido no “Livro da Comunidade”:

O nome das principais linhas de acesso a comunidade de Marcorama são a Linha São Roque Figueira de Mello, Linha Araripe, ligação de São Sebastião de Castro através da Rota do Sol.

Devido a devoção que tinha aos santos ia surgindo o nome das comunidades.

Alunos: Jean Carlo Delazzeri - 1ª série

Angélica Bazanela Zanezzi - 1ª série

Carla Gonçalves - 3ª série

Dalvana Delazzeri - 3ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

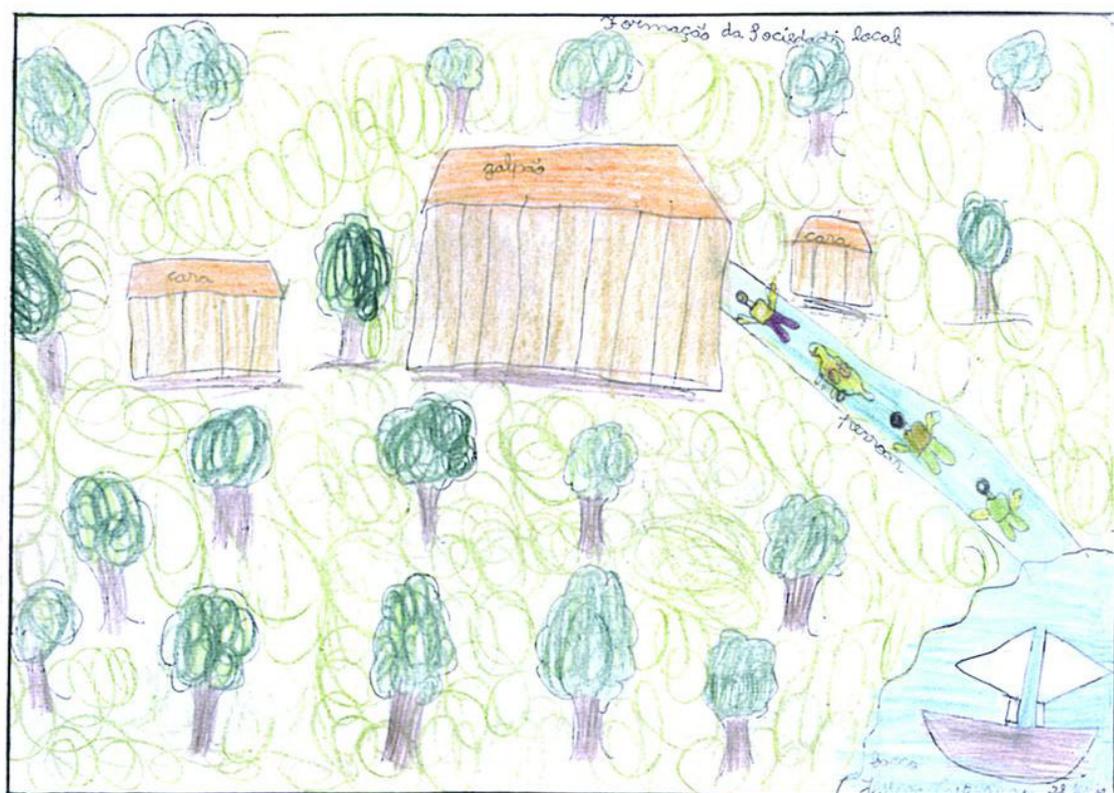


Figura 38

Aluna: Jéssica Giovanaz - 2ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama – Garibaldi

Considero importante registrar que no desenho acima a aluna passou para o desenho as informações recebidas sobre um tempo distante e usando a riqueza do “imaginário” elaborou uma cena histórica.

Cultura Italiana

Complementando o estudo, foi proposto aos professores que junto com seus alunos procurassem contemplar também as histórias contadas pelos *nonnos* e *nonnas* pois também fazem parte da memória histórica.

A história oral não se restringe apenas à memória histórica como tal se entende, mas outros relatos pitorescos que compõem o universo de lembranças que remontam à chegada dos imigrantes e de sua vida nas colônias. Essas histórias aos poucos vão ficando esquecidas e a escola poderá resgatá-las para formar através de sua proposta educativa, um banco de *causos*, lendas e outras histórias contadas e que passaram de geração à geração, através da memória de seu povo.

No *Livro da Formação da Comunidade*, dos alunos da escola E.E. São Roque, constam diversas histórias coletadas pelos alunos, entre elas:

Conta Baldoino Biondo que na casa de Faustino Zibetti antigamente coisas muito estranhas aconteciam. Coisas do além.

Determinado dia Baldoino Biondo teria ido nesta casa trilhar trigo, (sendo que Faustino era tio de Baldoino) como a produção era muita não deu para concluir o trabalho no mesmo dia. Os mesmos foram convidados para pernoitar na casa onde coisas muito estranhas aconteciam.

Nesta noite tendo comido peixe e polenta, numa certa altura da noite, Baldoino não se sentiu bem. Saiu para beber água. Quando desceu as escadas para chegar a fonte, alevantando os olhos viu por cima das águas uma mulher vestida de branco ora com cabeça, ora sem cabeça. Começou a recuar de costas para a mulher e caminhou em direção a casa. Voltando-se percebeu que a mulher o seguia, procurou a porta da entrada. Sentiu medo no momento em que se sentiu seguro. Pensa que nesta noite os donos da casa perceberam, pois conversaram praticamente a noite inteira.

Nas histórias contadas pelos “mais velhos” vê-se constantemente a presença de assombrações ou casos desta natureza.



Figura 39

Aluna: Dalila Titon – 4ª série
 Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos – Bento Gonçalves

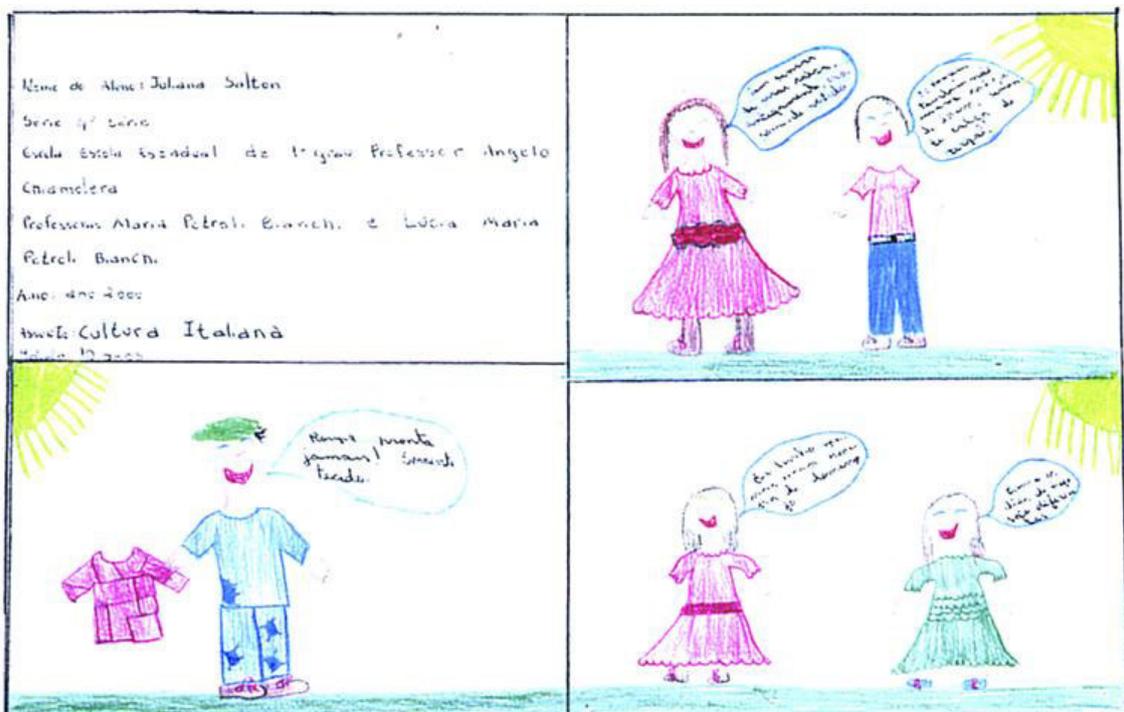


Figura 40

Aluna: Juliana Salton – 4ª série
 Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos – Bento Gonçalves

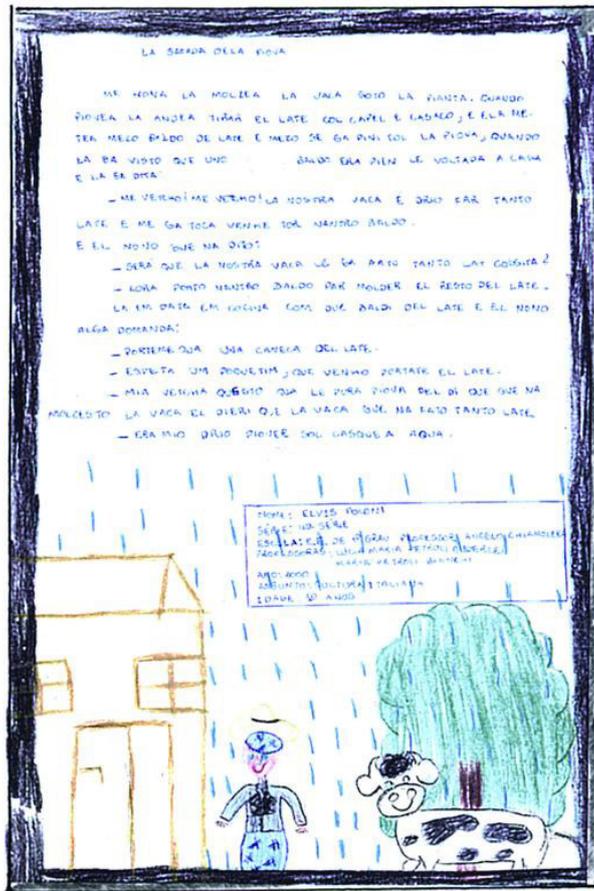


Figura 41

Aluno: Elvis Poloni – 3ª série
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos – Bento Gonçalves



Figura 42

Nome: Jaqueline Benvenuti Professoras: Maria Estrela Bianchi e Sílvia Maria Leticia Mendes
 Sino: 4ª série Cidade: Ilhéus Anúncio: Cultura Italiana
 Escola: Início de 19 anos Bacharel Angelo Chiamolera



Figura 43

Aluna: Jaqueline Benvenuti – 4ª série
 Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
 Faria Lemos – Bento Gonçalves

Outra história:

*Fato contado pela senhora Terezinha Fachinelli De Paoli.
 Houve muito sofrimento, tiveram que passar por várias dificuldades como fome, frio,
 tiveram que construir suas próprias casa.
 Tiveram que cortar o mato que aqui tinha, para poder construir aqui uma nova vida.
 Ao chegar aqui o medo tomava conta de cada uma das famílias.
 Casas muito simples, construídas pelos próprios esforços sem métodos modernos.
 Com o passar do tempo foram construindo estradas principais, armazéns, engenhos,
 moinhos.
 No começo o que o povo comprava era para o seu sustento, depois começaram a
 trocar o que produziam nos armazém em troca de outro alimento.
 Com o tempo começaram a comprar alguns animais como o cavalo para passeio,
 mulas para formar as tropas para ir ao armazém ou ao moinho.*

*Mais tarde começaram com as carroças ainda puxando o vinho até Garibaldi.
O vinho era fabricado em casa, esmagado pelos pés do produtor pois não tinham
ainda instrumentos para esse tipo de trabalho. Mais tarde foi se construir as famosas
cantinas que hoje temos.*

A memória das *nonnas* e *nonnos*, principalmente aqueles de idade mais avançada, é povoada por histórias contadas pelos seus pais que imigraram ainda crianças ou adolescentes para o Brasil. São histórias sofridas, lembranças tristes de um tempo difícil, de medos, de muito trabalho, de uma luta constante para vencer os obstáculos e progredir. Talvez histórias de desilusões para quem sonhou com a *cucagna*, com tesouros, com uma terra maravilhosa e com fartura. Mas através dessas histórias de vida é que o aluno, muito além do papel, pode abstrair a importância do trabalho e da perseverança de seus antepassados na construção desta mesma sociedade onde agora ele vive.

Grupo 3 - Sub-tema - Formação das propriedades.

Além da divisão das áreas coloniais em lotes, os alunos estudaram também a formação das propriedades através de entrevistas e outras fontes de informação.

O trabalho dos grupos responsáveis por este sub-tema tinha como objetivo:

- conhecimento das maneiras de obtenção de seus espaços para morarem;
- como construíram as primeiras casas;
- modelo arquitetônico de construção das casas- parte das casas.
- materiais utilizados na construção das casas;
- divisão das peças destas primeiras casas (espaços domésticos).

Os lotes rurais eram vendidos aos imigrantes pela Comissão de Terras e os preços variavam em decorrência da situação dos mesmos e dos recursos naturais de que dispunham, principalmente a água.

Para De Boni e Costa:

A variação de preços também era grande. A braça quadrada foi vendida, em média, por 3 réis, explicando-se as variações, como é fácil compreender, devido à qualidade da terra, sua situação e suas aguadas, ou à proximidade de uma vila.¹⁵

Registram os autores que a Comissão de Terras não possuía critérios bem definidos quanto à valoração dos lotes, determinando a revelia o preço dos mesmos, isso quando não praticava atos de corrupção, quando distante da fiscalização imperial.

As primeiras casas foram construídas de maneira improvisada devido à falta de material premidas pela necessidade de possuírem habitações para abrigarem suas famílias uma vez que muitas delas encontravam-se acampadas em barracas.

Conforme De Boni e Costa, as primeiras residências apresentavam as seguintes características arquitetônicas:

Escolhido o lugar para a residência, fazia-se a construção, cujo conjunto constava, geralmente, de casa, assim entendida a repartição para dormitório com ampla sala de entrada, que servia, esporadicamente, para cereais e, nas festas familiares de casamento, enterros, servia para receber as visitas, e a cozinha, como bloco à parte, geralmente distante alguns metros da casa, ou unida ao conjunto da casa por simples corredor.¹⁶

No tocante à improvisação das primeiras residências, ressaltam os autores:

As residências primitivas foram sendo construídas de tábuas rachadas, passando às tábuas serradas manualmente, numa forma de serraria artesanal e, finalmente, foram se estabelecendo as serrarias, aparecendo, assim, as casas de tábuas serradas em serraria. No início, muitos imigrantes, após seu estágio compulsório no barracão dos imigrantes, estabeleciam-se, em suas glebas, em residências improvisadas, aproveitando alguns as entradas das grutas de pedras, ou armavam casinhas improvisadas, cobertas até de lençóis, que foram frequentes, por ocasião da abertura das estradas, quando da divisão da própria gleba em terreno de cultivos, potreiro, área residencial. A distância em relação ao barracão de imigrantes, que sempre ficava na sede das colônias fazia com que os colonos optassem por improvisar o lugar da residência, voltando ao barracão só após alguns dias. Esta medida foi comum até que se construíram as residências mais definitivas.¹⁷

Numa aula-passeio há um ponto de referência histórica para a comunidade, no caso específico deste exercício, uma casa antiga, as lembranças de uma professora que já experimentou um espaço semelhante, confundem-se com a surpresa e admiração dos alunos em descobrirem espaços de residência bem distintos dos de suas experiências

Conforme a prof^a Vanda:

A gente saiu a passeio. Saímos para entrevistar um senhor da comunidade - Sr. Orestes Caliarí. Depois fomos visitar a antiga morada, da qual eu como professora, voltei aos 4 anos de idade porque morei em uma casa assim também.

No depoimento das professoras, o que mais impressionou-as e aos alunos na visita à casa foi o tamanho, as peças, o porão, os móveis. Ainda permanece tudo. O quarto dos tataravós, o armário, a cama, o colchão, os travesseiros, a cômoda. Tudo está intacto. O *farinel* estava no porão onde colocavam a farinha de milho e a farinha de trigo.

Ressalta a prof^a Vanda:

A dona da casa disse que querem desmanchar e fazer nova. Aí os nossos alunos disseram: Não, não, não desmanchem, isto aqui é patrimônio histórico.

Ela é feita de pedra e tijolos de barro.

Diz a dona que a primeira casa que construíram não foi no mesmo lugar na época que vieram os imigrantes mas ela tem mais de 100 anos. Ela ainda permanece com tudo original.

Em seu *Livro da Formação da Comunidade* a aluna Bárbara Manica registrou em texto as informações recebidas

As primeiras terras foram compradas com dinheiro e trabalho, os solteiros ganhavam o lote mas tinham uma prazo para casarem-se e para os já casados, começavam com o trabalho normal e suas primeiras casas foram construídas em mutirão usando as poucas ferramentas que tinham e assim sucessivamente, até todos terem suas casas elas eram feitas de taquara entrelaçadas com barro para as paredes e o telhado era feito de capim.

Aluna: Bárbara Manica-4ª série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Com relação ao estudo realizado nas classe das prof^{as} Janete e Ilete, o grupo que estudou este sub-tema registrou em seu *Livro da Comunidade*, com a auxílio dos professores e de pessoas entrevistadas, o seguinte texto:

Formação das Propriedades

Ao chegar aqui os primeiros moradores ganharam um lote de terra para começar a sua luta. Depois conforme as possibilidades foram comprando mais terras.

As primeiras casas eram construídas de pau a pique e cobertas de capim, com apenas uma porta.

Depois começaram a construir de pedras com barro amassado com os pés ou barro pisoteando o barro para formar a massa.

Eram cobertas de telhas feita de tábuas, pois eram mais seguras contra ataques dos animais ferozes.

Eram casa simples com poucas janelas e apenas uma porta, quarto para o casal e outro para os filhos, cozinha de chão batido, sem banheiro.

A divisão das peças era de taquara ou de paus retos, um encostado no outro, usando pedras, tábuas, barro, capim e taquara.

Alunos : Jéssica Mattei Giovanaz

Lediane Zenala Brandão

Anderson Mariani

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi



Figura 44

Aluno: Renan Felipe – 3ª série
Escola: E.E. Ângelo Chiamolera
Faria Lemos – Bento Gonçalves



Figura 45

Aluno: Maicon Bortolini - 3ª série
Escola: E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi

Para os alunos este é o valor da memória e da História porque eles não viveram “naqueles tempos”. No momento em que têm a possibilidade de entrar em contato com estes espaços que são registros históricos, mesmo com um simples berço ou outros móveis, eles, devidamente estimulados, soltam a imaginação e procuram compreender como se vivia em outro tempo neste mesmo espaço. Como viviam os seus ancestrais.

Grupo 4 - Sub-tema - A formação da comunidade (sociedade local)

Neste sub-tema, procurou-se estudar com os alunos os seus ascendentes, ligando-os com os imigrantes italianos, como forma de preservar nos alunos uma identidade familiar. Para tanto os alunos procuraram, com o apoio dos professores e familiares resgatar a genealogia de suas famílias e com isto inseri-las no conjunto das demais famílias formadoras da comunidade.

Foram enfocados neste sub-tema:

- os primeiros moradores da comunidade (primeiras famílias)
- locais onde se instalaram estas famílias;
- procedência das mesmas, de onde vieram;
- causas que motivaram a vinda destas famílias;
- como se deslocaram de seus locais de origem até a áreas onde se fixaram;
- estudo genealógico dos antecedentes dos alunos.

Conforme De Boni e Costa, os primeiros povoadores da região colonial italiana provinham do norte da Itália e ao aqui chegarem procuraram influenciar amigos e parentes para que para cá também viessem:

Examinando as regiões de proveniência, constata-se que o Vêneto, onde a crise era maior por volta de 1895, é que contribuiu com o contingente maior de imigrantes, provenientes sobretudo das províncias mistas Vicenza, Treviso e Verona, e da província montanhosa de Beluno, enquanto as províncias de planície, graças a industrialização incipiente, tiveram uma menor participação... Cremona, Mântua e a parte de Bréscia, próximas do Vêneto, forneceram grandes contingentes imigratórios, bem como Bérghamo. Província ao sopé dos Alpes.¹⁸

Complementam ou autores: *O Vêneto foi, pois, o epicentro da corrente imigratória italiana para as terras gaúchas.¹⁹*

Os alunos da professoras Vanda e Mara conjuntamente neste tema gerador e nos respectivos sub-temas, entrevistaram um senhor da comunidade que lhes forneceu subsídios para a construção dos textos que se encontram em seus livros de comunidade. Do livro de Morgana Andreola, extrai-se o texto abaixo:

No dia 16 de agosto quarta-feira, fomos visitar o senhor Orestes Cagliari que tem 77 anos de idade, para saber mais sobre antigamente. Pedimos a ele quais foram os primeiros moradores da nossa comunidade e disse que foram Maffei e Nicolodi.

As primeiras famílias foram instaladas nos lotes 1 e 2 onde hoje está instalado o Frigorífico Nicolini. O objetivo da vinda dos italianos da Itália para o Brasil foi porque lá não tinham terra nem comida, vieram para cá pensando em achar um tesouro mas foram enganados. De lá para cá vieram de barco e navios. Ao chegar tiveram que abrir piquetes no meio da mata.

As principais linhas de acesso a comunidade eram Azevedo Castro, Figueira de Mello e Linha Araripe.

Depois de instalados dividiram os lotes em 48 hectares cada um com 2.200 metros de comprimento e 220 metros de largura. Nossa comunidade tem esse nome porque havia um pé de figueira bem do lado do barracão dos imigrantes.

A repartição das terras foi assim, os solteiros ganhavam um lote mas tinham um prazo para casarem e pagarem estas terras.

Na hora de construir suas casas todos se ajudavam, pois as ferramentas eram poucas. As casas eram construídas com taquaras, com barro e capim para o telhado.

Aluna: Morgana Andreola

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Na Escola Estadual São Marcos as professoras Janete e Iliete, também realizaram trabalho conjunto com os alunos responsáveis pelo sub-tema.

Conforme a profª Iliete, a pesquisa teve a seguinte organização:

O nosso trabalho foi realizado. A gente organizou com eles um roteiro de perguntas para as crianças entrevistarem em casa os pais e as pessoas de mais idade que morassem com eles.

Depois em grupo eles foram entrevistar várias pessoas de mais idade sobre os imigrantes que vieram para cá. Então viu que as crianças diziam - eu sou teu primo. Eu sou teu parente por causa do meu bisavô que era o teu tataravô.

Eles ficaram entusiasmados e até se chamavam de primos.

Completa a profª Janete : *Queriam saber qual era o parentesco.*

Prossegue a profª Iliete:

Muitas vinham só com o nome do avô. Muitas nem sabiam o nome dos avós. A gente ajudou. Foi ligando para uma pessoa e para outra para ver se sabiam.

Nós conseguimos uns sete ou oito completos.

Surgiram muitos questionamentos entre as crianças, como que para um era bisavô e para outro era trisavô. Como que eu sou parente dele?

Complementa a profª Janete:

Isto é bom para começar a incrementar uma identidade familiar. coisa que foi esquecido. Não tem mais aquele convívio que nós tínhamos uma vez. Nós íamos para a roça e conversávamos com a mãe e com o pai e eles contavam.

Agora eles vem para a escola, os pais estão ocupados e eles vão para defronte da televisão.

Esta fala evidencia que havia num outro tempo, uma convivência mais próxima entre o mundo dos adultos com o das crianças. As famílias de antigamente estavam entre as primeiras gerações dos imigrantes nascidas no Brasil e com isso era mais fácil de identificar os parentes. Agora os familiares estão espalhados e o conhecimento mútuo é difícil. Os alunos estão na 5ª geração o que resulta numa dificuldade maior de identificar parentes e de estabelecer os elos de ligação

Complementa a profª Janete:

...eu chamo a atenção das crianças para isso. O tataravô tinha 10 a 20 filhos, o bisavô 15 e agora são 2

Eles acham muito interessante por que a gente questionou a construção dos núcleos familiares. Questionamos e imaginamos. Se nós agora voltássemos para viver como eles. Será que a gente conseguiria se virar como eles se viraram ? Ex. sobre viver à base pinhão.

É importante refletir sobre este depoimento da profª Janete pois desperta o sonho e a fantasia sobre o real. A história pode ser construída também no imaginário com os elementos disponíveis para caracterizar ou simbolizar uma outra época. Um outro tempo

Na escola Estadual São Marcos, os alunos em grupo entrevistaram moradores, e com as informações coletadas montaram o trabalho correspondente ao sub-tema que registraram no Livro de Formação da Comunidade.

Os primeiros moradores da comunidade de Marcorama foram as famílias Bortolini, Debiasi, Andreolla e Fachinelli. Eles partiram de Treviso e Vicenza da Itália.

Os descendentes diretos são as famílias de Lourenço e Judicta Fachinelli, onde tiveram dois filhos Daniel e Emília. A família de Martin Debiasi, Francisco e Rosa Maria Vagliatti Andreolla, Miguel Andreolla (tinha 12 anos), Angelo Bortolini

Os locais onde se instalaram as primeiras famílias moradoras de Marcorama foi um galpão onde mais tarde foram construídas pequenas casas em comunitária.

Eles vieram de barco à vela da Itália rumo ao Brasil, na esperança de melhores condições de vida.

A viagem foi muito cansativa. Chegaram em Porto Alegre e foram alojados num barracão onde seguiram de barco até Montenegro e a pé até seu destino passando por muitas necessidades, sacrifícios. Por vários meses saciaram a fome com caçadas e comendo pinhão.

Alunos: Luana Villa

Tatiane Fachinelli

Felipe Locatelli

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Os alunos acrescentaram no sub-tema documentos Registro de Casamento de Angelo Miguel Andreolla com Irene Adelaide Costi em 14 de janeiro de 1933. A certidão de batismo de Angelo Miguel Andreolla no dia 4 de maio de 1908. Escritura pública do lote nº 27 da Linha Figueira de Melo de propriedade do Sr. Angelo Andreolla e Dona Irges Costi Andreolla, Certidão de compra de Terra de 25 de setembro de 1913, que foram mostrados, lidos e discutidos em sala de aula.

O contato dos alunos com documentos históricos é muito importante para que constatem na realidade o que os “mais velhos” lhes informam. O manuseio de documentos pode revelar aspectos interessantes da vida na comunidade.

No tocante à formação da sociedade local os professores de Faria Lemos, com seus alunos, também organizaram estudos e pesquisas neste sentido.

Conforme relato do prof. Carlos:

O objetivo maior deste trabalho foi situar os tópicos estudados numa visão maior, Faria Lemos na verdade, em sua história, os aspectos históricos da própria História, geográficos e que a gente possa amar a nossa terra.

A gente conversou bastante sobre o distrito e o que nós temos aqui e que temos que preservar e gostar de nossa terra. Antes do trabalho em si nós demos uma visão geral do que é a História. Logo em seguida nos reunimos em grupos. Eles fizeram uma maquete com o mapa de Faria Lemos mais ou menos delimitado. Eles colocaram a legenda, os limites, os pontos cardeais. Tudo para que eles pudessem localizar o distrito de Faria Lemos. Tudo com sucata.

Logo em seguida nós fornecemos então material para pesquisa sobre a história de Faria Lemos. Desde quando surgiu.

Eles puderam fazer resumo com o material que se forneceu através de folhetos, periódicos, livros, etc. Eles se reuniram em grupos de dois ou três elementos.

Fizeram a pesquisa em grupos sobre a história de Faria Lemos para ampliar um pouco mais o conhecimento básico que eles tinham. Até eu, no caso que não morava aqui, não sou daqui, sou de outro lugar. Até eu aprendi muita coisa em termos de localização de Faria Lemos.

Complementa a prof^a Nelci: *Mesmo eu que sou daqui muita coisa em não sabia.*

Num trabalho associativo que envolve professores, alunos e comunidade, muita coisa é aprendida com todos. O saber não é exclusividade dos professores, dos livros ou das escolas, o saber do povo, a memória popular, muito contribui para a construção de um saber coletivo.

Os professores, ao se valerem de pesquisas com seus alunos, ao invés do texto pronto e acabado, passam a conhecer outros aspectos da vida e da história de sua comunidade ou da que atuam. Um saber que não se esgota numa única pesquisa, mas que se reconstrói, renova ou complementa a cada novo estudo.

Ainda de acordo com o prof. Carlos:

...logo em seguida eles fizeram um trabalho, o resumo, e fizeram um texto sobre isto. Eles fizeram desenhos porque nós não tínhamos muitas imagens sobre antiguidade e aí aproveitaram a torre da igreja, o desenho da própria igreja, do salão, coisas que caracterizam o distrito.

Nós aproveitamos também, além deste material a vinda do Sr. Tesser na escola, que é pai de uma professora da escola.

Ele é um senhor de 79 anos e ele veio na escola.

As crianças se reuniram na biblioteca e foi feito questionamentos sobre a história de Faria Lemos desde quando ele era criança. Sobre a história relacionada com a escola. A história como um todo de Faria Lemos e foi filmado o que ele nos colocou.

Aquilo enriquecer o trabalho deles pois eles puderam acrescentar mais elementos ao texto deles. Além do resumo, a entrevista. Muitas crianças fizeram perguntas relacionadas a Faria Lemos e ele foi respondendo.

Um senhor de muito conhecimento sobre a história de Faria Lemos pois vivenciou e sempre viveu aqui

(...)

Foi um trabalho muito rico porque eles puderam ter uma visão do todo, do que é a comunidade. Assim tendo Faria Lemos como ponto de partida creio que podemos compreender melhor as outras regiões também de Bento Gonçalves.

Pelo nível deles, 2ª e 3ª séries foi um trabalho que realmente eu maior conhecimento e compreensão do meio.

Concluindo o trabalho a gente fez um seminário. Fizemos um mesa redonda e eles puderam expor oralmente o trabalho.

Registra ainda a profª Nelci:

Uma menina me colocou: 'Profe eu tenho tanta coisa para falar sobre Faria Lemos que eu aprendi que acho que não vou falar tudo. Eu acho que vou levar toda a tarde.

Eu vou ocupar o tempo dos outros, mas eu tenho um monte de coisas para falar.'

Este último depoimento da profª Nelci revela o quanto o Estudo do Meio contribui para uma aprendizagem participante. Os seminários introduzidos nas séries iniciais tornaram-se a grande atração do curso, chegando a um ponto em que os alunos solicitam a realização de trabalhos em seminários para todos os conteúdos.

Registre-se a grande contribuição da pedagogia de Freinet para um estudo da comunidade neste porte. Ao invés de se aterem a copiar textos previamente elaborados ou responderam questionários de forma mecânica, os alunos, de forma associativa, em grupos, buscam soluções para os desafios que lhes são colocados. Cada ficha de trabalho, cada sub-tema, constitui num novo desafio e um incentivo para buscar informações e concluírem em grupo. Os seminários representam a forma complementar do trabalho onde cada aluno ou cada grupo contribui com suas descobertas para a construção coletiva de um saber que pertence a todos.

Conforme o texto elaborado pela aluna Mariana e que consta em seu *Livro do distrito de Faria Lemos*.

Os primeiros moradores de Faria Lemos vieram de Treviso e do Tirol. As famílias mais antigas são: Emberle, Tesser, forti, Cristófoli, Dacatti, Poletto, Callegari, Chiamolera, Bufon, Fronza, Petroli. Inicialmente foi denominado Monte Rosário só depois vindo o atual nome.

Os primeiros que vieram os tirolezes. Eles começaram plantando milho, trigo, só depois vindo a uva.

Eles demoraram 40 dias para vir para cá de navio.

Quando chegaram no Brasil, vieram para Carlos Barbosa, de lá vieram morar aqui em Faria Lemos. Eram 1012 famílias cada um escolhia uma colônia. As primeiras casas eram feitas de taquara, de coqueiros.

Foi em 31 de janeiro de 1925 que o intendente João Batista Pianco criou o distrito de Faria Lemos. Neffre Teixeira foi o sub-prefeito de Faria Lemos até 1928, sendo substituído por Luiz Tesser que permaneceu até 1956.

Quando Luiz Piazzeta assumiu em 1960 foi nomeado José Melo que ficou até 1964.

Entre os que vieram depois destacamos : Teodoro Antonioli, Valentin Cusin, Leonel Capitâneo, Alfieri Tesser entre outros.

Logo que os imigrantes chegaram, construíram uma pequena igreja de madeira, adotando como padroeira N. sr^a do Rosário. Faria Lemos passou a ser sede da paróquia em 1894, até então o padre residia na Linha Alcântara.

Faria Lemos certamente, foi um dos primeiros distritos a ter escola. No dia 3 de junho de 1941 criou-se o Grupo Escolar de Faria Lemos, depois G. e. Madre Augusta e atualmente E.E. de 1º Grau Ângelo Chiamolera, em homenagem a um professor que veio lecionar e foi nomeado.

Nossa comunidade tem 125 anos. Hoje ela é composta por 155 famílias, sendo 72 de agricultores, 18 famílias de trabalhadores autônomos, etc.

Dos imigrantes italianos que por esta terra passaram, deixaram semente que germinaram e delas bons frutos se colheu. Faria lemos é um exemplo desta determinação e força dos imigrantes. Fundada em 1876 não parou de crescer desde então e hoje serve como exemplo de distrito de Bento Gonçalves.

Aluna: Mariana-3ª série

Escola: E.E. Angelo Chiamolera

Faria Lemos- Bento Gonçalves

Segundo os professores Carlos e Nelci, os alunos extraíram informações de livros, periódicos e folhetos e complementaram-nos com as informações do Sr. Tesser.

Cabe ressaltar que neste trabalho e no de outras escolas, os alunos, apesar de manusearem os mesmos dados e transcreveram as mesmas informações coletadas nas entrevistas e pesquisas, redigem textos de forma diferenciada, o que enriquece os seminários. Na impossibilidade de transcrevê-los todos para posteriormente fazer um estudo comparativo, optei por registrar sempre os que trazem um maior número de informações procurando contemplar a todos os grupos.

Grupo 5 - Sub-tema - A formação religiosa da comunidade

A religião consistiu para os imigrantes e seus descendentes num dos principais traços de identidade. Para os italianos foi a fé a força extraordinária que lhes permitiu suportar as adversidades. A oração reunia a família e a comunidade.

Conforme De Boni e Costa, a religiosidade está vinculada ao tipo de colono e sua procedência da Itália. Para os autores:

O abalo sofrido pelos imigrantes atinge todo seu mundo cultural, no qual se inclui também a religião. No caso da imigração Italiana no Rio Grande do Sul - como aliás de grande parte da imigração européia no século passado -, tratava-se de pessoas provenientes de um meio agrário, como uma cosmo- visão sacral; para eles, pois, o fator religioso era muito mais relevante do que para os indivíduos de ambientes urbanos secularizados de nosso tempo.²⁰

A relação espacial dos imigrantes assentados nas colônias também caracterizou as relações sociais e com isso as expressões de religiosidade. O espaço social coletivo girava em torno da capela.

Conforme o autores:

O sistema de colonização empregado pelo governo brasileiro colocava os imigrantes em lotes rurais, e não em pequenos povoados, como na Itália. Cada colônia, assim estava previsto, contava com um ou mais vilarejos, que deveriam ser o centro sócio-econômico. A realidade, porém, seguiu um rumo algo diverso. Os centros haveriam de desenvolver-se, mas o pólo imediato de convergência, a nível de relações primárias, haveria de ser o travessão - ou linha -, com vida social girando ao redor da capela.²¹

As orações foram motivo de integração não somente no âmbito familiar como nas relações vicinais quando aos domingos reuniam-se para rezar e falar da pátria distante. Nos primeiros tempos os locais poderiam ser os mais diversos, desde as casas até árvores ou grutas onde colocavam as imagens dos santos protetores. A relação social estabelecida em torno da oração fortalecia-os e dava-lhes força para vencer nas condições que se lhes apresentava.

Para De Boni e Costa, *Iniciava-se assim, em torno da religião, a reconstrução do mundo cultural do imigrante.²²*

Aos poucos, na medida em que as posses permitiam, as famílias foram definindo os espaços de práticas religiosas, desde os pequenos capitéis ao longo das linhas ao erguimento das pequenas capelas. Cada prédio representava uma conquista enchendo de orgulho a comunidade circundante, uma vez que as construções resultavam de esforço e participação comunitária.

Registram neste sentido os autores:

Cada linha - ou travessão - sentia-se obrigada a construir seu pequeno templo. Não tê-lo equivalia a reconhecer-se como inferior aos vizinhos. Daí a multiplicação, por vezes aparentemente desnecessária, das construções, em certos casos erigidas apesar da oposição formal da autoridade religiosa.²³

Para que os alunos possam compreender melhor a formação religiosa da comunidade, o espaço religioso ou a história das manifestações religiosas, o Estudo do Meio propõe estudos e pesquisas que procurem reconstruir, na linguagem das crianças, a trajetória de construção de espaços para a manifestação coletiva de sua fé.

O estudo proposto neste sub-tema tem como enfoque:

- compreender como procediam para realizar os primeiros atos religiosos: orações, missas, batizados, casamentos, encomendações e sepultamentos;
- identificar os locais onde realizavam estes atos religiosos;
- conhecer a importância da construção de capitéis e os capitéis ainda existentes;
- conhecer a história da construção das igrejas e capelas e a participação da comunidade nestas construções.

Os alunos da prof^a Mara pesquisaram na comunidade o surgimento dos locais de práticas de orações e dos cultos religiosos. Sublinha a professora:

O sr. Orestes contou a história do capitel. As crianças estavam bem atentas. Nós montamos uma entrevista onde as crianças perguntavam e nós também. As crianças não conseguiam anotar tudo e nós anotávamos também e na sala de aula nós discutimos.

Os alunos das professoras Janete e Iliete, responsáveis por este sub-tema, procuraram obter informações entre seus parentes e outras pessoas na comunidade e com isso montaram o texto que segue, além do mapa de distribuição dos capitéis.

Lembrando das recordações do vigário da Itália e antigos costumes de seus pais, no próprio terreno construíram uma igreja (hoje capitel de Santo Antônio) onde era rezado o rosário, sua oração predileta.

Mais tarde foi construída a igreja São Marcos. O padre rezava o terço em italiano. Na igreja tinha uma pia onde eram realizados os batizados.

Os casamentos eram realizados de manhã, antes de ir para a igreja, os convidados tomavam café e comiam doces na casa da noiva. Logo após o noivo ia buscar a noiva a cavalo e se realizava o casamento.

Os capitéis eram construídos de madeira e era colocado santos de devoção das pessoas, sendo que hoje temos cinco capitéis na nossa comunidade.

Alunos: Helena M. v. Borstel

William Biando

Gerson Delazzeri

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

No *Livro de Formação da Comunidade* da E.E. São Marcos constam, além do texto sobre a construção de igrejas e capitéis, reproduções de fotos de momentos importantes na vida da comunidade. São fotos de casamentos, festas, enterros, inauguração de igreja. As fotos foram reproduzidas em xerox pois as crianças e os professores sabem da importância que representam como registro da história local.

Os alunos estudaram a história da construção de alguns capitéis, conforme foi registrado em suas pesquisas.

Capitel de São Paulo

Os santos que existem nele são: São Paulo, Nossa Senhora de Caravaggio e Nossa Senhora de Salette.

Foi construído por volta de 1950 pelo senhor Eduardo Fachinelli, foi uma promessa para sua filha Ana que foi picada por uma cobra e a menina começou a sentir mal, e como não sabiam porque levaram para o hospital, só que os médicos não sabiam o que fazer que tinha sido uma cobra que picou.

Disseram que não tinha mais o que fazer e mandaram a menina para casa.

Então chegou o padre Afonso e falou ao Eduardo para fizesse uma promessa para construir um capitel. Logo após a benção do padre apareceu um sinal: a perna da menina ficou com a cor da cobra. Daí o médico descobriram e começaram o tratamento e a melhora foi rápida. Assim é a história deste capitel.

Capitel de Santo Antônio

Este capitel existe há muito tempo., foi a primeira igrejinha dos imigrantes, era de madeira onde os santos eram originais, o Santo Antônio veio da Itália.

Após foi o senhor Antônio Bortolini quem o construiu e mais tarde seu filho Avelino Bortolini. Também tem os santos Nossa Senhora de Assunta (foi roubada), sagrado Coração de Jesus.

Capitel de São Cristóvão

Foi construído em 10 de maio de 1993 pela senhora Avelina Bortolini Fontana, pela sua saúde e era um sonho dela.

Os santos são: São Cristóvão, Santa Lúcia, Menino Jesus de Praga, Nossa Senhora de Fátima, São José e São Roque.

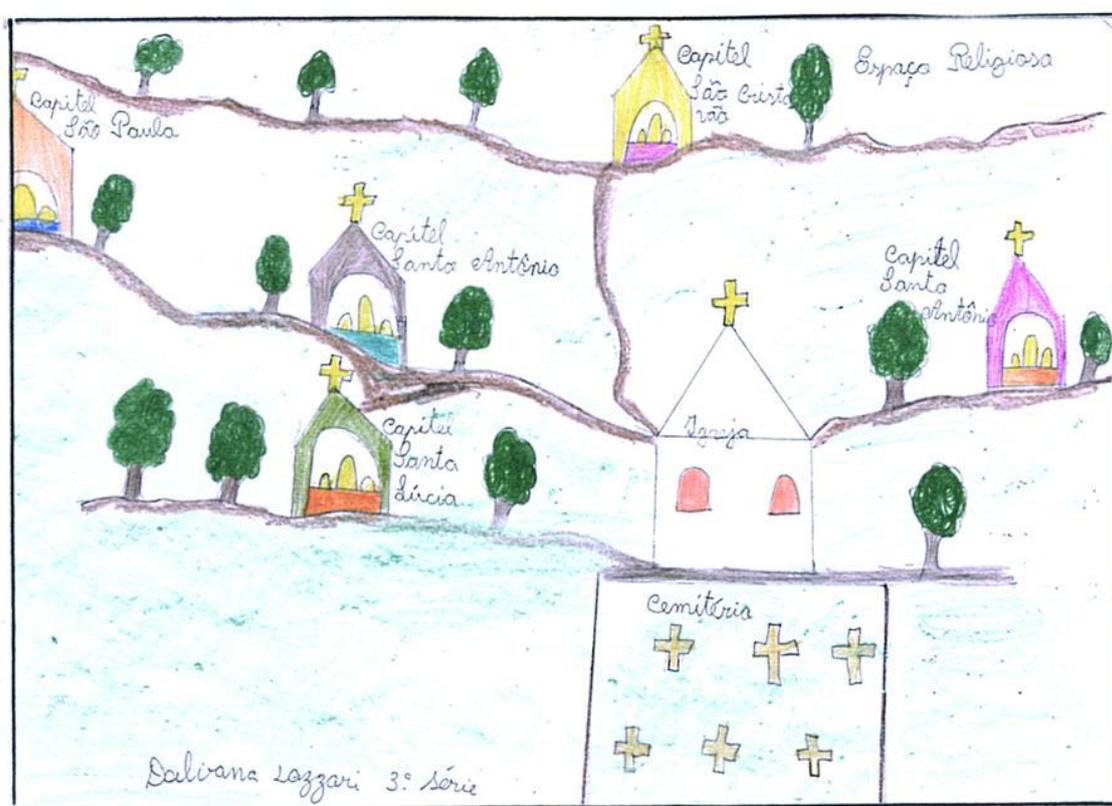


Figura 46

Aluna: Dalvana Lazzari- 3ª série
Escola: E.E. São Marcos
Marcorama – Garibaldi

Como podemos perceber nos textos dos alunos, os capitéis erguidos pelas famílias resultam de promessas a santos de sua devoção. No primeiro caso transcrito pelos alunos, na construção, mesmo recente, ainda persiste esse catolicismo rural como registram os textos de De Boni e Costa.

Os alunos anexaram a seu livro uma cópia da Ladainha de Nossa Senhora, como exemplo das orações presentes entre as famílias da comunidade. A ladainha aparece tanto em Latim como em Português, uma vez que antigamente a mesma era rezada nesta primeira língua citada.

Além da ladainha os alunos acrescentaram outras orações rezadas em italiano e ainda recitadas pelos seus avós.

Ave Maria

*Ave Maria gracia pena domeno steca benedeto tu mulher eramus
benedeto fruto ventre Jesu.
Santa Maria madre de dio prega pernoi peccatori até nora de nostra morte.
Amem.*

O dolce nome

*O dolce nome - Maria Maria
speme e conforto dela alma mia
col cuor sul labra - fim que viva
o dolce nome - te invadero*

*Anjoletto companheto companheme em mio leto
com Jesu e Maria. Tuti angeli em compania.*

Na comunidade de Faria Lemos os alunos de 4^a e 5^a série, trabalhando em grupos diferentes, mas agrupados em torno deste sub-tema realizaram um trabalho de pesquisa que envolveu o clero local.

No relato das professoras Lúcia e Maria que acompanharam seus alunos, uma atividade que no início parecia corriqueira alcançou uma dimensão bem maior que esperado inicialmente, na medida em que os alunos e professores foram se envolvendo com ela.

Conforme o relato das professoras:

Nós escolhemos trabalhar o espaço religioso. Achamos que era bom vermos primeiro o que é comunidade. Então perguntamos para eles como eu me localizo na comunidade. Eles escreveram individualmente. Eles relataram. Foi muito interessante isso. Depois, o que é comunidade. Também relataram. Isso foi muito interessante pois apareceram idéias lindíssimas sobre comunidade. Os nossos alunos de 10 anos estão muito bem localizados na nossa comunidade. Eles gostam da comunidade onde moram. Foi uma surpresa porque eles gostam daqui. Acham bonito esta espaço e vibram pela comunidade. (Profª Lúcia)

A este respeito, complementa a profª Maria:

Inclusive eles disseram que se sentem parte da comunidade. Eles não se sentem uma coisa a parte. Eles se sentem integrados na comunidade. Foram respostas do tipo. A gente tem que unir para conseguir algo na comunidade. Que uma comunidade só cresce se todo mundo lutar por ela.

É em momentos como este que o Estudo do Meio preconiza o Estudo do Meio político, como forma de discutir a cidadania, ao levantar questões relacionadas com a percepção dos alunos com relação ao meio em que vivem.

Prossegue a profª Lúcia com seu depoimento:

Entrou vários aspectos políticos, lazer, educação. Falar em comunidade é a vida social. Foi muito bonito isso. Depois nós partimos para as cerimônias religiosas, então dividimos em três grupos. Primeiro se fez todo este trabalho de pesquisa de campo, de entrevistas. Eles voltaram para a sala de aula, nos reunimos e cada grupo formulou suas questões. O que eles gostariam de saber. Eram três assuntos diferentes. Cada grupo foi trabalhar aquele assunto, foram pesquisando com algumas pessoas. Quando eles voltaram, cada grupo individualmente expos o que tinham coletado nas entrevistas. Formularam textos sobre cada tema.

Complementa a profª Maria:

Como os dados dos alunos nem sempre fecham com outras informações de parentes das professoras, estas pesquisaram nos livros da paróquia. Lá tem o Livro Tombo da paróquia.

Ainda a profª Lúcia:

As pessoas de mais idade não tinham tanta certeza. Não conseguiam muita coisa. Os próprios alunos que tem avós já velhinhos, eles conseguiam pouca coisa até sobre cerimônias. Nós pedíamos que eles na medida em que iam fazendo, que eles lessem em casa para os familiares.

*Eles iam lendo e as famílias ficavam contentes.
Muita gente ficou sabendo de coisa que não sabia.
Eu acho que este trabalho foi muito interessante porque resgatou a nossa história que estava aí para ser contada.*

Completa a prof^a Maria: *Conforme os alunos, teve vovó e vovô que choraram quando eles leram o trabalho.*

Grupo 6 - Sub-tema - A educação na comunidade.

A escolha deste sub-tema teve como objetivos conhecer e estudar:

- as formas como os imigrantes e seus descendentes estudavam;
- a construção das primeiras sala de aula e escolas;
- o que se ensinava nas escolas antigamente.

A escola, nos primeiros tempos na região colonial não teve a mesma expressão que a que foi obtida na região alemã onde o pastor e o professor assumiam papel de destaque na comunidade.

Conforme De Boni e Costa:

Muitas escolas no interior foram, de início, scuole serale, aulas noturnas, ministradas em casa, geralmente durante o inverno, por um colono um pouco mais instruído. Mais tarde, passaram ao âmbito de ação da capela, mas sempre lutando contra toda a espécie de dificuldades, desde a falta de material até o desinteresse da comunidade.²⁴

Para os mesmos autores, a escola apresentava-se deficiente, sem uma ação contínua muitas vezes interrompida pelo trabalho na lavoura; com alunos desmotivados e uma comunidade apática, além da pouca qualificação de alguns professores. Quando a frequentavam, geralmente ficavam o período necessário para aprender a ler, escrever e contar, uma vez que o resto necessário para a sobrevivência a vida se encarregaria de ensinar.

Ainda conforme os autores:

Acontece que o colono não sabia, propriamente, o que fazer com a escola. Interessava-lhe a Igreja, centro de reorganização do mundo cultural, não a escola com suas noções teóricas alienadas. E não havia elo de união entre Igreja e escola. Em 1924 havia na Colônia Italiana 950 igrejas (250 em alvenaria) e somente 57 escolas anexas às igrejas e capelas.²⁵

O depoimento da prof^a Vanda ao relatar a experiência de pesquisa com seus alunos neste sub-tema, confirma as citações acima. Conforme a prof^a Vanda:

A questão da escola que o Sr. Orestes colocou. A escola era dada como a última coisa. Iam uns irmãos hoje, amanhã ia outro, mas não ficavam o período todo na escola porque tinham que voltar para casa para levar os animais para a pastagem. Quando iam para a escola levavam os animais e depois voltavam. Tal hora teriam que pegar. Os mais velhos tinham que levar comida nos cestos para a roça. Para o pessoal que trabalhava na lavoura e que era muito longe e então não voltavam para a casa.

O texto do aluno Mateus Rafaelli em seu *Livro da Formação da Sociedade Local*, no estudo que trata sobre a primeira escola de São Roque registra:

A primeira escola servia à comunidade, também como salão comunitário, era de madeira e com patente. O primeiro local foi entre os lotes 1 e 2 hoje atual Frigorífico Nicolini com o nome de Escola Rural Ernesto Dornelles e outra próxima à nossa escola com o nome de Escola Rural Vitor Meireles.

*Aluno: Mateus Rafaelli-3ª série
Escola: E.M. vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

O estudo realizado na comunidade de Marcorama, pelos alunos da Escola Estadual São Roque também registra o estudo sobre a criação das primeiras escolas na comunidade.

A primeira escola se localizava perto da igreja atual, era feita de madeira e bem pequena.

Nos primeiros tempos não tinha cadernos, eles escreviam em uma tabela preta, após apagavam tudo. O que eles aprendiam na escola tinham que gravar na cabeça. Não tinham merenda escolar. Levavam os materiais escolares numa sacola plástica. Havia alguns professores que com o cavalo se deslocavam até as escolas onde ensinavam em dialeto italiano.

*Alunos: Lucas André Debiasi- 1ª série
Giovana Giovanaz - 3ª série
Danimara Cardoso da Silva - 4ª série
Escola; E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi*

Obs: A palavra **sacola** está modernamente associada ao plástico. Para os alunos fica difícil imaginar um outro tipo de sacola utilizada a não ser que ainda existam as antigas sacolas de tecido também conhecidas, em algumas regiões como *bornal* ou *embornal*.

O livro dos alunos traz ainda reproduções de várias fotografias de escolas e de grupos de alunos que eles obtiveram junto à comunidade.

Para a prof^a Maritânia, de Faria Lemos, trabalhar com a escola, como pesquisa, é bem mais fácil por ser mais próximo da realidade deles:

Nós começamos com a entrevista, direcionando para o estudo da escola. Aí, eles foram montando o livrinho da escola.

Eles fizeram votação e escolheram o nome do livrinho.

Foram montando a história da escola em Faria Lemos.

A primeira escola, a localização onde que ela se situa agora. A Segunda escola.

Em grupos eles montaram o texto da entrevista sobre a escola. Fizeram os desenhos.

Observaram uma foto aérea onde aparece os três prédios. Os das escolas anteriores e o da atual escola em construção na época.

Tudo está no livrinho. Eles fizeram o texto.

Observaram uma fotografia que foi reproduzida em Xerox e que está no livrinho deles. Observaram as pessoas, o local onde a foto foi feita, as roupas e uniformes, a presença de muitos homens e apenas uma mulher na foto.

As informações coletadas pelos alunos e que constam dos livros da *Nossa Escola*, estão representadas por quatro relatos, sob o título de *Textos que Montamos*:

As Coisas Antigas

A pedra era onde os alunos escreviam e os lápis eles colocavam no buraco da taquara e as classes pareciam bancos de igreja e os alunos eram na mesma sala e eles estudavam até o quinto livro e quando o professor faltava e os filhos iam dar aula no lugar do pai, e a primeira escola era ali onde mora o Antônio Petrolí, e a Segunda escola era ali na subprefeitura, e a terceira aqui onde nós estudamos.

Alunos: Tiago, Angélica, Jean e Maria- 1ª série

Escola: E. e Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves

O segundo texto se refere a uma entrevista que os alunos realizaram:

As Coisas Antigas

O Teobaldo Antônio Tesser de 80 anos veio conversar com os alunos. Ele disse que o estojo era uma taquara grossa o lápis era um giz e eles escreviam numa pedra. Eles iam vender lenha também tinha uma fábrica de queijo e as casas era de madeira em Faria Lemos. No recreio eles brincavam de pé no chão e a merenda era pão e marmelada e a professora era braba e os pais surravam e a sala de aula era um banco e uma mesa bem grande. Os alunos limpavam a sala.

Alunos: Anderson, Odair e Morgana- 1ª série

Escola : E. E. Ângelo Chiamolera

Faria lemos - Bento Gonçalves

O terceiro texto acrescenta outros dados aos dois anteriores.

As Coisas Antigas

O papel era uma pedra, o estojo era uma taquara, os lápis eram pequeninos.

Antigamente todos tinham fé.

Os alunos vinham a pé para a escola e sem calçados, os bancos da escola eram de madeira e grudados os alunos sentavam todos juntos.

O professor Ângelo Chiamolera foi o primeiro professor de português aqui em Faria Lemos, ele era sabido.

A escola era antiga e as coisas eram antigas.

Alunos: Jéssica, Adriano e Vinícius - 1ª série

Escola : E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos- Bento Gonçalves

O último texto apresenta outros detalhes.

A Escola Antiga

Hoje o Teobaldo Tesser contou o que todas as séries perguntaram.

Ele contou que eles iam a escola de pé no chão.

Eles tinham o caderno que era um pedaço de madeira e uma pedra.

O estojo era de taquara grossa.

A primeira escola de Faria Lemos já era de material agora é a casa do Antônio Petrolí.

Eles apagavam a pedra com um pano.

O professor Ângelo Chiamolera era muito severo.

Alunos: Laís, André, Adriana e Fábio-1ª série

Escola: E.E. Ângelo Chiamolera

Faria Lemos - Bento Gonçalves.

No *Livro* constam, ainda, fotografias e desenhos variados das escolas antigas pesquisadas pelos alunos. É importante salientar que estes livros, assim como os demais produzidos nesse ano nas escolas e que irão permanecer nas mesmas, registram a passagem dos alunos pelas mesmas e sua contribuição para a montagem da história da comunidade.

Complementa a prof^a Maritânia:

Este tipo de trabalho é bom porque eles desenvolveram bastante a oralidade.

Saber ouvir e aproveitar a idéia do grupo. Com este trabalho eles desenvolveram mais este lado.

Antes era a minha opinião que vale. Agora não. Agora eles vêm o que cada um pode contribuir.

Conforme o depoimento da prof^a Maritânia, o Estudo do Meio, ao priorizar as atividades em grupo inspiradas nas propostas de Freinet, procura estimular a cooperação entre os alunos ao invés das atividades apenas individuais conforme muitas vezes a escola apresenta. Socializar as atividades em grupo é atribuir responsabilidades, estimular a ação participativa e cooperativa, desenvolver o espírito crítico através da troca de informações e da discussão e, principalmente, como ressalta a professora, educá-los para ouvir o outro e aceitar as opiniões divergentes.

8.2 - A Cultura do Meio - outras manifestações

Os elementos culturais sempre estiveram presentes durante este estudo, desde o momento que os professores deram início ao conhecimento das relações espaciais e da cultura que perpassa as atividades realizadas no meio natural. O estudo que segue e que conclui as atividades relativas à pesquisa, procura complementar com elementos da cultura local, relacionando-os com alguns hábitos e costumes que prestam identidade e visibilidade à cultura da região colonial italiana.

São elementos simbólicos, que se transformaram ao longo do processo histórico, mas que, de alguma maneira, fazem parte do cotidiano desses grupos, por se tratarem, na maioria das vezes, de questões comportamentais e como tal, sujeitas a interferência e modificações por sucessivas gerações. Não se trata aqui de folclorizar essas manifestações, mas registrar com as crianças, alguns hábitos que ainda povoam a memória dos *nonnos* e *nonnas*. Despertar a curiosidade das crianças para uma outra maneira de viver no mesmo espaço.

Na abordagem prática desta questão, os aspectos estudados foram divididos em subtemas geradores para que cada um deles obtivesse um tratamento diferenciado. Como nos demais tópicos, também aqui os alunos trabalharam em equipes e montaram seus textos e outras linguagens. Os trabalhos foram reunidos em “Livros de Comunidade” contemplando os diferentes itens.

Conforme a prof^a Janete:

Realizamos, como nas outras vezes, entrevistas e pesquisas. A gente foi visitar algumas pessoas da comunidade. Outras a gente pediu para as crianças juntas, em grupinhos ou individual. Eles foram entrevistar também. Depois juntaram os questionários e elaboraram os textos e desenhos.

Grupo 1 - Sub-tema - Hábitos Alimentares

Para a concretização deste estudo foram propostos os seguintes objetivos. Estudar e conhecer:

- os alimentos mais comuns utilizados hoje e antigamente;
- as principais refeições dos imigrantes e seus descendentes- hoje e antigamente;
- preparo dos alimentos mais comuns - hoje e antigamente;
- utensílios domésticos utilizados;
- importância da colazione.

Para Oro,

Os descendentes de italianos também manifestam sua identidade étnica mediante a reprodução de uma culinária própria, em parte trazida pelos imigrantes e em parte construída em solo gaúcho. Trata-se de um receituário considerado pela sociedade envolvente como típico da Região da Serra, portanto italiano, que se põe a mesa, no cotidiano de seus habitantes, e especialmente em momentos festivos das comunidades locais, sopa de agnolini, massas, carne lessa, polenta, galeto, salame, radici, pães, queijos, doces tudo consumido com vinho de produção local. A abundância desses elementos e do vinho, postos sobre longas mesas nos salões paroquiais ou nos pavilhões e consumidos por ocasião de eventos festivos, são reconhecidos, tanto pela sociedade local quanto pela sociedade externa, como importantes símbolos de identificação étnica italiana.²⁶

Conforme De Boni e Costa, a alimentação dos imigrantes italianos sofreu modificações ao se fixarem em nosso solo. Alimentos foram sendo substituídos ao aqui chegarem motivados pela falta dos originais, outros foram acrescentados, outros foram *inventados* por terem sido extraídos da flora e fauna local. Para os autores:

Também na alimentação transparecem as mudanças de costumes que se processaram ante a nova realidade. O imigrante trouxe da pátria um conceito de cardápio de rico e de cardápio de pobre.

O que era mais comum na Itália, como polenta, salame, queijo e carne de porco, tornou-se aqui o prato do dia-a-dia, e a comida do pobre. O que era menos comum, como

massas, pão, risoto, carne de gado e de frango, passou a integrar a refeição social e o prato dominical

Quanto às hortaliças, inúmeras culturas da Itália tornaram-se raras ou desapareceram por falta de sementes, mantendo-se outras como a couve e, principalmente o radici.

Alimentos da região foram integrados ao cardápio, como o pinhão, a batata-doce e o feijão preto.

A facilidade de ter uma vaca na propriedade permitiu um grande consumo de leite.

Desde os primeiros tempos, cultivaram-se videiras, o que facilitou ao imigrante manter seu costume de tomar vinho nas refeições...²⁷

Conforme pesquisas de De Boni e Costa, as refeições nos primeiros tempos dos imigrantes eram preparadas num modelo muito próprio de fogão doméstico, denominado de *fogolaro*, *focolaro*, ou mesmo *focoler*, que consistia num quadrado de madeira, preenchido com terra batida, onde se fazia o fogo. As panelas eram suspensas por correntes chamada de *cadene*, muitas delas trazidas da Itália. Ganchos especiais graduavam a altura das argolas das correntes aproximando ou afastando a panela das chamas.²⁸

Para os autores as refeições estavam relacionadas ao desgaste físico exigido no trabalho da lavoura:

Quando os trabalhos eram muitos, o dia começava com o simples levantar, lavar o rosto e seguir para o trabalho. Pelas nove horas era servido, na colônia, o café da manhã que, geralmente, constava de polenta grelhada, salame, queijos, ovos, vinho... Ao meio-dia, a refeição constava basicamente de sopa de feijão, raramente pão, polenta... Em geral a sopa era reforçada com massas (taiadele ou fedelini: massas cortadas a mão), para ficar um prato reforçado e não serem necessários outros pratos... No período mais quente de verão, após o repouso da tarde, era servido um merendim às quatro horas, mais simples e leve que o merendim ou colazione que era servido com o café da manhã.

A janta (la cena) era a refeição mais bem preparada e mais forte. Geralmente se preparava uma polenta nova, cuja sobra servia para o café da manhã ou, eventualmente, nas visitas, também para o almoço do dia seguinte. À janta, a polenta nova era servida com carnes em molho, salame frito, queijo frito, radici com tempero especial chamado el pesto: conjunto toucinho, cebolinha, salsa, tudo na padela- frigideira e com bom vinagre de vinho para temperar o radici(almeirão de horta caseira ou tarraxaco dente de leão de roça).²⁹

Ainda em conformidade com os autores, a janta era o momento em que se discutia o trabalho e programavam novas atividades sendo, pois, o momento principal para as famílias. Culminando com as atividades de lavagem das louças e a oração.

Na abordagem prática, os professores relataram como desenvolveram o sub-tema com seus alunos.

Conforme foi constatado pela prof^a Iliete com seus alunos:

O pessoal ia para a roça bem cedinho. Por volta das oito ou oito e trinta, alguém ia para a roça com a colazione. Uma cesta com pão, chimia, café, salame, queijo, etc...

Complementa a prof^a Janete :

Depende dos costumes das famílias. Tem uns que tomavam café em casa, só depois levavam comida e vinho, tem outros que tomavam café preto e só depois tomavam café e leite na colazione. Depende da tradição das famílias.

Ainda de acordo com a prof^a Iliete:

A gente viu a diferença. Uns comiam polenta e radici, outros mais carne churrasco. Depende da condição financeira das famílias.

O texto produzido pelos alunos deste grupo de trabalho revela a pesquisa realizada.

Hábitos Alimentares

As principais refeições antigamente eram feitas de manhã, ao meio-dia almoço, merenda a tardinha e a janta. Comiam de manhã polenta com queijo e salame.

A colazione era levada para a roça por volta das oito horas da manhã com café com leite, polenta brustolada, salame, queijo, pão.

No almoço tinha polenta, radici com cebola, repolho cozido, batata com molho, nhoqui, massa, feijão, carne.

Na janta havia sopa de feijão às vezes com massa, arroz ou fregolatti (molhava-se a farinha de trigo, fazia-se uma mistura e depois colocava-se na sopa para cozinhar), polenta e radici. Também eles cozinhavam ou faziam polenta em quantidade maior para que tivesse para o dia seguinte comer.

O preparo dos alimentos era feito com todos os produtos cultivados em casa.

Hoje são todos alimentos comprados feitos pelas indústrias.

Receitas antigas: biscoito era espichado com rolo e cortado com carretilha, batia-se um ovo e com um pano passava-se em cima, jogava-se açúcar e confetes.

Torta era feita de bolo caseiro recheado de creme de leite (feito de ovos, leite, açúcar), creme de laranja e de vinho feito com farinha ou maizena,, para enfeitar batia-se clara de ovos e jogava-se confetes coloridos.

Cucas eram feitas com fermento caseiro, ovos, farinha, açúcar, erva-doce.

Utensílios domésticos (em italiano)

Piati- prato(de esmalte, de alumínio)

Bule- caneca

Tchícara - xícara

Parol de ferro - calheira (polenta)

Pinhata - panela

Padela- frigideira

Bronze- panela de ferro para a sopa.

Alunos: William Biando - 3^a série

Maicon Bortolini - 3^a série

Luana Villa - 4^a série

Escola : E.E. são Marcos

Os alunos das prof^{as} Vanda e Mara realizaram pesquisa com os próprios *nonnose nonnas*, para posteriormente também montarem seus livros sobre alguns hábitos e costumes da comunidade que são identificados até hoje.

Hábitos Alimentares de Antigamente e Hoje

As principais refeições de antigamente era a colazione, almoço e a janta.

Hoje é o café da manhã, almoço e janta.

Antigamente a colazione era muito importante porque o serviço da roça era muito pesado.

Os alimentos mais comuns de antigamente eram feijão, arroz, fortaia, tortel, batata-doce e sopa de feijão.

Hoje comemos muitas carnes, temos condições de comprar vários tipos, também temos o feijão, arroz, massa, muitos tipos de doces e muitas verduras.

Antigamente os alimentos eram preparados com poucos temperos, no feijão colocavam carne de porco aí ficava gostoso e temperado, a fortaia era ovos batidos e cozidos na padela, hoje chamamos de frigideira, faziam muita polenta era a comida que nunca faltava.

Os alimentos de hoje tem muitos venenos porque quem os produz usa isso desde plantio.

Atualmente até estão cuidando mais esse ponto. Nossos alimentos de hoje também são muitos e o costume de hoje é usar muitos temperos, isso não faz bem a nossa saúde.

Uma receita antiga : grostoli seco: precisamos de 4 ovos, 3 colheres de água, 2 colheres de cachaça, um pouquinho de sal e farinha. Tem que espichar a massa bem fininha e depois fritar na banha quente, aí se coloca o açúcar por cima dos grostoli.

Utensílios usados antigamente: não faltava o parol usado para fazer polenta, tinha a padela muito usada para as frituras, como a fortaia e os torteis. Hoje temos a panela de pressão, panela de inox e muitos outros tipos de utensílios domésticos.

Aluno: Mateus Rafaelli_ 3ª série

Escola: E. M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Ainda conforme a prof^a Vanda:

Eles falavam de muita comida na mesa. Italiano é igual a fartura na mesa.

Sobre a colazione, inicialmente nós temos dois pais, que quando eu venho para a escola de manhã ele já está com a carroça e os bois na lavoura. Uma hora depois vai a esposa com a cesta. Eu perguntei:

- Leonardo, o que é que teu pai come?

Ele disse:

- um litro de vinho, pedaço de pão, queijo e salame.

Ainda fazem a colazione.

Com relação à fartura, que os pais apontaram como um elemento de identificação da mesa italiana, nota-se que em todos os grupos que imigraram, sejam eles italianos, alemães, poloneses ou açorianos, a mesa sempre emprestou visibilidade à prosperidade das famílias. Reunir familiares, promover festas em família ou com amigos culmina sempre ao redor da mesa. A quantidade e variedade dos alimentos configura a sua

situação financeira principalmente quando se leva em consideração que um dos elementos propulsores da imigração estava relacionada com a fome.

Pode-se constatar através dos textos de De Boni e Costa, e posteriormente os dos alunos, que as fontes de informação (memória popular) oportunizaram uma coincidência de dados. São textos escritos em linguagem diversa, conforme a percepção dos autores, mas que convergem para lugares comuns. Mais uma vez o Estudo do Meio comprova que as crianças quando motivadas realizam trabalhos de qualidade maior que as informações fragmentadas contidas em muitos textos didáticos como vimos anteriormente.

Grupo 2 - Sub-tema - A importância do filó como um hábito social

Para o estudo do *filó* e sua importância como um elemento agregador das famílias, ou como um costume de alto significado para a convivência social nas colônias, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- onde e como acontecia o filó;
- principais momentos do filó;
- atividades dos homens, das mulheres e das crianças no filó.

Para De Boni e Costa,

O filó foi sendo cultivado em toda a colônia italiana como mera forma de encontro. Os comes e bebes e jogos nas reuniões de filó tinham como objetivo dar dinâmica a esses encontros.

No ambiente da família, o filó tinha lugar principalmente nas temporadas de trabalhos artesanais: para preparar palhas de milho para as fábricas de palhas (isto especialmente em Veranópolis onde há várias fábricas de palhas), para fazer trança (dressa) de palha de trigo para chapéus, bolsas (sporte) e cestinhos (cestelete) para frutas, ovos, etc. As senhoras aproveitavam o horário após a janta para costurar, remendar roupas de trabalho. Os homens e rapazes auxiliavam nos diferentes trabalhos ou jogavam (jogos de baralho).

O filó propriamente dito, como institucionalização do lazer, congregava várias famílias para conviver, conversar, comer e cantar. Várias famílias combinavam de se encontrar, ao entardecer, para, juntas, fraternizarem as próprias experiências. Nesses encontros floresceu a música, a poesia e o humorismo, próprio dos imigrantes.³⁰

Quanto à abordagem prática do sub-tema, os professores relataram as experiências realizadas com os alunos.

Para a prof^a Iliete:

Eu acho que a parte que eles mais gostaram foi a parte do filó, que muitos não sabiam o que era.

Conforme a prof^a Vanda:

*As mulheres preparavam tudo, desde a lenha. Os homens ficavam mais nas rezas e nos jogos.
As crianças fizeram referência ao filme O Quatrilho porque como no filme, os homens ficavam jogando e as mulheres servindo. Passando a comida, fazendo a dressa.
Eles associavam as entrevistas das avós com a filme.*

Resultado do trabalho de pesquisa dos alunos da prof^a Vanda:

O Filó

Antigamente as pessoas costumavam ir nas casas dos vizinhos, o filó acontecia com gargalhadas, nunca ficavam triste.

Os principais momentos do filó de antigamente era conversarem o que tinha de comum, sobre eles e muito mais.

As atividades dos homens no filó era jogar a mora, cartas e tomava-se vinho de sempre.

As atividades das mulheres no filó era fazer tranças, crochê e conversarem sobre o que acontecia nesses dias, eram muito amigas.

As atividades das crianças eram brincar, jogar, fazer brincadeiras divertidas, etc.

Aluna: Giovana Manica- 4^a série

Escola: E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

De uma outra forma a visão do filó no relato dos alunos das professoras Janete e Iliete:

O Filó

O filó acontecia nos vizinhos ou parentes nos finais de semana ou algum aniversário.

Os momentos mais importantes era a cantoria. Partilhavam amendoim, pipoca, batata-doce, gostoli, pinhão, melão, melancia. Os homens jogavam carta, mora, as mulheres faziam trança, crochê, conversavam, as crianças brincavam.

Também eram contadas piadas, histórias.

Alunos: Giovani Giovanaz

Anderson Mariani

Helena M. V. Borstel

Escola: E.E. São Roque

Marcorama - Garibaldi

Em Faria Lemos, como ponto culminante do curso, os alunos dramatizaram partes de um filé.

Grupo 3 - Sub-tema - Vestuário

Estudar o vestuário “típico” de um grupo não é uma tarefa fácil, uma vez que como símbolo de uma cultura histórica e dinâmica, o vestuário não permanece o mesmo por muito tempo.

Em termos de cultura italiana, percebe-se tipos diferenciados de vestuário. Um deles são os trajes usados nos conjuntos de dança folclórica e nas soberanas e princesas de festas regionais, inspirados em trajes sociais de algumas regiões da Itália, mesmo que tenham sofrido criações variadas por parte de estilistas. O outro, o mais representativo, refere-se à roupa de trabalho. Muitas vezes na representação do colono através de sua cultura no tocante aos hábitos de vestir, a imagem que permanece é a da roupa de trabalho.

Para Costa e outros, o vestuário dos italianos não apresentava vestígios de uma moda própria. Conforme o autor:

Os italianos não impunham uma moda própria. Prevalencia o princípio da economia. Trocava-se de moda quando as roupas ficavam velhas e gastas. Geralmente, usavam vestimentas simples. Chapéu de aba larga, chinelos de couro grosseiros. Apenas nas festas, costumavam usar a fatiota de brim e colete, lenço em lugar da gravata. Observa-se o gosto pelas cores vivas. As mulheres usavam vestidos longos e rendilhados. O imigrante italiano é simples no trajar. Prefere comer bem do que vestir bem.³¹

No tocante à abordagem prática, os alunos também pesquisaram alguns hábitos em termos de vestimentas que prestavam identidade às pessoas das suas comunidades.

Conforme a professora Iliete:

Uma senhora que entrevistamos disse que os homens usavam fatiota. Eu lembro que a minha avó dizia que eles iam a pé até tal ponto de pés descalços, depois colocavam o tamanco. O mesmo quando voltavam. Era para não gastar. Uma outra senhora que foi entrevistada disse que não, que eles nunca iam de pés descalços.

Complementa a profª Janete:

Uma outra disse que sim. Que eles iam a pé para a missa. Lá lavavam os pés e colocavam o chinelo ou calçado. Terminava a missa, tiravam o calçado. Se iam para as festas os homens iam de terno. As mulheres com roupas mais bonitas. Para a roça iam com xadrez, brim riscado. As roupas dependiam das estações. As mais idosas com roupas mais fechadas, as mais moças, mais abertas. Dependia também do rigor dos pais. Também a presença do véu. Branco para as solteiras e preto para as casadas. O véu era para tomar comunhão.

Para a profª Mara :

Nas famílias numerosas, vários irmãos e irmãs. Uma roupa dava para diversos. Num Domingo uns iam para a missa, no outro outros. Não podia ir a família inteira por que não tinha roupa para cada um deles.

Pela pesquisa dos alunos das professoras Janete e Iliete, os hábitos de vestuário na comunidade de Marcorama, antigamente apresentavam os seguintes aspectos:

Vestuário

No geral as roupas usadas eram feitas de tecido de brim diamantino, tricoline, voltamundo, de seda...

As roupas para o trabalho dos homens eram calças xadrez de tecido fino, de brim diamantino, camisa de voltamundo ou tecido listrado de manga longa, botas de borracha, chinela e muitos andava descalços. As mulheres usavam saias longas com babados, manga longa (camisa ou blusa) gola até o pescoço, vestidos franzidos na cintura com avental na frente.

As roupas para as festas dos homens era a fatiota (terno), a camisa mais nova, sapatos ou chinelas que tinha, tamanco (o chinelo levavam na mão, chegando perto da igreja lavavam os pés, colocavam o chinelo depois da missa, tiravam novamente e andavam descalços até em casa. Usavam boné ou chapéu de pano, palha.

As mulheres para as festas usavam vestidos longos ou saias, blusas de seda, sapato, tamanco, chinelo, lenços na cabeça.

Dependendo das condições das famílias, eles usavam roupas de tecido melhor, calçados. Nem todos tinham condições de ter chinelo, por isso andavam descalços.

Alunos : Rafael Conzati - 2ª série

Jaine Bortolini - 2ª série

Amanda Piccolli- 4ª série

Escola : E.E. São Roque

Marcorama - Garibaldi

No livro dos hábitos da comunidade, na página que trata do vestuário, este mesmo grupo de alunos, ilustra o sub-tema com 7 reproduções de fotos de pessoas da comunidade, mostrando a maneira de vestir em diferentes épocas. As vestimentas são elementos que criam curiosidade nas crianças pela maneira diversificada como se apresentam em cada

época, constituindo-se, portanto, num excelente exercício de montagem de linha de tempo.

A observação das fotografias permite ao alunos estabelecer comparações entre a sua maneira de vestir e a de outras gerações, dentro de uma mesma família.

Para os alunos da prof^a Mara, a pesquisa resultou em textos e desenhos como os que seguem:

A maneira de se vestir de antigamente

Antigamente as pessoas não tinham muitas roupas como hoje.

Para os dias de festas numa família com mais irmãos, apenas um deles podia participar, pois uma mesma roupa era usada por todos.

Em casa, as roupas eram usadas muitas e muitas vezes, ficando as mesmas com vários remendos.

Naquela época não haviam calçados, alguns usavam tamancos simples feitos em casa, outros usavam palhas de milho nos pés e muitos iam mesmo de pés descalços, tanto para o trabalho quanto para o lazer.

Aluna: Michele

E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

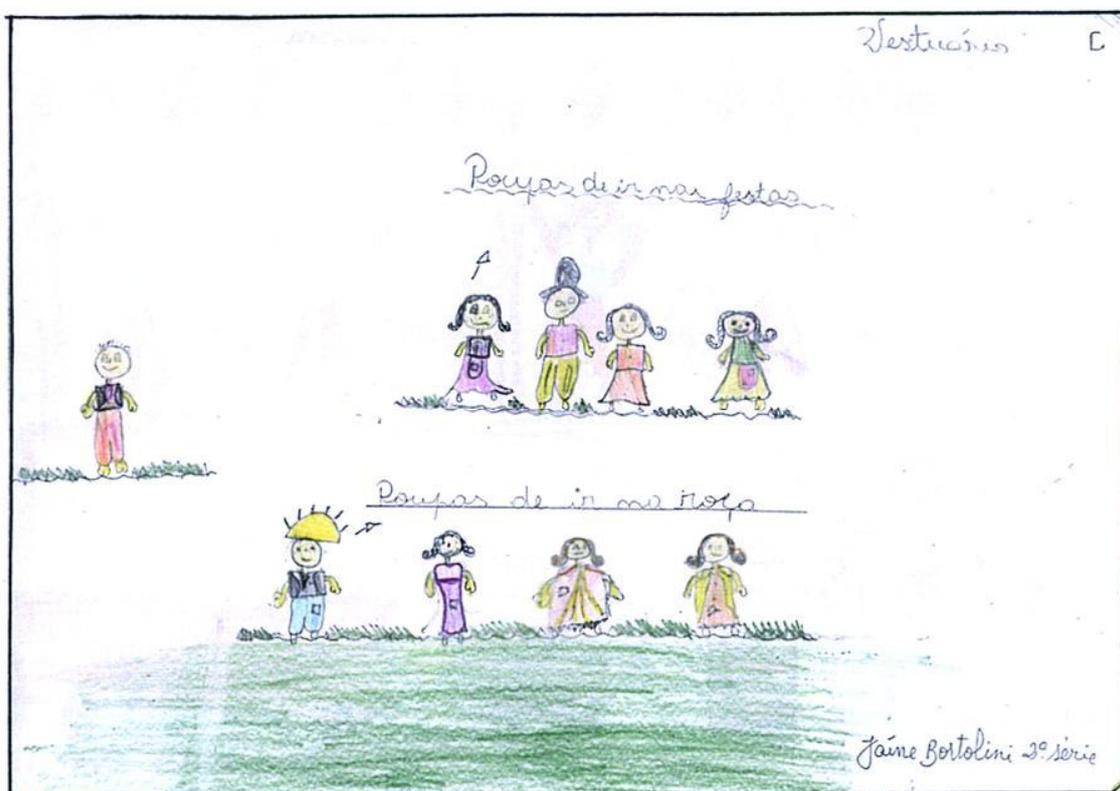


Figura 47

Grupo 4 - Sub- tema - Vindima e festas de colheita

A vindima e festas de colheitas são conhecidas na região colonial italiana como as festas mais “típicas” e populares. Pensar em Caxias do Sul é pensar na Festa da Uva. Bento Gonçalves lembra a Festa Nacional do Vinho. Garibaldi a Fenachamp, Flores da Cunha com a Festa da Vindima.

Como fator de atração turística essas festas representam os momentos de celebração do trabalho dos colonos e lembram a trajetória da construção da sociedade e economia locais, partindo da chegada dos imigrantes até nossos dias. Mas a vindima ocorria também nas famílias e pequenas comunidades lembrando abertura ou encerramento de colheita.

Para que os alunos pudessem melhor compreender a importância destes momentos de conagração das famílias e comunidades, o estudo procurou focar os seguintes aspectos:

Vindima e festas de colheita:

- como acontece a vindima e festas de colheita - hoje e antigamente;
- quem participa da vindima e das festas de colheita -hoje e antigamente;
- principais momentos da vindima e das festas de colheita - hoje e antigamente;
- atividades dos homens e das mulheres nas vindimas e nas festas de colheita - hoje e antigamente.

Conforme Costa e outros,

As safras sempre foram motivo de júbilo. Por ocasião da vindima, festejava-se o vinho novo (mosto)...

A festa característica é a trilhagem do trigo. Mesmo quando o trigo era batido a mangel, as famílias se auxiliavam. O ingresso da trilhadeira exigiu maior número de participantes, de sorte que a vizinhança convergia toda para o local da trilhagem. os homens se encarregavam de trazer os fardos, de presidir os diversos setores da máquina,

*de cuidar dos motores, enquanto as mulheres lidavam na cozinha, para preparar o almoço festivo da colheita.*³²

Como prática em sala de aula, os professores também organizaram entrevistas com os alunos para estudarem os assuntos relativos a este sub-tema.

Relatou a professora Iliete:

Nos primeiros tempos necessitavam pessoas para ajuda na cantina. Além da família necessitavam de gente de fora.

Quando as famílias eram bem numerosas não havia necessidade de gente, de outras pessoas.

Hoje em dia é só o pai e Mãe. Eles pegam empregados que vem lá de cima.

Geralmente Constantina, Fontoura Xavier, São José do Herval e ali para baixo, os alemães tem bastante que vem ajudar.

No final é feito uma festa. Oferecem um churrasco.

Na nossa comunidade (Marcorama) tema Festa do Colono em julho e a

Festa da Vindima em fevereiro com a abertura da colheita da uva.

As outras festas, quando colhiam o milho, batiam o trigo, convidavam os vizinhos ou outras pessoas para ajudarem e ofereciam comida.

Resultado da pesquisa dos alunos das professoras Iliete e Janete, contado no *Livro dos Hábitos e Costumes* de Marcorama:

Vindima

Antigamente a vindima era a colheita da uva. Era feito a escolha dos cachos, tirados os grãos verdes e podres. Depois levada para as cantinas e então eram esmagados com os pés e feito o vinho. Eram utilizados cestas, bigunça, eslita para transporte das cestas de uva puxadas pelos bois. As famílias eram numerosas todas participavam e parentes, vizinhos se ajudavam.

Os principais momentos eram no início e no final da safra. Todos trabalhavam igual somente as crianças menores é que ficavam brincando. Hoje em dia existem tratores, caminhões, caixas de plástico, carroça puxada pelos bois, facilitando o transporte. Como as famílias são menores, eles necessitam de ajuda de empregados que vem de outras cidades.

Alunas: Carla Gonçalves - 3ª série

Dalvana Lazari - 3ª série

Escola : E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi



Figura 48

Aluno: Claudenir - 2ª série
Escola: E.M. Vitor Meireles
São Roque – Garibaldi

No tocante às festas de colheita, um outro grupo de alunos da mesma escola realizou a seguinte pesquisa:

Festa de Colheita

Antigamente as festas de colheita eram realizadas no final da safra faziam churrasco comes e bebes típicos para as pessoas que trabalhavam naquela família. Estas festas eram para a colheita da uva, do trigo.

Hoje em nossa comunidade existe a festa da abertura da vindima que se realiza no mês de fevereiro na gruta da Ermida Nossa Senhora da Salete, com exposição de produtos agrícolas, missa ao ar livre, almoço ao ar livre, a tarde jogos de carta, cantoria, torneio de penaltis. Também acontece em

Marcorama a Festa do Colono realizada em julho com a chegada dos imigrantes numa procissão após a missa com exposição de produtos coloniais, cantos italianos e após confraternização no salão da comunidade.

Após dança ao som de gaita e instrumentos musicais.

Toda a comunidade participava e participa das festas de colheita ajudando em todos os aspectos.

Alunos: Danimara Silva - 4ª série

Felipe Locatelli - 3ª série

Giovani Goivanaz - 3ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Os alunos das professoras Vanda e Mara, como de resto, fizeram as entrevistas e pesquisas relativas a este sub-tema, obtendo os dados para a montagem de textos e desenhos com relação ao tema proposto.

Antigamente a vindima era muito mais trabalhosa e demorada, porque não tinha tratores e caminhões, a uva era levada até as cantinas com as carroças de bois.

Hoje é fácil porque tem mais recursos.

Antigamente na vindima toda a família junto participava dos trabalhos.

Hoje também participa as esposas, os maridos, filhos

Antigamente as principais atividades das mulheres era a colazione, o almoço e a janta mas nas horas de folga lá elas ajudando na vindima, os homens cedinho já iam para tipo de trabalho necessário, as crianças ajudavam em tudo o que estava ao seu alcance.

Hoje são divididas as tarefas do mesmo jeito para tudo acontecer normalmente

Aluno: Mateus Rafaelli-3ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Ainda, de acordo com o mesmo livro montado na E.M. Vitor Meireles, os alunos pesquisaram as festas de colheita em sua comunidade. Conforme um desses livros,

Festas de Colheita

Antigamente as pessoas se reuniam para agradecer a Deus pela colheita rezando o terço e depois fazem uma festa onde toda a família participava.

Hoje comemoram com festas como a festa da uva e a festa da vindima.

As principais festas na comunidade Festa de São Roque, no município Festa de São Pedro e na região Festa da uva, do vinho, da vindima e do champanhe.

Hoje são as mesma festas só que são mais divulgadas e assim tem mais participação.

*Antigamente toda a família participava junto na festa da colheita, hoje também.
Os principais momentos da festa da vindima são na hora em que as pessoas se reúnem para cantar, comer, beber suco e vinho.*

Antigamente festa da colheita dividiam as tarefas como: as mulheres preparavam a comida, os homens organizavam o salão ou o lugar onde se realizava a festa, as crianças também participavam. Hoje também organizam do mesmo jeito, todos participando.

Aluno: Mateus Rafaelli-3ª série

Escola : E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Esses elementos comparativos (hoje e antigamente) estão presentes nos textos dos alunos e servem como referência para compreender o sentido do estudo da história, das mudanças que ocorrem numa mesma sociedade, a variação de comportamento entre as gerações e a importância de determinados hábitos e costumes ainda hoje preservados nas comunidades e que lhes prestam identidade cultural.

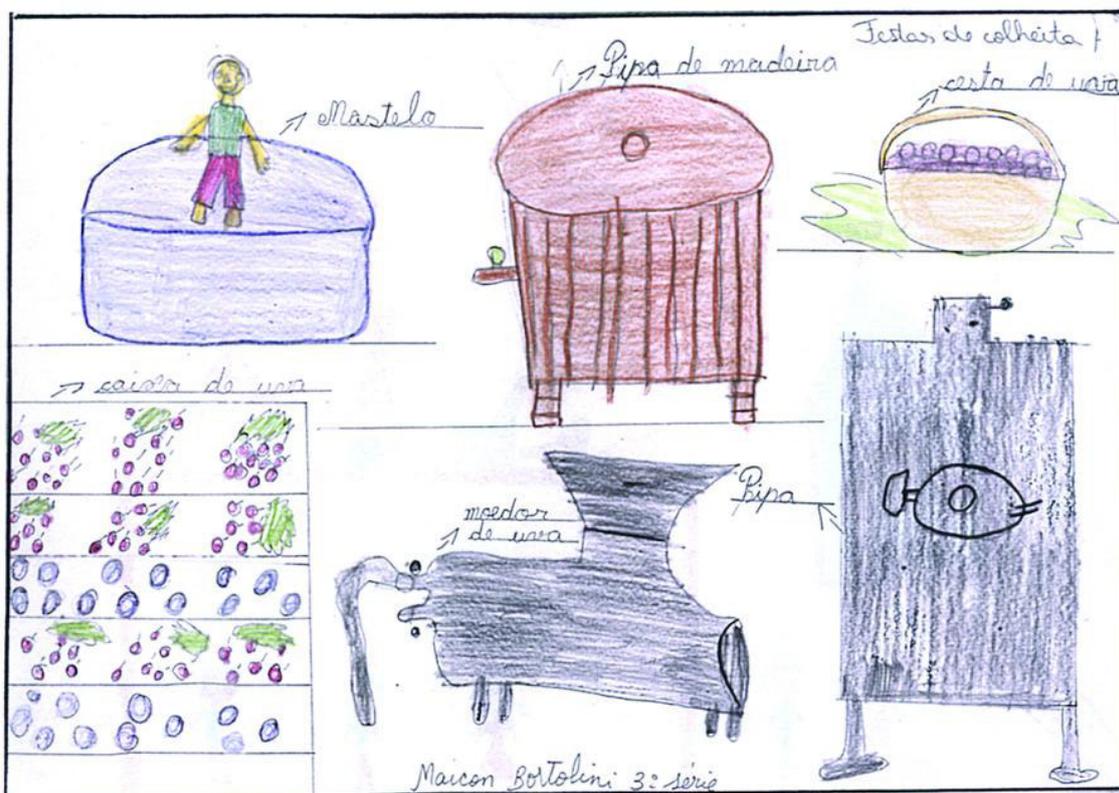


Figura 49

Aluno: Marcos Bortolini - 3ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama – Garibaldi

Grupo 5 - Sub-tema - A Sagra

Para que os alunos pudessem conhecer melhor a *sagra*, a pesquisa centrou-se nos seguintes objetivos:

- Conhecer a organização da sagra - época, local;
- principais momentos da sagra;
- participação dos homens e das mulheres na sagra.

No dizer de De Boni e Costa,

A sagra antigamente começava com a colazione, ou refeição da manhã, constando da supá, isto é, sopa de pão caseiro, com caldo de galinha, queijo e vinho... A colazione é uma forma de café reforçado e tinha lugar depois da primeira missa da festa, missa geralmente do horário das oito horas ou mais cedo, para atender aos que trabalhavam na festa e para as pessoas que quisessem comungar... Hoje a Sagra começa com o jantar de véspera (às vezes começa vários dias antes), em que são servidos pratos variados, seguidos de churrasco, galeto, leitão assado. O pessoal das cidades, em geral, prefere as jantares nas festas das capelas, por apresentarem mais originalidade, espontaneidade e convivência. Os almoços são mais formais e dispersivos, devido ao elevado número de participantes.³³

A *sagra* talvez tenha sido o elemento da cultura que provocou maior discussão nas comunidades envolvendo alunos, professores e pessoas idosas, pois foi uma curiosa e instigante busca em *baús* de memórias quando a temática foi posta em prática nas escolas.

Conforme a prof^a Iliete:

Eu acho que a parte que eles mais gostaram além do filó que muitos não sabiam o que era e a parte da sagra.

Aí entrevistamos as pessoas de mais idade, então surgiram várias questões.

Uns começavam relatando a sagra. Os de mais idade diziam que a sagra então começava de manhã com uma missa e a missa era bem cedo por causa que naquela época para comungar tinha que ser em jejum.

- Eu me lembro que a gente ia para a missa e após para a casa de uma tia.

Eu lembro que tinha um monte de comida. Eram variedades. Era cuca, bolos, brostoli.

De manhã era a missa, depois o almoço. Na minha família eram convidados à casa os parentes mais próximos.

Nas entrevistas eles diziam que disputavam quem tinha mais gente na casa naquele dia,

É interessante constatar a descoberta dos professores: muitas das situações pesquisadas remetem não somente à memória dos idosos, mas também às suas quando certos hábitos eram reproduzidos em sua infância. Nesse aspecto, as memórias se complementam. Os

professores percebem que são intermediários entre o tempo-ontem dos *nonnos* e do tempo-hoje dos alunos. Essas histórias contadas pelos mais velhos, trazem à tona lembranças e imagens que contribuem como reforço nas discussões com os alunos e auxiliam na montagem de suas linguagens.

A postura do professor não mais é uma postura de distanciamento entre a realidade dos textos e a realidade de vida, ao contrário, suas vivências ou de seus familiares estabelecem mediações que contribuem para o conhecimento dos alunos. Também os professores passam a ser atores desta história o que aproxima em muito o texto da realidade dos seus alunos.

Eis o que realizou a prof^a Janete:

A gente conversou com as crianças sobre a sagra mostrando que antigamente as pessoas se reuniam nas casas dos parentes e hoje em dia faz a festa do padroeiro na comunidade. No salão é servido o churrasco. E antigamente esta festa dos padroeiros era feita nas casas.

A gente comparou.

Tem muitas famílias que foram entrevistadas, não tinha sopa de capeletti.

Era de arroz, coisas mais simples. Dependia das condições financeiras.

As pessoas que tinham mais condições ofereciam coisas melhores, mais variedade.

No seu entender, esse trabalho foi importante tanto para os professores como para os próprios alunos, pois despertou muita curiosidade:

Foi bem válido, bem interessante esta parte que a fez por que a gente aprende junto com as crianças e com as pessoas. Eles se interessam bastante. Inclusive eles queriam saber por que nós estávamos lá entrevistando. Eles acham que só a gente que é professor é que sabe tudo

Trecho do *Livros dos Costumes da Comunidade* da aluna Giovana Manica:

A Sagra

Em nossa comunidade a sagra era feita com uma festa realizada, na qual as famílias reuniam rezando e adorando aDeus e após havia a confraternização.

Esta sagra acontecia no mês de agosto, porque era festejado o nosso padroeiro São Roque. O local da sagra era num salão feito de madeira, por sinal era pequeno com fogão para o lado de fora do mesmo, a louça era toda emprestada dos vizinhos. Contou-nos a senhora Pierina Maffei que numa ocasião, pediu-se emprestado um bule e o dono dele ficou a festa inteira reparando o queimado do mesmo. Também falou que os homens no momento religioso participavam muito, cantando suas orações. Conta ela que antigamente a participação religiosa era muito mais intensa, parece que hoje muitos esqueceram de Deus.

O papel das mulheres na organização da sagra era de suma importância, pois elas é que preparavam os alimentos e a ambiente, no entanto, os homens jogavam cartas, bocha, la mora e bolão. Na maioria das vezes a sagra iniciava no sábado à tarde e se estendia até o Domingo.

Ao término da festa todos juntos colaboravam para a limpeza do local.

Aluna: Giovana Manica-4ª série

Escola : E.M. Vitor Meireles

São Roque - Garibaldi

Na Escola Estadual São Roque, os alunos das professora Iliete e Janete também montaram texto relativo a sagra na comunidade de Marcorama, como podemos ver a seguir:

A Sagra

A sagra era uma festa para homenagear o padroeiro da comunidade. São Marcos e Nossa Senhora das Dores. Esta festa não era com as de hoje em que o almoço ou janta era servido nos salões só havia missa e os donos das casas da comunidade convidavam os amigos e parentes de outras comunidades para almoçar nas suas casas.

Os principais momentos da sagra era a missa e o almoço, a conversa entre os doces servidos à tarde numa mesa repleta de doces e salgados.

Os homens preparavam frango recheado ao forno. E as mulheres faziam a sopa de capaletti, o recheio, a carne lessa e os doces(cucas, biscoitos, sagu, creme, grostoli)

A sagra acontecia num tempo mais antigo, nas casas também na igreja uma vez que a missa fazia parte e era um dos momentos mais importantes.

A missa era cantada em italiano.

Alunos: Tatiano - 4ª série

Luana Villa - 4ª série

Escola: E.E. São Roque

Marcorama - Garibaldi

Os textos reforçam que a pesquisa sobre hábitos e costumes tornou-se elemento valioso para a percepção da sociedade no espaço comunitário, em um outro tempo, outras maneiras de confraternizar. Quando as crianças se referem a *antigamente* num *outro tempo* e outras expressões semelhantes, também estão trabalhando o imaginário para estabelecer uma comparação entre as informações obtidas por pessoas idosas e suas própria vivências.

Na proposta do Estudo do Meio, esse imaginário se traduz na redação de textos, pois as palavras refletem idéias, e no desenho, onde procuram dar visibilidade às suas construções.

Grupo 6 - Sub- tema - Lazer e esportes

O lazer e a prática de esportes são elementos presentes nos grupos humanos. Estudá-los na proposta do Estudo do Meio é oportunizar aos alunos o contato com as formas com que uma sociedade aproveita o tempo livre e de descanso, além das relações sociais e comunitárias que se dão nestes momentos.

Para que os alunos melhor possam compreender a importância da prática de esportes e do aproveitamento dos momentos de lazer na comunidade, o estudo visou enfatizar:

- a ocupação do tempo livre - hoje e antigamente;
- principais esportes praticados - hoje e antigamente;
- importância do jogo de bocha para a cultura italiana;
- jogos de carta e mora;
- lazer dos homens, das mulheres, dos jovens e crianças.

De acordo com De Boni e Costa, o lazer teve papel fundamental no estabelecimento das relações sociais nas comunidades além de possibilitar a união das famílias. Conforme os autores:

O lazer foi caminho importante para a formação dos grupos de amizade. Hoje confunde-se lazer com esportes e com tarefas profissionais e não estão condicionados por horários firmes. Mesmo assim, as tarefas recreativas dos clubes perdem o belo da espontaneidade pela rigidez dos horários e pela ideologia competitiva que se revestem. A ausência de recursos materiais para a prática de esportes e atividades recreativas fez com que, nas primeiras décadas, o lazer sob a forma de encontros em famílias (reunião de vizinhos) ou encontros capelas, recebesse a primazia. Os jogos diferentes e os esportes foram aparecendo como forma de entretenimento e do cultivo do estar juntos.³⁴

Estes espaços sociais de convivência nos meios comunitários se caracterizavam por momentos de grande fraternidade onde a competição era exercida como forma de passatempo.

Ainda, conforme os autores,

Não se jogava por dinheiro ou por taças, prêmios e juiz, mas como forma de passar o tempo juntos e de diversão. Por isto, os jogos de baralho, bochas e outros oportunizavam o crescimento dos contadores de história, dos piadistas, dos tomadores de vinho, graspa e cachaça. Tais jogos, em geral, culminavam com canto, a extroversão das histórias, cantos e piadas e, não raramente, com una piccola sbórnia isto é, com um pequeno porre.³⁵

O lazer entre famílias caracterizava-se pelo *filó* como vimos anteriormente.

Em termos de aplicação deste sub-tema com os alunos, constata-se que também eles ficaram curiosos para saber como era a vida dos *nonnos* e *nonnas* em se tratando de lazer e esportes.

Relatou a professora Janete:

*No esporte e lazer o que a gente viu foi mais o jogo de bocha. Foi um costume que veio da Itália.
As mulheres observavam os maridos jogarem e conversavam.
As crianças brincavam com algumas brincadeiras infantis - rodas, amarelinha, de bonecas.*

Complementa a prof^a Iliete: *Em casa tinham uma cancha de bocha*

As alunas, depois da pesquisa, concluíram:

Esportes e Jogos
*Ocupavam o tempo livre jogando cartas, mora, bisca, trisete e bochas.
As mulheres se uniam para conversar e acompanhar os maridos observando os jogos.
O jogo da bocha é muito importante pois estão mantendo até hoje a tradição do jogo.
Os jovens e as crianças jogavam futebol com bola de pano e borracha, com carrinho de lombas, bicicleta feita por eles mesmo de madeira.
Toda a casa tinha antigamente o seu jogo de bocha.*
*Alunas: Lediane Zanella Brandão - 3ª série
Carina Conci - 3ª série
Escola: E.E. São Marcos
Marcorama - Garibaldi*

Na comunidade de São Roque, os alunos registraram as suas conclusões:

Esportes, lazer e jogos
*Antigamente no tempo livre, aos domingos de manhã iam para a missa e a tarde iam para o terço, ai se encontravam com os amigos e conversavam.
Hoje na parte da manhã uns vão a missa ou culto, a tarde jogavam futebol, assistem tv e vão aos bailes.
Antigamente os esportes mais praticados eram futebol, bochas e caras. Hoje futebol, bocha, cartas e bailes.
Antigamente o jogo de bocha era motivo lazer. Hoje é mais do que lazer, é um jogo que atrai muitos jovens, adultos e crianças, também divulga o nome do nosso município.
Os principais jogos de antigamente : futebol, bochas e cartas. Hoje os mesmos e outros como: sinuca e ping-pong.
Antigamente nas horas de lazer, as crianças ficavam com as mães, essas se reuniam com algumas vizinhas para tomar chimarrão ou mate, os homens jogavam bola, bocha e cartas e os jovens jogavam bola, bocha, se reuniam para conversar.
Hoje muitas famílias saem juntas para passear, outras os homens saem para futebol, bochas e cartas, as mulheres muitas dirigem carro aí elas vão passear com as crianças, e jovens tem como lazer futebol, bocha e cartas.*
*Aluno: Mateus Rafaelli-3ª série
Escola : E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

Também neste aspecto os textos e os desenhos que os acompanham, revelam que as informações obtidas pelos mesmos reconstróem um pouco da história do lazer nas comunidades coloniais.

Grupo 7 - Sub- tema- Cantos

Como forma de lazer e diversão, o canto representou para os imigrantes e seus descendentes, momento de lazer e de perpetuar a memória musical de suas terras de origem.

Ao propor esta atividade de pesquisa para as crianças, foram pensados como objetivos:

- pesquisar a importância do canto para os imigrantes e seus descendentes;
- conhecer os cantos mais comuns (em italiano) cantados hoje e antigamente;
- distinguir os momentos de cantos religiosos e os folclóricos ou de lazer.

Também o canto está associado aos momentos de celebração, vinculada a religiosidade ou celebração à amizade e aos encontros. Confraternização é o que confirma Costa e outros:

Várias famílias combinavam de se encontrar, ao entardecer, para juntas, fraternizar as próprias experiências. Nesses encontros floresceu a música, a poesia e o humorismo, próprios dos imigrantes.

O canto se tornou típico nessas reuniões. Formou-se até, um provérbio: canta que ti passa, isto é: quem canta seus males espanta. O canto era importante na oração da noite. Os imigrantes reuniam-se para rezar, no fim da jornada. Cantavam o rosário, em latim, e as ladainhas de Nossa Senhora. circulava, entre os imigrantes, um livreto de canções sacras Lodi Sacre.

O canto, para o imigrante,, é um esquecimento das preocupações e uma celebração da coragem ante as dificuldades, o cultivo do rir de si mesmo, para esquecer os problemas da vida. Comida e bebida estavam ligadas ao canto, para criar clima de amizade e de integração.³⁶

Ainda conforme os autores, o canto representava um sedativo aos problemas cotidianos. Quando se reuniam com os amigos em serenata, além da comida e da bebida, o prazer maior era o do encontro, um profundo desejo de viver e de conviver

Para os professores que colocaram em prática este sub-tema as pesquisas demonstraram a importância que o canto tem para os descendentes dos imigrantes italianos, como demonstra o seguinte texto:

O Canto

O canto tinha muita importância, pois era a maneira de expressar o que sentiam, felicidade, lembrar histórias momentos alegres.

Os principais cantos eram o Mérica Mérica, Mazzolin di Fior, Rosina, La Bella Violeta, todos os cantos eram cantados em italiano.

Alunos : Dalvana Mattei Giovanaz

Adriano Bazzanella Zanesi

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi



Figura 50

Aluna: Carina Conci - 3ª série

Escola: E.E. São Marcos

Marcorama - Garibaldi

Grupo 8 - Sub-tema - Brincadeira infantil

A bibliografia disponível para este trabalho não faz referência ao mundo infantil no que toca às brincadeiras, jogos e passatempos entre os filhos dos imigrantes e seus descendentes.

Para estudar este aspecto da infância no espaço comunitário em um outro tempo, comparando com o atual, foi proposta uma atividade tendo como suporte o objetivo seguinte. Conhecer:

- as principais brincadeiras infantis hoje e antigamente;
- brincadeiras na família entre os irmãos;
- brinquedos utilizados pelas crianças hoje e antigamente;
- confecções de brinquedos para as crianças.

Posto em prática, os alunos foram a campo buscar informações para construir seu estudo.

Conforme a professora Mara:

*Os pequenos ficaram curiosos porque no mundo deles já é tudo com pilha.
Também como hoje, antigamente nem todos tinham brinquedos.
Eles foram buscar em casa com os avós sobre o que eles brincavam.
Apareceu a bonequinha de milho, os carrinhos de lomba, brincavam tanto os meninos
como as meninas.
As bonecas de pano. As mães que sabiam costurar faziam as bonecas de pano.
As cinco- marias feitas com feijão.*

No *Livro de Costumes da Comunidade* dos alunos da prof^a Vanda, na página sobre as brincadeiras infantis, o aluno Mateus, transcreve o seguinte texto construído, em sala de aula.

Brincadeiras Infantis

Antigamente se brincava de carinho de lomba, bolinha de gude, jogo de futebol, 5 marias, bambole, cabra-cega.

Hoje se vai ao parque de diversões.

A brincadeira mais praticada entre os irmãos era o carinho de lomba.

As brincadeiras entre os meninos são: carinho de lomba, jogo de futebol, bolinha de gude. Brinquedos: jogo de futebol, carinho de lomba e bolinha de gude.

As brincadeiras entre as meninas : 5 marias, bambule, cabra cega e boneca de pano.

Os brinquedos das meninas : boneca de pano, bambule, 5 marias.

Antigamente a confecção dos brinquedos o carinho de lomba era feito com 4 rodas de madeira uma tábua de 1 metro de comprimento e 30 centímetros de largura, 2 pedaços de madeira redondos, nessa madeira é pregada a tábua e nas 4 pontas da madeira redonda são colocadas as rodas e para as rodas não caírem era colocado um prego.

Antigamente as brincadeiras das comunidade: jogo de futebol e brincar de cabra cega. Hoje futebol, festas e bailes.

Aluno: Mateus Rafaelli

*Escola- E.M. Vitor Meireles
São Roque - Garibaldi*

Na comunidade de Marcorama, os alunos da escola estadual São Roque, também levantaram junto à comunidade a memória das brincadeiras infantis:

Brincadeiras infantis

Brincavam de ovo podre, de roda, de casinha, passar a pedrinha, bolinha de gude, pular corda, cabra cega, bonecas de pano, carrinho de lomba, bola de meia e de borracha, cinco marias, caracol (hoje é amarelinha). Hoje em dia são mais sofisticados deixando de lado a oportunidade para criem e valorizem seus próprios brinquedos.

Alunos: Jean Carlo Delazzeri

Gerson Delazzeri

Rosemari Manica

Escola: E.E. São Roque

Marcorama - Garibaldi.

Além da curiosidade que o estudo despertou nas crianças quando das entrevistas com as pessoas idosas nas comunidades onde moram e estudam, também na escola, após a discussão e o seminário onde foram apresentados os textos e livros, as crianças solicitaram dos professores que fossem revitalizados estas brincadeiras para que eles também pudessem brincar como *antigamente*.

Notas do Capítulo 8:

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*, p. 85

² BRANDÃO, Carlos R. *Da Educação Fundamental ao Fundamental da Educação*, in *Concepções e Experiências da Educação Popular*

³ LUPI, João Eduardo Pinto Basto. *A Concepção de Etnologia em Antonio Jorge Dias*, p. 222

⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*, p. 87

⁵ HOEBEL E. Adamson e FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*, p. 28

⁶ *Ibidem*.

⁷ CALLAI, Helena C. *Estudar o Lugar para Compreender o Mundo*, in *Ensino de Geografia*, p. 84

⁸ CASTROGIOVANNI, Antonio C. *Apreensão e Compreensão do Espaço Geográfico*, in, *Ensino de Geografia*, p. 15

⁹ MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*, p. 69

¹⁰ GIRON, Loraine Slomp e BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. *Colônia um Conceito Controverso*, (contracapa).

¹¹ HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio*, p. 160

-
- ¹² DE BONI, Luiz e COSTA, Rovilio. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 79
- ¹³ Ibidem. P. 80
- ¹⁴ Ibidem, p. 81
- ¹⁵ Ibidem, p. 80
- ¹⁶ Ibidem. P. 140
- ¹⁷ Ibidem. P. 141
- ¹⁸ Ibidem. P. 78
- ¹⁹ Ibidem. P. 79
- ²⁰ Ibidem. P. 110
- ²¹ Ibidem. P. 110
- ²² Ibidem. P. 111
- ²³ Ibidem. P. 111
- ²⁴ Ibidem. P. 87
- ²⁵ Ibidem. P. 88
- ²⁶ ORO, Ari Pedro. Mi Son Talian, in, Presença Italiana no Brasil, p. 617
- ²⁷ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovílio. Far La Mérica, p. 154
- ²⁸ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovilio. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 137
- ²⁹ Ibidem. P. 137
- ³⁰ Ibidem. P. 163
- ³¹ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 41
- ³² Ibidem. P. 34
- ³³ DE BONI, Luiz e COSTA, Rovilio. Os Italianos do Rio Grande do Sul, p. 168
- ³⁴ Ibidem. P. 163
- ³⁵ Ibidem. P. 163
- ³⁶ COSTA, Rovilio e outros. A Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. P. 62

9 - PASSANDO A LIMPO - REVISANDO A EXPERIÊNCIA

A criança, que se apercebe de que seu trabalho tem um objetivo e que pode abandonar-se completamente a uma atividade não já escolar mas simplesmente social e humana, sente-se invadida por uma forte necessidade de agir, de procurar, de criar.

Freinet

Avaliar e concluir um trabalho que envolveu 10 meses de uma intensa atividade junto aos professores e destes com seus alunos e comunidades não é uma tarefa fácil. Dizer que foi gratificante a experiência realizada nesta pesquisa é pouco frente a todo um universo de trabalho, a um envolvimento científico, mas sobretudo humano entre pesquisador e grupo, onde a crença em poder contribuir para um repensar os Estudos Sociais nas séries iniciais foi a motivação, o alimento e o desafio.

Esse mesmo desafio consistia em propor, através do Estudo do Meio, uma intervenção na prática pedagógica com os conteúdos de iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais, respeitando as diferenças e ritmos individuais, procurando seduzí-los para a importância que uma metodologia que parta efetivamente da realidade representaria para eles, professores, e para seus alunos.

Embasando a proposta, a ênfase recaiu num estudo construído na própria escola, com a imagem das comunidades envolvidas e não uma interferência de fora apenas para ser aplicada e testada.

Já nas primeiras etapas, os professores demonstraram tenacidade e garra ao aceitarem e acreditarem na possibilidade da proposta, mas à medida que os resultados dos trabalhos com os alunos foram surgindo, estabeleceu-se uma espécie de cumplicidade por parte dos mesmos para realizarem um trabalho de qualidade, possibilitando que todos crescessem e se envolvessem cada vez mais com a proposta.

Nos encontros mensais, realizados com os professores, onde cada um relatou a proposta de trabalho discutida e construída com os alunos em cada tema gerador, a maneira como

desenvolveu, os resultados obtidos e a produção deles, crescia a certeza de que estavam construindo algo significativo para a educação local. Algo que efetivamente aproximava a escola da comunidade, culminando com o desejo, como aconteceu na E.E. Ângelo Chiamolera, em Faria Lemos, de que a proposta pedagógica da escola que estava sendo pensada e construída conforme proposta do sistema estadual de ensino, fosse calcada nesta experiência.

A avaliação ocorreu em duas etapas com instrumentos específicos:

-a primeira delas denominada “A Fala dos Professores”, um instrumento com 17 questões abertas desdobradas em cinco itens cada., onde os 11 professores participantes do curso registraram suas posições e considerações com respeito ao trabalho realizado;

-a segunda, denominada “A fala dos alunos”, com 7 questões abertas, em que os professores ao aplicá-las discutiam com eles o teor de cada questão para reativar a memória sobre as atividades realizadas e daí cada um posicionar-se livremente sobre o assunto. Participaram desta avaliação 60 alunos.

Com estas falas e com a posição de proponente e observador, pretendo construir as conclusões a respeito da pesquisa e da experiência com a metodologia do Estudo do Meio e da cultura italiana na iniciação ao ensino de História e Geografia na Região Colonial Italiana.

A transcrição das falas que estão contempladas neste capítulo apresentam apenas as idéias-chave contidas nos instrumentos de coleta de opinião.

As opiniões foram distribuídas em três categorias para fins de análise quantitativa:

- 1) ótimo, representa a plena satisfação com o trabalho realizado.
- 2) bom, indica que o professor está satisfeito com os resultados.
- 3) regular, aponta um grau de relativa satisfação.
- 4) Não satisfaz, mostra que os professores não ficaram satisfeitos com a experiência realizada.

1- Primeira fala - A experiência com a metodologia do Estudo do Meio

Ótimo, pois as crianças foram envolvidas num trabalho que proporcionou-lhes o verdadeiro entendimento e conhecimento e de maneira prazerosa.

Mara

Um total de 90% dos professores consideraram a proposta ótima; 10% boa.

Através das expressões utilizadas pelos professores para justificarem o ponto de vista com respeito a questão, percebe-se que a proposta proporcionou aprendizagem, construção, envolvimento, criação, vivências e participação.

Neste sentido, creio que o trabalho proposto atingiu plenamente os objetivos iniciais, interferindo nas práticas docentes.

Questionados sobre os elementos que destacariam no conjunto da experiência com a metodologia, os professores apontaram como aspectos significativos: as responsabilidades e desafios propostos, o entrosamento entre pessoas da comunidade e as crianças, e a empolgação dos alunos.

Muita responsabilidade e em mãos um grande desafio, pois deve-se estar sempre preparada para novas descobertas, ou ao mesmo tempo um medo de não alcançar os objetivos.

Vanda

Através destas falas nota-se que o Estudo do Meio proporcionou uma “revelação” não apenas ao se valer das experiências e saberes das pessoas nas comunidades, como quer Freire, construindo o saber escolar embasado na busca de informações e construção de um conhecimento que parte das vivências dos alunos.

No tocante às dificuldades encontradas para a realização das atividades, os professores apontaram, entre as dificuldades:

Foi um pouco difícil a conquista dos pais; no início as pessoas se sentiam constrangidas em ajudar pois achavam inúteis suas colocações; o ritmo de alguns alunos; iniciar o

trabalho com os alunos pois era uma experiência nova tanto para o professor como para os alunos

A maior dificuldade foi iniciar esse trabalho, mudar a atitude perante a História e a Geografia nas séries iniciais e se desacomodar

Maritânia

Como um trabalho envolvente, segundo o grupo, as dificuldades com o Estudo do Meio, na prática, foram compartilhar a construção do conhecimento com os alunos e a comunidade. Essa, por sua vez, estranhou de início as solicitações da escola, uma vez que a “cultura escolar”, como era entendida, estava restrita ao saber dos livros.

No que se refere às intervenções que o uso da Metodologia do Estudo do Meio proporcionou de maneira geral às práticas escolares dos professores, as respostas dos mesmos confirmam que estes objetivos foram plenamente atingidos.

Para efeito do entendimento e utilização de uma linguagem comum, considerou-se como intervenção nas práticas escolares os termos: “auxiliar a prática”, “não interferir na prática”, “modificar a prática”, “não modificar a prática”, “facilitar a prática”, e “dificultar a prática”.

Conforme o posicionamento dos professores em suas falas, os mesmo apontaram como forma de intervenção que:

Através desta metodologia aprendemos com mais facilidade, entusiasmo e dedicação; as crianças tiveram um contato mais direto com a realidade; com certeza modificou e facilitou a educação num processo ensino-aprendizagem; o que é do aluno. Veio mais uma vez comprovar que é assim que o aluno aprende: construindo o conhecimento de uma maneira significativa para ele.

Lúcia e Maria

Essas posturas assumidas pelos professores no tocante às formas de interferência que a Metodologia do Estudo do Meio proporcionou ao seu fazer pedagógico, validam o propósito inicial de valorizar o ensino de História e Geografia e a realidade dos alunos para ser pensada na escola. As respostas confirmam que a interferência foi positiva, uma vez que proporcionou modificações substantivas na condução do ensino nestas duas disciplinas.

Por último, coletou-se sugestões para o aperfeiçoamento da Metodologia como um todo e como tal, o professores apontaram que:

Os demais professores tivessem esta mesma oportunidade; que esta metodologia seja aplicada em todas as turmas de uma escola e que faça parte da Proposta Pedagógica da Escola; haja uma preparação dos professores no início do ano e que haja apoio através de encontros.

Constata-se que a maioria dos professores não gostaria que a experiência acabasse aqui no final da pesquisa, mas que o exercício realizado, se convertesse numa proposta pedagógica da escola e que a continuidade deste experimento fosse estendida e multiplicada entre as demais escolas tanto dos municípios envolvidos como nos demais da região.

Como em todas as demais abordagens nesse mesmo sentido nas diversas partes da ficha de avaliação (instrumento), a questão que versa sobre as sugestões se repete com as mesmas indicações; as demais questões, a partir destas primeiras respostas, não foram transcritas.

No tocante à fala dos alunos, a questão enfocou a opinião sobre a experiência realizada durante todo o tempo do trabalho - o que gostaram e do que não gostaram:

Gostaram porque: aprenderam coisas importantes para eles; dialogamos e trocamos idéias sobre coisas do passado; de ver como eram feitas as coisas de antigamente; do passeio na casa antiga e da entrevista contando como começou a comunidade; dos textos e dos desenhos; conheci como iniciou nossa comunidade e os hábitos e costumes da pessoas antigas; as visitas muito interessantes; nos fizeram entender mais sobre duvidas e o que os italianos faziam; conhecemos lugares onde vimos muitos objetos italianos e objetos antigos

A minha opinião sobre o projeto foi que em 1999 nós iniciamos o nosso trabalho do solo, água, plantas, etc. O trabalho das plantas e o comércio foi aquele que eu mais gostei porque nós aprendemos a vida das plantas e, do comércio, porque nós aprendemos como é o dinheiro de hoje. E eu não gostei do solo porque o nosso coordenador era muito mandão. O trabalho que a gente fez foi muito legal porque nós aprendemos coisas novas

Mariana

Um número pequeno de alunos apontou coisas que não gostaram, havendo coincidência nas opiniões: não gostaram dos desenhos, de trabalhos em grupo onde alguns incomodavam, de algumas entrevistas e de montar textos.

Também na fala das crianças o Estudo do Meio provocou entusiasmo com as descobertas e estas relacionam-se geralmente com os aspectos históricos, embora os enfoques geográficos estudados também tenham contribuído para uma imagem positiva do trabalho.

2ª fala - A iniciação ao ensino de História

Ótimo, pois as crianças puderam perceber que tudo o que existe aqui foi conquistado por alguém com muito custo e assim foi se formando a história da comunidade.

Iliete

A questão posta aos professores refere-se ao conjunto das atividades realizadas visando a construção da História com os alunos das séries iniciais.

No tocante à prática com o ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental, 100% dos professores apontaram como ótima a experiência.

Neste sentido o Estudo do Meio também proporcionou descobertas e revelações com relação ao ensino de História nas séries iniciais tendo na construção histórica da comunidade um elemento motivador para despertar o interesse e a curiosidade sobre a importância de conhecer a História.

O aluno acaba assimilando os conceitos sem aquela decoreba que existia e são conceitos que ele mesmo constrói através de pesquisas.

Nelci

Conforme os depoimentos que constam das falas dos professores, entre os aspectos destacados estão a ênfase na construção dos conceitos históricos e o gosto pela pesquisa e reconstrução da história local. A fala dos *nonnos* como registro de memória histórica sempre é mais cativante que a mesma situação apenas abordada em textos. A fala desperta curiosidade por ser uma história contada e não descrita.

Como dificuldades encontradas na prática com a construção de conceitos em História, os professores, em sua maioria, registraram a não ocorrência de dificuldades maiores, mas mesmo assim, alguns aspectos tiveram que ser contornados, entre eles:

As diversas versões do início da história da comunidade; resgatar informações das pessoas mais velhas para se fazer um paralelo com o momento atual; o limite, quando parar, o quando avançar em cada atividade; poucas informações sobre certos assuntos; a falta de conhecimento da história local; o resgate de alguns conceitos históricos que estão se perdendo pela pouca valorização comunitária.

Mesmo assim, esses problemas iniciais foram contornados e não prejudicaram a construção de conceitos e de resgate da história local.

Ao se referirem às interferências que esta proposta de construir conceitos históricos com os alunos proporcionou em sua prática, os professores constataram que a mesma provocou mudanças no seu fazer pedagógico, porque:

Mudou a maneira de pensar e ver as coisas, que as pessoas de mais idade tem muito saber e isso nos ajuda e muito na construção do conhecimento.

Janete

As opiniões dos professores revelam que a proposta de construir, com os alunos, a pesquisa e a montagem da história do meio, interferiu substancialmente na prática com o ensino desta disciplina nas séries iniciais, principalmente abrindo novos horizontes e possibilidades de ensinar História.

3ª fala - A iniciação ao ensino de Geografia

É a partir de seu próprio mundo que é possível compreender um espaço maior

Neiva

Conforme a posição dos professores que participaram do Projeto, 100% consideraram ótimo.

Assim como ocorreu no ensino de História, a prática com a construção do conhecimento geográfico também despertou interesse com a proposta do Estudo do Meio, uma vez que partindo de sua realidade, um laboratório vivo de experiências pedagógicas, os alunos construíram e/ou assimilaram conceitos.

Como aspectos a serem destacados na experiência dos professores, os mesmos apontaram a existência de êxito, porque:

A construção de conceitos com maior facilidade; a busca e a pesquisa; a participação, interesse e cooperação de todos os envolvidos; estudo mais detalhado e um melhor conhecimento do meio geográfico de nossa comunidade; relações dos recursos com a cultura; o prazer pela busca de informações e a resposta final na aprendizagem; o aluno sempre conseguir explicar pois ele estava situado; possibilitou as observações e localização do aluno no espaço.

Também nesse aspecto os professores citaram que as pesquisas e a aprendizagem tendo a comunidade como pano de fundo para as experiências, foram a grande interferência que o estudo provocou em seu fazer pedagógico, no tocante à iniciação ao ensino de Geografia.

A construção de conceitos com maior facilidade. A busca, a pesquisa. A participação, interesse e cooperação de todos os envolvidos.

Janete

Os professores consideraram que foram poucas as dificuldades enfrentadas para levar adiante esta prática, mas alguns aspectos interferiram inicialmente, entre eles:

O desprendimento ao livro didático; a falta de conhecimento de alguns aspectos da localidade; e o pouco tempo para a execução da programação proposta.

Como interferência em sua prática pedagógica através da proposta do Estudo do Meio no tocante ao ensino de Geografia nas séries iniciais:

A introdução de pesquisas, entrevistas, construção do próprio conceito do aluno baseado nas pesquisas e entrevistas.

Nelci

4ª fala -A pedagogia de Paulo Freire e o Estudo Meio

Com referência a esta questão, 90% dos professores responderam que a experiência foi ótima e 10% apontaram como boa.

A experiência com os professores vem demonstrando que Paulo Freire ainda está por ser estudado nas escolas, uma vez que no ensino fundamental poucos o conhecem. Nos

cursos de formação de magistério, tanto no nível médio como superior, o autor é citado, comentado; mas muito pouco trabalhado. Suas idéias não passam do plano teórico.

Ao longo do trabalho com os temas geradores percebeu-se que os professores iam se familiarizando aos poucos com suas idéias pedagógicas e através das atividades realizadas, crescia a convicção de que haviam descoberto uma nova abordagem pedagógica para o ensino em suas classes.

Ao serem solicitados para avaliar a experiência com a pedagogia de Paulo Freire, através do exercício dos temas geradores na metodologia do Estudo do Meio, no tocante ao ensino de História e Geografia para as séries iniciais, os professores apontaram aspectos significativos de suas experiências, porque:

Através dos temas geradores facilita o trabalho pedagógico, ocorrendo aprendizagem e construção do conhecimento; foi de fácil compreensão aos participantes deste projeto; com esta metodologia de trabalho é possível adaptar as diferentes disciplinas e produzir um ótimo trabalho como vem acontecendo.

O depoimento acima confirma a possibilidade que o Estudo do Meio tem de partir da temática dos temas geradores para daí construir sua proposta de trabalho. Paulo Freire, ao propor uma educação libertadora, pensa a realidade na escola em consonância com as vivências sociais; para o autor ensinar é um ato que

... se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível e estas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.¹

No que se refere aos destaques quando do uso dos temas geradores em suas práticas com o Estudo do Meio, também as respostas foram positivas:

Destacamos o envolvimento dos alunos nos temas geradores, por serem conteúdos do meio em que vivem, que vivenciam no concreto e levando o aluno sempre a superação de desafios

Maritânia

O trabalho com os temas geradores também lhes despertou interesse, uma vez que, ao serem propostos, envolviam pesquisas e construção de conhecimentos tendo como elemento de estudos e trabalho a realidade dos alunos. O entusiasmo demonstrado pelos

professores e alunos em cada fase do curso/pesquisa alimentava a certeza de que o Estudo do Meio é uma possibilidade concreta de se aplicar a sistemática dos temas geradores na iniciação ao ensino de História e Geografia bem como nas demais disciplinas, que podem se alicerçar nos princípios de uma experiência formadora em que o aluno assuma a condição de produtor de um saber, como quer Freire, ao afirmar que :

É preciso, sobretudo, e aí vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.²

Questionados sobre as dificuldades com os temas geradores, a maioria dos professores considerou não ter havido maiores problemas nos trabalhos realizados com os alunos, embora algumas situações tenham sido contornadas, tais como:

Controlar a ansiedade dos alunos; fazer a síntese; dificuldade de conciliar certos temas com a situação apresentada; falta de alguns dados.

Portanto, o trabalho realizado com os alunos ocorreu dentro de um clima positivo.

Ao se referirem às interferências que a proposta de trabalhar os temas geradores através do Estudo do Meio, consideraram que suas práticas pedagógicas foram facilitadas pois:

Deixou de preocupar-se com a listagem de conteúdos pois sempre partiam do tema gerador; através dos temas geradores foram surgindo inúmeras atividades, sugestões para serem trabalhadas com os alunos; pudemos trabalhar os conteúdos de uma forma mais real com subsídios que dizem respeito à realidade das crianças; interligaram diversos assuntos ou conteúdos a um tema gerador, facilitou para integração dos conteúdos e planejamento de atividades; maior interesse por parte dos alunos.

Participação efetiva no trabalho como um todo, envolvimento do aluno e compreensão da realidade local

Carlos

Confirmaram ainda que as interferências foram positivas e relevantes, uma vez que os temas geradores proporcionaram modificações substanciais na maneira de conduzirem a aprendizagem. Ressaltaram os professores que ao utilizarem os temas, conseguiram trabalhar os conteúdos de uma maneira ampla ao invés de segmentá-los como antes. O que vai ao encontro do pensamento de Freire, ao indagar:

*Por que não estabelecer uma necessária intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos?*³

Como se pode notar, os professores apontaram a possibilidade de a temática ser discutida, avaliada, planejada e implantada em todas as áreas de conhecimento nas escolas. Comprova-se através desta pesquisa que um trabalho realmente transformador, além da base teórica, necessita um longo exercício prático para com isso subsidiar concretamente os elementos envolvidos, permitindo-lhes indicar caminhos ou alternativas de mudanças na condução do processo didático-pedagógico.

5ª fala - A experiência de construção de conceitos por parte dos alunos, tendo como referência o saber da comunidade.

No tocante a este aspecto, 90% dos professores participantes consideraram ótima a experiência e 10% consideraram regular.

Como foi referido na base teórica desta proposta, a construção do conhecimento também passa pelo conhecimento, discussão e interpretação do saber do povo, principalmente em se tratando do ensino de História e Geografia relacionado com a realidade local e às vivências comunitárias.

Conforme se observou ao longo do trabalho, os professores envolveram-se sistematicamente neste processo, através de estudos, pesquisas, entrevistas e principalmente aulas-passeio, onde os alunos puderam comprovar, *in loco*, os aspectos estudados teoricamente na sala de aula.

Ótimo, como muitos alunos não tinham conhecimento de seus antepassados, conseguiram com suas entrevistas saber de onde vieram, quem eram, o que fizeram, seus usos e costumes, cultura, enfim, sua história.

Iliete

Também aqui a iniciativa obteve resultados substantivos, porque:

É mais fácil construir conceitos juntos (pais, avós, outras pessoas) através de entrevistas, pesquisas e visitas; desta forma as crianças realmente aprendem; o aluno tem sua

opinião e resiste a mudança da mesma. Para uma mudança o processo é lento; houve participação e valorização da comunidade no trabalho; o aluno tem oportunidade de conhecer ainda mais e valorizar a comunidade a que pertence; a construção de conceitos de qualquer indivíduo é de grande importância para a sua cidadania. Nossos alunos estão tendo a oportunidade de serem agentes de sua própria história e futuros cidadãos.

Comprova-se que as atividades de iniciação ao ensino de História e Geografia, quando partem das vivências espaciais e históricas dos alunos, familiares e comunidades; se tornam interessantes e curiosas na medida em que o “saber comunitário” passa a ser considerado uma referência para a construção do saber escolar. Concluindo, busco em Freire elementos de compreensão para sublinhar a opinião dos professores, no que tange à relação “saber escolar” e “vida”:

... estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer História, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratarsua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível.⁴

O conhecimento empírico também tem seu valor, conforme Paulo Freire por ser um saber construído com base em experiências realizadas e constatadas. Cabe, portanto, à escola, complementá-lo com o saber cientificamente comprovado, mas não renunciá-lo com se tudo o que o povo construiu de conhecimento, às vezes com baixa ou nenhuma escolaridade, fosse descartável e inútil. Uma postura arrogante frente ao conhecimento popular pode distanciar cada vez mais a escola de seu meio.

A expectativa das famílias frente ao saber escolar é que os alunos saibam coisas práticas que se preparem para enfrentar a vida. Mesmo que a manutenção de certos hábitos hoje não mais tenha razão frente ao avanço tecnológico, em outras épocas este consistiu no conhecimento mais avançado e tem, portanto, um valor histórico e cultural.

No tocante aos aspectos que os professores deram destaque no conjunto das experiências realizadas quando da utilização do “saber do povo” em suas atividades com os alunos, o trabalho atingiu seus objetivos:

A participação da comunidade, o envolvimento das pessoas, o interesse em realizar as atividades propostas, ajudam bastante para que os alunos possam construir o conhecimento junto com o saber popular

Havia um tesouro escondido e ninguém até hoje valorizou; trouxeram uma bagagem de informações sobre o passado e que pode ser adaptado a realidade escolar; na verdade o saber do povo só vem acrescentar ao saber escolar, juntos estes saberes constroem o verdadeiro conhecimento; as crianças trazem conhecimentos e a escola precisa resgatar; envolvimento das pessoas na construção da pesquisa; facilita a compreensão dos fatos do dia-a-dia; os avós, principalmente, se sentem parte da história; acredito que devemos valorizar a resgatar mais o saber do povo. É dever da escola respeitar o saber comunitário e aproveitá-lo no ensino dos conteúdos.

Confirma a abordagem anteriormente realizada de que o saber popular tem significativo papel na construção do saber escolar. Cabe à escola captá-lo através de pesquisas ou outras formas de contato, analisá-lo e discutí-lo e, por último, complementá-lo com o saber científico. Desta forma o “concreto” é o cotidiano e a abstração é repensá-lo através de outras possibilidades, vistas com base na pesquisa científica e bibliográfica. Em se tratando da iniciação ao ensino de História e Geografia, as vivências, práticas e saberes comunitários se convertem num amplo e curioso laboratório.

Quanto às dificuldades, os professores consideraram que a realização da experiência também neste item não apresentou maiores dificuldades, muito embora situações peculiares necessitaram ser contornadas, entre elas:

É a mudança da metodologia tradicional que ensina conteúdos ao invés de buscar o que já possuem e juntos aperfeiçoar.

Lúcia e Maria

Como aconteceu em outros momentos com a metodologia, também neste caso, repetiram-se os mesmos impactos iniciais:

O primeiro diz respeito aos professores: passavam a acreditar que os “conteúdos” não se restringem somente nos livros didáticos e que ao redor da escola há um universo a ser explorado e vivenciado. Os livros didáticos servem, entretanto, como complemento ao trabalho. Em nenhum momento preconiza-se o abandono dos mesmos, uma vez que essas áreas de ensino necessitam constantemente serem reelidos em função de adequação a uma outra realidade, com especificidades próprias.

O segundo, é a comunidade: apesar de disponível, demonstrou dificuldade para acreditar que o seu conhecimento tem valor, pois para muitos, os professores por serem “estudados” e a escola por que “ensina” são os únicos depositários de conhecimento. Quando compreende o valor que suas experiências têm, sente-se valorizada e gratificada e com isso disponibiliza-se para auxiliar nas pesquisas.

O terceiro, são os pais que necessitam de convencimento de que toda a atividade que as crianças fazem fora no espaço escolar, em não se tratando de temas para casa, não se configura “perda de tempo”, mas uma prática diferenciada da tradicionalmente concebida como “ensinar”. Uma opinião solidificada pela tradição do “modo de dar aula”.

Para Freire o ato educar como uma forma de inclusão do ser humano num movimento de contínua procura é também o ato de formar. Conforme o autor:

É nesse sentido que reinsisto em formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas...⁵

Ao se referirem às interferências que esta prática proporcionou nas atividades pedagógicas dos professores, os mesmos confirmaram que aconteceu, porque:

Facilitou a prática, ajudando na compreensão de conceitos até então desvinculados da realidade do aluno.

Neiva

Além da

Doação mútua que recebi das pessoas da comunidade escolar, a facilidade em formular conceitos. A maneira de pensar sobre o saber do povo; enriquecimento maior ao desenvolver as atividades diárias; aprendeu a valorizar o conhecimento informal, trazer para a sala de aula e a partir disso elaborar o saber escolar; foi uma aprendizagem libertadora; o povo e a comunidade tem história; esta metodologia fez com que os alunos pesquisassem fora da sala de aula e trouxessem para colocar no grande grupo e construir conceitos; auxiliou no desenvolvimento do respeito para com os saberes dos alunos e da comunidade.

As atividades realizadas pelos professores fortaleceram neles a convicção de que um saber integrado às práticas dos alunos, famílias e comunidade se reveste numa experiência desafiadora, dinâmica e sobretudo, gratificante, tanto para os professores como para os alunos.

A proposta inicial era de apenas aplicar a experiência em uma ou duas séries da escola, mas o fato de o trabalho estar vinculado a um curso que seria ministrado na própria escola, despertou a curiosidade dos professores em participar, no que foram prontamente atendidos.

Num segundo momento, a partir da primeira experiência prática, por uma certa insegurança demonstrada em realizar o trabalho individualmente aliado aos poucos alunos por turma, os professores partiram para atividades coletivas, agrupando duas séries e em conjunto organizavam suas prática. Também, como acontece na E.M. Vitor Meireles na comunidade de São Roque, onde cada professor atende a duas séries.

Em consequência dessas situações, a concepção inicial foi modificada, deixando a livre iniciativa aos professores para organizar e executar suas experiências. Eles avaliaram o envolvimento de mais de uma série ou a escola em sua totalidade, nas atividades de estudos e pesquisas com os temas geradores.

Conforme as respostas, 90% dos professores consideraram ótima a experiência, e 10% responderam que foi boa. O somatório das posições confirma que sua iniciativa obteve resultados positivos, como veremos a seguir em suas justificativas.

Para esses professores a integração de grupos e turmas foi positiva, porque:

Facilita a realização das visitas, passeios, trabalhos, textos; Os alunos como são em número menor e de várias idades, cada um ia colaborando do seu jeito, realizando atividades conforme o que sabiam

Janete

A experiência também proporcionou resultados positivos, uma vez que:

houve integração entre as séries; a troca de idéias só vem enriquecer o trabalho; os alunos divulgam o trabalho e se estimulam; há divergência de opinião fazendo com que o grupo cresça; os alunos tiveram a oportunidade de conhecerem-se melhor e até respeitar as opiniões de seus próprios colegas. Quanto aos colegas professores foi muito bom também para conhecer a experiência de cada um

A iniciativa resultou positiva por que incentivou a integração e trocas entre alunos, grupos e séries, onde ocorreu também a convivência com diversas opiniões que se complementavam, segundo os professores, destacando a integração e associação entre grupos e séries. Confirmaram suas posições anteriores, pois:

Por trabalhar com multisseriada, o que posso destacar é que a minha ansiedade e a dos alunos sempre aumentava conforme os temas apareciam

Vanda

Complementam ainda os professores que:

A troca de idéias entre as turmas é muito importante, pois desperta o interesse e a curiosidade, tornando-os mais amigos, participativos, companheiros demonstrando mais respeito entre eles

Janete

Mais uma vez o fator integrativo e a troca de informações sobrepôs as disparidades dos grupos no tratamento com os assuntos em níveis diferentes.

No que se refere às dificuldades enfrentadas nesta forma de trabalhar as pesquisas com os alunos, confirmaram que foram poucas, uma vez que houve colaboração, participação e entusiasmo. Entretanto, alguns aspectos interferiram no desenvolvimento das atividades, tais como:

Desenvolvimento de duas turmas (2ª e 3ª séries) exige muito mais do professor; o aluno pergunta mais, dúvidas aparecem em dobro, mas por outro lado é compensador (adquirimos mais experiência e aprendemos com os alunos).

Nelci

Considerando que uma prática que foge aos padrões convencionais da escola, por mais exitosa que pareça, acaba interferindo na prática e no cotidiano dos professores, em seu planejamento e na organização dos conteúdos, na opinião dos professores:

Despertou maior interesse de ambas as séries; o aperfeiçoamento das atividades desperta no aluno um maior interesse em realizá-los; facilita a compreensão do conhecimento tanto para o aluno como para o professor; o aluno se torna mais ativo; foi uma mudança na prática unindo mais as séries.

Muito embora os resultados alcançados através da prática sejam estimulantes para a continuidade, torna-se imperioso registrar que nem todos os momentos e assuntos podem-se realizar através dessas práticas integrativas com turmas diversificadas, uma vez que há necessidade de atender as individualidades, os níveis diferentes de aprendizagem e a dosagem dos conteúdos.

6ª fala - A pedagogia de Freinet e o Estudo do Meio

Como foi afirmado na construção teórica da proposta, alguns elementos da Pedagogia Freinet foram a ela adaptados, uma vez que não existem nas áreas estudadas escolas que trabalhem integralmente com a mesma, aliando-se a isto um quase total desconhecimento de suas propostas e técnicas.

Levadas à prática pelo grupo, essas adaptações resultaram em situações de aprendizagem que mereceram, na medida em que as experiências se intensificavam, especial atenção por parte dos professores, pelo caráter inovador que elas causaram em suas práticas pedagógicas, nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Para 90% dos professores a experiência com a metodologia de pesquisa foi ótima, e para 10%, boa.

Conforme os depoimentos que justificaram suas posições, a prática correspondeu à expectativa, porque:

O aluno tem a oportunidade de planejar junto com os colegas e professor a forma em que vai trabalhar determinado assunto e este se sente mais estimulado em executar tal trabalho.

Nelci

Por sua vez :

Os alunos aprendem e entendem com maior facilidade os conceitos quando são construídos passo a passo, descobrindo, buscando, e aprendendo continuamente; pois conseguiram formar seus próprios conceitos a respeito do que viram; no decorrer do trabalho a melhora em relação a construção dos conceitos foi crescente e satisfatória; foi proporcionado oportunidades para organizarem as pesquisa; toda a construção foi feita pelos alunos, significa crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades

Como proposta até então inovadora, o uso de uma metodologia de pesquisa específica para esses grupos de alunos, permitiu que se procurasse reverter o conceito de pesquisa que geralmente está vinculado ao ato de transcrever textos na íntegra ou de responder questões colocadas através de questionários. O fator que despertou curiosidade inicial entre os professores foi o de seguir-se um método específico onde o aluno, junto com os professores, construiu suas propostas de trabalho.

Freinet, ao se referir à educação como elemento de desenvolvimento dos indivíduos, apontava que:

... a educação deve contribuir para o desenvolvimento do indivíduo e deve recorrer ao apoio do meio ambiente e do adulto. O nosso papel limita-se ao de procurar e de colocar ao alcance da criança os instrumentos de trabalho indispensáveis...⁶

Quanto aos aspectos destacados na experiência, os professores confirmaram a posição inicial pois a prática proporcionou:

O libertar-se dos conceitos prontos e partindo para a produção.

Carlos

Também, conforme os professores:

Despertou interesse em ir em busca do ontem, e paixão pela história dos antepassados; a aprendizagem dos alunos torna-se mais prática; existe mais cooperação entre eles; o respeito as opiniões diferentes; escrever por sua própria conta; valorizar mais os que o rodeiam; uma aprendizagem construída em conjunto é sem duvida permanente; a criança aprende com este tipo de trabalho.

O incentivo à pesquisa, uma constante na prática de Freinet, é fator de descoberta e construção do conhecimento. Vê-se, portanto, uma atitude libertadora na utilização de metodologia de pesquisa, o que foi confirmado pelos professores também.

Indagados sobre as dificuldades encontradas para aplicação da mesma, os professores confirmaram a não existência de maiores dificuldades apesar de:

No início muitas críticas, pais resmungavam, muitos se assustavam com as perguntas, mas no final tudo dava certo

Vanda

Por outro lado eles reforçaram a idéia de que a técnica facilitou o seu trabalho, porque veio auxiliar na construção dos conceitos. como interferência em sua pratica pedagógica com o uso das pesquisas e do planejamento conjunto; os professores confirmaram que a experiência veio acrescentar substancialmente às suas práticas porque:

Veio acrescentar e melhorar a prática da pesquisa e planejamento conjunto, valorizando os conhecimentos que os alunos já possuíam sobre os temas propostos.

Maritânia

Para outros professores a contribuição foi significativa, uma vez que:

Possibilitou maior conhecimento pela comunidade escolar; foi facilitador da aprendizagem do professor e dos alunos; o aluno procura o que precisa para elaborar seus trabalhos; auxiliaram e muito para a construção e compreensão dos conceitos; essa prática acrescentou, enriqueceu e satisfiz a todos; a leitura da realidade. Os alunos situaram-se no tempo e no espaço com as pesquisas; não seguindo conteúdos já planejados e sim a construção em conjunto dos mesmos.

Creio que desta forma a experiência também foi vitoriosa quando se propôs a interferir na prática pedagógica dos professores segundo a organização das pesquisas e do planejamento. Também nos grupos, como foi apontado anteriormente, na medida que as etapas se sucediam, os professores passaram a pensar em conjunto e o “eu” foi gradativamente sendo substituído pelo “nós”, culminando, curiosamente, no “eles”.

A inovação, que registrei como observador, foi a descentralização do planejamento de um caráter individual (professor) para o coletivo e a consciência de que os alunos, quando estimulados, planejam e muito bem.

Com relação ao trabalho com pesquisas e entrevistas, os alunos também se posicionaram. Argumentando em suas falas que a experiência foi positiva (ótimo e muito bom), porque:

Foi uma outra experiência muito boa, só que eu gosto mais das pesquisas do que das entrevistas, porque as pesquisas são diferentes, são mais legais. Nas entrevistas a gente tem receio de que estamos tomando o tempo do entrevistado, temos medo de sermos xingados porque a pessoa tem mais do que fazer, mas é tudo ao contrário, as pessoas gostam, ficam contentes e ficam admiradas por estarmos entrevistando, mas mesmo achando isso, eu gostei, porque aprendemos várias coisas sobre antigamente e sobre os italianos.

Patrícia

Para os alunos :

Achei legal as pesquisas; durante este tempo se pode aprender muitas coisas diferentes; foi um motivo para nos reunirmos para debater e conversar; a gente aprende como eram os costumes e as tradições dos italianos; de ter ouvido pessoas de idade falar das dificuldades existentes antigamente; conversei com outras pessoas e conheci outras histórias; o trabalho com pesquisas e entrevistas foi muito bom pois aprendemos muito com os velhos e novos; porque pesquisamos e aprendemos bastante; a gente conheceu lugares diferentes e entrevistamos pessoas que muito nos ajudaram; eu achei que foi a decisão mais acertada da escola, assim todos os alunos participaram e ajudaram a dar a escola um ensino melhor; gosto de conhecer muitas coisas, o que mais gostei do trabalho foi conhecer melhor o lugar onde moro.

Os alunos, em sua grande maioria, afirmaram ter gostado da experiência, do contato com as pessoas através das entrevistas, de terem conhecido a história de sua comunidade, de terem descoberto lugares interessantes, etc. Nota-se no conjunto, o interesse que a experiência despertou.

Poucos alunos apontaram os aspectos que menos gostaram na experiência e esses novamente relacionam-se com a confecção dos textos e desenhos, além de pequenos desentendimentos nas atividades em grupo, mas nada que tenha interferido na curiosidade em “descobrir” através de pesquisas e entrevistas.

Os seminários também foram introduzidos na proposta como uma forma de compartilhar descobertas com os alunos. Embora a literatura sobre a Pedagogia Freinet não contemple seminários, o autor procurava incentivar que as experiências dos alunos

fossem discutidas e analisadas por todos os integrantes da classe. Estas trocas e críticas favorecem o crescimento do aluno.

Colocar essas construções em forma de seminários foi uma alternativa encontrada para contemplar a diversidade dos olhares sobre os temas geradores, que, divididos em subtemas, foram repartidos entre os grupos para realização dos estudos e pesquisas e, no final, todos contribuíram para a montagem dos livros temáticos na escola.

No tocante à opinião dos professores, 100% acharam ótima a experiência. Como reforço às opiniões os professores argumentaram que a experiência com os seminários foi positiva.

Ótimo, pois é o momento dos alunos exporem seus trabalhos e com toda a motivação questionarem e construir conceitos

Mara

Outros professores também afirmaram que:

Assim os alunos iam recapitulando o que foi trabalhado e juntos podiam compartilhar e reviver as experiências; pois a troca e espontaneidade da criança se expressar leva a cada um, a um conhecimento maior da realidade; todos tem satisfação em apresentar; expressam-se e comunicam-se com facilidade através da troca de experiência e idéias; ajuda a se expressar num grupo maior, a saber ouvir opiniões e conclusões sobre o seu estudo; repartir com os colegas o que sabe; a comunicação a troca de idéias e informações entre os alunos foi muito importante para as pesquisas.

Os professores não destacaram nenhum aspecto em particular quanto à experiência de trabalhar com seminários, reafirmando os aspectos positivos anteriormente apontados com respeito a esta questão.

No tocante às dificuldades enfrentadas com a experiência, os professores afirmaram não terem encontrado, apesar de enfrentarem algumas resistências iniciais:

Como este trabalho foi novo na escola, a princípio foi difícil as crianças colocarem suas idéias, mas após todos eles queriam falar mais que o outro; a paciência em escutar todos os colegas; organização quanto às falas; conter o entusiasmo na exposição de assuntos de maior interesse do alunos; a falta de interesse por parte de alguns alunos.; foi desenvolver no aluno o lado democrático e solidário a necessidade de saber escutar..

Essas dificuldades, embora minimizadas pelos professores, refletem o quanto a escola está distante da prática de democratizar a participação dos alunos. Quando as crianças demonstram dificuldade em se expressar ou saber ouvir os colegas, nota-se que o hábito de compartilhar experiências e trocar informações entre eles não foi satisfatoriamente desenvolvido.

Ao se referirem às interferências resultantes do uso dos seminários em suas práticas docentes, a opinião foi favorável, tendo como base o fato de:

As crianças aprendem a se expressar com mais facilidade; na explicação das atividades os alunos começaram a questionar mais e colocar suas opiniões; proporcionou uma compreensão dos conceitos e conteúdos por parte de todo o grupo; ter proporcionado um diálogo interessante entre eles, trabalhar uma boa comunicação; o estímulo que cada aluno passou a ter na expressão oral; ajudou a vencer a timidez e enriqueceu a expressão oral; aproveitar o que cada aluno traz para a sala de aula respeitando a individualidade de cada um.

Com referência à aula-passeio, umas das técnicas mais estimulantes na Pedagogia Freinet, a mesma foi amplamente empregada no presente estudo, proporcionando aos alunos o aprendizado de História e Geografia tendo como base a sua própria realidade, e como laboratório de experiências o próprio meio onde vivem e convivem.

A construção dos conceitos priorizou a observação direta, o contato com as pessoas, as visitas de constatação, as entrevistas, resultando tudo isso num fator prazeroso de construção de conhecimento.

Para os professores, o resultado também foi compensador, uma vez que 100% consideraram ótimo o uso da aula-passeio.

Como justificativa às suas opiniões avaliativas, os professores creditaram que a experiência:

Oportunizou aos alunos desenvolverem seus estudos, nas observações e visitas, fez com que eles se empolgassem pelos assuntos. Sendo a alfabetização um processo em que antes de tudo deve desenvolver a leitura do meio ambiente e sendo assim ponto de partida para a leitura escrita levando o aluno a entender a vida em situações concretas e as aulas-passeio proporcionaram isso.

Maritânia

Para outros professores:

... professor e aluno, aprende a cada assunto visto, visitado com muito entusiasmo. A aula não se torna tão massante; os alunos tiveram contato direto com a realidade em que vivem; as crianças aprenderam se divertindo e o que é mais importante, não esquecem; os alunos se envolvem com o ambiente, com o processo e se integram; vivência, observação e percepção da realidade, através de visitas; o alunos aprende muito mais observando, diferenciando e ouvindo numa aula-passeio.

Como se depreende, a aula-passeio foi, de fato, um dos momentos mais expressivos nas experiências dos professores ao realizarem os estudos com seus alunos. Ao apontarem os aspectos que mais destacam na experiência realizada os professores confirmam a opinião inicial.

A observação e percepção de situações reais

Carlos

Para os professores a experiência foi significativa uma vez que ocorreu

O entusiasmo, vontade de saber, questionamentos e maior compreensão; é uma aprendizagem significativa voltada para a vida e não teórica; saber observar o que está sendo visitado tirando o máximo proveito; o aspecto mais relevante está em que esse exercício foi além do mero perceber, mas foi também, uma associação entre aspectos observados, relacionando-os, comparando-os notando semelhanças e diferenças do todo.

Perguntados sobre as dificuldades, para a aplicação da aula-passeio, os professores disseram que foram mínimas, pois a experiência se revestiu de entusiasmo por parte dos alunos e professores. Um ou outro aspecto disse respeito à autorização dos pais para que os filhos participassem e conseguir, inicialmente, que os alunos se concentrassem e tomassem consciência de que o passeio era, afinal, uma aula.

Ao apontarem as interferências que a prática da aula-passeio proporcionou no seu fazer pedagógico, os professores apontaram que a experiência foi positiva, uma vez que:

Percebe-se maior interesse até por parte dos professores e tudo isso contribui para um entendimento ainda maior.

Mara

Confirmam-se que as interferências que esta prática ocasionou aos professores, uma vez que aula e passeio sempre foram considerados atividades diferentes. As visitas quando

estruturadas e planejadas, podem atender a esses dois aspectos juntos, proporcionando aos alunos uma aprendizagem que pode ser interessante e divertida. Como vimos nas afirmações anteriores, as aulas-passeio trouxeram uma nova perspectiva para que os professores passassem a conciliar os interesses teóricos com a prática de campo.

Para Freinet a aula-passeio era um momento de descontraída criatividade, o trabalho e o lúdico juntos:

Era normal que, nesta atmosfera nova, neste clima não escolar, quiséssemos, espontaneamente, criar relações bastante diferentes das relações demasiado convencionais da escola. Falávamos, comunicávamos, num tom familiar, os elementos da cultura que nos eram peculiares e de que tirávamos todos, professor e alunos, benefícios evidentes. Quando voltávamos à aula, fazíamos no quadro o balanço do passeio.⁷

Quanto à fala dos alunos, estes foram unânimes em dizer que gostaram dos passeios e visitas porque aprenderam muito nas aulas-passeio, destacando entre elas, casas antigas, museus, cantinas, locais onde foram estudar e pesquisar, as casas de comércio, moinhos, lavouras e plantações e outros espaços naturais na comunidade. Em todas as respostas, os alunos demonstraram entusiasmo com as atividades realizadas neste sentido.

Foi muito bom. Eu gostei de ter conhecido a cantina do Ivo Bolsoni. Era uma cantina muito grande e bonita. Ele nos recebeu muito bem e até antes de vir embora ele ofereceu um lanche.

Michele

O uso da livre expressão foi um outro aspecto que a Pedagogia Freinet contribui para a prática metodológica com o Estudo do Meio, ao priorizar, junto às crianças a pesquisa e a produção de textos referentes aos conceitos e conhecimentos adquiridos. É importante registrar que a proposta nem sempre se compatibiliza totalmente com a proposta do autor, uma vez, que ao existir uma temática em que se baseiam os textos, o termo “livre” sofre limitações.

Na concepção de Freinet,

Um texto livre é, como a sua designação indica, um texto que a criança escreve livremente, quando tem o desejo de o fazer, em conformidade com o tema que a inspira.⁸

Acrescenta ainda o autor que um texto com uma temática direcionada se torna apenas um exercício de texto livre ou, quando muito, uma redação de tema livre. Dadas as circunstâncias do projeto, direcionado ao ensino de História e Geografia, optamos pelo exercício de texto livre.

Para os professores, em sua totalidade, a experiência com a produção textual foi considerada ótima, porque:

Livre-expressão leva à construção e argumentos; sendo assim, os alunos passam a serem mais críticos.

Carlos

Para os demais professores:

Os alunos tiveram a oportunidade de se expressar e escrever sobre o que haviam presenciado; no decorrer dos trabalhos as crianças foram construindo seus próprios textos e cada vez melhor; a livre expressão é excelente pois permite a todos desenvolver a sua criatividade; o aluno escreve o que realmente sabe e não simplesmente copiar para melhorar a ortografia; é muito importante que o aluno possa expressar o que sabe, o que pesquisou montando seus próprios textos.

Percebe-se através dos textos que os professores obtiveram resultados expressivos ao utilizarem a livre expressão em seu trabalho.

Sobre os aspectos que destacariam em sua experiência com esta prática na construção do conhecimento relacionado com a iniciação ao ensino de História e Geografia, os professores confirmaram sua posição anterior, acrescentando que os alunos responderam positivamente às expectativas, porque:

Com essa prática o aluno dá-se conta que mais do que nunca ele deve saber o que está acontecendo na sua comunidade, ou o que já aconteceu, que deve interessar-se para melhor entender e interpretar a sua realidade e que após deverá expressar-se livremente de forma própria e organizada, colocando seus conceitos nos textos individuais ou em grupo.

Maritânia

Para outros professores:

Ocorreu aumento de vocabulário, descontração, deixou de lado a timidez, textos mais ricos; os alunos expressaram com mais facilidade o que sentem, pensam; oportunizou a

criação sobre o tema estudado; houve crescimento cultural professor-aluno; todos são capazes. Podemos avaliar realmente como o aluno se situa; o aluno extrapola seu potencial, exigindo de si uma organização sequencial dos fatos; comparação do que está nos livros com o que traz para a sala de aula

Mesmo que os professores apontem que aconteceu a livre expressão em suas práticas, como observador pude constatar uma expressivo avanço dos professores neste sentido, uma vez que a concepção de texto livre conforme Freinet não foi suficientemente trabalhada com os mesmos. Por outro lado, percebe-se a substituição do texto “pronto” dos livros didáticos por uma construção coletiva de textos onde, é visível, na redação final, em muitos deles, a formatação dos professores, não obstante ser um considerável avanço neste sentido e que em nada invalida o esforço de substituição.

Quando às dificuldades encontradas para a construção de textos pelos alunos, os professores apontaram a ocorrência das mesmas:

Tentar no início montar os relatórios das aulas, pois cada um entendia de um jeito; por alguns momentos conseguir com que as crianças colocassem no papel o que haviam visto ou entrevistado; inicialmente os meus alunos tiveram mais dificuldades sim, procurei auxiliá-los dentro do possível, para que eles, por si só fizessem seus textos; alguns alunos apresentam mais dificuldade na ortografia; os alunos de 2ª série ainda tem uma certa dificuldade de expressar no papel o que sabe.

Em termos das interferências ou forma de participação dos professores na orientação, no auxílio ou na colaboração quando da construção dos textos pelos alunos os professores registraram que, ao contornarem as dificuldades dos alunos, eles desempenharam seu papel de estimuladores e orientadores, para que os mesmos pudessem montar, com mais segurança, seus textos.

No tocante às falas dos alunos, percebe-se que todos gostaram da experiência de construção de textos, entre os argumentos, destacam-se:

Eu gostei de tudo, mais de ter feito o texto das roupas antigas; com os textos a gente aprende mais; foi bom e ao mesmo tempo difícil, aprendi muito; gostei dos textos mais sempre precisei da ajuda da minha mãe; gostei porque olhando os desenhos eu construía os textos; porque é muito bom realizar o texto quando temos as respostas das entrevistas; eu gostei de ir pesquisar, eu gostei de fazer os trabalhos e de ir visitar; quando montava os textos com entrevistas aprendi coisas que não sabia; foi muito bom, pois nós não inventamos os textos, nós tínhamos que procurar em livros, mas também foram nossos avós e vizinhos que nos ajudaram; sempre aprendemos muitos assunto e formamos vários textos, porque texto é várias frases que contam uma grande história.

Como se pode constatar, os alunos assimilaram a prática da livre expressão na construção dos textos históricos e geográficos. Em se tratando da construção de textos, os argumentos deles confirmam que sentiram-se autores de seu próprio conhecimento. Embora, para muitos deles a prática dos textos foi repetitiva.

Cabe, aqui, uma reflexão sobre o uso de desenhos como forma de linguagem que possibilita a leitura e interpretação dos conceitos construídos pelos alunos, quando da iniciação ao ensino de História e Geografia.

Constata-se a partir da reforma educacional de 1970, que aboliu de vez o ensino da arte na escola substituindo por educação artística, um crescente distanciamento da “livre expressão” em termos de arte: o canto, o desenho, a dramatização, a dança. O que deveria ser uma prática cotidiana, foi “especializado”. O que deveria ser espontâneo, passou a ser reprodução de modelos de revistas especializadas em artesanato, ou reprodução de outros modelos introduzidos pelos professores.

As crianças, por sua vez, após a pré-escola e 1ª série, entram em um ritmo de absorver conteúdos e essas expressões passam ao segundo plano. Com o tempo, vão criando uma sensação de incapacidade para se expressarem, principalmente na parte gráfica. É comum ouvir de crianças a expressão: “Eu não sei desenhar”.

O desenho suscita o imaginário. Quando uma criança se põe a desenhar uma cena que estava contida na memória dos *noni* põe vida à história. Cria personagens, cenários, situações. Isto se transforma num texto histórico ou geográfico como vimos ao longo da pesquisa.

100% dos professores que realizaram a experiência de incorporar o desenho como uma forma de texto, afirmaram que a experiência foi ótima,

Pois é uma ótima forma de o aluno expressar o que viu. Percebi que o que as crianças gostavam mesmo era representar através do desenho o que viram e o que ouviam.

Iliete

Para outros professores:

Era uma maneira de realmente ver se os alunos através dos desenhos aprenderam ou não; porque o desenho é uma tarefa lúdica é através dele que os alunos se expressam muito bem; os desenhos revelam a criatividade do ser humano; o aluno muitas vezes não sabe colocar num texto tudo o que sabe e na linguagem do desenho expressa tudo o que sabe; o uso do desenho é uma forma da criança expressar os conceitos que já assimilou, portanto, temos condições de interpretá-los.

O posicionamento do grupo confirma ser válida a idéia de utilizar o desenho como uma linguagem complementar no Estudo do Meio, como um texto, onde o aluno possa, através da expressão gráfica, fazer uma exposição de seu conhecimento adquirido. Os detalhes fornecem elementos para uma leitura de seu texto.

Como aspectos a serem destacados na experiência do uso do desenho os professores apontaram que a experiência foi exitosa, uma vez que

O desenho expressa aprendizagem, exige organização, elaboração, contextualização do Tema.

Lúcia e Maria

Complementam ainda os professores:

Espontaneidade, criatividade, humor e sempre de bem com a vida; a participação coletiva, a dedicação, a criatividade: a expressão livre em forma de desenho é mais criativo; uma forma de compreensão ainda maior; uma expressão de aprendizagem

Como interferência em suas práticas pedagógicas através da proposta de utilização dos desenhos os professores afirmaram:

Os desenhos possibilitaram uma melhor compreensão dos conteúdos facilitando a construção dos conceitos

Mara

Completam os professores:

A facilidade em realizar as atividades. Os alunos ficam mais interessados, participativos nas aulas; entender sob outro ponto de vista os conteúdos de História e Geografia; facilitou a aprendizagem; avaliou também a expressão plástica do aluno, pois também é construção e acima de tudo expressa sua criatividade; veio auxiliar a prática utilizando mais o desenho como forma de associação.

Quanto aos alunos, em suas falas, os desenhos foram importantes e a quase totalidade deles gostou da experiência:

Gostei mais de desenhar as cantinas porque eram desenhos fáceis; eu achei legal mas um pouco difícil para fazer; com os desenhos a gente pode perceber as diferenças entre as coisas de antigamente e de hoje; eu gostei de fazer os desenhos porque pra mim é como uma arte; os desenhos de cada atividade foi difícil de desenhar mas saía alguma coisa; eu achei os desenhos muito bonitos. Eles deixam o nosso trabalho mais animado; os desenhos estão bem criativos. Havia desenho difícil, mas com coragem conseguimos fazer; eu desenhei também e me desenvolvi mais.

Assim, para a maioria, os desenhos tiveram um papel importante nas atividades dos alunos. Um pequeno número dos consultados revelou não ter gostado de desenhar ou de pintar, embora tenham participado da atividade.

Os temas geradores foram explorados de forma associativa e cooperativa (grupos e equipes), sobrepondo, desta forma, quando possível, o trabalho individualizado como ainda ocorre em muitas escolas nas aulas de Estudos Sociais, principalmente quando o aluno limita-se a responder questionários e exercícios dos livros didáticos.

A cooperação entre os alunos é a base da socialização e está presente na Pedagogia Freinet. Os trabalhos, mesmo individuais, têm seus resultados compartilhados por todos. Essas idéias foram importantes para que pudéssemos trabalhar na proposta do Estudo do Meio e com os temas geradores.

Dada a abrangência de cada um deles e a dificuldade para que todos os alunos estudassem tudo, a divisão em sub-temas permitiu que cada grupo se encarregasse de uma parte do assunto e que no final, sob a forma de seminário, ocorresse a troca de informações e dos resultados, culminando com a montagem do livro temático que contivesse nele os textos e desenhos produzidos pelos alunos em grupo.

Os livros temáticos, foram inspirados nos “livros de vida” da escola Freinetiana - Oca dos Curumins- São Carlos-SP, onde os alunos iam registrando sua produção e com isso acompanhando a evolução de seu saber construído. Como o Estudo do Meio se constitui num recorte voltado aos conteúdos de História e Geografia, os mesmos foram

repensados como “livros comunidade”, com o objetivo registrar o resultado de seus estudos e pesquisas, além de comprovar que um “livro” pode ser também escrito por crianças em seus olhares.

Ao preconizar o trabalho associativo, procurou-se também interferir na rotina individualizada que caracteriza a maioria de nossas escolas, basta ver a distribuição das classes nas salas de aula.

Os grupos, ou turmas, não estavam identificados por nomes específicos como acontece em algumas classes Freinet, mas mesmo assim, ao adaptarmos o espírito cooperativo para o Estudo do Meio, estes tiveram papel fundamental na construção coletiva do conhecimento.

Conforme os professores que trabalharam esta proposta, 90% consideraram ótimo e 10% boa a experiência.

Para aqueles que consideraram ótima a experiência, esta foi importante, porque:

Os alunos tem a oportunidade de colocar o que sabe, ouvir o outro, respeita a opinião do outro e até mesmo comparar a sua opinião com a do colega e tirar sua conclusão.

Nelci

Para outros professores:

As crianças trabalhando em grupo aprendem e ao mesmo tempo ensina aos coleguinhas; os trabalhos em grupo ou equipes permite uma maior integração e uma visão mais ampla conhecendo diferentes formas e pontos de vista variados, assim como desenvolve a capacidade de socialização e cooperação; socializa, porque desperta o interesse do outro. Motiva; a socialização se faz presente e é importante para o crescimento; os temas geradores que foram realizados de forma associativa e cooperativa viabilizaram uma aprendizagem consegüente para o aluno.

Mais uma vez os professores creditam a esta proposta de trabalho em grupo, um papel significativo nesta experiência.

No tocante aos aspectos que mereceram destaque na utilização do trabalho em grupo/equipes quando da condução dos temas geradores e dos sub-temas, os professores apontaram aspectos positivos, tais como:

Trabalhos em grupos ou equipes fazem com que os alunos desenvolvam sua capacidade de entender os outros e ao mesmo tempo expressar suas opiniões. Conhecer outros modos de pensar, entender outros pontos de vista ampliando conhecimentos.

Iliete

Para outros professores a experiência foi importante, pois:

Facilita o trabalho pedagógico; a crianças sentem-se mais responsáveis, participativas, cooperativas; fazem com que os alunos desenvolvam sua capacidade de entender os outros e ao mesmo tempo expressar suas opiniões; nessa fase é difícil todos terem a oportunidade de participar. Alguns querem decidir pelo grupo; as opiniões diferenciadas; trabalhando com os sub-temas oportunizamos ao aluno o conhecimento do todo.

Quanto aos aspectos destacados nesta etapa da experiência, observa-se a ênfase à cooperação, participação e principalmente às trocas que se fazem dentro dos grupos, além da democratização de idéias.

Os professores foram unânimes ao assinalarem que não se depararam com maiores dificuldades para este tipo de trabalho, embora, durante a realização das diferentes etapas, muitas vezes enfrentaram a incompreensão e interferência por parte de alguns pais. Para uns a preocupação era com as atividades fora do horário escolar na comunidade que exigia deslocamentos; para outros, era a tentativa de dirigir e fiscalizar o trabalho de professores, interferindo em sua prática pedagógica.

No tocante às interferências que esta prática proposta provocou nas práticas pedagógicas, no trato com os conteúdos de História e Geografia, os professores salientaram, que:

Começaram a se integrar melhor no grupo e na comunidade.

Lucia e Maria

Quanto aos alunos, a grande maioria respondeu positivamente sobre suas atividades em grupos, pois, para eles:

Foi bom, porque cada um tinha uma idéia diferente; porque a gente se ajuda um com o outro; adorei fazer os trabalhos em grupo porque eu repartia minhas idéias com meus colegas; foi muito divertido, cada um tinha sua opinião; depois nós vimos os desenhos que a gente tinha realizado e mostramos para os colegas; eu gostei de me reunir com as outras turmas para fazer os trabalhos e mostrá-los para os outros; eu gostei dos relatos, das histórias, os textos em grupo e muito mais.

Quanto aos alunos, o trabalho também se mostrou positivo, principalmente a construção coletiva dos trabalhos, a troca de informações e a aprendizagem resultante de suas experiências.

7ª fala - Quanto a cultura italiana

Os professores foram questionados sobre a experiência com a cultura italiana inserida na construção dos conceitos históricos e geográficos na séries iniciais através da proposta do Estudo do Meio.

Conforme a posição assumida pelos professores, 100% consideraram ótimo o trabalho.

Através de seus argumentos, constata-se que a experiência foi valiosa uma vez que:

Ótima, até porque somos frutos desta imigração italiana e desta cultura e este trabalho veio reforçar ainda mais a idéia de valorização e resgate do meio onde se vive.

Mara

Também para os demais este trabalho foi importante pois:

Através das entrevistas, nós aprendemos bastante, ficamos sabendo de muita coisa nova e isto facilita para a construção coletiva dos conceitos; as crianças puderam de uma certa forma conhecer melhor como viviam seus antepassados; os alunos compreenderam melhor suas origens; os alunos tiveram a oportunidade de conhecer, resgatar histórias de seus avós, e até mesmo falar o dialeto que seus avós falavam; notava-se como nossa cultura estava se perdendo

Percebe-se nas afirmações que a idéia de vincular esta experiência a uma área de descendentes de imigrantes italianos foi positiva no sentido de resgate e valorização de uma cultura que estava aos poucos sendo esquecida.

Ao serem questionados sobre os aspectos que enfatizam com a experiência de inserção da cultura italiana (cultura do meio), na iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais, os professores responderam que:

A cultura italiana em nossa comunidade escolar está muito presente no dia-a-dia de nossos alunos

Vanda

Para outros professores:

Ocorreu a valorização dos antepassados, o entrosamento maior da escola com a comunidade; a empolgação das crianças querendo saber mais; o vínculo forte que o italiano estabeleceu com esta terra facilitou a compreensão dos elementos históricos e geográficos.; conhecimento, resgate da história dos antepassados, em cada pesquisa o aluno integrou-se e construiu a história de sua comunidade.

Os depoimentos confirmam, que o uso da cultura italiana como um canal para que os alunos, através desta reconstrução na escola, compreendessem o sentido do estudos da História, numa sociedade onde esta mesma cultura possui uma raiz forte, correspondeu plenamente à expectativa.

Ao relacionarem as interferências que esta prática com a cultura italiana proporcionou no fazer pedagógico com os conteúdos de História e Geografia, os professores confirmaram que a experiência interferiu., ao constatarem:

Que existe saber em todo lugar e em toda pessoa. E que esse saber é muito importante e valioso.

Janete

Complementam ainda alguns professores que:

O trabalho desenvolvido com a criança teve por base a sua própria história e a história de sua família, comunidade, assim o resultado final foi satisfatório tanto para o professora quanto para o aluno; foi a motivação das famílias e comunidade; trabalhar as origens e a realidade dos alunos em aula; modificou a nossa prática porque notamos a importância de trabalhar a cultura italiana.

Para a concretização de uma proposta voltada ao Estudo do Meio, considera-se que a participação dos pais e demais elementos da comunidade, quando solicitados a

colaborarem com seus depoimentos, é imprescindível, em se tratando, principalmente, da História de um grupo étnico do qual eles descendem.

Ao serem consultados sobre esta questão, 90% dos professores consideraram ótima a experiência e 10% responderam que foi boa.

Ótimo, porque não são só os livros didáticos que possuem informações, que existem pessoas que sabem e muito; temos que aproveitar o saber destes pessoas e aplicá-los na sala de aula.

Janete

Também para os demais professores, o saber do povo deve ser melhor considerado, uma vez que:

Sempre que solicitados deram sua colaboração e sentiram-se úteis; todos se prontificaram nas diversas atividades; os pais e comunidade se envolveram participando, quando solicitados; todas as pessoas solicitadas a dar depoimentos participavam (mesmo as que achavam que não sabiam nada).

Vê-se que a atividade proposta de construção coletiva do saber através da história oral e da memória popular alcançou seus objetivos, pois a comunidade, ao acreditar que o “seu saber” tem significados, propôs-se a colaborar e estabeleceu uma espécie de aliança cultural com a escola. O somatório foi o que conseguimos perceber através das falas dos professores envolvidos.

Como destaques do saber popular, os professores afirmaram a participação comunitária e o envolvimento das pessoas, pois ao longo do trabalho ocorreu:

A memória oral tem que ser mais valorizada em nossa comunidade. Com esse trabalho nos damos conta o quanto é importante documentar todos os depoimentos adquiridos

Maritânia

As dificuldades apontadas pelos professores foram no sentido da credibilidade por parte da comunidade em valorizar o seu próprio saber, uma vez que,

No início algumas pessoas achavam que suas histórias não tinham significado algum, mas quando sentiram o gosto das entrevistas sentiram-se valorizados e úteis; devido a pouca importância à formação da comunidade, havia poucas informações, os pais não conversavam com os filhos sobre isso; alguns pais não conheciam bem a história da

comunidade; a não participação de alguns alunos nas entrevistas porque os pais não permitiam; a pouca valorização que as pessoas atribuem-se a si próprios.

Percebe-se que as dificuldades encontradas referem-se a auto estima, ao pouco conhecimento que as gerações mais recentes têm da história de seu próprio povo, e a pouca confiança que um saber “popular” possa ter significados dentro do âmbito escolar. Uma vez rompida essa barreira inicial, houve uma rica troca de conhecimentos e uma disponibilidade das gerações mais velhas em colaborar com os alunos. Aos poucos perceberam que seus saberes tinha valor e, com isso, sentiram-se valorizados e gratificados.

Com relação às interferências que o uso da cultura do meio (italiana) proporcionou às práticas pedagógicas dos professores quando da iniciação ao ensino de História e geografia, os mesmos confirmaram que ocorreu, uma vez que:

Devemos valorizar e resgatar a cultura italiana e enfatizá-la no planejamento pedagógico.

Carlos

Outras interferência apontadas, como: *a valorização do saber dos outros; a pesquisa, análise e a relação de antigamente com o agora; facilitou o diálogo com a comunidade*, servem de indicadores para a necessidade de pensar uma escola que aproxime mais de sua realidade, da cultura de seu grupo. Uma escola que perceba que o povo tem um saber e que ele é importante para a identidade local, uma escola que saia de suas paredes como um claustro e busque à vida em seu redor como queria Freinet. As interferência apontadas pelos professores indicam que existe um longo, porém interessante caminho a construir na direção desta integração. Uma certeza, porém: é possível.

8ª fala - Quanto ao Estudo do Meio e sua áreas temáticas

Nesta oitava e última fala, os professores avaliaram as áreas temáticas do Estudo do Meio, a saber: Meio Natural, Meio Econômico e Meio Social.

Num primeiro bloco, as questões versaram sobre a construção de conceitos através dos aspectos da paisagem (o meio natural), através de estudos e pesquisas realizadas na

escola tendo a comunidade como laboratório de observações e contatos, divididos em temas geradores.

Em percentuais, 100 % dos professores consideraram ótima a experiência.

A experiência realizada com a construção dos conceitos geográficos, na iniciação ao ensino de Geografia na proposta do Estudo do Meio, através de estudos e pesquisas na própria comunidade, mostrou-se significativa, uma vez que:

Na verdade são fatores que fazem parte do meio ambiente e, nós precisamos interagir nestes conceitos.

Carlos

Complementam alguns professores que:

O laboratório foi natural e deu para perceber como tudo funciona realmente; a aprendizagem se deu de maneira clara, fácil e prazerosa; é essencial esse contato para aprendizagem eficiente; o meio natural oferece tudo que precisamos para a construção de conceitos sobre a nossa paisagem natural.

Mais uma vez percebe-se que o Estudo do Meio, como o próprio termo afirma, tornou-se uma proposta importante para estabelecimento de uma relação pedagógica entre a escola e o mundo circundante da mesma, do físico ao social

O conjunto natural (terra, água, planta e ar), estudado em seus sub-temas, oportunizou a construção de conceitos de iniciação ao conhecimento geográfico, de uma maneira interessante, prazerosa e, sobretudo, curiosa para os alunos ao descobrirem que o mundo circundante é rico e tem muito a ser explorado.

Como aspectos destacados quando da utilização de elementos da paisagem natural nos estudos e pesquisas, os professores afirmaram que:

Para a elaboração destes conceitos partimos do estudo e visualização de sua realidade e sem dúvida a aprendizagem foi muito satisfatória, o interesse foi total

Mara

Para outros professores, a experiência foi gratificante, uma vez que:

Saíram dos conceitos dos livros didáticos e construíram seu próprio conceitos, partindo da paisagem natural que os rodeia; todos os elementos da paisagem foram importantes, auxiliaram e facilitaram na construção de conceitos.

Mais uma vez os professores confirmaram que a utilização dos elementos do meio para com eles estudarem conjunto da paisagem natural, além das formas do homem e da sociedade utilizarem-nos foi uma experiência estimulante.

Ao propor esta relação entre conceitos geográficos e elementos naturais, o Estudo do Meio procurou estimular aos alunos que procurassem, nos conceitos de ciências naturais uma relação científica, para que embasassem suas construções.

Ao serem questionados com relação a esta experiência de utilizar os conceitos de Ciências naturais como auxiliares na construção dos de ordem geográfica, os professores afirmam que:

O conhecimento é um todo e as disciplinas precisam caminhar juntas.

Lúcia e Maria

Como interferência nas práticas pedagógicas anteriores à experiência, os professores apontaram que veio contribuir uma vez que:

Observação e percepção do meio em que o aluno vive, aproveitando as situações reais para desenvolver a teoria de sala de aula.

Carlos

Ainda para outros professores:

Houve globalização total; facilidade em construir conceitos e em realizar o trabalho pedagógico; observação e valorização do meio natural; ajudou, pois é preciso conhecer e entender o que está próximo da criança para depois sim, avançarmos; auxiliou nesta proposta de integração porque veio enriquecer as aulas, as pesquisas, os desenhos e as observações.

Mais uma vez, a postura dos professores confirma o que o Estudo do Meio preconiza, que uma prática dinâmica e viva, interessante e motivadora vem interferir nas formas de condução do ensino de História e Geografia nas séries iniciais.

Um segundo bloco deteve-se nas construções de conceitos sobre o meio econômico através da sequência dos temas geradores (trabalho, produção, comércio, transportes), na iniciação ao ensino de História e Geografia, partindo das experiências dos alunos em suas famílias e das observações e estudos na comunidade.

Ao se referirem a este aspecto os professores afirmaram que 100 % deles considerou ótima a experiência.

Ótimo, porque as crianças vivenciaram estes temas e puderam por si só conceituar cada um deles.

Mara

Ao argumentarem sobre suas posições, os mesmos afirmaram que a experiência foi exitosa, uma vez que:

Quando começamos com a bagagem de conhecimento que a criança traz consigo, facilita para a ampliação dos demais; houve um encadeamento entre os temas não deixando nada solto; entender como ocorreu e ocorre a busca de formas de sobrevivência que o homem organizou para estruturar a nossa comunidade

Quanto aos aspectos positivos e de destaques quando da utilização dos temas geradores para compor o universo do meio econômico, os professores assim se posicionaram:

Através das visitas aos diversos locais de trabalho, produção, comércio e transportes, favoreceu e facilitou a construção de conceitos e do conhecimento dos alunos e da professora; dificuldades que os nossos antepassados enfrentaram quanto ao meio econômico; tudo ficou mais fácil e compreensível para a criança, pois elas mesmas tiveram a chance de ver, questionar, conceituando a seguir.

Também neste sentido, os professores confirmaram que a experiência foi inovadora e positiva, uma vez que permitiu aos alunos conhecerem a dinâmica da estrutura do meio econômico no espaço comunitário e suas alterações e modificações através do tempo.

Como interferência em sua prática pedagógica com estas temas, após a experiência do Estudo do Meio, os professores confirmaram que a proposta interferiu, uma vez que realizaram:

Visitas nos locais de trabalho, produção, comércio e transportes.

Vanda

Como terceiro e último bloco, os professores avaliaram a construção de conceitos sobre o meio social e a cultura local, através do estudo da construção histórica da comunidade em seu meio geográfico.

Também no tocante a este aspectos do Estudo do Meio, 100% dos professores confirmaram que a experiência foi ótima.

Como justificativa a esta posição, os professores alegaram que a experiência foi interessante, porque:

As crianças a partir do momento em que pesquisaram, entrevistam, visitam, escrevem, desenham, elas estão fazendo história, e isto é muito importante para a vida delas e da comunidade.

Janete

Assim como nos demais blocos, a construção dos conceitos sobre a formação e desenvolvimento de sua sociedade foi realizada através de estudos e pesquisas, o que representou uma experiência importante tanto para eles, alunos, como para a escola como um todo e para a comunidade que forneceu os subsídios fundamentais à esta construção.

Como aspectos destacados quando da realização do trabalho sobre a construção do meio social, os professores apontaram que, mais uma vez, a experiência oportunizou um integração entre escola e comunidade, uma vez que:

A retomada ao passado fez entender aos alunos quanto era mais difícil a vida antigamente.

Vanda

Quanto à interferência que a prática provocou, os professores afirmaram que a mesma contribuiu para seu crescimento, uma vez que:

A dificuldade maior foi a constatação de alguns depoimentos, comparando dados fornecidos com a real ocorrência destes fatos. Exigiu muita pesquisa.

Maritânia

Por último, como interferência em suas práticas anteriores, o estudo proporcionou aos mesmos uma nova forma de estudar, de relacionar a escola com a comunidade, de construção de conceitos sobre a cultura local.

Conforme as professoras Lúcia e Maria:

É a base do estudo. É a fonte do estudo. O meio social é a base, é a fonte, é o contexto para o estudo.

Com isso, procurou-se avaliar a experiência da forma mais abrangente possível e as “falas”, tanto dos professores como dos alunos; foram fundamentais para testar a proposta do Estudo do Meio. Considero que esta validação confirma a relevância da proposta e que os objetivos inicialmente formulados foram plenamente atingidos. Não mais uma idéia, mas uma contribuição para o ensino desses componentes curriculares nas séries iniciais do Ensino Fundamental. E que, desta maneira, vem coroar, na forma de um trabalho acadêmico, os meus 20 anos de “caminhada”.

Notas do Capítulo 9:

¹ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, p. 29

² Ibidem. P. 24

³ Ibidem. P. 34

⁴ Ibidem. P. 64

⁵ Ibidem. P. 15

⁶ FREINET, Élise. Nascimento de Uma Pedagogia Popular, p. 126

⁷ Idem. As Técnicas Freinet na Escola Moderna, p. 23

⁸ Ibidem. P. 60

10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*As flores não brotam sem antes a chuva as palavras não caminham adiante dos gestos
e todo hino que se canta é por algo que se fez antes*
Brandão

A proposta metodológica do Estudo do Meio, enfim, está posta. Apresentada em sua concepção teórica e das entrelinhas da prática extrai as linhas gerais de uma teoria científica.

Entre suas primeiras idéias, que tratavam de incentivar os professores/colonos na distante Amazônia para que fizessem uma tentativa de “leitura” de seu “novo espaço de vida”, junto com os alunos e suas famílias, para aprender a conhecer e sobreviver naquela natureza desafiadora, percebendo de que eram atores e protagonistas (todos) da construção de “uma nova história”, até a Universidade, sob forma da presente Tese, foram mais de 20 anos de trabalho e de crença. Tempo suficiente para amadurecer, para encontrar caminhos, para delinear especificidades, para testar e refazer idéias.

Submetida a uma comissão avaliadora, alcança a sua condição de maturidade como proposta de interferência nas práticas pedagógicas em se tratando da iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Embora fruto de uma caminhada, o Estudo do Meio não tem a pretensão de ser uma “receita” e muito menos uma proposta “salvacionista” para quem deseja encontrar “fórmulas interessantes” para trabalhar conteúdos. Muito menos, um “produto acabado”, pois desta forma perderia o sentido do inovar-se. É, sim, uma contribuição para a discussão e reflexão sobre a importância de trabalhar os **conteúdos** de uma maneira diferenciada.

Em nenhum momento se pretendeu fazer uma História ou uma Geografia “à moda” de Freire ou de Freinet, mas comprovar que os temas geradores de Freire são possibilidades concretas para que os alunos possam melhor conhecer o mundo que os rodeia e que as técnicas de Freinet se constituem em excelentes instrumentos para a concretização desse

objetivo uma vez que ambos, em tempos e circunstâncias diferentes, buscaram construir uma pedagogia libertadora.

O estudo realizado neste projeto de pesquisa permitiu a constatação de que o Estudo do Meio, na forma como foi proposto e conduzido pelos professores e alunos com a participação da comunidade, através dos resultados obtidos nas sucessivas etapas, elenca um conjunto de possibilidades que prestam relevância a este trabalho/pesquisa entre as quais destaco algumas que me parecem mais relevantes:

1) Quanto ao ensino de História, o projeto possibilitou aos alunos e professores o contato com uma metodologia de trabalho que efetivamente “foi ao encontro” da realidade da vida em família e em comunidade. E, principalmente, com conteúdos adequados a essa mesma realidade. Através do trabalho realizado, chegaram ao conhecimento/reconhecimento de que a História se concretiza através das ações humanas e que estas se sedimentam ao longo do “tempo”. Portanto “descobrir” a História é reconstruir este mesmo tempo

Os alunos e professores penetraram no mundo das “memórias” através dos testemunhos dos pais, *noni* e daí - história oral -, extraíndo elementos essenciais para que, na compreensão e linguagem de criança, reescrevessem esta mesma história personalizando-a em formas e cores no imaginário infantil, através de desenhos.

Obtiveram a compreensão de que as mudanças não ocorrem ao acaso nem que estão postas nos textos didáticos por vontade dos autores, mas sim, que ocorrem nos modos de vida em família e em sociedade e que têm visibilidade através das ações humanas, de seus legados materiais ou de seus hábitos e costumes.

Como quer Freire, a experiência ensejou aos alunos, a inserção neste “outro tempo”, permitindo que os mesmos tenham, pois, parâmetros para compreender o sentido e o significado do estudo da História.¹

Possibilitou, como preconizava Freinet, a concretização de um labor, porém com um sentido profundo através das pesquisas sobre a vida na “aldeia”, o contato com as

pessoas, as visitas e aprendizagem de seu trabalho e produção, o resgate da memória histórica sobre estas mesmas atividades em um outro tempo.²

2) Quanto ao ensino de Geografia, o projeto ofereceu aos alunos e professores a ocasião de compreenderem o ensino de Geografia como algo curioso, divertido, ligado ao espaço “concreto”, como um estudo vinculado, próximo e conectado com a realidade como preconizava Callai.³

Levou-os ao entendimento da Geografia como um estudo que propicia aos alunos e professores sentirem-se integrantes, participantes e construtores do espaço. Um espaço de vivências, de experiências, mutável mas permanente ao mesmo tempo.

Convenceram-se, através de experiência feita, de que estudar Geografia, mesmo nas séries iniciais, é uma ação próxima e vinculada à realidade e que todos, alunos, professores, pais e demais membros da comunidade, são responsáveis pela construção deste espaço de vida.

Oportunizou também a percepção de que o estudo das ações humanas no espaço é o estudo de suas interferências na natureza, modificando-a em consonância com a necessidade de sobrevivência do grupo e com isso, permitiu a “educação do olhar” para a vida ao redor da escola.

3) Quanto a sociedade e cultura italianas, o projeto possibilitou aos alunos e professores a compreensão da história local, através das conquistas e construções dos descendentes de imigrantes italianos, dando continuidade ao sonho dos pioneiros de construir na *Mérica* uma nova sociedade diferente daquela deixada na distante Itália.

Oportunizou, também, através dos estudos e pesquisas, a descoberta de uma história que está vinculada aos seus *noni* e outras gerações anteriores, mas que lhes presta identidade social e cultural. Uma idéia de pertencimento a uma história local e regional, onde os protagonistas não são os heróis dos livros, mas seus antepassados, ao irem ao encontro das histórias familiares, descobrindo relações de parentesco com os imigrantes e com isto estabelecendo e/ou fortalecendo laços.

A História percebida pelas crianças segue uma lógica própria, o que nem sempre corresponde à visão crítica dos adultos.

O objetivo proposto na pesquisa foi despertá-las para o sentido do conhecimento histórico e para o interesse em estudar História, pautado pela não-interferência na visão dos alunos e de seus interlocutores locais, embora se saiba que em muitos momentos esta possa ser vista como uma história idealizada, distante do real.

Para que não ocorresse essa visão fracionada da história local, e atendendo às expectativas do leitor crítico, dois sentidos podem ser dados ao trabalho. O primeiro diz respeito à visão do pesquisador que poderia interferir, direcionando para uma crítica contemporânea da história contada. A segunda é respeitar a criança e seus informantes, não necessariamente concordando, mas não interferindo nos momentos de descoberta; remetendo para um momento posterior a reformulação dos conceitos construídos com tanto empenho e entusiasmo.

Sugere-se que o estudo sirva como referência para as séries conclusivas em que o local passe a ser um referencial para o universal.

Possibilitou para a quase totalidade dos professores o contato com os textos de De Boni e Costa que, infelizmente, não se encontram presentes nas pequenas bibliotecas escolares, mas que são relevantes para a compreensão da história e culturas italianas.

No tocante aos textos, os professores não estabeleceram juízo crítico sobre os conteúdos, respeitando as pontuações dos autores, uma vez que essas também seguiram a mesma lógica de construção – a história oral. Com ela, teceram uma história local que, em termos didáticos se insere numa história regional, estadual e nacional de um tempo comum, mas em espaços diferentes, mas que no conjunto da história da imigração, sugere a idéia de inclusão tendo em vista a proximidade das gerações e dos sentidos expressos frente à mesma.

Por fim, a curiosidade e interesse na reelaboração na voz e na compreensão dos alunos do ato de reescrever esta mesma história registrada pelos pesquisadores.

4) Quanto às práticas pedagógicas, possibilitou a professores e alunos a produção de um trabalho cooperativo, alcançando resultados surpreendentes mesmos para os professores. Os seminários se constituíram numa prática onde os alunos puderam, efetivamente, mostrar suas capacidades, seus conhecimentos e se transformaram em momentos de avaliação de aprendizagem.

Exercitou a pesquisa e o planejamento das atividades, substituindo a prática da condução pela sustentação às propostas e aos anseios dos alunos; estes, por sua vez, tão logo compreenderam a proposta, foram paulatinamente tornando-se independentes do “aprove-se” dos professores. Evitaram, desta forma, o dirigismo por parte dos mesmos, que absorveram a postura de apenas orientadores da aprendizagem. Um processo efetivamente de libertação.

Sedimentou, ao longo do caminho, o encontro com o prazer e a curiosidade em pesquisar, descobrir, discutir, elaborar e produzir conhecimentos através do uso de multilinguagens como complemento de expressão de seu saber construído, oportunizando aos alunos expressarem seus conceitos e conhecimentos de acordo com a linguagem que melhor lhes possibilita esta comunicação e não apenas através de exercícios programados ou provas.

Resgatou o encantamento de montar textos, ilustrar idéias e confeccionar “livros” onde o saber pensado e construído se encontra registrado, dando ênfase à cultura como expressão vital do homem e de sua percepção do mundo, de sua organização no espaço e de construção de sua história.

3) Estimulou a busca e a produção do conhecimento que são categorias essenciais tanto para Freire como para Freinet, evitando uma educação bancária ou sedimentada na reprodução de conceitos pré-concebidos em contextos alheios à realidade dos alunos.

Possibilitou, também aos professores, o exercício da autonomia com seus alunos, libertando-os dos comportamentos pré-estabelecidos que muitas vezes ainda perpassam o ensino. O exercício da autonomia requer um desalojar-se de procedimentos utilizados cotidianamente no planejamento de suas ações pedagógicas. Requer desafios, expectativas, confiança, *feed-back*; e, sobretudo, a certeza de que um trabalho estimulante resulta em respostas compensadoras, tanto para os alunos, como para quem os orienta.

Concretizou o exercício da “educação do olhar”, de superação de “estranhamentos” e de exercitar a “alteridade” quando no contato com o “outro”, através de estudos e pesquisas que envolvem as pessoas da comunidade.

Enfatizou o lúdico na aprendizagem, o espaço aberto das aulas-passeio, a troca de idéias e a cooperação na montagem dos trabalhos e nos seminários.

O Estudo do Meio, ao finalizar este trabalho pode demonstrar, que a escola e em particular a proposta pedagógica da mesma, pode ser modificada através de experiências concretas e não apenas na reprodução de “discursos” que enfatizam a necessidade de que as mesmas ocorram.

Embora a ênfase do estudo tenha sido a iniciação ao ensino de História e Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental, percebe-se que essas experiências não se circunscrevem a esses componentes curriculares, mas, como foi constatado em Faria Lemos, a toda uma escola em ação, na medida que esta mesma experiência passou a balizar uma nova proposta pedagógica na escola.

Desta forma pretendeu-se uma visão a mais ampla e complementar possível, onde os alunos pudessem aliar suas vivências à memória e o saber comunitários, com

conhecimentos já produzidos pela ciência e disponíveis na escola, formando assim, através dos temas geradores aliados a técnicas pedagógicas motivadoras, uma fértil e expressiva experiência pedagógica rica em descobertas e produções.

4) O Estudo do Meio, através deste exercício, possibilitou, sobretudo, um repensar da escola e suas práticas. A integração entre a teoria, sua experimentação e a conseqüente crítica aos resultados resultou, conforme depoimentos dos próprios professores participantes, numa revisão do modo de ensinar. Em se tratando de iniciação ao ensino de História e Geografia, resultou ainda numa nova maneira de tratar os conteúdos, numa perspectiva interdisciplinar.

A 'realidade' não se constitui num patrimônio desta ou de outra disciplina. A relação entre aluno e meio não é exclusividade de áreas específicas de conhecimento. A adequação do currículo às necessidades, expectativas e vivências dos alunos não se traduz como especificidades. O Estudo do Meio, neste sentido, propiciou um olhar crítico sobre uma prática por vezes fragmentada, tendo como referência uma tradição dada ao tratamento dos conteúdos escolares.

Todas estas possibilidades reunidas fizeram com que o Estudo do Meio, mais que uma metodologia de ensino direcionada a uma prática pedagógica, também se concretize como uma revelação de vida.

Conforme Freinet, *a escola tinha se aberto para a vida.*⁴

Em se tratando do Estudo do Meio, este pretendeu abrir-se para a vida na escola e no mundo comunitário. Pelo menos tentamos em Colônia São Pedro, Faria Lemos, Marcorama e São Roque Figueira de Melo.

¹ FREIRE, Paulo. Educação na Cidade, p. 89

² FREINET, Élise. As Técnicas Freinet na Escola Moderna, p. 52

³ CALLAI, Helena Copetti. O Ensino da Geografia: Recortes Espaciais para Análise, in Geografia em Sala de Aula – Práticas e Reflexões, p. 51

⁴ FREINET, Élise. Nascimento de Uma Pedagogia Popular, p. 31

11 - BIBLIOGRAFIA

1. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Da Educação Fundamental ao Fundamental da Educação*, in **Concepções e experiências da Educação Popular – Cadernos CEDES**, nº 1, São Paulo: Cortez, 1980.
2. _____, **Lutar com a Palavra- Escritos sobre o trabalho do educador**. Rio: Graal, 1982.
3. _____, **A Educação Como Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
4. CALLAI, Helena Copetti, **O Estudo do Município e o Ensino da História e Geografia**. Iju: UNIJUI, 1988.
5. _____, *O Ensino da geografia: Recortes Espaciais para Análise*, in: **Geografia em Sala de Aula- Práticas e Reflexões**. 2ª ed. Castrogiovanni, Antonio Carlos (org.), P. alegre: Ed. Universidade - UFRGS/ AGB- Seção Porto Alegre, 1999.
6. _____, *Estudar o Lugar para Compreender o Mundo*, in, **Ensino de Geografia- Práticas e Textualizações no Cotidiano**. P. alegre: Mediação, 2000.
7. CALLAI, Jaime Luiz (org). **Aula de Estudos Sociais: Metodologia**. Ijuí. Liv. Unijuí, 1986.
8. CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, *Compreensão do Espaço Geográfico*, in **Ensino de Geografia- Práticas e Textualizações no Cotidiano**. P. alegre: Mediação 2000.
9. CLAVEL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.
10. COSTA, Rovílio. **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. P. alegre: EST, 1974.
11. _____, *A Família Italiana na Área Agrícola*, in. **A Presença Italiana no Brasil**. P. alegre: EST, 1996.
12. _____, **Far la Mérica**. P. alegre: RIOCELL MARPRON, 1991-Vol III.
13. _____ e outros. **Imigração Italiana: Vida, Costumes e Tradições**. 2ª ed. P. alegre: EST, 1986.
14. DE BONI, Luiz A. & COSTA, Rovilio. **Os Italianos do Rio Grande do Sul**. 3ª ed. Caxias do Sul: UCS, 1984.
15. FEIL, iselda Terezinha Sausen e LUTZ, Armgard. **Conteúdos Integrados- Proposta Metodológica**. Ijuí: FIDENE, Petrópolis: Vozes, 1985.

16. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio: Ed. Nova Fronteira, Folha de São Paulo, 1994.
17. FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Desafio: Ensinando a Partir da Realidade*. **Revista do Professor**. P. alegre: 8(32) : 42-43- Out. Dez. 1992.
18. FREINET, Élise. **Nascimento de Uma Pedagogia Popular**. Lisboa: Estampa, 1978.
19. _____, **O Itinerário de Celestin Freinet. A Livre Expressão na Pedagogia Freinet**. Rio: Livraria Francisco Alves. Editora S. a.,1979.
20. _____, Célestin. **O Método Natural**. Lisboa: Estampa, 1977.
21. _____, **O Texto Livre**. Lisboa: Dinalivro, 1977.
22. _____, **O Método Natural II - Aprendizagem do Desenho**. Lisboa: Estampa,1977.
23. _____, **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1976.
24. FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau**. Rio: Terra e Paz,1978.
25. _____, **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
26. _____, **Pedagogia da Esperança**, 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.
27. _____, **Educação e Mudança**. 20ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
28. _____, **Educação Como Prática da Liberdade**. 22ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
29. _____, **Educação na Cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
30. _____, **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
31. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio: LTC,1989.
32. GIRON, Loraine Slomp, BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Colônia Um Conceito Controvertido**. Caxias do Sul: EDUCS,1996.
33. HOEBEL, E. Adamson e FROSR. Everett L. **Antropologia Cultural e Social** São Paulo: Cultrix,1996.
34. KAERCHER, Nestor André. *A Geografia é o nosso dia-a-dia*, in: **Geografia em Sala de Aula**. Castrogiovanni. Antonio Carlos (org.). p. alegre: Ed. Universidade-UFRGS/ AGB - Seção P. alegre,1999.
35. IUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. d.. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU,1986.

36. IUPI, João Eduardo Pinto Basto. **A Concepção da Etnologia em Antonio Jorge Dias.** Braga, Portugal: Fac. Filosofia, 1984.
37. MALDANER, Marialva Bonfati. *A Criança precisa entender o espaço, tempo e sociedade.* in: **Conteúdos Integrados; Uma Proposta Metodológica para as Séries Iniciais do Ensino de primeiro Grau.** Ijuí: FIDENE, 1985.
38. MANFROI, Olívio. **A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: Implicações Econômicas, Políticas e Culturais.** P. alegre: IEL, 1975.
39. MARQUES, Luiz Alberto S. e MARQUES, Tânia E. **Estudo do Meio- Estudos Sociais para o Meio Rural.** P. alegre: Mercado Aberto,1987.
40. _____, Luiz Alberro S. *Estudo do Meio- Proposta Metodológica em Estudos Sociais para as Séries Iniciais,* In: **O Cotidiano na Prática Educativa II- Séries Iniciais.** SE/RS. 1993.
41. MICCHAELIS. John U. **Estudos Sociais para a Escola numa Democracia.** P. alegre: Globo,1970.
42. NIDELCOFF, Maria Tereza. **As Ciências Sociais na Escola.** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense,1992.
43. POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul.* **Cadernos EDUCS 3.** Caxias do Sul: UCS,1990.
44. OLIVEN. Ruben George. **A Parte eo Todo: A Diversidade Cultural no Brasil-Nação.** Petrópolis: Vozes, 1992.
45. ORO, Ari Pedro. *Mi son Talian,* In: **Presença Italiana no Brasil.** P. alegre: EST,1996.
46. RABUSKE, Edvino A **Antropologia Filosófica.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes,1986.
47. SAMPAIO. Rosa Maria Whitaker. **Freinet. Evolução Histórica e Atualidades.** São Paulo: Scipione, 1989.
48. SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo.** São Paulo: Hucitec,1986
49. _____, **Pensando o Espaço do Homem.** São Paulo: HUCITEC, 1986.
50. SILVA, Ruth Ivoty Torres. **A Escola Primária Rural.** 3ª ed. P. alegre: Globo,1970.

12 - ÍNDICE DAS GRAVURAS

Figuras 1 a 7: Imigração italiana - história em quadrinhos.....	44 a 47
Figura 8: Viagem dos imigrantes.....	58
Figura 9: O sonho dos imigrantes.....	126
Figuras 10 a 14: A importância da terra para os imigrantes	135 a 137
Figura 15: O caminho da água.....	154
Figura 16: Como a água chega até nossas casas hoje	164
Figura 17: A Água na propriedade	165
Figura 18: Como a água chegava até nossas casas antigamente.....	178
Figura 19: Como a água chegava até nossas casas antigamente.....	179
Figura 20: Planta.....	183
Figura 21: Ar/clima	201
Figura 22: O ar em nossa comunidade	204
Figura 23: O ar poluído	206
Figura 24: Comerciantes.....	214
Figura 25: O dia do pai	218
Figura 26: Carvoeiro.....	225
Figura 27: Costureira	230
Figura 28: A produção da uva	232
Figura 29: A produção da uva	240
Figura 30: Fabricando capeletti	246
Figura 31: Fabricando queijo.....	247
Figura 32: Comércio.....	250
Figura 33: Comércio do grupo familiar	263
Figura 34: Transportes.....	269
Figura 35: Viagem dos imigrantes.....	289
Figura 36: O espaço comunitário.....	293
Figura 37: Mapa da comunidade de São Roque Figueira de Melo.....	294
Figura 38: Formação da sociedade local.....	299
Figuras 39 a 43: Cultura italiana - histórias.....	301 a 303

Figura 44: Casa de taquara	307
Figura 45: Formação das propriedades	308
Figura 46: Espaço religioso	318
Figura 47: Vestuário	334
Figura 48: Colheita de uvas antigamente.....	337
Figura 49: Festas de colheita	339
Figura 50: Canto	346

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 1

Tema Gerador - Iniciação ao conhecimento geográfico: **TERRA**

Objetivos:

- Conhecimento deste recurso da natureza, suas diferentes formas de utilização pelas pessoas e como as famílias e as comunidades tratam ou não de preservá-lo;
- Relacionar este recurso com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades.

1 - Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1 - A terra que nos fornece alimentos:

- alimentos que retiramos da terra;
- horta, pomar, lavoura de subsistência.

Sub-tema 2 - Uso da terra no espaço doméstico:

- horta, lavoura, pomar, jardim que possuímos em casa;
- como preparamos a terra para plantá-los;

- como cuidamos das plantas;
- como cuidamos das terra (solo).

Cultura italiana:

- importância da terra para os imigrantes;
- a falta de terra e a escassez de alimentos como fator que impulsionou a imigração;
- como os imigrantes se fixaram na terra;
- como utilizaram a terra no início da colonização;
- formas de divisão do espaço- colônias, linhas, lotes;
- sonhos que alimentavam com a posse da terra;
- dificuldades encontradas nos primeiros tempos para sobreviverem;
- dificuldades que ainda enfrentam hoje, para a manutenção das atividades de trabalho na terra.

Sub-tema 3 - Uso da terra no espaço comunitário:

- lavouras, pecuária, extrativismo (vegetal e mineral);
- tipos de lavouras que predominam na comunidade;
- como preparam a terra para o cultivo;
- plantações e cuidados para com as plantas;
- cuidados para com o uso da terra.

Atividade complementar:

- visita a uma propriedade (agricultura, pecuária, extrativismo);
- conhecer como preparam o solo, plantam, cuidam das plantas e colhem;
- destino dado as colheitas;
- equipamentos utilizados no trabalho;
- trabalho das pessoas envolvidas;
- cuidados com a preservação do espaço utilizado.

Cultura italiana:

- diferenças entre as propriedades e lavouras de hoje e a dos imigrantes;
- o que mudou no uso da terra, nas formas de plantio e nas colheitas;

- equipamentos utilizados hoje e antigamente - nome dado, em italiano, aos equipamentos utilizados no trabalho nas lavouras.

Sub-tema 4 - Os espaços privados e público

Espaços privados :- propriedades nas cidades e no meio rural;

- uso da terra que circundam as propriedades;
- propriedades na cidade e no meio rural - diferenças.

Espaços públicos:- ruas, estradas, praças, parques;

- importância dos espaços públicos e coletivos;
- uso dos espaços públicos;
- embelezamento e preservação dos espaços públicos e coletivos.

Atividade complementar:

- escolha de um espaço público e coletivo;
- montagem de uma pesquisa sobre a utilização deste espaço;
- observação dos problemas e conquistas no uso do espaço público estudado;
- montagem de um projeto de adoção para cuidado (temporário) deste espaço escolhido para estudo.

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os professores, alunos e comunidades

A) Parte teórica

- reunir o maior número de textos e informações possível sobre o uso do solo(terra) para os alunos consultarem;
- explorar o conhecimento que eles já possuem sobre o assunto;
- montar, com os alunos, os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.

B) Parte prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/ equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda os usos da terra;
- equipe que estuda os espaços domésticos;

- equipe que estuda a importância do uso da terra para os imigrantes;
- equipe que estuda o uso da terra no espaço comunitário;
- equipe que estuda os espaços públicos;
- equipes que estudam diferentes propriedades.

2.2 - Atividades das equipes:

- montar um roteiro de trabalho (ver metodologia de pesquisa);
- coletar informações com as famílias e as comunidades;
- localizar e conhecer os espaços a serem estudados;
- montar textos com as informações coletadas;
- consultar livros e outras publicações para complementar as informações recebidas na comunidade (senso comum);
- realizar dramatizações com as informações coletadas.

2.3 - Organização do seminário com os alunos sobre as pesquisas realizadas.

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas do grupo;
- organizar a apresentação e/ou relato das pesquisas;
- apresentar os resultados em diferentes linguagens: - comunicação oral, textos, desenhos, painéis, mapas, dramatizações, etc.;
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-las;
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados;
- montar o *Livro da Terra* da comunidade.

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 2

Tema Gerador - Iniciação ao conhecimento geográfico: **ÁGUA**

Objetivos:

- Conhecimento deste recurso da natureza, suas diferentes formas de utilização pelas pessoas e como as famílias e as comunidades tratam ou não de preservá-lo;
- Relacionar este recurso com a cultura dos grupos de descendentes dos imigrantes italianos que habitam as comunidades.

1-Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1- A água como elemento da natureza:

- importância da água para os seres vivos;
- onde encontramos a água que necessitamos;
- importância dos cuidados com a água que utilizamos para vivermos.

Sub-tema 2 - A água que utilizamos para consumo doméstico:

- onde encontramos nas propriedades e na comunidade;
- como utilizamos a água nas famílias - higiene pessoal e doméstica e preparo dos alimentos;
- como conservamos a água para mantê-la saudável e limpa para o consumo doméstico.

Sub-tema 3 - A;água que utilizamos para a criação de animais domésticos:

- onde encontramos - nas propriedades e na comunidade;

- como utilizamos e como preservamos a água a ser utilizada.

Sub-tema 4 - A água que utilizamos para as plantações domésticas (horta, jardim e pomar) e para as lavouras:

- onde encontramos nas propriedades e na comunidade;
- como utilizamos;
- cuidados com a água utilizada nas plantações - resíduos de defensivos;
- importância da preservação da água utilizada nas plantações.

Sub-tema 5 - Importância da água para a indústria colonial:

- a água utilizada para mover moinhos;
- como captavam e como conduziam a água para os moinhos;
- como utilizavam a água para produzir a energia que movia os moinhos.

Sub-tema 6 - Conseqüências da falta de água para a vida na comunidade:

- como a natureza reage a um período de seca ou estiagem;
- consequência da seca ou estiagem para as plantas domésticas, para as lavouras e para os animais;
- conseqüências de um período de seca ou estiagem para as famílias e para a comunidade;
- soluções que a comunidade dispõe para diminuir as conseqüências de uma seca ou estiagem;

Sub-tema 7 - Conseqüências de um período de cheias ou enchentes para a vida em comunidade:

- como a natureza reage frente a um período de cheias ou enchentes;
- conseqüências de um período de cheias ou enchentes para as plantações domésticas, para os animais e para as lavouras;
- conseqüências de um período de cheias ou enchentes para as famílias e para a comunidade;
- soluções que a comunidade encontra para diminuir as conseqüências de um período de cheias ou enchentes.

Sub-tema 8 - Fontes de fornecimento de água para as famílias e para a comunidade:

- rios, riachos, córregos, arroios, açudes, poços, vertentes, etc.;

- onde estão localizados nas propriedades e na comunidade;
- importância destes recursos para a vida na comunidade;
- como a comunidade preserva estas fontes naturais de abastecimento de água e para o lazer (no verão) dos próprios habitantes;

Cultura italiana:

a) Importância dos recursos hídricos na vida das colônias :

- na localização das áreas destinadas às colônias;
- na localização das linhas de acesso;
- na distribuição dos lotes e das casas;
- no escoamento da produção.

b) Técnicas utilizadas pelos italianos na captação e na condução da água:

- técnicas utilizadas para captar a água que utilizavam para uso doméstico, para as lavouras e animais e para mover os moinhos;
- técnicas utilizadas para conduzir a água que utilizavam;
- nome (em italiano) dos recursos e dos objetos que utilizavam para captar, conduzir, armazenar e utilizar a água para as famílias e comunidade.

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os professores, alunos e comunidades

A) Parte teórica:

- reunir o maior número de textos e informações possível sobre o uso da água para os alunos consultarem;
- explorar o conhecimento que eles já possuem sobre o assunto;
- montar, com os alunos, os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.

B) Parte prática:

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Ex.:

- equipe que estuda a água como elemento da natureza;
- equipe que estuda a água que utilizamos para consumo doméstico;

- equipe que estuda a água que utilizamos para a criação dos animais
- equipe que estuda a água que utilizamos para as plantações;
- equipe que estuda a importância da água para a indústria colonial;
- equipe que estuda as consequências da falta de água para a vida na comunidade;
- equipe que estuda as consequências de um período de cheias ou enchentes para a vida em comunidade;
- equipe que estuda as fontes de fornecimento de água para as famílias e para a comunidade;

2.2 Atividades das equipes:

- montar o roteiro de trabalho (ver metodologia de pesquisa);
- coletar informações nos livros, textos e na comunidade;
- visitar os locais a serem estudados na comunidade;
- montar textos e outras atividades com as informações coletadas;
- consultar livros e outras publicações com respeito à formação da comunidade para complementar as informações recebidas na comunidade (senso comum);
- realizar aula-passeio para visitar, observar e estudar o usos da água nas famílias e na comunidade.

2.3 - Organização do seminário com os alunos sobre as pesquisas realizadas.

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas do grupo;
- organizar a apresentação e/ou relato das pesquisas;
- apresentar os resultados em diferentes linguagens - comunicação oral, textos, desenhos, painéis, mapas, dramatizações, etc.;
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-las;
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados;
- montar o *Livro da Água* da comunidade.

PROJETO- ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 3

Tema Gerador - Iniciação ao conhecimento geográfico - **PLANTA**

Objetivos:

- conhecimento deste recurso da natureza, suas diferentes formas de utilização pelas pessoas, e como as famílias e as comunidades tratam ou não de preservá-lo.
- relacionar este recurso com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades

1- Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1 - Plantas com as quais nos alimentamos- verduras e legumes

- onde encontramos;
- como plantamos;
- como cuidamos e utilizamos.

Cultura italiana

- nome das verduras e legumes ainda conhecidas, em italiano;
- hábitos e usos alimentares relacionados com estes tipos de plantas trazidos pelos imigrantes.

Sub-tema 2 - Plantas que utilizamos para tratar doenças

- plantas conhecidas e utilizadas;
- onde encontramos nas famílias e na comunidade;
- como colhemos e utilizamos.

Cultura italiana

- Nome dado as plantas, em italiano;
- plantas medicinais trazidas da Itália pelos imigrantes;
- hábitos de preparo e uso ainda conhecidos pelos descendentes dos imigrantes.

Sub-tema 3- Plantas que enfeitam a vida e o mundo

- flores e folhagens mais conhecidas;
- onde as encontramos;
- como plantamos e como cuidamos das mesmas

Cultura italiana

- nome das flores em língua italiana;
- plantas trazidas pelos imigrantes

Sub-tema 4- Árvores e arbustos frutíferas silvestres

- árvores e arbustos mais conhecidas na comunidade;
- onde encontramos;
- como utilizamos os seus frutos.

Sub-tema 5 - Árvores frutíferas cultivadas

- árvores mais conhecidas na comunidade;
- onde e como plantamos;
- como utilizamos os frutos destas plantas.

Cultura italiana

- nome desta árvores e de seus frutos, em italiano;
- plantas introduzidas pelos imigrantes;
- hábitos de uso e preparo relacionados com a cultura dos descendentes dos imigrantes.

Sub-tema 6 - Árvores fornecem madeira

- espécies mais conhecidas e utilizadas;
- onde encontramos;
- diferentes usos para as madeiras.

Cultura italiana

- madeiras mais utilizadas nos primeiros tempos;
- onde encontravam e como utilizavam;
- espécies de madeira de lei ainda encontradas na comunidade;
- espécies de árvores que desapareceram, com o tempo, ou que se encontram ameaçadas de desaparecimento, na comunidade.

Sub-tema 7 - Árvores que embelezam com sua sombra e flores

- espécies conhecidas e silvestres;
- espécies conhecidas e cultivadas;
- onde encontramos e como utilizamos.

Sub-tema 8 - Cuidados para com as plantas

- funções das plantas - por que a cultivamos;
- importância da preservação das espécies nativas e das matas e florestas;
- como as famílias e a comunidade devem cuidar das plantas e das matas;
- problemas ecológicos encontrados na comunidade.

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os professores, alunos e comunidades.

A) Parte teórica

- reunir o maior número de textos, documentos e informações possível sobre as plantas, para os alunos consultarem;
- explorar o conhecimento que eles já possuem sobre o assunto;
- montar, com os alunos, os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.

B) Parte prática

2.1- Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda as plantas com as quais nos alimentamos;
- equipe que estuda as plantas que utilizamos para tratar doenças;

- equipe que estuda as plantas que enfeitam a vida e o mundo;
- equipe que estuda as árvores e arbustos frutíferas silvestres;
- equipe que estuda as árvores frutíferas cultivadas;
- equipe que estuda as árvores que fornecem madeira;
- equipe que estuda as árvores que embelezam com sua sombra e flores;
- equipe que estuda os cuidados para com as plantas.

2.2 - Atividades das equipes:

- montar um roteiro de trabalho(vide metodologia de pesquisa);
- coletar informações com as famílias e as comunidades;
- localizar e conhecer (quando possível) as plantas e identificá-las;
- montar textos com as informações coletadas;
- coletar folhas e/ou pequenos ramos das mesmas e preparar um - **livro de informações sobre as plantas** -, nomes e usos.
- consultar livros e textos para complementar as informações recolhidas na comunidade (senso comum);
- realizar dramatizações tendo como tema as plantas.

2.3 - Organização do seminário com os alunos, sobre as pesquisas realizadas.

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas do grupo;
- organizar a apresentação e/ou relato das pesquisas;
- apresentar os resultados em diferentes linguagens- comunicação oral, textos, desenhos, painéis, mapas, dramatizações, etc.;
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-las;
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados;
- montar o *Livro das Plantas* da comunidade.

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 4

Tema gerador - Iniciação ao conhecimento Geográfico – **AR/CLIMA**

Objetivos:

- Conhecimento deste recurso da natureza, suas diferentes formas de intervenção na vida e no trabalho das famílias e na comunidade e como estas tratam de preservá-lo
- relacionar este elemento natural com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades

1- Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1 - A importância do ar/clima para os seres vivos

- o ar que respiramos
- como o ar é utilizado pelos demais seres vivos
- diferenças entre um ar puro e um ar poluído
- onde encontramos ar puro
- como e por que as pessoas poluem o ar
- como natureza reage às mudanças de clima conforme as estações do ano

Sub-tema 2 - Importância do ar/clima para as pessoas, famílias e comunidade

- como se apresenta o ar em nossa comunidade
- elementos poluidores do ar em nossa comunidade

- como as pessoas, famílias e comunidades reagem frente às mudanças do clima conforme as estações do ano
- no tipo de alimentação
- no uso do vestuário
- nas festas/lazer/esportes/ diversão
- na vida em comunidade
- no trabalho

Sub-tema 3 - Importância do ar/clima para as espécies animais

- mudanças de hábitos dos animais conforme as estações do ano
- fornecimento de alimentos para os animais conforme as estações do ano
- acasalamento e reprodução dos animais

Sub-tema 4 - Importância do ar/clima para as plantações domésticas, para as lavouras e para as demais plantas

- mudanças perceptíveis que ocorre com as plantas conforme as estações do ano
- ciclo de vida - preparo da terra, semeadura, cuidados e colheitas das plantas domésticas e das lavouras conforme as estações do ano

Sub-tema 5 - Conseqüências das mudanças /alterações climáticas para a natureza e para a vida em comunidade

- chuvas, enchentes, seca, estiagem
- temporais, ventos, chuvas de granizo (pedras), geadas, nevadas, etc.
- calor ou frio fora das estações regulares

Sub-tema 6 - Cultura italiana: importância do clima para a vida nas colônias

- quanto a adaptação à vida nas áreas destinadas aos colonos
- quanto às práticas de trabalho e produção
- quanto aos hábitos domésticos e a vida em comunidade

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os alunos, professores e comunidades

A) Parte teórica

- reunir o maior número de textos e informações possível sobre o ar e o clima para os alunos pesquisarem
- explorar o conhecimento que eles já possuem sobre o assunto
- montar, com os alunos. Os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica

B) Parte Prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda a importância do ar/clima para os seres vivos
- equipe que estuda a importância do ar/clima para as pessoas, famílias e comunidade
- equipe que estuda a importância do ar/clima para as espécies animais
- equipe que estuda a importância do ar/clima para as plantações domésticas, lavouras e para as demais plantas
- equipe que estuda as consequências das mudanças/alterações climáticas para a natureza e para a vida na comunidade
- equipe que estuda a importância do ar/clima para a vida nas colônias

2.2 - Atividades das equipes

- montar um roteiro de trabalho (ver metodologia de pesquisa)
- coletar informações com as famílias e com as comunidades
- localizar e conhecer os espaços a serem estudados
- montar textos com as informações coletadas
- consultar livros e outras publicações para complementar as informações recebidas na comunidade (senso-comum)
- realizar dramatizações com as informações coletadas
- participar na programação da aula-passeio, quando necessário

2.3 - Organização do seminário com os alunos sobre as pesquisas realizadas.

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar as cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas dos grupos;
- organizar a apresentação e/ou relato das pesquisas
- apresentar os trabalhos em diferentes linguagens : comunicação oral, textos, desenhos, painéis, mapas, dramatizações, etc.
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-las
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados
- montar o livro do *Ar e Clima* da comunidade.

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 5

Tema Gerador - Iniciação ao conhecimento do meio econômico - **TRABALHO**

Objetivos:

- conhecimento da história da comunidade nos âmbitos, econômico, político e cultural;
- montagem da história da comunidade através da história oral e da memória popular, na ótica e na percepção dos alunos;
- relacionar esta mesma história com a cultura dos grupos de descendentes de italianos que habitam as comunidades.

1- Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1 - Atividades no âmbito familiar - o trabalho realizado pelo pai

- tipo de trabalho que executa - profissão;
- onde realiza o trabalho (espaço de trabalho)
- como realiza o trabalho - condições de realização do mesmo
- rotina de trabalho do pai;
- importância deste trabalho para a manutenção da família;
- importância do trabalho do pai no conjunto de atividades que são desenvolvidas na comunidade;
- formas de remuneração recebida pelo pai em função do trabalho;
- participação da família na atividade de trabalho do pai;
- contribuição dos filhos (alunos) junto ao trabalho do pai.

Sub-tema 2 - Atividades no âmbito familiar - o trabalho realizado pela mãe

- tipo de trabalho realizado pela mãe, dentro e fora de casa - profissão;
- onde é realizado o trabalho da mãe- espaço de trabalho;
- como é realizado o trabalho - condições de trabalho;
- rotina de trabalho da mãe;
- importância deste trabalho para a manutenção da família;
- importância deste trabalho no conjunto das atividades realizadas pelas mães na comunidade;
- formas de remuneração do trabalho da mãe;
- dupla jornada de trabalho para as mães que exercem atividades fora do lar;
- participação da família nas atividades de trabalho das mães;
- contribuição dos filhos (alunos) junto ao trabalho das mães.

Sub-tema 3- Atividades de trabalho no âmbito comunitário – trabalho na agricultura e na pecuária:

- tipo de trabalho que executam - profissão;
- onde realizam o trabalho (espaço de trabalho);
- como realizam o trabalho - condições de realização;
- rotina de trabalho dos profissionais;
- importância deste trabalho para a manutenção das famílias;
- importância deste trabalho no conjunto das profissões da comunidade;
- formas de remuneração recebidas pelo trabalho exercido;
- participação dos membros da família na atividade profissional..

Sub-tema 4 - O trabalho na indústria.

(o mesmo roteiro de estudos do sub-tema 3)

Sub-tema 5 - O trabalho no comércio

(o mesmo roteiro de trabalho do sub-tema 3)

Sub-tema 6 - Outros tipos de trabalho da comunidade

(o mesmo roteiro de trabalho do sub-tema 3)

Sub-tema 7 - O trabalho e a cultura italiana

- importância do trabalho para os imigrantes italianos e seus descendentes;
- condições de trabalho em suas comunidades de origem - Itália - antes de imigrarem;
- o trabalho na terra como motivação para a imigração;
- atividades de trabalho realizadas pelos primeiros imigrantes nas comunidades coloniais. Cada grupo estuda a sua comunidade específica;
- as atividades de trabalho nos primeiros tempos:
- atividades que realizavam;
- rotina de trabalho dos imigrantes;
- locais onde realizavam o trabalho;
- dificuldades encontradas para a realização do trabalho;
- participação da família na rotina de trabalho;
- primeiras profissões da comunidade.

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os alunos, professores e comunidades.

A) Parte teórica

- *reunir o maior número de textos, documentos e informações possível sobre a atividade de trabalho, trabalho nas famílias e comunidades, trabalho dos imigrantes italianos;*
- explorar o conhecimento que os alunos já possuem sobre o assunto;
- montar, com os alunos, os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.

B) Parte prática

2.1- Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização dos estudos e pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda o trabalho dos pais;
- equipe que estuda o trabalho das mães;
- equipe que estuda o trabalho na comunidade - agricultura e pecuária
- equipe que estuda o trabalho na comunidade - indústria;

- equipe que estuda o trabalho na comunidade - indústria
- equipe que estuda o trabalho na comunidade - comércio
- equipe que estuda o trabalho na comunidade - outras atividades
- equipe que estuda o trabalho e a cultura italiana

2.2- Atividades das equipes:

- montar o roteiro de trabalho (vide metodologia de pesquisa);
- coletar informações nas famílias e nas comunidades;
- aula-passeio - localizar e conhecer os espaços de trabalho estudados;
- conhecer as rotinas e as condições dos trabalhos realizados;
- montar textos com as informações coletadas;
- consultar livros e textos para complementar as informações recolhidas na comunidade (senso comum)
- realizar dramatizações tendo como tema o trabalho, suas rotinas e condições.

2.3- Organização do seminário com os alunos sobre as pesquisas e estudos realizados

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar cópia dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas dos grupos;
- organizar a apresentação e/ou relato das pesquisas;
- apresentar os resultados em diferentes linguagens- comunicação oral, textos, desenhos, mapas, painéis, dramatizações, etc.;
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-las;
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados;
- montar o *Livro do Trabalho* da comunidade.

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi- Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 6

Tema Gerador - Iniciação ao conhecimento do meio econômico - **PRODUÇÃO**

Objetivos:

- conhecimento da História da comunidade nos âmbitos econômico, social, político e cultural;
- montagem da História da comunidade através da história oral e da memória popular na ótica e na percepção dos alunos;
- relacionar esta mesma história com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades;
- conhecer a produção local realizada no espaço comunitário hoje e no início da imigração

1- Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1- A produção no grupo familiar:

- o que a família produz no espaço doméstico;
- onde realiza a atividade produtiva(horta, pomar, lavoura, indústria, granja, etc.);
- como realiza a produção;
- equipamentos utilizados na produção;
- quem participa da produção;
- alimentos produzidos no espaço doméstico;

- mudanças ocorridas na produção familiar desde o tempo dos imigrantes até hoje.

Sub-tema 2 - Produção da comunidade - Agricultura

- tipos de lavouras mais comuns na comunidade;
- produtos agrícolas encontrados com maior frequência na comunidade e região;
- técnicas utilizadas para a produção;
- equipamentos agrícolas utilizados com maior frequência na comunidade e região;
- tipo de mão-de-obra utilizada na comunidade e região;
- formas de pagamento da mão-de-obra utilizada na produção.

Cultura italiana:

- atividades agrícolas introduzidas pelos imigrantes;
- nome dos produtos, em italiano, introduzidos pelos imigrantes;
- como preparavam as suas lavouras;
- principais equipamentos, em italiano, utilizados pelos imigrantes;
- rotina de trabalho nas famílias e na comunidade;
- mão-de-obra utilizada nas lavouras pelos imigrantes.

Sub-tema 3 - Produção da comunidade - pecuária

- principais rebanhos encontrados na comunidade e região;
- a produção pecuária destinada a : - subsistência da família;
- produção para comercialização;
- para frigoríficos e outras finalidades;
- recursos utilizados na pecuária- cuidados para com a manutenção dos rebanhos;
- tipo de mão-de-obra utilizada na comunidade e região;
- formas de pagamento da mão-de-obra utilizada na produção.

Cultura italiana

- nome, em italiano, dos animais criados nas propriedades;

- destino dado aos animais criados nas propriedades no tempo dos imigrantes;
- mão-de-obra utilizada na criação de animais nas famílias e na comunidade.

Sub-tema 4 - Produção da comunidade - extrativismo

- principais atividades extrativas na comunidade e região
- extrativismo mineral - pedras;
- extrativismo vegetal - madeiras, carvão, pinhão, etc.;
- como é realizada a atividade extrativa;
- tipo de mão-de-obra utilizada nesta produção;
- formas de pagamento da mão-de-obra utilizada nesta produção.

Cultura italiana

- principais atividades extrativas introduzidos pelos imigrantes italianos:
- extrativismo mineral - pedreiras;
- extrativismo vegetal - madeiras, pinhão, etc.
- mão -de- obra empregada na atividade extrativa na época dos imigrantes;
- formas de remuneração aplicada na atividade extrativa.

Sub-tema 5 - Produção da comunidade - indústria - indústria caseira

- aproveitamento dos produtos produzidos nas propriedades - queijo- vinho- salames- geleias - pães, etc.
- mercados consumidores desta produção;
- participação dos filhos (alunos) nas atividades da indústria caseira.

Cultura italiana

- principais produtos, em italiano, introduzidos pelos imigrantes;
- como produziam estes produtos;
- quem participava desta produção.

Sub-tema 6 - Produção da comunidade - indústria- indústria artesanal

- principais atividades da indústria artesanal na comunidade e região (lã, algodão, fibras, cestaria, vime, madeira, etc);

- mercados consumidores dos produtos;
- quem participa na atividade artesanal nas famílias e na comunidade;
- importância do artesanato para a economia das famílias e da comunidade.

Cultura italiana

- produtos artesanais introduzidos pelos imigrantes (nomes em italiano);
- como eram produzidos no tempo dos imigrantes;
- importância do *filó* para a produção artesanal;
- quem participava desta produção.

Sub-tema 7 - Outras indústrias da comunidade e região

- principais indústrias existentes na comunidade e região;
- produtos industrializados na comunidade e região;
- importância destas indústrias para a comunidade, município e região;
- oferta de empregos proporcionadas por estas indústrias;
- mão-de-obra empregada nestas indústrias;
- tipo de remuneração ofertado pelas indústrias;
- benefícios introduzidos pelas indústrias na comunidade, município e região.
- mudanças no meio ambiente produzidos por algumas indústrias.

Cultura italiana

- principais atividades industriais introduzidas pelos imigrantes e seus descendentes na comunidade, município e região;
- como produziam estas produtos antigamente;
- para onde destinavam a produção industrial antigamente;
- mão-de-obra empregada nestas indústrias;
- quem e como fabricavam os equipamentos necessários;
- como eram remunerados os trabalhadores nestas indústrias;
- mudanças ocorridas na produção industrial desde o tempo dos imigrantes.

2-Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os alunos, professores e comunidades

A) Parte teórica

- reunir o maior número de textos, documentos e informações possível sobre a produção, para os alunos pesquisarem;
- explorar o conhecimento que eles já possuem sobre o assunto;
 - *montar, com os alunos; os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.*

B) Parte prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda a produção no grupo familiar;
- equipe que estuda a produção da comunidade- produção agrícola;
- equipe que estuda a produção na comunidade - produção pecuária;
- equipe que estuda a produção na comunidade - produção extrativa;
- equipe que estuda a produção na comunidade - indústria caseira;
- equipe que estuda a produção na comunidade - indústria artesanal;
- equipe que estuda a produção na comunidade - produção industrial;
- equipe que estuda a produção industrial dos imigrantes.

2.2 - Atividades das equipes:

- montar um roteiro de trabalho (vide metodologia de pesquisa);
- coletar informações com as famílias e a comunidade;
- localizar e conhecer os locais de produção industrial;
- participar na realização de aula-passeio para visitar diferentes indústrias;
- montar textos com as informações coletadas;
- consultar livros e textos para complementar as informações recolhidas na comunidade (senso comum);
- realizar dramatizações tendo como tema o trabalho na indústria.

2.3.- Organização do seminário com os alunos, sobre os estudos e pesquisas realizados:

- realizar cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas dos grupos;
- organizar a apresentação e/ou relato das pesquisas;

- apresentar os resultados em diferentes linguagens - comunicação oral, textos, desenhos, painéis, mapas, dramatizações, etc.
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-las;
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre os trabalhos apresentados;
- montar o *Livro da Produção* da comunidade

2.4 - SUGESTÃO AOS PROFESSORES - estudar o ciclo produtivo, principalmente na agro-indústria, desde a produção até o produto final no mercado.

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves- Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi- Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 7

Tema Gerador - Iniciação ao conhecimento do meio econômico - **COMÉRCIO**

Objetivos:

- conhecimento da História da comunidade nos âmbitos econômico, social, político e cultural;
- montagem da História da comunidade através da História oral e da memória popular na ótica e na percepção dos alunos;
- relacionar esta mesma história com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades;
- conhecer o comércio local realizado hoje e no início da colonização

1 - Sub-temas - elementos para estudo

Sub-tema 1 - Comércio praticado no grupo familiar

- o que a família produz e vende;
- importância do comércio para as famílias dos produtores;
- para onde vende a produção;
- como realiza a venda da produção;
- resultados obtidos com a venda da produção - lucros e perdas
- o que as famílias adquirem no comércio local;
- o que as famílias adquirem no comércio regional - município e região.

Sub-tema 2 - Comércio na comunidade

- tipo de comércio predominante na comunidade;
- principais casas comerciais da comunidade;
- principais produtos que a comunidade vende;
- benefícios adquiridos através da comercialização dos produtos;
- importância do comércio para os moradores da comunidade;
- destino dos produtos comercializados na comunidade - centros consumidores.
- produtos trazidos para a comunidade através das casas de comércio;
- procedência dos produtos ofertados no comércio local;
- vantagens e prejuízos causados pelos intermediários tanto para os produtores como para os consumidores.

Cultura italiana

Comércio realizado pelos primeiros imigrantes:

- como e para onde vendiam a produção familiar;
- onde realizavam o comércio;
- centros consumidores da produção familiar e comunitária;
- o que obtinham em troca da produção, no comércio;
- importância do comércio e dos comerciantes para a vida na colônia;
- primeira casa de comércio na comunidade;
- produtos que comercializavam nestas casas.

Fontes de pesquisa:

As informações essenciais à realização das investigações sobre as atividades comerciais podem ser obtidas junto:

- aos próprios pais, para compreenderem as relações comerciais que envolvem o comércio da produção familiar;
- aos vizinhos que produzem e comercializam os produtos;
- aos demais produtores da comunidade, para verificar o volume e forma de comércio existente;
- aos comerciantes estabelecidos, desde o mais simples mercado até aos que se dedicam ao comércio de importação e exportação;

- às cooperativas, sindicatos, entrepostos comerciais;
- aos feirantes, vendedores ambulantes, representantes comerciais, etc..

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas, discussões do tema com os alunos, professores e comunidades

A) Parte teórica

- reunir o maior número de textos, documentos e informações possível sobre o comércio, para os alunos pesquisarem;
- explorar os conceitos e conhecimentos que eles já possuem sobre o assunto;
- montar, com os alunos, os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.

B) Parte prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda o comércio praticado no grupo familiar - em diferentes famílias;
- equipe que estuda o comércio local;
- equipe que estuda o comércio regional;
- equipe que estuda o comércio do tempo dos imigrantes;

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Série Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 8

Tema Gerador – **MEIOS DE TRANSPORTES E VIAS DE COMUNICAÇÃO**

Objetivos :

- conhecimento da História da comunidade nos âmbitos econômico, social, político e cultural;
- montar a história da comunidade através da História oral e da memória popular na ótica e na percepção dos alunos;
- relacionar esta mesma história com a cultura dos grupos de descendentes de imigrantes italianos que habitam as comunidades estudadas;
- conhecer os meios de transportes e as vias de comunicação de hoje e desde o tempo da imigração italiana.

1- Sub-temas - elementos para estudos

Sub-tema 1 - Meios de transportes utilizados nas famílias;

- importância dos meios de transportes para as atividades e necessidades das famílias;
- os meios de transportes que as famílias dispõem;
- como utilizam no seu dia-a-dia;
- meios de transportes utilizados na comunidade antigamente.

Sub-tema 2 - Meios de transportes conhecidos e utilizados na comunidade

- diferentes meios de transportes (bicicleta, moto, automóvel, trator, caminhonete, caminhão, carroça, carreta e outros);
- como se utiliza cada um deles;
- meios de transportes utilizados na comunidade antigamente.

Sub-tema 3 - Outros meios de transportes utilizados no município e região.

a) transporte rodoviário:

- principais meios de transportes utilizados na comunidade e região;
- empresas e linhas de ônibus conhecidas na comunidade e região;

b) transporte ferroviário:

- principais rotas ferroviárias existentes no município e região;
- mudanças ocorridas no transporte ferroviário no município e região;
- importância do uso turístico do trem;
- histórias sobre o uso do trem, contadas pelos idosos da comunidade.

c) transporte hidroviário:

- principais rotas das balsas utilizadas no município e região;
- mercadorias transportadas pelos balseiros;
- histórias contadas na comunidade e região envolvendo o transporte por balsas e os balseiros

Sub-tema 4 - Como e quando utilizamos meios de transportes específicos:

- uso de ambulâncias;
- uso de viaturas policiais;
- uso de carro de bombeiros;
- uso de táxis;
- outros meios de transportes específicos

Sub-tema 5 - Cultura italiana - meios de transportes utilizados pelos imigrantes durante a viagem desde a Itália até as comunidades coloniais na serra gaúcha;

- primeiros meios de transportes utilizados nas colônias : tropas de mulas, carroças, balsas, etc.;
- como eram realizadas as primeiras viagens;
- primeiros automóveis, ônibus, caminhões conhecidos pela comunidade.

Sub-tema 6 - Vias de comunicação utilizadas pela família:

- caminhos utilizados para ir ao trabalho;
- caminhos utilizados para ir à escola;
- caminhos utilizados para outras finalidades

Sub-tema 7 - Estradas e caminhos que cortam a comunidade

- principais estradas que cortam a comunidade e a liga com as comunidades vizinhas;
- principais ligações entre a comunidade e a sede do município.

Sub-tema 8 - Estradas que cortam e liga o município:

- principais estradas que cortam o município;
- principais ligações entre o município e os municípios vizinhos;
- principais ligações entre o município e a capital;
- principais ligações entre o município e outros estados

Sub-tema 9 - Cultura italiana:

- como os imigrantes construíram os primeiros caminhos e estradas;
- primeiras ligações entre as colônias e entre a comunidade e a sede do município;
- como eram realizadas as viagens de carreta e a vida dos carreteiros;
- como foi construída a estrada de ferro;
- como eram utilizadas as balsas para transportar madeiras e outras mercadorias;
- como eram utilizadas as tropas de mulas e o comércio dos mascates;

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os alunos, professores e comunidade

A) Parte teórica

- reunir o maior número de textos, documentos e informações possível sobre os meios de transportes; para os alunos consultarem;
- explorar os conceitos e conhecimentos que eles já possuem sobre o tema;

- montar, com os alunos, os primeiros textos, tendo como apoio a consulta bibliográfica.

B) Parte prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização dos estudos e pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda o uso dos transportes nas famílias;
- equipe que estuda o uso dos transportes na comunidade;
- equipe que estuda o uso dos transportes no município e região;
- equipe que estuda o uso dos meios de transportes específicos;
- equipe que estuda os primeiros meios de transportes utilizados pelos imigrantes;
- equipe que estuda os principais caminhos e estradas da comunidade;
- equipe que estuda as principais estradas do município e região;
- equipe que estuda a cultura italiana e a construção das estradas e outros caminhos;
- equipe que estuda o transporte ferroviário do município e região;
- equipe que estuda o transporte hidroviário do município e região.

2.2 - Atividades das equipes

- montar um roteiro de trabalho (vide metodologia de pesquisa);
- coletar informações nas famílias e na comunidade;
- localizar e conhecer os meios de transportes e as vias de comunicação;
- montar textos com as informações coletadas;
- consultar livros e outras publicações, com respeito às atividades de transportes e vias de comunicação para complementar as informações recolhidas;
- realizar dramatizações tendo como tema os meios de transportes e seus usos;
- participar na organização da aula-passeio para estudar os meios de transportes

2.3 - Organização do seminário com os alunos, sobre os estudos e pesquisas

realizados:

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas dos grupos;
- organizar a apresentação e/ou relato dos estudos e pesquisas;
- apresentar os resultados em diferentes linguagens - comunicação oral, textos, etc.
- avaliar a experiência apresentando os aspectos positivos e as dificuldades encontradas para realizá-la;
- ouvir a avaliação e as críticas dos demais grupos sobre o trabalho apresentado;
- montar o *Livro dos Meios de Transportes e Vias de Comunicação* da comunidade.

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Série Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA Nº 9

Tema Gerador - Conhecendo a formação do meio social - **a formação da comunidade**

Objetivos: - Conhecimento da formação da sociedade local;

- caracterizar o espaço onde se localiza a comunidade;

- montar a história de vida em comunidade, através de aspectos que caracterizam a vida da sociedade local desde o tempo dos imigrantes e de seus descendentes até os dias atuais.

1- Sub-temas - elementos para estudos

Sub-tema 1- O espaço comunitário

- localização do município em relação a: região colonial; aos demais municípios do Estado; aos demais estados do Brasil; aos demais países da América do Sul; aos demais continentes;
- localização da comunidade em relação ao conjunto do município (ver mapa);
- construção do mapa da comunidade;
- nomes dos principais elementos naturais existentes na comunidade. Ex: nome dos morros, serras, rios, riachos, vilas, povoados, etc.
- distância do núcleo comunitário com relação a : sede do distrito, sede do município, outras cidades próximas, capital do Estado, outros estados, etc.

Sub-tema 2 - Formação da sociedade local

- primeiros moradores da comunidade (primeiras famílias);
- descendentes diretos destas famílias;
- estudo genealógico dos antecedentes dos alunos;
- locais onde se instalaram as primeiras famílias;
- procedência das mesmas- de onde vieram;
- causas que motivaram a vinda destas famílias para a região;

Cultura italiana: estudo de documentos:

- estudo de uma certidão de nascimento de um italiano nato;
- estudo de um título original de posse de terra;
- estudo de um passaporte de imigrante;
- estudo de outros documentos importantes ligados à imigração ou a formação da comunidade;
- ouvir, discutir e reproduzir histórias contadas pelos *noni* ou por outras pessoas, sobre a vinda de seus familiares para o Brasil.

Sub-tema 3 - Formação histórica do espaço comunitário

- nome das principais linhas de acesso a comunidade;
- divisão dos lotes rurais, dimensão dos primeiros lotes;
- primeiros núcleos comunitários formados;
- origem dos nomes dados às comunidades formadas

Cultura italiana:

- ouvir, discutir e reproduzir histórias contadas pelos *nonis* ou outras pessoas, sobre a chegada de seus familiares na comunidade;
- ouvir, discutir e reproduzir histórias contadas sobre os primeiros tempos de seus familiares na comunidade;
- estudo e reprodução (quando possível) de fotos antigas sobre a comunidade e seus habitantes

Sub-tema 4- Formação das propriedades:

- como os imigrantes obtiveram seus espaços (terra) para morarem;
- como construíram as primeiras casas;

Cultura italiana:

- estudo e reprodução (quando possível) de fotos sobre casas antigas;
- construção de maquetes sobre as primeiras casas e ruas da comunidade;
- ouvir, discutir e reproduzir histórias sobre a construção das primeiras casas na comunidade.

Sub-tema 5 - Espaço religioso

- como procediam para realizar os atos religiosos : missas, batizados, casamentos, etc.
- locais onde realizavam estes atos religiosos e orações;
- construção das igrejas e capelas da comunidade- participação da comunidade nestas construções

Sub-tema 5- O espaço educacional

- as primeiras salas de aula e escolas da comunidade;
- locais e como foram construídas;
- estudo e reprodução (quando possível) destes espaços educacionais;
- ouvir, discutir e reproduzir histórias contadas sobre as primeiras escolas, professores, aulas, maneira de aprender pelas pessoas idosas da comunidade

Sub-tema 6- Espaços de lazer

- primeiros locais de diversão da comunidade;
- construção destes locais: canchas de bocha, salão comunitário, campos de futebol e outros.

Cultura italiana:

- estudo e reprodução (quando possível) de imagens sobre estas construções e sobre os hábitos de lazer na comunidade.
- ouvir, discutir e reproduzir histórias sobre estas construções e sobre fatos que aconteceram e que marcaram a vida da comunidade, no tocante a lazer, esportes e diversões.

2- Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os alunos, professores e comunidades.

A) Parte teórica

- reunir o maior número possível de textos, documentos e informações sobre a formação da comunidade local, sobre os principais moradores e os diferentes temas que compõe esta ficha;
- explorar os conceitos e os conhecimentos que os alunos possuem sobre o tema;
- montar, com os alunos, os primeiros textos tendo como apoio a consulta na comunidade;
- montar outras atividades que ilustrem a pesquisa realizada.

B) Parte prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização das pesquisas na comunidade.

Por exemplo:

- equipe que estuda o espaço comunitário;
- equipe que estuda a formação da sociedade local;
- equipe que estuda a formação histórica do espaço comunitário;
- equipe que estuda a formação das propriedades;
- equipe que estuda a formação do espaço religioso;
- equipe que estuda a formação do espaço educacional;
- equipe que estuda a formação do espaço social.

2.2 - Atividades das equipes

- montar o roteiro de trabalho (vide metodologia de pesquisa);
- coletar as informações nos livros, textos e na comunidade;
- visitar os locais a serem estudados na comunidade;
- montar textos e outras atividades com as informações coletadas;

- consultar livros e outras publicações com respeito à formação da comunidade;
- participar da organização da aula-passeio para visitar, observar e estudar elementos da formação do meio social;

2.3 - Organização do seminário com os alunos, sobre os estudos e pesquisas realizados:

Compete a cada equipe ou grupo de trabalho:

- realizar cópias dos textos produzidos e distribuir aos demais colegas dos grupos;
- organizar a apresentação e/ou relato dos estudos e pesquisas;
- apresentar os resultados em diferentes linguagens;
- avaliar a experiência;
- montar o livro da - *Formação da Comunidade*-

PROJETO - ESTUDO DO MEIO
A Cultura Italiana e o Ensino de História e Geografia
nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental

Municípios:

Bento Gonçalves - Comunidades de Colônia São Pedro e Faria Lemos

Garibaldi - Comunidades de Marcorama e São Roque

FICHA DE PESQUISA - Nº 10

Tema Gerador - Conhecendo Aspectos da Cultura do Povo - **A CULTURA DO MEIO**

Objetivos:

- Conhecimento da formação cultural da sociedade local
- conhecimento de alguns hábitos e costumes que identificam o cotidiano da sociedade local
- montagem da história de vida em comunidade destacando aspectos culturais que caracterizam a formação histórica da sociedade através dos imigrantes e de seus descendentes

Sub- Temas - elementos para estudos

Sub-tema 1 - A construção das casas

- a escolha do local apropriado
- modelos de casas de madeira e de alvenaria
- distribuição das peças e dos móveis
- materiais de construção utilizados hoje e antigamente
- iluminação da casa antigamente e hoje
- importância da cozinha e do foccolari

Sub-tema 2 - Hábitos alimentares

- principais refeições - hoje e antigamente
- importância da collazione

- alimentos mais comuns -hoje e antigamente
- preparo dos alimentos mais comuns - hoje e antigamente
- receitas antigas
- utensílios domésticos (em italiano) utilizados hoje e antigamente

Sub-tema 3 - Importância do filó como um costume social

- onde e como acontecia o filó
- principais momentos no filó
- atividades dos homens, das mulheres e das crianças no filó

Sub-tema 4 - Vestuário

- aspectos gerais do vestuário dos imigrantes e de seus descendentes
- roupas de trabalho e de festas

Sub-tema 5 - Vindima

- como acontecia ou acontece a vindima - hoje e antigamente
- quem participa da vindima - hoje e antigamente
- principais momentos da vindima -hoje e antigamente
- atividades dos homens e da mulheres e das crianças nas vindimas - antigamente e hoje

Sub-tema 6 - Festas de Colheita

- como acontece as festas de colheita - hoje e antigamente
- principais festas de colheita na comunidade, município e região, hoje e antigamente
- quem participa das festas de colheita - hoje e antigamente
- principais momentos das festas de colheita - hoje e antigamente
- papéis dos homens e das mulheres nas festas de colheita - hoje e antigamente

Sub-tema 7 - Sagra

- organização da sagra
- como acontecia a sagra - época, local

- principais momentos da sagra
- papéis dos homens e das mulheres na sagra

Sub-tema 8 - Esportes/ lazer/ jogos

- como ocupam o tempo livre - hoje e antigamente
- principais esportes praticados - hoje e antigamente
- importância da bocha para a cultura italiana
- principais jogos - mora e cartas - hoje e antigamente
- lazer dos homens, das mulheres dos jovens e das crianças- hoje e antigamente

Sub-tema 9 - Canto

- importância do canto para os imigrantes e seus descendentes
- cantos mais comuns (em italiano) - hoje e antigamente
- o canto religioso e o canto folclórico - hoje e antigamente
- aprendizado do canto na escola- hoje e antigamente

Sub-tema 10 - Danças

- importância das danças para os imigrantes e seus descendentes
- danças mais conhecidas - hoje e antigamente
- aprendizado das danças na escola - hoje e antigamente

Sub-tema 11 - Orações

- principais orações do dia - hoje e antigamente
- orações em italiano

Sub-tema 12 - Construção dos Capitéis

- a construção dos capitéis
- importância dos capitéis para as famílias e para as comunidades
- principais capitéis da comunidade

Sub-tema 13 - Brincadeiras infantis

- principais brincadeiras infantis hoje e antigamente

- brincadeiras na família entre os irmãos
- brincadeiras e brinquedos dos meninos e das meninas- hoje e antigamente
- confecção dos brinquedos
- brincadeiras na comunidade

2 - Atividades sugeridas para estudos, pesquisas e discussões do tema com os professores, alunos e comunidades

A) Parte teórica

- Reunir o maior número possível de textos, documentos e informações sobre a formação da sociedade e da cultura local, sobre os hábitos dos primeiros moradores e sobre os diferentes sub-temas que compõe esta ficha.
- Explorar o conhecimento (conceito) que os alunos já possuem sobre a história local e os hábitos e costumes trazidos pelos imigrantes e que permanecem até hoje.
- montar, com os alunos, os primeiros textos tendo como apoio a consulta bibliográfica e na comunidade.
- montar outras atividades que ilustrem a pesquisa realizada.

B) Parte prática

2.1 - Divisão dos alunos em grupos/equipes para a realização dos estudos e pesquisas na comunidade.

Por exemplo

- equipe que estuda a construção das casas
- equipe que estuda os hábitos alimentares dos imigrantes e seus descendentes
- equipe que estuda a importância do filó
- equipe que estuda sobre o vestuário
- equipe que estuda os costumes da vindima
- equipe que estuda as festas de colheita
- equipe que estuda a sagra
- equipe que estuda os esportes/lazer e jogos
- equipe que estuda o canto
- equipe que estuda as danças

- equipe que estuda as orações
- equipe que estuda a construção dos capitéis
- equipe das brincadeiras infantis

2.2 Atividades das equipes

- montar o roteiro de trabalho (ver metodologia de pesquisa)
- coletar as informações nos livros, textos e na comunidade
- visitar os locais a serem estudados na comunidade
- montar textos e outras atividades com as informações coletadas
- consultar livros e outras publicações com respeito à formação da comunidade
- realizar aula-passeio para visitar, observar e estudar os hábitos e costumes locais

2.3 Participação dos professores

- organização do seminário com os alunos sobre as pesquisas realizadas.
- montagem do livro sobre *Os Hábitos e Costumes da Comunidade*
- realizar dramatizações sobre os hábitos e costumes da comunidade, principalmente aqueles que estão desaparecendo ou já não fazem parte da cultura local.